

Milena Andrade Dneboská



Contributos para Recuperação do Património Rural na Ribeira Grande
vida e memória da paisagem cultural monfortense

Orientadora
Prof. Maria Teresa Pinto-Correia

Esta dissertação não inclui as observações e críticas efectuadas pelo júri

Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico
Universidade de Évora, 2005

Milena Andrade Dneboská

**Contributos para Recuperação do Património Rural na Ribeira Grande
vida e memória da paisagem cultural monfortense**



169 2 49

Orientadora
Prof. Maria Teresa Pinto-Correia

Esta dissertação não inclui as observações e críticas efectuadas pelo júri

Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico
Universidade de Évora, 2005

“Jsem přesvědčen a vím,
že každé duši
je určena jistá krajina,
bez které by nemohla žítí...”

Jakub Deml

“Estou convencido e sei, que a cada alma é estipulada certa paisagem, sem a qual não podia viver...”
Hrad smrti (Castelo da morte)
Jakub Deml (*1878†1961), poeta, escritor, padre

Os meus agradecimentos:

ao meu marido por inabalável suporte e correcções do meu “português alternativo”,

à minha orientadora por abrir-me um mundo de investigação da paisagem,

ao Dynamo, grupo de investigação da paisagem rural da UÉ,

ao José Inácio pela ajuda na leitura de fontes históricas

ao Prof. Virgolino Jorge e à nossa turma

ÍNDICE

RESUME

RESUMO

I. INTRODUÇÃO

| | | |
|-----|--|---|
| I.1 | Da história do homem impressa na paisagem | 6 |
| I.2 | Confrontação com os novos usos da paisagem | 7 |
| 1.3 | Objectivos do trabalho | 8 |

II. ESTADO ACTUAL DA INVESTIGAÇÃO

| | | |
|----------|---|----|
| II.1 | Conceitos e discussão da terminologia | 12 |
| II.1.1 | <u>Glossário</u> | 12 |
| II.1.2 | <u>Conceitos de memória da paisagem</u> | 15 |
| II.1.2.1 | Conceito da paisagem cultural | 16 |
| II.1.2.2 | Memória da paisagem | 17 |
| II.1.2.3 | Sustentabilidade ecológica da paisagem | 21 |
| II.1.2.4 | Sustentabilidade cultural da paisagem | 23 |
| II.1.2.5 | Orientação do homem na paisagem | 24 |
| II.1.3 | <u>Criação de modelo próprio da estrutura da memória</u> | 27 |
| II.2 | Abordagem teórica de protecção do património das paisagens culturais | 33 |
| II.2.1 | <u>As cartas e apelos internacionais relevantes para o património da paisagem cultural</u> | 34 |
| II.2.2 | <u>Alguns excertos da Legislação nacional</u> | 38 |
| II.2.3 | <u>Recuperação e valorização das paisagens</u> | 40 |
| II.2.4 | <u>Valorização e preservação versus musealização</u> | 42 |
| II.2.5 | <u>Importância da ligação da população à sua paisagem</u> | 44 |
| II.3 | Definição do tipo de estudo | 46 |
| II.3.1 | <u>Valorização actual da paisagem</u> | 46 |
| II.3.2 | <u>Ligação do homem à paisagem</u> | 46 |
| II.3.3 | <u>Identidade e memória da paisagem</u> | 47 |
| II.3.4 | <u>Enquadramento metodológico do estudo</u> | 51 |

III. METODOLOGIA

| | | |
|---------|--|----|
| III.1 | Seleccção e delimitação do estudo caso | 53 |
| III.2 | Recolha de informação e caracterização do estudo caso | 53 |
| III.2.1 | <u>Caracterização geral da paisagem da Ribeira Grande</u> | 53 |
| III.2.2 | <u>Caracterização biofísica da paisagem da Ribeira Grande</u> | 54 |
| III.2.3 | <u>Caracterização histórica da paisagem da Ribeira Grande</u> | 54 |
| III.2.4 | <u>Caracterização do estado actual da paisagem da Ribeira Grande</u> | 55 |
| III.2.5 | <u>Caracterização da relação dos utilizadores com a paisagem</u> | 56 |
| III.3 | Análise da estrutura da memória cultural da paisagem | 60 |
| III.3.1 | <u>Sobreposição dos elementos mais significativos em cada análise da paisagem</u> | 60 |
| III.3.2 | <u>Identificação da estrutura da memória da paisagem</u> | 60 |
| III.4 | Proposta | 61 |
| III.4.1 | <u>Avaliação da multifuncionalidade da paisagem</u> | 61 |
| III.4.2 | <u>Identificação de novas funções para a valorização da paisagem</u> | 62 |

| | |
|---|----|
| <u>III.4.3 Eixos concretos para valorização da paisagem como um todo patrimonial</u> | 62 |
| <u>III.4.4 Os principais constrangimentos ao desenvolvimento de novas funções na paisagem da Ribeira Grande</u> | 62 |
| <u>III.4.5 Concretização das propostas</u> | 62 |
| <u>III.4.6 Identificação e intervenções propostas para as pedras angulares e ligações da estrutura da memória</u> | 62 |

IV. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO CASO

| | |
|--|-----|
| IV.1 Localização do estudo caso | 64 |
| IV.2 Caracterização da paisagem da Ribeira Grande | 67 |
| <u>IV.2.1 Unidade de paisagem (classificação nacional)</u> | 67 |
| <u>IV.2.2 Caracterização da paisagem da área de estudo caso</u> | 71 |
| <u>IV.2.3 Três troços diferenciados ao longo da paisagem da Ribeira Grande</u> | 72 |
| IV.2.3.1 Troço inicial | 73 |
| IV.2.3.2 Troço central | 74 |
| IV.2.3.3 Troço final | 76 |
| IV.3 Caracterização biofísica | 78 |
| IV.4 Caracterização histórica da paisagem da Ribeira Grande | 83 |
| <u>III.4.1 três imagens históricas da paisagem da Ribeira Grande</u> | 85 |
| IV.5 Caracterização de estado actual da paisagem da Ribeira Grande | 100 |
| <u>IV.5.1 Resultados da análise do estado actual da paisagem da Ribeira Grande</u> | 101 |
| IV.6 Caracterização de relação dos utilizadores com a paisagem | 103 |
| <u>IV.6.1 Definição da amostra</u> | 103 |
| IV.6.1.1 Caracterização sócio-económica da população | 103 |
| IV.6.1.2 Caracterização dos grupos etários | 104 |
| IV.6.1.3 Caracterização dos diferentes utilizadores da paisagem da Ribeira Grande..... | 105 |
| <u>IV.6.2 A análise de resultados das entrevistas</u> | 109 |
| IV.6.2.1 Os sítios, zonas melhor conhecidas no espaço da Ribeira Grande | 109 |
| IV.6.2.2 Os sítios frequentados, apreciados ou desejados de melhorar | 111 |
| IV.6.2.3 Os sítios visitados no passado | 111 |
| IV.6.2.4 Os sítios visitados no presente | 113 |
| IV.6.2.5 Síntese dos sítios com sugestões para o futuro | 114 |
| IV.6.2.6 Da frequência de visitas ao espaço da Ribeira Grande | 116 |
| IV.6.2.7 Sugestões de uso futuro do espaço da ribeira pelos diferentes utilizadores..... | 118 |
| IV.6.2.8 Os sítios desejados para utilização futura pelos entrevistados | 119 |
| IV.6.2.9 Os sítios sugeridos como turisticamente atractivos | 120 |
| <u>IV.6.3 Resultados parciais de relação dos utilizadores com sua paisagem</u> | 123 |

V. ANÁLISE DA ESTRUTURA DA MEMÓRIA CULTURAL DA PAISAGEM

| | |
|--|-----|
| V.1 Representação gráfica e escrita dos resultados de diferentes análises | 126 |
| <u>V.1.1 Teia da memória morta da paisagem</u> | 127 |
| <u>V.1.2 Teia de estado actual da paisagem</u> | 131 |
| <u>V.1.3 Teia da memória viva da paisagem</u> | 133 |
| V.2 Sobreposição das teias da paisagem cultural da Ribeira Grande | 137 |
| V.3 Descrição de estrutura da memória cultural da paisagem | 138 |
| <u>V.3.1 Lista e localização das componentes da estrutura da memória</u> | 140 |

VI. PROPOSTA

| | |
|--|-----|
| VI.1 Avaliação da multifuncionalidade da paisagem | 144 |
|--|-----|

| | | |
|--------------|---|--------------|
| VI.2 | Identificação de novas funções para a valorização da paisagem | 145 |
| VI.3 | Eixos concretos para a valorização da paisagem como um todo patrimonial | 146 |
| VI.4 | Os principais constrangimentos ao desenvolvimento de novas funções | 148 |
| VI.5 | Concretização de propostas | 151 |
| | <u>VI.5.1</u> <u>Intervenções</u> | 151 |
| | <u>VI.5.2</u> <u>Identificação de percursos</u> | 153 |
| VI.6 | Intervenções propostas para as Pedras angulares e Ligações da estrutura da memória cultural da paisagem da Ribeira Grande..... | 158 |
| VII. | <u>DISCUSSÃO</u> | 172 |
| VIII. | <u>CONCLUSÃO</u> | 175 |
| IX. | <u>BIBLIOGRAFIA</u> | 178 |
| X. | <u>ANEXOS</u> | |
| X.1 | Descrição das ribeiras da paisagem da Ribeira Grande | II |
| X.2 | Descrição dos elementos construídos na paisagem da Ribeira Grande..... | XVIII |
| | <u>X.2.1</u> <u>Açudes e pegos</u> | XIX |
| | <u>X.2.2</u> <u>Hortas</u> | XXV |
| | <u>X.2.3</u> <u>Pontes</u> | XXXII |
| | <u>X.2.4</u> <u>Fontes</u> | L |
| | <u>X.2.5</u> <u>Moinhos</u> | LXX |
| | <u>X.2.6</u> <u>Outros elementos construídos</u> | XCIX |
| X.3 | As actividades desenvolvidas na paisagem da Ribeira Grande | CIV |
| | <u>3.3.1</u> <u>A actividade da pesca ao longo dos tempos</u> | CV |
| | <u>3.3.2</u> <u>A actividade da caça ao longo dos tempos</u> | CX |
| | <u>3.3.3</u> <u>Outras actividades</u> | CXIV |
| X.4 | Guião das entrevistas | CXV |

Contribution to the Revitalization of Rural Heritage of Ribeira Grande
Life and Memory of Monforte's cultural landscape

This thesis searches for the methodological approach on revitalization of the cultural landscape. It concentrates on values existing within the landscape and on the way people in rural area in Portugal are attached or not to their landscape and how they keep its identity.

Furthermore, the work tries to evaluate which kind of structures and elements are relevant for people's attachment to their local landscape

Within the case study, small river valley of Ribeira Grande in the municipality of Monforte, S-E of Portugal, the cultural memory of the rural landscape is being searched for.

The present investigation is based on three streams of landscape knowledge: historical documentation, information obtained through interviews to the local stakeholders - landscape users, and terrain research of the present state of the landscape. The results of each one of these searches, gives form to a net of most important landscape components, whose compilation leads to the identification of the "angular stones" of the cultural memory of the landscape and their "correlations".

The cultural memory structure consists of material components, "angular stones" (traces of use in history and in presence) and identity components (intangible connections to landscape, associations, affective and symbolic meanings).

The identified structure might be understood as a base for implementation of the new uses and interventions towards the multifunctionality of the existing landscape.

The cultural memory structure of the rural landscape can be considered as the methodological source which would help to maintain the landscape structures and sustainability while adapting to new functions.

Contributos para Recuperação do Património Rural na Ribeira Grande

Vida e Memória da Paisagem Cultural Monfortense

Presente dissertação procura uma abordagem metodológica para a recuperação da paisagem cultural. Centra-se nos valores existentes na paisagem e no relacionamento da população na zona rural de Portugal com a sua paisagem e formas de manutenção da sua identidade. Para além disso, o trabalho tenta avaliar que tipo de estruturas e elementos são relevantes para a ligação com a sua paisagem local.

No estudo caso do vale de Ribeira Grande, município de Monforte, Alentejo, procura-se a memória cultural da paisagem rural.

A investigação baseia-se nas três fontes de conhecimento da paisagem: documentação histórica, informação obtida pelas entrevistas com utilizadores da paisagem locais e trabalho de campo sobre o estado actual da paisagem. Os resultados de cada vertente compõem a teia de componentes mais importantes. A compilação das teias leva à identificação das pedras angulares da memória cultural da paisagem e suas ligações. A estrutura da memória cultural da paisagem é composta por elementos concretos da paisagem – pedras angulares e suas ligações (marcas significativas no terreno de uso passado ou presente) e componentes de identidade (intangível, de ligação afectiva, simbólica).

A estrutura identificada pode ser entendida como base para a implantação de novos usos e intervenções para a multifuncionalidade.

A identificação da estrutura da memória cultural da paisagem pode ser considerada como suporte metodológico para ajudar a manter a organização sustentável da paisagem adaptada a novas funções.

I.1 Da história da influência do homem impressa na paisagem

Quem não sabe prestar contas de três milénios, permanece nas trevas ignorante, e vive apenas o dia que passa.

Goethe

As paisagens contribuem consideravelmente para a criação das culturas locais, são uma componente essencial do património cultural e natural de Europa, e são fundamentais para o bem-estar e identidade europeia (Conselho da Europa 2000).

Ao longo dos milénios, o homem transformou o ambiente em que vive. As alterações produzidas no território, deram origem a um rico mosaico de paisagens rurais e urbanas, adaptando-se a múltiplos factores biofísicos. Hoje, todas as paisagens europeias devem, portanto, ser consideradas como culturais.

G.R.Telles refere as paisagens naturais influenciadas pelo homem e pela interacção deste com a natureza, criando equilíbrio ecológico e cultural. *“São, estas as paisagens, construções erigidas por muitas gerações passadas e cuja manutenção constitui um dever da geração presente afim de serem transmitidas à gerações vindouras. As paisagens naturais são, portanto, ‘monumentos cuja existência é indispensável à permanência e desenvolvimento não só da Cultura, mas também de toda uma sociedade.’¹* Salienta ainda as especificidades regionais de tais paisagens e a importância de adequadas formas de sua protecção no ordenamento de todo o território.

Objectivamente, o correcto Ordenamento do Território é crucial para um desenvolvimento sustentado e multifuncionalidade das paisagens.

As primeiras dificuldades surgem na definição do mais valioso para proteger e na identificação das funções compatíveis com a protecção, que mantenha a paisagem viva.

A importância da protecção das paisagens é de manutenção da memória das culturas do passado assim como da riqueza de especificidades locais, regionais e nacionais da colaboração entre o homem e a natureza.

I.2 Confrontação com os novos usos da paisagem

A maioria das paisagens culturais exigia um grande “input” energético, (normalmente do trabalho de homem), para a sua manutenção, e do seu equilíbrio ecológico (Vorel 1995).

Esta energia crescida de fora dos sistemas era assegurada tradicionalmente pela quase permanente presença do homem na paisagem. Hoje esta realidade é impossível recuperar.

¹ Telles, G.R., *Cultura e património* (1980) in: *A utopia e os pés na terra* (FCG) 2003, (pag.305)

Não se deve promover uma protecção dos ambientes mortos (apenas cenários sem vida, sem conteúdo espírito e justificação de sua aparência), mas também não se deve esquecer toda a riqueza cultural das paisagens.

As mudanças na sociedade assim como na economia levaram a alterações de tipos de vida, que se desligaram progressivamente da dependência à agricultura. Das paisagens estão a ser exigidas novas funções, predominantemente não produtivas. As mudanças do mundo e da economia aceleram as transformações da paisagem (Conselho da Europa 2000).

Existem formas de protecção das paisagens, mas para a sua gestão eficaz, precisam uma clara distinção dos seus valores mais preciosos. Estas componentes não podem ser identificadas apenas pelos investigadores, sendo co-criadas e vividas pelas populações que nelas se inserem. Depende também delas, quais os valores que resultam mais valiosos.

Tanto como as paisagens culturais eram criadas num certo compromisso entre a produção (funcionalidade) e o equilíbrio ecológico (sustentabilidade); a sua protecção deve também resultar de várias exigências.

Uma é a sua funcionalidade futura, outra, a manutenção dos seus significados, riqueza e “âncora natural-cultural” para as gerações futuras.

O mais valioso, para proteger em cada paisagem, resulta assim de componentes antigos (antecedentes da paisagem), componente funcional e afectiva (relação dos utilizadores com as paisagens) e seu estado actual (base para a gestão futura).

I.3 Objectivos do trabalho

Procura-se neste trabalho encontrar uma estrutura das mais valias da paisagem cultural rural visando a sua valorização futura.

Com base num conhecimento abrangente, essa estrutura deve fornecer suporte para a valorização da paisagem cultural. A valorização não no sentido da musealização mas da avaliação realista das suas potencialidades actuais, expectativas dos seus utilizadores, seu valor histórico e riqueza da sua identidade, indicando as linhas condutoras para a futura gestão e possíveis vertentes de novas funções.

- Como trazer aos olhos dos novos utilizadores o património das paisagens culturais?

A consciencialização das populações locais para com o seu ambiente e as paisagens culturais criadas pelos seus antepassados, é tarefa essencial a desenvolver, em conjunto com as intervenções concretas nas paisagens. Considera-se importante renovar o sentido da pertença, necessidade de cuidado e ligação afectiva com a sua envolvente.

Para possibilitar uma nova aproximação das populações à paisagem; deve ser realizada a sua valorização, incluindo a preservação do mais precioso e a criação de novas

funções e significados. Subsequentemente, as pessoas com novos conhecimentos e possibilidade de uso da paisagem poderão criar novas ligações à paisagem, e reconhecer a sua importância para as suas vidas.

- Como transpor a riqueza das paisagens para o futuro, quais é que serão as melhores formas de gestão e usufruto desta riqueza natural/cultural?

Assume-se como essencial, procurar conhecer profundamente a paisagem - alvo de preservação e futura gestão. Deve ser encontrado o mais valioso de cada paisagem na qual se pretende intervir, incluindo tanto os seus valores tangíveis como intangíveis. Apenas após o conhecimento profundo da paisagem - a sua componente real, carácter, e os seus significados inerentes (identidade), devem ser procuradas as formas adequadas de gerir as paisagens para a sustentabilidade e manutenção dos seus valores com vista a uma partilha conhecedora.

A estrutura da memória cultural que se propõe neste trabalho não pode ser a única forma possível de classificação do mais valioso e importante a manter na paisagem cultural, mas levanta uma hipótese de estruturação de valorização da paisagem.

Neste trabalho foram levantadas várias hipóteses iniciais, que dirigiram o desenho da seguinte investigação:

- I. Actualmente, com excepção de caçadores e proprietários/agricultores, poucas pessoas mantêm uma relação activa com a paisagem rural.

Não há razões para que as pessoas entrem na paisagem - a forma de uso do território, sua acessibilidade e toda a aparência e estrutura foram alteradas pela modificação da exploração agrícola. Os subsídios da União Europeia para o gado e cercas "impermeabilizaram" grande parte do território. Esta ausência é reforçada pela falta de geração jovem entre a população residente e a global mudança de vida para mais sedentária e citadina até nas vilas menores do meio rural. O maior protagonismo de socialização foi ganho às fontes pelos cafés.

- II. A memória da paisagem é hoje cada vez mais importante como espaço-raíz, sítio de enquadramento intelectual, cultural e de origem do homem, do seu posicionamento na natureza.

Cada vez mais distante do meio ambiente e sempre mais desligado dos seus processos naturais, o homem contemporâneo, no entanto procura a compensação do seu estilo de vida quase somente urbano.

Não será suficiente o retorno para as paisagens naturais, reservas e parques, mas revela-se uma necessidade de ligação também a espaços de correlação natural/cultural. Ou seja, o reencontro com a história da própria humanidade não tão distante - como se o homem perdesse uma parte de si e queira voltar ao sítio em que ainda se lembra ter, identificação, buscando as suas raízes familiares, regionais. Afinal existe a necessidade do enraizamento não apenas natural, cuja importância para o desenvolvimento

saudável do carácter humano descreve Konrad Lorenz,² mas também o enraizamento cultural. Este tipo de ligação procura homem nas paisagens culturais de organização espacial tradicional, espaços rurais que mantêm a sua identidade e carácter, e que podem ajudar o homem a encontrar o seu sítio num mundo cada vez menos diferenciado e “site specific”.

III. A memória da paisagem é mantida tanto, pelos seus elementos reais como pela memória colectiva das populações.

A arqueologia da paisagem documenta as marcas históricas no território. Supomos, que a realidade histórica impressa na paisagem, e a respectiva experiência de vivências nesta formulam o conjunto de elementos (e ligações) mais valioso da estrutura cultural da paisagem

IV. A adaptação do entendimento estruturante da ecologia da paisagem na sua camada histórico-cultural, supõe que pode ser encontrada uma estrutura ao nível cultural da paisagem.

Há uma rede ecológica assumida, na base da qual se está a desenvolver a sustentabilidade do território. Neste trabalho assume-se que pode existir uma rede, uma estrutura cultural da paisagem, que deve ser essencial para a manutenção da sua memória, e servir de suporte material da sua identidade.

Ao contrário da rede ecológica, que para o seu bom funcionamento precisa de concreta densidade e similaridade ecológica entre os bio-centros próximos; a rede da memória da paisagem cultural não depende de uma continuidade espacial.

V. Identificada a estrutura existente da memória cultural da paisagem, pode servir de base para o seu desenvolvimento e para a sua nova multifuncionalidade assim como para a interpretação dos valores preservados, ou seja para a sua gestão integrada.

Ao contrário da estrutura de sustentabilidade ecológica da paisagem, a localização e distância dos elementos da estrutura da memória não está definida, a sua densidade depende apenas da percepção e uso.

VI. Novos elementos dentro da estrutura definida podem ser criados para melhor valorização do existente ou para adaptar a paisagem a novas funções.

Com base na estrutura da memória cultural da paisagem identificada podem ser estabelecidos elementos complementares da estrutura, que permitam a melhor valorização do conjunto. As novas funções devem basear-se essencialmente na estrutura identificada, mas podem exigir a criação de novos centros /elementos/sítios.

VII. Os elementos classificados são os mais valiosos e naturalmente os melhores avaliados pela população.

² Lorenz, K., *Odumírání lidskosti* (=Deprecimento da humanidade), Praha 1997

II. Estado actual da investigação

II.1 Conceitos e discussão da terminologia

II.1.1 Glossário

Paisagem cultural entende-se como o mosaico de ecossistemas influenciados a vários níveis pela actividade humana; com diferentes estruturas e composições de espécies; que para o seu funcionamento requerem diferentes quantidades de energia aplicada ao sistema. É uma paisagem influenciada e modificada pelo homem ao longo dos tempos.

Como o **Património rural** considera-se todo o conjunto de valores existentes na paisagem e ligados ao espaço rural. Inclui especialmente a parte material, física dos monumentos, mas engloba as componentes intangíveis, como as tradições.

A **Paisagem rural** compreende a paisagem de esparsa ocupação humana, com o seu espaço tradicionalmente vocacionado à agricultura, floresta e outras actividades não urbanas ou industriais.

A **Memória da paisagem** considera-se como um conjunto de valores inerentes a cada paisagem, baseada nos elementos concretos e suas ligações e mantido tanto pela sua própria estrutura, como pela memória colectiva dos seus utilizadores.

Entende-se que cada paisagem tem a sua memória, a natural e também a cultural, que inclui as componentes de carácter da paisagem (mosaico de parcelas diferenciadas, elementos e sítios concretos - do suporte físico da paisagem) a sua identidade (conjunto de valores, ligações culturais - históricas, cognitivas e simbólicas - assim como os significados adjudicadas a esta e às suas componentes pelos seus utilizadores).

A **Identidade da paisagem** entende-se como um conjunto de valores afectivos, históricos, funcionais e até religiosos ou místicos ligados a concreta paisagem e nesta apreciadas / contempladas.

Identifica-se a identidade como componente intangível da paisagem. Constitui-se pelos significados e valores mantidos pela memória colectiva dos utilizadores relacionados com a concreta paisagem. Pode existir uma identidade adoptada - obras literárias, ou uma identidade falsa - já não correspondente ao real estado, sendo artifício romântico ou fruto de imaginação alheia ao lugar.

O **Carácter da Paisagem** entende-se como o mosaico dos ecossistemas e construções na superfície do território e componente de uma paisagem. Resultante das condições naturais (geomorfológicas, ecológicas...) do espaço e da interacção do homem com o meio natural. O carácter da paisagem identifica-se predominantemente com a sua componente tangível.

Como **Imagem Histórica da Paisagem** considera-se um conjunto de informações de definidos períodos da história sobre as componentes da paisagem, formas de uso do solo e sua compartimentação, compondo o carácter, funções e aparência da paisagem em cada época.

Teia da Memória Morta é uma rede dos sítios e suas ligações dentro da paisagem, com significado especial para a história do determinado território da paisagem. É composta por várias imagens históricas de determinada paisagem.

Teia da Memória Viva é uma rede dos sítios, e suas ligações, dentro da paisagem com os quais a população tem ligações específicas e vivas. É a estrutura de ligações entre a população e a paisagem na vida presente ou na sua memória.

Teia do estado actual é uma descrição do presente estado da paisagem e das suas componentes; com foco no seu actual estado de conservação e funcionalidade.

Estrutura da memória cultural da paisagem entende-se como uma construção abstracta, que é suportada por elementos concretos da paisagem. Estrutura, suportada baseada nas pedras angulares e suas ligações, assegura uma continuação da identidade e carácter da paisagem durante o seu desenvolvimento ou após perturbações.

Como as **Pedras Angulares** consideram-se componentes da paisagem, que apoiam a estrutura da memória da paisagem. Tratam-se de elementos concretos inseridos na paisagem, provenientes de várias épocas, que marcaram o seu desenvolvimento assim como a relação dos utilizadores com a paisagem. (Estes elementos reais, são complementados pelas suas ligações e pelos valores intangíveis das suas componentes e de identidade de toda a paisagem cultural).

Genius loci traduz-se por espírito do lugar. Entende-se como um conjunto de características e significados do sítio, espaço de cariz tangível, intangível, simbólico e associado. Esta definição baseia-se no entendimento de Norberg- Schulz (1982) "*character and idea added to the concrete place through human's relation to it*".

Ancoragem pessoal ao local (à concreta paisagem) considera-se como uma ligação afectiva a certo território concreto e aos seus significados, histórico-culturais, simbólicos (e naturais). Trata-se de uma forte identificação da pessoa com os valores inerentes à paisagem, suas componentes, que o levam a crer que a sua base identificável se encontra neste espaço, do qual parte reforçado para os outros cantos do mundo.

Os tipos de intervenção nos monumentos, formas de gestão do património

Valorização

Como valorização esta a entender-se todo um grande conjunto de intervenções (acções dentro da paisagem para a melhora do seu valor patrimonial – estado actual, seu reconhecimento e suas formas de gestão...) Considera-se como o conjunto de intervenções que levam à maior consideração do monumento (paisagem, conjunto, arquitectura etc.) tanto como para a sua maior ponderação e avaliação no contexto histórico e cultural das sociedades.

Recuperação

Entende-se como intervenção no monumento (ou espaço) restabelecendo os seus valores funcionais entretanto diminutos ou mesmo degradados – por abandono e falta de manutenção, acções e usos inadequados; ou possibilitando funções novas, sem substanciais alterações ao monumento.

Consolidação

Entende-se como intervenção técnica de restabelecimento de solidez do monumento, sua estabilidade e integridade física.

Restauro

Segundo Prof. Virgolino F. Jorge,¹ “o restauro preocupa-se com a integridade técnica da sua configuração geral, como produto de significado histórico e de valor artístico (materiais, formas, figuras, cores, texturas, etc.)”

Conservação da Paisagem

Segundo Prof. Caldeira Cabral,² “a conservação da paisagem (...) é uma acção permanente de correcção e compensação necessárias para manter o equilíbrio da paisagem, apesar das intervenções humanas ou dos acidentes fortuitos normais.

Como aspecto particular da “Conservação” podemos encarar “Protecção”, que visa (...) um determinado equilíbrio especial interesse histórico, cultural, estético ou biológico, apesar da alteração das condições humanas que espontaneamente o originaram.”

¹ Jorge, V.F., *Princípios de Salvaguarda do Património Monumental*, in: *Correio da Natureza* N° 17, 1992, (pag.56)

² Caldeira Cabral, F., *Protecção da Natureza e da Paisagem*, in: *Arquitectura V-VIII*, Lisboa 1971, (pag.120)

II.1.2 Conceitos da memória da paisagem

“Landscapes and landscape elements are appreciated at different scale levels: local, regional, national, international. A single tree, spring or building can be of great value and even vital significance for the local community and not at all known or recognised at the regional or national level. Regional values refer to the unique landscape types of specific territories. They define the importance of the elements and structures that form the landscape.”

Marc Antrop¹

A paisagem da Ribeira Grande pertence a uma escala local. A sua relevância para a humanidade é mínima, ao contrário da importância desta paisagem para a população local. Para esta, a paisagem está cheia de múltiplos significados, que não devem perder-se. Esta importância para população local, é o que cada vez mais ponderam as convenções e cartas internacionais (ELC 2000, Carta de Turismo Cultural 1999).

Apesar de algo distanciada no momento, seria positivo, por várias razões, se a população voltasse a ligar a sua paisagem. No espírito da Convenção Europeia da Paisagem (ELC 2000) esta volta a perdida familiaridade e nova conciliação com paisagem deveria realizar-se no nível mais consciente e de usufruição estético - cultural. Esta ligação é necessária tanto para as pessoas (“personal anchoring”, *contact with nature as a part of education to the humanity* - K. Lorenz 1997) como para a paisagem sendo que apenas ao que homem tem uma ligação afectiva considera o seu, consegue defender bem e cuidar por isso, sentindo por esse componente (pessoa, coisa, paisagem, assunto) responsabilidade - tanto dos elementos como do território (Buijs et al. 2003, A. Saint-Exupéry 1943)².

Para ser possível que as pessoas voltem à paisagem e se sentam ligadas a esta, a paisagem deve assegurar-lhes novas funções, que lhes satisfaçam não apenas funcionalmente mas também afectivamente.

Estas novas funções devem basear-se nos elementos mais importantes do território e respeitar as ligações entre si. A estrutura destes elementos e ligações foi denominada neste trabalho a Estrutura da Memória cultural da Paisagem.

Identificação desta estrutura e aplicação de novos usos nesta, pode permitir a evolução da paisagem mantendo uma continuidade e relação com o passado. Assim pode evoluir tanto a paisagem e a sua nova relação com a população.

¹ *Where are the Genii Loci?*, in: *Landscape our Home*; ed. Bas Pedroli, Stuttgart 2000 (p. 32)

² “Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa, que tornou a tua rosa tão importante...Ficas responsável por tudo que está preso a ti (que prendeste), tu és responsável pela tua rosa...” Saint-Exupéry, A., *O Príncipezinho*, Lisboa (8ª edição), p.74

II.1.2.1 Conceito da paisagem cultural

Todas as paisagens da Europa são de facto culturais (EPCL 2003). Todas têm na sua face inscritas múltiplas influências humanas e a todas estão associados múltiplos significados culturais.

A paisagem cultural é um delimitado espaço geográfico com índices naturais e características histórico/culturais, que são o resultado da agricultura, urbanização, arte e outras revelações culturais do homem (Lešinská 2001). A própria autora da definição aponta a sua insuficiência, que não explica os processos da formação da paisagem cultural nem sobre a sua relação com o ambiente em geral. Lešinská fala de vários tipos de paisagem cultural, especialmente os que são relevantes para diferentes regiões.

Jones (1991) levanta várias possibilidades de definição da paisagem conforme o ponto de vista da profissão, cada indivíduo olha para a paisagem segundo a sua capacidade de intervir. Nomeia assim a atitude psicológica (diferentes entendimentos da paisagem conforme o grupo de pessoas, diferentes utilizadores da paisagem), e olhar geográfico (paisagem cultural é paisagem modificada ou influenciada pela actividade humana; definição clássica desde o séc.XIX. - F. Ratzel em 1895). A definição conservacionista considera a **paisagem cultural** como uma paisagem humanizada de características valiosas, que estão em perigo de serem modificadas ou adulteradas. Assim entendida a paisagem cultural é um objecto de estudo e valor digno de preservação por si só (Jones 1991).

No entendimento deste trabalho, incluem-se entre as características valiosas tanto de carácter tangível como intangível. Nesta vertente podem ser incluídas as pesquisas históricas, mas inclui-se também o entendimento dos valores intrínsecos à paisagem que pela sua importância, são mantidos pela sociedade. No caso concreto da paisagem da Ribeira Grande a sociedade é representada pela população de Monforte, a povoação imediatamente ligada ao espaço.

Numa definição psicológica, Jones identifica os grupos do mesmo entendimento da paisagem como dependentes de vários factores - situação económica, escolaridade, posição profissional etc.

Para o presente estudo foram seleccionados os entrevistados e procurou-se representar o mais alargadamente possível a sociedade e a imagem da sua relação com a paisagem envolvente.

“Cultural landscape need to be understood not only as the physical traces of human resource use over time, but also as sets of human beliefs and conceptions concerning the landscape”

Jones1991

Olhando em perspectiva desta complexa definição da paisagem procurou-se neste trabalho atingir ambas as vertentes da paisagem cultural: tangível e intangível. A

paisagem é um fenómeno holístico, onde todas as componentes estão ligadas entre si, dificilmente decomponível em entidades menores.

Apesar deste facto, para a possibilidade de sua investigação, foram escolhidos três vertentes, três focos, a partir dos quais a paisagem cultural foi caracterizada.

Estes foram:

- História - as marcas de passado inscritas na paisagem e documentada fora desta em forma de escrita ou cartografia
- O estado actual da paisagem - aparência, vivências e formas de uso de espaço, estado de preservação das suas componentes e do seu conjunto
- Relação dos utilizadores com a paisagem - memória da vida, funcionalidade e aparência inerentes à paisagem no passado recente, tal como conhecidas e associadas pela população local, incluindo as perspectivas futuras.

Olhando destes ângulos, conseguiu-se uma visão panorâmica e uma percepção não apenas visual da paisagem estudada, mas também dos seus valores, funcionais, afectivos (psicológico-simbólicos) e histórico-culturais.

II.1.2.2 Memória da paisagem

Considera-se a memória como um conjunto de valores inerentes a cada paisagem, baseado nos elementos concretos e suas ligações na paisagem e mantido tanto pela sua própria estrutura, como pela memória colectiva dos seus utilizadores. Entende-se que cada paisagem tem a sua memória, a natural e também a cultural.

A memória natural é mais facilmente identificável, representa o estado de equilíbrio ecológico e capacidade de o evocar novamente. A memória cultural apesar de presente no território, tem uma grande componente mantida pelos seus utilizadores. A essa juntam-se as marcas que o homem foi deixando na paisagem ao longo dos tempos - elementos de influência humana e sua coexistência com a natureza.

Jan Jeník (1960) aproximou a memória ao termo *homeostasis* no nível do ecossistema. Estado quase estético, de equilibradas correntes energéticas e alta resistência aos impactes do exterior - a composição/estruturação deste estado está memorizada no sistema. O ecossistema estável têm portanto, tendência a alcançar este clímax bioclimático.

Jiří Sádlo (1991), no seu texto "A paisagem como o texto interpretado" define a memória da paisagem como a sua capacidade e dos seus ecossistemas de regenerar o seu estado de equilíbrio ecológico.

*"Ter memória significa ser capaz de disponibilizar pelas suas estruturas de conservação, ser capaz de confrontá-las."*³ Sádlo fala sobre a memória cibernética do equilíbrio ecológico

³ Sádlo, J., *A paisagem como o texto interpretado*, Praha, 1991 (p. 183)

da paisagem e da possibilidade da regeneração da estrutura equilibrada graças à memória da paisagem inerente ao sistema. Mas menciona também a possibilidade da perda da memória, da possibilidade de apagá-la. E criar assim a base para uma paisagem nova ou para um estado de caos.

“Se existe a memória, existe também a sua perda, é possível apagar a memória” ⁴

Sádlo menciona o caso dos novos colonizadores da América aos quais faltava a sensibilidade pela paisagem. A sensibilidade que brota de conhecimento e apreço da paisagem que tiveram os Índios.

No seu entendimento, o conhecimento da estrutura da memória da paisagem diferenciou o entendimento de dois grupos que levou a diferenciada relação destes com a paisagem.

Existe o perigo da perda da memória não apenas pela própria paisagem (o sentido ecológico como o cultural) mas também pela população. Este desentendimento reflecte-se tanto na perda de orientação no campo como na criação de espaços desagradáveis, que podem causar danos a toda a sociedade.

Simon Schama (1996) vê a memória da paisagem como um conjunto de mistérios escondidos por baixo da superfície visível, que se revela e fala com o visitante nos momentos menos esperados... No seu entedimento a paisagem alberga uma vasta simbologia, significados históricos e culturais que falam aos homens muitas vezes subconscientemente. No seu livro refere muitos destes mistérios dentro da paisagem, que resultaram frequentemente duma feroz luta entre homem e natureza ou da imposição de uns códigos culturais sobre outros.

Catarina Oliveira (2001) dedicou-se no seu trabalho “Lugar e memória” aos monumentos megalíticos, assumindo o seu valor para a memória das populações e derivadamente para do território, onde se inserem. Defende, que existem na paisagem lugares, marcas, que o homem torna significantes pela sua relação com eles. As populações mantêm os seus significados, ou adicionam-lhes uns novos.

Oliveira fala de lugares de memória, sítios que na paisagem marcam o espaço, mas também referem um tempo através da sua monumentalidade e permanência. Estes elementos não pertencem apenas ao passado, mas *“continuam a ser fundamentais nos processos de reconstrução das identidades sociais”*

A memória da paisagem é uma informação que permite entender a paisagem, para se poder criar uma relação (ligação afectiva). Mas a memória da paisagem é também uma estrutura subjacente, onde se encaixaram as várias épocas que passaram sobre a sua superfície.

Ivan Vorel (2000) ensaiando sobre os conflitos e harmonias na paisagem cultural, fala da memória da paisagem como marcas remontantes ao uso do solo, cultivo e da

⁴ idem, ibidem

funcionalidade da paisagem no passado. Menciona a presença das estruturas cheias de significados passados, que dentro da paisagem “relembra-nos das relações históricas e culturais, e dos contextos mais largos.”⁵ No contexto mais lato considera a paisagem como a memória cultural da nação. “Muitos dos mitos, obras literárias e plásticas têm relação a um certo tipo da paisagem, sítios concretos...”

Após o entendimento de memória da paisagem mais restrito a uma das vertentes da paisagem – ecológica (Sádlo, Jeník) ou cultural (Oliveira, Schama) seguem-se teorias que incluem ambas as vertentes – natural e histórico-cultural.

A primeira faz-se partindo de base ecológica e adicionando uma ou várias “camadas” de humanização. Outra contempla o relacionamento entre as influências naturais e culturais na criação dum sistema equilibrado “quasi-estático” e sustentável.

Václav Cílek (2000) identifica quatro componentes essenciais da coluna dorsal da memória da paisagem, assumindo-lhes uma hierarquia.

A memória reflecte-se especialmente no facto da repetição de padrões de uso do território: florestas, campos de cultivo, povoações; mas também o facto de que perduraram séculos e séculos as principais ligações /trajectórias entre as povoações.) Cílek.⁶

Estruturas da Memória

Ao contrário do Cílek, Brůna e Beneš olham para a memória da paisagem como um documento de equilíbrio entre a componente natural e o valor acrescido pelo homem. No âmbito de arqueologia da paisagem, observam as marcas e revelações da memória, sua organização antiga nas paisagens de hoje. Elementos dominantes da paisagem (Aston 1984), ou lugares de memória, (Oliveira 2001). Nesta as componentes culturais como ecológicas colaboram na criação de estrutura complexa onde se misturam as formas antecedentes e novas – esta estrutura, Brůna e Beneš, consideram possível decifrar.

Os elementos e suas ligações dentro da paisagem permanecem de uma trama de uso histórico do território para o outro. A estruturação da paisagem futura está, portanto, condicionada pela organização dos elementos dominantes existentes. Estes elementos são designados como os *antecedentes da paisagem* (Roberts 1987 e Beneš 1993).

Aos *antecedentes da paisagem* como elementos significativos e condicionantes das novas estruturas da paisagem aproxima-se o entendimento da publicação final do projecto “European Pathways to Cultural Landscape”, onde as componentes importantes da paisagem, que são resilientes e estruturantes são designados como *blocos de construção*

⁵ Vorel, I., *Přírodní, kulturní, estetické hodnoty a struktura osídlení – konflikt nebo harmonie?*, in: *Kulturní krajina, proč ji chránit?*, Praha 2000

⁶ Cílek, V., *Paměťová struktura krajiny a památné kameny* (= A estrutura da memória da paisagem e pedras memoráveis), in: *Kulturní krajina, proč ji chránit?*, Praha 2000

da paisagem. Estes designam os monumentos (componentes materiais), que remontam das épocas passadas no território, lembrando nos dos tempos passados: “one of the key ways in which we trace the passage of time in our landscape and recognise the scale of human and cultural change affecting it.”⁷

Brûna e Beneš (1994) no seu ensaio “Tem paisagem a memória?” identificam dois níveis de memória da paisagem. Simplificadamente pode ser: um tangível e outro intangível, metafísico.

- Arqueológica (as várias camadas históricas, que podem ser sobrepostas, sua ambivalente influência na ecologia e na sua localização e o desenvolvimento para um estado de equilíbrio, dinâmico)
- Ecológico-cibernético-filosófica (a permanente variabilidade da paisagem, a mudança permanente de estruturação dos sistemas inerentes à paisagem cultural)

Mencionam a possibilidade da identificação da espinha (estrutura) da memória da paisagem com base nos seus componentes identificados. “Imaginarmos que todos os subsistemas constantes a paisagem criam uma certa ‘informação completa’ de alta complexidade, que para o seu exterior reage à semelhança do código genético: produz as formas e combinações quase idênticas a si mesma.”⁸

A capacidade de implantação da estrutura de memória para a gestão futura das paisagens, não deve estar limitada apenas a paisagens históricas, de maior valor arqueológico. “Das componentes identificadas como elementos da memória da paisagem, é possível identificar uma certa “espinha da memória da paisagem”, em conjunto com o conhecimento da intensidade e dinâmica de sequência das mudanças do mosaico da paisagem no tempo e espaço, e a par do conhecimento pormenorizado das ligações interactivas das várias componentes da paisagem, fornece a possibilidade de entender a organização ideal do espaço da paisagem.”⁹ Este conhecimento pode ajudar na recuperação das paisagens danificadas, mas não pode substituir o seu desenvolvimento.

Nesta organização a sua teoria coincide com as sugestões de Cílek. Este supõe a aplicação da metodologia de identificação da estrutura da memória da paisagem para as paisagens “quotidianas” ou paisagens culturais sem especial valor monumental, histórico ou estético, possibilitando a aplicação na gestão das paisagens em geral.

Como todas as paisagens europeias são de alguma forma culturais¹⁰, e sendo mais e mais ponderada a parte de participação da população na sua gestão, uso e entendimento, este trabalho prosseguiu para a identificação da metodologia aplicada à

⁷ Final report of Project EPCL 2000-2003 (European Pathways to Cultural Landscape), (pag.9)

⁸ Beneš, J., Brûna, V., *Archeologie a krajinná ekologie* (=Arqueologia e Ecologia da Paisagem) Praha 1994 (pag.42)

⁹ idem, ibidem (pag.45)

¹⁰ European Pathways to Cultural Landscape (pag.5)

forma de entendimento da memória da paisagem. Não se reduz à arqueologia da paisagem e gestão das paisagens arqueológicas ou historicamente valiosas, mas também as paisagens com valores históricos menores incluindo os valores a estas adjudicadas pela população, tendo em conta a realidade actual e as suas possibilidades a partir do momento presente.

A paisagem é um sistema dinâmico com a estrutura própria. No campo da arqueologia da paisagem, Gojda assemelha a sua organização ao sistema equilibrado entre o ambiente e o homem. Sugere aprender das relações arqueológicas memorizadas na paisagem, como da “*organização ideal do espaço da paisagem.*”¹¹.

No campo ecológico, assume Sádlo (1994), que a estrutura suporta a memória da paisagem, que permite gerar novamente esta estrutura tratando-se dum sistema de “*auto-estruturação*”.

Podemos considerar duas vertentes da estrutura da memória e sustentabilidade da paisagem: uma ecológica, e outra cultural.

II.1.3 Sustentabilidade ecológica da paisagem

O objectivo da criação de sistema de sustentabilidade ecológica do território é a criação de paisagem cultural harmoniosa, composta por equilibrados sistemas de alto equilíbrio ecológico, que compensam os sistemas desequilibrados (de produção agrícola, urbanizações, etc.)

Estrutura ecológica da paisagem

As paisagens europeias sofreram desde o paleolítico a influência do homem. Muitas estão já com a sua composição da biodiversidade completamente alterada da versão potencial. Para assegurar um certo equilíbrio ecológico das paisagens cada vez mais adulteradas, lançaram-se estudos de ecologia para determinação de uma estrutura ecológica da sustentabilidade da paisagem.

A ecologia da paisagem confirmou o impacte positivo (na estabilidade ecológica da paisagem) de novas ligações criadas entre as manchas de vegetação existente de alta biodiversidade. A melhora de conectividade dentro do território entre as componentes ecologicamente valiosas reforça a biodiversidade e sustentabilidade (Löw et al. 1995).

Os sistemas de criação da estrutura de sustentabilidade ecológica da paisagem surgiram quase paralelamente em vários países. Baseando-se nas concepções de ecologia da paisagem, desenvolveram-se nos USA as chamadas *Green Ways*, na Holanda, a *National Ecological Network* e na Alemanha *Biotopverbundsystem* (Löw et al.

11 Gojda, M., *Archeologie krajiny* (=Arqueologia da paisagem), Praha 2000, (pag. 61)

12 Květ, R., *Duše krajiny* (=Espírito da paisagem), Praha 2003, (pag.18)

1995). Todos os sistemas trabalham em redes baseadas nas componentes ecologicamente estáveis da paisagem, complementando a sua distribuição espacial tipo "random" por componentes novas em nós previamente identificados para criação duma rede complexa, cuja escala de trama depende de condições ecológicas locais.

As dimensões concretas para bio-centros e bio-corredores (com a intenção que cumpram a sua função de sustentador de biodiversidade) definem-se cuidadosamente para cada tipo de ecossistema (influenciam especialmente os maiores animais migradores - mamíferos). Para o desenvolvimento prático deste sistema foram essenciais os estudos de Forman e Godron na ecologia da paisagem - sistema de mosaico da paisagem, dimensões de habitats etc.

Num trabalho mais tardio, Godron descreve a possibilidade e impacte positivo da ligação de manchas de vegetação natural preservadas na paisagem. Os corredores melhoram o equilíbrio ecológico de toda a área. Mas identifica quatro condicionantes:

- a existência de manchas de ecossistemas naturais suficientemente largas
- a existência de corredores largos de vegetação natural ao longo de linhas de água
- o possibilitar a ligação entre as manchas para as importantes espécies
- a manutenção das pequenas manchas de vegetação variada e diversificada dentro do espaço mais influenciado pelo homem¹²

Godron contempla uma matriz, que serve para o fluxo de energias, informações e matérias no contexto ecológico. "*Networks are composed of nodes and linkages (corridors) usually surrounded by matrix.*"¹³ Adiciona, que os nós podem tanto existir nos cruzamentos de corredores como nas suas linhas, e que toda a rede compõe uma estrutura ligada entre si. Existem várias formas de redes (menciona as dendríticas como as típicas das zonas ribeirinhas. Também identifica as várias hierarquias de redes conforme a conectividade de espaço para as diferentes espécies, comunidades e tipos de ecossistemas.

Para as paisagens culturais, que devido ao desenvolvimento perderam o seu equilíbrio ecológico, e para as paisagens danificadas pelas fortes intervenções, foi estabelecida uma metodologia de identificação de estrutura da sua sustentabilidade ecológica. As componentes existentes de alta biodiversidade estão intencionalmente complementadas pelas áreas novas de valor ecológico correspondente, criando a trama ecologicamente sustentável.

Na República Checa, a **Estrutura de Sustentabilidade Ecológica da Paisagem** é um instrumento de ordenamento do território. A estrutura contempla várias escalas: locais, regionais e supra-regionais, e que devem ser compatíveis entre si.

Consiste numa estrutura de ecossistemas mais ecologicamente valiosos e as suas ligações (rede de bio-centros ligados entre si pelos bio-corredores) numa rede com

¹² Forman, R.T.T., *Land mosaics: The ecology of landscapes and regions*, Cambridge 1997 (pag.43)

¹³ idem, *ibidem*, (pag.257)

identificada densidade. Estes compõem a “espinha ecológica da paisagem” existente (ÚSES, Vorel, 1995).

O processo do seu planeamento é o seguinte: cartografa as componentes ecológicamente mais valiosas existentes no território. Conforme complexa avaliação ecológica e tipo de vegetação potencial da zona, identifica a densidade de bio-centros e bio-corredores necessária para um espaço ecológicamente equilibrado.

A identificação da espinha/estrutura ecológica existente da paisagem, significa identificar também os espaços fracos (pouco equilibrados ecológicamente) e zonas com insuficiente densidade.

Os projectos que se seguem, complementam a rede identificada por novas componentes de vegetação potencial da zona, supostamente ecológicamente valiosos, de alta biodiversidade. Estes são os novos bio-centros e novas ligações de dimensões identificadas (bio-corredores), até se obter uma densidade de rede desejada de uma estrutura ecológica funcional.

II.1.4 “Sustentabilidade cultural” da paisagem

Assemelha-se neste estudo a estrutura ecológica das paisagens identificadas no território com a estrutura espacial da paisagem criada e mantida pelas mentes dos seus utilizadores.

Quando se fala de estrutura ecológica da paisagem, faz-se assim tendo em vista a sua sustentabilidade ecológica, ou seja a necessidade da estrutura ser suficientemente densa, estável, resistente às infracções exteriores e auto defensiva para manter a estabilidade de todo o território. No caso da camada cultural não temos conhecimento de alguma estrutura explícita inerente à paisagem. Mas poderia ser, que exista também analogicamente uma estrutura da memória, deveria então tratar-se de sustentabilidade cultural da paisagem!

Entende-se a camada cultural da paisagem como composta pelos elementos históricos (sob investigação de arqueologia da paisagem) e pelas ligações simbólicas e funcionais dentro e fora da paisagem, e valores intangíveis associadas à paisagem (mantidas pela memória colectiva das populações com esta ligadas).

As ligações tanto funcionais como simbólicas, assim como a estruturação espacial criada e mantida nas mentes dos utilizadores, servem para que estes se possam orientar na paisagem. Mantêm em paralelo a identidade da paisagem.

II.1.2.5 A Orientação e referências do homem na paisagem

Com a orientação do homem na paisagem e no seu espaço envolvente em geral, Norberg-Schulz liga a necessidade do homem em sentir-se seguro, ou seja morar nalgum sítio, habitar um espaço concreto. “O medo de poder perder-se nasce da necessidade de cada criatura móvel orientar-se no seu envolvente.”¹⁴

Para este efeito, o homem foi dotado com capacidade para criar imagem do envolvente - uma imagem mental útil do ambiente composta pelas componentes concretas, cada uma com o seu carácter, significado e razão (Lynch 1960 apud Norberg-Schulz 1982).

Este conjunto de elementos ou sítios mais importantes ligados entre si, suporta toda a construção espacial mental - estrutura que permite ao indivíduo a orientação no espaço, na paisagem, na cidade etc. (Norberg-Schulz 1986)

Kevin Lynch descrevendo a estrutura do espaço concreto, utiliza os termos *nós* (os pontos significativos/importantes), *caminhos*, *limites / fronteiras* e *regiões*, como elementos de orientação do homem no espaço, as essenciais estruturas do espaço, que são objectos de orientação espacial do homem.¹⁵

David Stea (1982) aponta, que nos mapas mentais os pontos e orientação no território e de sua memorização, não estão da mesma importância, sendo os mais importantes entrelaçados com os menos significativos. Também identifica, que estes pontos / elementos mantêm entre si várias ligações. Define, que a ligação pela qual devemos prosseguir para chegar ao sítio previamente identificado não é a mais importante das ligações mas que estas encontram-se espacialmente distribuídas, adequando-se mais ou menos às ligações espaciais do mundo real (no espaço concreto). Assim a pessoa possui uma forma de localização de si própria no sistema de coordenadas, pelo qual se orienta nos diferentes momentos do percurso, modificando o seu mapa cognitivo.¹⁶

Enquanto o Stea (1982) não considera a direcção determinante, o estudo de formas de orientação e mapas cognitivos de nativos canadianos revelaram a importância de direcções e ligações vectoriais concretas para a sua orientação (Davidson-Hunt 2003).

Sonii (2001) em acordo com Hayes (1999) considera a imagem da organização espacial criada na mente do indivíduo como o mapa cognitivo. Transmitindo esta organização (mapa) ao investigador, o indivíduo cria um mapa mental. Neste trabalho o entendimento de orientação do homem na paisagem aproxima-se mais ao termo, mapa cognitivo.

¹⁴ Norberg-Schulz, Christian, *Genius loci*, Odeon, Praha 1986, (pag.19)

¹⁵ Lynch, K., *L'image de la Cité*, Paris, Bordas 1976

¹⁶ Stea, D., *Environmental Perception and Cognition: Towards a Model of 'Mental' Maps*, in: Kaplan & Kaplan, *Humanscape: Environments for people*, Michigan 1982

Stephen Kaplan (1982) aplicou a criação dos mapas cognitivos à percepção humana do meio ambiente. Sublinha, que as pessoas mantêm na memória especialmente os objectos e acontecimentos com os quais de encontram com maior frequência, no entanto para a orientação no espaço é importante não a quantidade dos objectos memorizados, mas a sua organização espacial – o mapa de ligações contínuas (“*step-by-step pattern of associations of an complex structure*”).¹⁷

A memorização da paisagem é o processo de criação de uma carta mental dos elementos (espaços, ligações) dum território concreto para a possível orientação dentro deste. Então a perda da imagem (mapa memorizado assim como a sua mudança pode levar a perda de indivíduo no espaço...).

Existe a possibilidade de destruição do mapa mental, perda do seu valor verosímil, destruição ou modificação dos seus limites pela intrusão de novos elementos. Cílek (2000) menciona o exemplo da construção de nova auto-estrada, e assim de perda de ligação ao espaço antes considerado como a paisagem.

Esta perda de legibilidade do mapa é evocação mental do que se passa na paisagem. A sua memória é fortemente afectada ou mesmo perdida. Logo perdem-se também os mapas cognitivos dos seus utilizadores.

Neste trabalho entende-se a identidade da paisagem é composta pelo território, superfície real e por um conjunto de valores que lhe são adjudicados pelos utilizadores. Essa identidade depende do contexto histórico-cultural em que se faz a sua leitura. Mas depende também, de quem faz esta leitura e interpretação.

“The meaning of landscape needs to be interpreted in a socio-historical or cultural context”

Michael Jones¹⁸

Mas dificilmente conseguiríamos transpor-nos ao momento da criação das componentes da paisagem. Nos hoje avaliamos o estado actual das paisagens, suas estruturas e elementos, conforme o nosso conhecimento, cultura e escala de valores (Marc Antrop 2000).

Kevin Lynch (1960) estudando “as imagens colectivas” das populações do seu ambiente urbano, procurou os mapas cognitivos criados pelas pessoas sobre a sua paisagem urbana. Considera, que muitas destas imagens, apesar de cada indivíduo

¹⁷ Kaplan, S.; Kaplan, R., *Humanscape: Environments for people*, Michigan 1982 (pag.55)

¹⁸ *The elusive reality of landscape. Concepts and approaches in landscape research*, in: Norsk Geografisk Tidsskrift 45, (p.234)



criar o seu mapa cognitivo individual, se assemelham, sendo possível agrupá-las conforme vários tipos de imagens colectivas da paisagem urbana conforme grupos de população. Nestes existe um entendimento comum das localizações, ligações e significados atribuídos aos elementos, que compõe uma estrutura funcional memorizada.

No presente trabalho poderiam assemelhar-se distantemente aos grupos de população de Lynch (1960) os grupos de diferentes utilizadores da paisagem da Ribeira Grande. No entanto, não existem duas leituras da paisagem iguais e o uso e experiência, que influenciam a criação de mapa cognitivo são diferentes para cada indivíduo. A relativa generalização, portanto, significa colher informação numa escala cujo detalhe, evitar o perigo de distorções individuais.

Lynch procurou encontrar não apenas a imagem da cidade, mas também os significados de diferentes sítios, para depois no planeamento urbanístico os respeitar e aproveitar o seu potencial, evitando a sua negação (deturpação).¹⁹ No seu entendimento os mapas cognitivos incluíam principalmente as ligações pessoais, significados funcionais e afectivos relevantes por cada pessoa que criava o mapa.

Esta realidade repete-se no caso das paisagens, onde para a memorização dos sítios e para a atribuição de valores a estes, a ligação anterior pessoal é essencial – tanto funcional como afectiva.²⁰

¹⁹ Lynch, K., *L'image de la Cité*, Paris, Bordas 1976 (pag. 54)

²⁰ Como exemplo pode ser referida muito frequente actividade de lavagem de roupa na ribeira (sítios muito concretos para cada lavadeira) ou “ir namorar para o lado de horta” (espaços de forte ligação afectiva e associação de concretos sítios com as concretas namoradas/ namorados...)

II.1.3 Criação de modelo próprio da estrutura da memória cultural da paisagem

A memória da paisagem inclui tanto as componentes do carácter da paisagem (mosaico de ecossistemas, elementos e sítios concretos - do suporte físico da paisagem) como a sua identidade (conjunto de valores culturais ou simbólicos e significados a esta e seus componentes atribuídos pelos utilizadores).

- No entendimento ecológico (assemelha-se a memória à *homeostasis* (Brůna&Beneš 1994, Jeník 1970), a capacidade de manter a estrutura dos seus ecossistemas numa certa organização mesmo após intervenção ou mudança de condições).
- No entendimento cultural (assemelha-se ao conceito de *Genius loci*. No entanto, a sua escala é bastante superior. Composta tanto por componentes culturais reais da paisagem (seu carácter) como por significados intangíveis dos seus componentes e de toda a paisagem (sua identidade).

Este trabalho centra-se na componente cultural da memória da paisagem. Com efeito, neste trabalho, a **Estrutura da Memória Cultural da Paisagem** entende-se como construção abstracta, que é suportada por elementos concretos da paisagem.

Segue-se a discussão e explicitação deste conceito, baseado no cruzamento de referências de vários autores e na reflexão / análise sobre a memória da paisagem e estudo caso pela autora deste trabalho.

Conceitos para a criação de teias (de ligações)

Os elementos frequentemente mais visitados são os mais importantes e que criam estrutura pelas suas ligações, pela sequência da sua organização (Kaplan 1982).

Com base nesta afirmação, espera-se que estes elementos sejam os que ficam mais vivamente gravadas na memória dos utilizadores e mais facilmente evocáveis pela interpelação. Partindo do pressuposto, que os elementos mais frequentes surgem mais facilmente na mente e são os determinantes para a orientação no espaço. Os utilizadores da paisagem rural tiveram que estabelecer uma forma de orientação na paisagem. As componentes mais importantes, que correspondem a marcas físicas com relevância visual, simbólica e funcional, são os primeiros sítios mencionados, quanto se pergunta sobre a paisagem.

Estes componentes foram considerados os mais significativos tanto para o uso da paisagem como para a sua teia da memória viva.

Autores Estónios (Palang et al. 2002), descrevem diferenças no entendimento de valores da paisagem históricas e de identidade. Ambos os valores mencionados são importantes do ponto de vista patrimonial, mas existem ainda outros, importantes do ponto de vista do uso futuro. Entre as paisagens deterioradas ou parcialmente abandonadas, as componentes de ambos os tipos de valores podem emergir e não ser

distinguíveis. “The complexity of knowledge and relation with landscape could be also divided into two essential positions: the historical and the identity values (first as areas with traditional land use, and the second as areas preferred by local people – including connections to the land /maybe not that visible, but definitely lived there/...)¹”

A distinção entre os termos teia e estrutura

Com base na bibliografia consultada e na reflexão própria sobre o caso de estudo, neste trabalho optou-se por uma distinção entre teia e estrutura. A **Teia da paisagem** entende-se como uma estrutura flexível, multi-dimensional, uma rede de componentes fortes e dinâmicos, de ligações espaciais, temporais e contextuais. A ligação da teia ao espaço concreto, real da paisagem é forte, é inseparável, mas a sua identificação faz-se ao nível da análise e da reflexão. Sendo abrangente, é uma reflexão espacial, histórica e funcional

Nas dimensões da teia podem ser definidas as três dimensões espaciais (x,y,z) e uma temporal (época de função, tempo de memória activa).

A estrutura entende-se como uma construção mais duradoura, mais claramente identificável, tangível e correspondente a marcas físicas claras. Na paisagem concreta a estrutura é mais notável e mais facilmente identificável do que a teia. Este termo foi utilizado para a estrutura composta por várias teias mais flexíveis no tempo e espaço. A estrutura da memória cultural da paisagem significa assim um esqueleto, estrutura ou espinha, na qual se baseia a formação da paisagem, em torno da qual a paisagem se desenvolve.²

(
A utilização do termo, teia, deve-se à sua flexibilidade assim como ao significado (semelhança) com a teia de aranha, que por vezes fixa os seus filamentos em pontos bastante longínquos do seu centro.³

As teias e estrutura da memória da paisagem são compostas por elementos reais e existentes, mas o entendimento abstracto da sua existência, interligação em forma e complexidade, é apreensível apenas após a contemplação do conjunto. Uma explicação das ligações histórico-culturais assim como das condicionantes naturais leva a uma apreciação conhecedora. Uma intervenção que respeitasse a teia da memória da paisagem deveria conduzir a uma paisagem apreciada pelos seus utilizadores, com a qual se identificassem e sentissem relacionados.

¹ Palang, H., Alumae, H., Printsman, A., Sepp, K., *Landscape values and context in planning: An Estonian model*. Landscape and urban planning, 2002

² Este termo pode ser assemelhado às palavras utilizadas para o eixo da paisagem – sua espinha dorsal (Gustavsson, Cílek) desde a qual se desenvolve a restante estrutura da paisagem.

³ No caso da *teia da memória morta* da paisagem da Ribeira Grande podem-se entender como ligações distantes Lisboa e Mérida num espaço histórico concreto. Na época romana foram ligadas por via que atravessava a Ribeira Grande pela ponte ‘romana’ ainda existente.

O modelo da memória cultural da paisagem

Neste trabalho cria-se um modelo, que reflecte a memória das sucessivas camadas culturais das paisagens. Propõe-se desenvolver a ideia de estrutura da Memória da Paisagem Cultural baseada na comparação da estrutura ecológica da paisagem e suportada por uma organização e avaliação cognitiva espacial – mapas mentais do ambiente envolvente às pessoas.

Cria-se um modelo estruturante da paisagem cultural, onde a sua memória é composta por vários elementos cruciais (pedras angulares), suas ligações e significados.

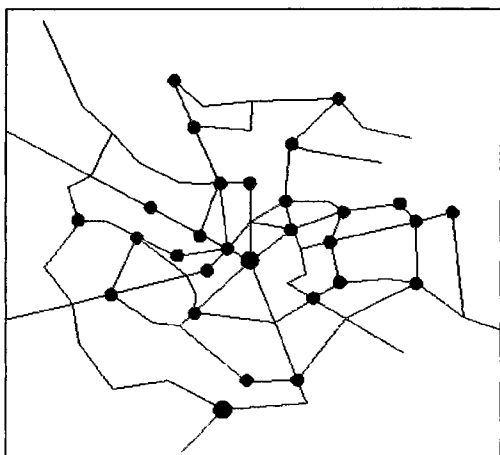


Fig.1 Esquema de componentes marcantes e suas ligações numa estrutura.

O modelo da *estrutura da memória cultural da paisagem cultural* é composto pelas *pedras angulares* da memória da paisagem e suas *ligações*.

As combinações de significância das quais resultam dois níveis de importância das pedras angulares – as essenciais e as complementares.

Identificam-se três teias, que definem a paisagem: a teia da memória viva, da memória morta e do estado actual da paisagem. Estas teias significam respectivamente: a relação dos utilizadores com a paisagem, sua componente histórica e caracterização das componentes existente no presente.

Estas várias “teias da memória da paisagem” são compostas por nódulos, cruzamentos essenciais e suas ligações.

Cada elemento identificado na paisagem é avaliado em cada uma das teias, e é o somatório destas apreciações que pode levar à sua classificação como “pedra angular” da estrutura da paisagem.

As componentes mais significativas no conjunto das três classificações resultam em **pedras angulares de maior importância**. As componentes significativas para todas as três classificações mas com variáveis importâncias dentro de cada teia, foram classificadas como **pedras angulares complementares**.

A identificação das ligações entre as pedras angulares é mais difícil de identificar.

Por vezes existem ligações que não se parecem lineares, mas aproximam-se às zonas ou campos, entrelaçados com outras linhas de ligação. A identificação de ligações mais fortes é muito influenciada pelo estado actual de acessibilidade ao território. É impossível identificar concretamente no espaço as ligações históricas (documentadas apenas ao nível geral) sem as aceder, sem encontrar minimamente alguns dos seus vestígios em sítios de difícil acesso, (campos vedados com arame farpado).

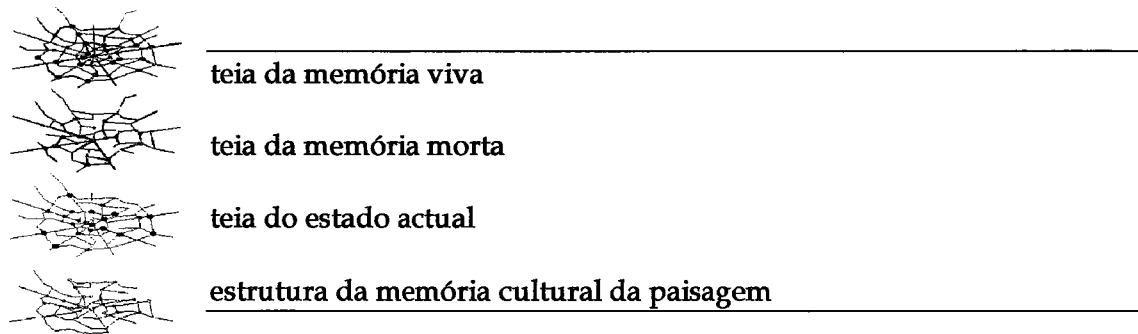


Fig.2 Criação de estrutura da memória cultural da paisagem. Linhas azuis representam a ligação entre várias componentes presentes em todas as teias e reflectidas na estrutura final.

Descrição da criação das componentes da estrutura da memória cultural da paisagem

- **TEIA DA MEMÓRIA VIVA DA PAISAGEM**

É uma rede dos sítios, e suas ligações, dentro da paisagem com os quais a população tem ligações específicas e vivas. É a estrutura de ligações entre a população e a paisagem na vida presente ou na sua memória.

A sua imagem obteve-se através da análise das entrevistas. Perguntando sobre a paisagem cultural presente na memória da população – elementos, ligações, histórias e significados das suas componentes, obteve-se uma rede de sítios e ligações, tal como considerados importantes pelos utilizadores em diferentes épocas (passado e presente).

Os elementos aqui incluídos podem não ser muito valiosos historicamente, o seu valor é considerado enquanto conectores da população ao território (elementos de ligação a este).

- **TEIA DA MEMÓRIA MORTA DA PAISAGEM**

É uma rede dos sítios e suas ligações dentro da paisagem, com significado especial para a história do determinado território. O significado destes sítios foi-lhes atribuído durante a época da relação viva com os mesmos, relação que se pode desvanecer com o tempo. A percepção desta teia é possível através do levantamento do véu da história – arqueologicamente e/ou historicamente nos arquivos e no próprio local.

Os elementos e ligações da teia da memória morta da paisagem cultural identificam-se em estudos arquitectónicos, arqueológicos e históricos.

Os resultados de investigações resgatam a memória das formas de uso, localização de elementos e vida na paisagem em geral, que podem já estar perdidas e dificilmente reconhecíveis nas marcas da paisagem (sua arqueologia).

Os elementos aqui incluídos podem não figurar entre os pontos de referência mencionados noutras teias, mas trazem uma componente mais antiga do uso da paisagem, nem sempre com o sentido de uso e proveito quotidiano.

- **TEIA DO ESTADO ACTUAL DA PAISAGEM**

É uma descrição do presente estado da paisagem e das suas componentes; com foco no actual estado de conservação e funcionalidade.

A sua identificação obtêm-se através de observações no terreno, foto-documentação, descrição e verificação de informação das fontes documentais actuais no local. É composta por:

- Funcionalidade activa ou passiva (ainda detectável ou nova)
- Traços de vivências (comprovativos de uso, visitas pela população)
- Acessibilidade aos elementos / sítios
- Estado de conservação (concentrado na possibilidade de aproveitamento futuro e na sua função actual)

A observação no terreno deve decorrer durante um tempo alargado, para incluir as variações sazonais de uso e aspecto da paisagem. Também durante o estudo de outras caracterizações da memória da paisagem – teia viva e morta, podem surgir alguns elementos, cujo estado actual deve ser aferido.

A sequência de investigação não define se seria preferível procurar cada teia separadamente, mas pressupõe-se a relação positiva entre a investigação de três teias em paralelo.

Pedras angulares - elementos marcantes da paisagem

No esquema, na trama composta por elementos mais significativos encontram-se também assinalados outros sítios, de importância secundária. Estes complementam a estrutura, enchendo a paisagem de vida, também estes elementos se verificam fisicamente. Esta hierarquia corresponde à percepção da realidade pela população

Os elementos secundários são de mais fácil esquecimento e não são tão importantes para a preservação da memória da paisagem.

Aos elementos essenciais, as 'pedras angulares' da paisagem as pessoas referem-se mesmo após um distanciamento temporal ou local. É na base da sua estrutura, que se concretiza uma paisagem dentro da memória colectiva das populações.

Aplicação e uso da estrutura

Uma explicação das ligações histórico-culturais e das condicionantes naturais conduz a uma apreciação conhecedora. Uma intervenção que respeitasse a teia da memória da paisagem cultural conduziria a uma paisagem agradável e apreciada pelos seus utilizadores actuais e futuros, assim como pelos novos visitantes que não possuem um conhecimento profundo da sua estrutura.

A aplicação de novas funções na estrutura da memória da paisagem cultural deveria desenvolver/reforçar as qualidades da paisagem, o seu carácter e o aumento da sua identidade. Poderia aproximar-se ao desenvolvimento natural da paisagem, preservando-a, conservando-a e ao mesmo tempo desenvolvendo a sua contemporaneidade.

Sugere-se neste trabalho, que a estrutura da memória da paisagem pode servir de base a uma dinâmica coerente com o carácter da paisagem, sua identidade e o mudar dos tempos.

Pode ser que a estrutura da memória evoque a necessidade da sua complementação. Contempla-se a possibilidade da criação de novos nós, pedras angulares da história e memória contemporânea. Estes deverão reflectir o uso e significados da paisagem actual, bem como criar possibilidades de uso futuro e da sua interpretação.

II.2 Abordagem teórica de protecção do património das paisagens culturais

"Landscape protection means actions to conserve and maintain the significant or characteristic features of a landscape, justified by its heritage value derived from its natural configuration and/or from human activity." (Convenção Europeia da Paisagem, 2000)

Nas cartas anteriores à Convenção Europeia da Paisagem, as paisagens definidas como as mais valiosas para a manutenção, gestão especial e preservação foram sempre as de grande valor patrimonial, especialmente histórico, mas também simbólico ou cultural. Esta concepção, considerada hoje elitista, criava um quadro legal de preservação das paisagens identificadas como extraordinárias, enquanto as paisagens sem valores excepcionais não adquiriram nem o nome de paisagem, sendo frequentemente designadas como território (Priore 1999).

No âmbito de paisagens monumentais inserem-se claramente também as paisagens classificadas como Património Mundial. Incluídas na Convenção Mundial do Património (UNESCO 1972) contemplam-se três categorias da paisagem cultural (1):

1 - Landscapes designed and created intentionally by man, such as gardens and parks.

2 - 'Organically evolved landscapes', i.e. those resulting from human responses to the natural environment, which may be either 'relict' (i.e. fossil) landscapes, or 'continuing and evolving landscapes' where the evolutionary process is still in progress.

3 - 'Associative landscapes', whose significance lies in the 'powerful religious, artistic or cultural associations of the natural elements' rather than in any material cultural evidence.

Após as cartas e acordos que seguiram a ideologia de excepcionalidade, a presente Convenção europeia da paisagem pode ser considerada como um documento de concepção social (Priore 1999).

Mais além do direito da população à paisagem, reconhece-se também a importância das paisagens para a identidade das populações da Europa, tanto no nível nacional, como regional e local (EPCL 2003, Priore 1999).

A importância da ligação da população local com a paisagem é importante tanto para a manutenção da identidade das paisagens como para a reforço da identidade do homem, seu enraizamento no espaço (Cílek 2002, Lorenz 1997).

Recente história da preservação dos monumentos e paisagens

Podem entender-se duas correntes essenciais, que levaram ao conceito de preservação das paisagens: sobre os monumentos, alargando-se nos conjuntos e sítios, ou de protecção da natureza. Mas pode identificar-se ainda uma terceira vertente,

¹ Versão revista de 1996

desenvolvida até há poucas décadas apenas nalguns países. Um exemplo desta terceira corrente iniciou-se na Inglaterra, como resultado da grande pressão sobre as zonas rurais.

Na maioria dos países os movimentos preservacionistas desenvolveram-se a par no ramo dos monumentos (primeiro) e na vertente da natureza. A divisão entre as correntes deu-se em tempos diversos. No caso de Portugal, apenas após o 25 de Abril se abriu um maior espaço à protecção da natureza. O movimento de protecção do património desenvolvido nas autarquias cristalizou no Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural em Santarém (1980). A protecção de monumentos e natureza conjunta até esse momento no nível autárquico, iniciou os passos para a separação das duas vertentes, (em divisões de património e ambiente). No entanto, a necessidade da sua colaboração evidencia-se continuamente. Assume-se a ambivalência dos valores naturais e culturais das paisagens, mas também de outros monumentos como jardins, parques e paisagens compostas, especialmente pelo UNESCO (património mundial) reflectida na complexidade de instituições envolvidas na sua classificação.

A importância da inter-ligação das entidades responsáveis assim como das equipas investigadoras da vertente natural e histórico-cultural, demonstram-se críticas especialmente nos conjuntos com valor patrimonial de grande impacto (caso de Sintra). Mas a sua importância nas paisagens menos monumentais ou rurais é de igual ponderação.

II.2.1 As cartas e apelos internacionais relevantes para o património da paisagem cultural

Para a protecção de monumentos e paisagens de valor patrimonial mundial, a mais relevante legislação em vigor é a já acima referida: UNESCO, no entanto,

*“because cultural landscapes have these natural qualities as well as cultural ones, their inclusion in the convention requires collaboration between the two advisory bodies to the convention: IUCN – The World Conservation Union, for natural values; and ICOMOS – the International Council on Monuments and Sites, for cultural ones”.*²

As convenções servem de referência para a preservação de paisagens culturais no espaço rural. São linhas condutoras de um percurso de aproximação ao conceito dos monumentos, necessidade de vivência activa das populações, linhas condutoras da sua preservação, manutenção e intervenções necessárias. Mas também se trata de uma aproximação às paisagens dos cidadãos não apenas monumentais e raríssimas, mas de uma aproximação ao conceito de património vivido e entendido por todos como uma herança comum. Esta herança da humanidade é tanto de importância para toda a

² Phillips, A., *The Nature of Cultural Landscape*, in: *Landscape Research* nº1, 1998, pag 29

sociedade como para as populações locais, estando o património em harmonia com as especificidades locais valiosas.

Carta de Veneza 1964

A carta emitida no segundo congresso internacional de arquitectos e técnicos de monumentos históricos apela à colaboração de todos os diferentes especialistas na preservação e restauro do património.

Pondera a manutenção permanente dos monumentos e seu uso pela sociedade, que seja compatível com seu carácter histórico-artístico.

No caso do restauro permite excepcionalmente a remoção dos acrescentos, mas nega o conceito de unidade de estilo. As intervenções devem ser sempre posteriores ao estudo dos valores históricos e estéticos do monumento.

O documento salienta a importância de encontrar novas funções para os monumentos, que sejam compatíveis com actualidade e o seu valor patrimonial. Evoca também a necessidade da participação da população no processo de manutenção após o restauro, (vida dos bens patrimoniais).

Apelo de Granada 1976

Apelo emitido pelo Conselho da Europa, debruça-se sobre o património arquitectónico no meio rural no âmbito do planeamento do território. Como a arquitectura rural considera as construções ligadas às actividades agro-pastoris, florestais e de pesca.

O apelo recomenda aos governos a recuperação dos monumentos no espaço rural e sua conservação integrada.

Salienta a importância da incorporação dos valores patrimoniais no planeamento territorial, a integração harmoniosa das novas construções e reabilitação dos antigos, mantendo o seu carácter.

Pondera a valorização das actividades tradicionais e formação de técnicos aptos às intervenções nas construções tradicionais.

Sugere-se a adopção de medidas para o desenvolvimento territorial – estabelecimento de equipamentos, acessos e outros meios para anular a inferioridade do espaço rural em relação à cidade, e o reforço da atracção do meio rural.

Carta de Turismo Cultural, ICOMOS, Bruxelas, 1976

A carta reconhece que o turismo cultural desempenha um papel positivo na manutenção e conservação do património contribuindo para o desenvolvimento socio-cultural e económico da área de influência, mas pode ser prejudicial, na medida em que o uso massivo e sem regras dos sítios e monumentos pode levar à sua vandalização, degradação e destruição.

A Carta recomenda que se estabeleçam regras e coordenação das políticas e do planeamento integrado entre a protecção do património cultural e as entidades do sector turístico. Acentua a formação dos especialistas intervenientes na protecção, planeamento e gestão do património e a utilização dos recursos da tecnologia moderna.

Para garantir o equilíbrio da relação entre património e turismo, sugere a informação e sensibilização dos turistas e a educação e formação de todos, no respeito pelo património cultural, formação multidisciplinar dos especialistas, na concepção do planeamento turístico do património cultural.

A Carta Internacional de Jardins e parques históricos, Florença 1981

Exige uma manutenção e conservação contínua, renovações cíclicas das componentes biológicas dos jardins e a permanência das suas componentes arquitectónicas e escultóricas. Salienta a necessidade de manutenção do equilíbrio ecológico e respeito pelo contexto urbano ou rural.

Nas intervenções, é essencial uma inventariação dos jardins e o respeito pela evolução histórica, sem privilegiar alguma época. A carta confirma a impossibilidade de reconstituição dos jardins desaparecidos. Apenas sugere a sua evocação ou criações novas.

A carta pondera a utilização adequada dos monumentos em harmonia com o espírito do lugar.

A Carta Internacional de Turismo Cultural de 1999, Ethos

A carta, na sequência de ideias da Carta de Bruxelas, procura o melhor relacionamento entre o aproveitamento turístico de monumentos e a sua preservação salientando a relação do património com as populações locais e os turistas.

Surge após a alargada divulgação de conceitos como globalização e desenvolvimento sustentado e da redacção das Cartas do México e de Nara (1994, autenticidade do património no quadro de Património Mundial), onde se definem os conceitos de autenticidade, valor, diversidade e identidade cultural.

Refere-se ao conceito de património cultural e natural como pertença da Humanidade, que tem a responsabilidade e o dever de compreender e conservar, mas também o direito e o privilégio de usufruir dos seus valores universais.

A Carta observa, que o turismo cultural deverá ser gerido de forma sustentável para garantir o seu usufruto pelas gerações actuais e futuras. Os benefícios económicos e sociais, daí resultantes devem envolver todos os implicados no turismo e na protecção do património motivando as comunidades para a protecção e manutenção patrimonial.

Salienta também, que as comunidades locais devem participar no planeamento das actividades de conservação e turismo, e devem beneficiar delas.

“As actividades de conservação e de manutenção do património e o seu planeamento turístico devem permitir que as comunidades locais e os visitantes usufruam e compreendam de forma acessível o património cultural e natural, valorizando e protegendo as suas características, enquanto se asseguram experiências compensatórias e agradáveis.”³

Para garantir o desenvolvimento destas intenções, lança medidas com vários programas. Especialmente ponderados são os programas de informação e divulgação, que deverão utilizar as novas tecnologias e media; e os programas de exibição e interpretação, que permitam entender as características do património e a importância da sua protecção. O conhecimento no que respeita aos valores dos monumentos, tradições e costumes das comunidades locais na perspectiva de uma protecção abrangente da autenticidade.

Os programas turísticos devem promover uma distribuição mais alargada de visitantes, aliviando as pressões nos locais mais procurados e encorajando os visitantes para uma mais vasta herança cultural e natural. A gestão de preservação dos locais inclui programas de formação e treino a todos os implicados na relação entre conservação patrimonial e turismo.

Carta de Cracóvia 2000

As paisagens reflectem a interacção do homem, natureza e meio físico – é necessário entender profundamente a sua base natural, cultural e histórico-física, assim como o seu cerne intangível

- A ambiguidade de valores patrimoniais exige comunicação intensiva e participação exaustiva de especialistas, técnicos e responsáveis na tomada de decisão sobre as intervenções e sobre a sua gestão.

A Carta define a importância de entender profundamente a base natural, cultural e histórico física assim como uma “essência” intangível dos monumentos. Aponta a necessidade da participação do público laico na vida dos monumentos.

Convenção Europeia da Paisagem 2000

Emitida pelo Conselho de Europa, a carta significa uma viragem acentuada na direcção ao utilizador da paisagem, pondera a participação e exigência das populações por um ambiente agradável. Esta viragem reflecte-se já na definição da paisagem.

³ Ana Sofia Coutinho (2002), Programa de Módulo: Fundamentos de Conservação e Reabilitação do Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos da Universidade Lisboa (www.mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/trabalhoDesenvolvido2.htm)

A paisagem corresponde a *“uma área, tal como compreendida pelas pessoas, cujo carácter resulta da acção e interacção de factores naturais e humanos”*. Entendendo assim a paisagem como o complexo intercalado de criações do homem, meio natural e base cultural.

Justifica a exigência das populações por um ambiente agradável, que têm portanto influência nas decisões sobre o seu meio ambiente. Pondera a necessidade de reconhecer o valor e a importância das paisagens para a sociedade; identidade cultural europeia e local; e a necessidade de dar conhecimento ao público o valor das paisagens e formas de sua possível participação no planeamento. Enuncia algumas indicações:

- Necessidade de investigação sobre as paisagens a proteger (C54)
- Inclusão das opiniões dos vários actores da paisagem. Definindo a importância da opinião do público para a protecção das paisagens (C56)
- Inquirição da população sobre os elementos da paisagem mais valiosos, e apreciados (C57)
- Antes da avaliação final e implementação de políticas, é necessário informar as populações sobre os objectivos

A convenção define 3 termos base de acção na paisagem: identificação dos objectivos da paisagem (identificação pela parte de investigadores – representantes da populações, quais as suas expectativas e preferência acerca das paisagens), protecção (activa preservação das feições importantes da paisagem), gestão e planeamento (processo formal de criação de novas paisagens ou reestruturação das mais danificadas).

II.2.2 Alguns excertos da Legislação nacional

A protecção das paisagens, monumentos e outros valores patrimoniais no âmbito local, regional e nacional, assente nas leis bases de protecção do património.

A primeira directiva da República Portuguesa sobre os monumentos foi editada por impulso particular do Arquitecto José Relvas, na altura dedicado também a educação dos arquitectos e engenheiros intervenientes nos monumentos.

A Lei Base do património de 1911, estabelece como regra Nº1 a proibição da venda de monumentos para o estrangeiro.

No fim da década de vinte é estabelecida sob tutela do Ministério do Comércio e Comunicações a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN); (decreto Nº 16791 de 25 de Abril de 1929). A instituição assumiu grande importância para documentação, levantamento e classificação dos monumentos, bem como de realização das intervenções.

Para as paisagens que não atingem o valor monumental, mas são valiosas especialmente na escala local e para as suas populações, foi relevante a criação da lei dos monumentos de valor concelhio. Este acto legislativo importante em relação especialmente às paisagens rurais foi a Lei Nº 2:032 de 11 de Junho de 1949 sobre a Criação da categoria dos Valores Concelhios.

A lei institui: *“As câmaras municipais devem promover a classificação, como monumentos nacionais ou como móveis ou imóveis de interesse público, de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagístico existentes nos seus concelhos.*

Se as entidades competentes os não classificarem como tais, poderão as câmaras promover, junto das mesmas entidades, a sua classificação como valores concelhios.”

Para as classificações de monumentos, conjuntos, sítios e paisagens ao nível internacional, foi essencial instituir a directiva de adopção da convenção mundial. A adopção da convenção para a protecção do património Mundial Cultural e Natural deu-se em Decreto-Lei Nº 49/79 de 6 de Junho 1979.

Mais recentemente a lei em vigor regula o uso e cuidado dos monumentos em regime de património cultural: Lei Nº 107/2001 de 8 de Setembro 2001 estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural.

Após a criação do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), iniciou-se a assim apelidada “bicefalia na política de protecção do património”. Enquanto a DGEMN, anterior à constituição do IPPAR, efectua especialmente intervenções nos edifícios classificados e monumentos nacionais, o Instituto Português do Património Arquitectónico dedica-se especialmente à gestão de monumentos, alguns dos quais classificados ao nível nacional. O seu estabelecimento deu-se no início dos anos noventa pela necessidade de uma instituição gestora do património, quando já sofreu intervenções.

Em Junho de 1992 foi estabelecido pela Lei Nº 106-F/92 o Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico.

Perante a situação de falta de gestão, de linha condutora mais concreta e financeiramente assegurada de protecção dos monumentos, verificou-se a necessidade da criação duma nova política geral para com os monumentos.

O IPPAR desdobra-se na gestão dos monumentos, especialmente os de interesse público. O Instituto estabelece as linhas condutoras para a sua actividade em períodos de seis anos. Desde o ano 1996, estabelece-se uma nova relação para com o património, tendo em foco uma relação mais viva e activa ente a sociedade e os seus bens culturais.

Defendem-se as intervenções globais e coerentes, que tenham em conta a situação actual dos monumentos, a sua evolução histórica, conceitos contemporâneos e

tecnologias de intervenção. “Esta nova atitude passa por uma gestão integrada do património baseada fundamentalmente na descentralização e na contratualização.”

No período de 2000-2006, como as novas linhas de condução na relação com o património foram identificadas as seguintes:

- “Nova atitude perante o património
- Novo relacionamento com os demais agentes e entidades ligadas directa ou indirectamente com o património (as Autarquias, a Igreja, as Misericórdias, as Fundações e Associações de Defesa do Património, as Universidades, a Comunidade Científica, outros organismos da Administração Pública e os particulares em geral)
- Reconciliação da sociedade com o património
 - interpretação *humanista* com o património
 - uma visão *abrangente e globalizante* das intervenções
 - uma *gestão integrada* “⁴

II.2.3 Recuperação e valorização das paisagens

No foco patrimonial, surge o problema da preservação das paisagens historicamente significantes. Determinando a sua natureza, são um património em permanente evolução dinâmica (natural, mais complexa e difícil) e a tentativa de preservar algumas suas feições ou estado de uso considerado mais valioso, torna-se sempre mais complicada.

O problema da valorização da paisagem cultural, assemelha-se ao problema da recuperação dos edifícios históricos que ao longo dos tempos adicionavam partes de construção com diferentes valores arquitectónicos e históricos. As camadas mais novas foram-se sobrepondo sobre as mais antigas, mas nem sempre apagando os traços anteriores. As marcas detectáveis no corpo da construção revelam formas de construção e de aparência geral do monumento nas épocas anteriores.

Na paisagem não existe a possibilidade do purismo arquitectónico e mesmo na recuperação arquitectónica, este conceito já foi há muito abandonado, e particularmente o restauro em estilo

Uma vez identificado o valor mais apreciado nas paisagens rurais de dada região, pode induzir a adaptações inadequadas deste modelo noutros sítios. O sistema de subsídios é neste contexto problemático, impondo muitas vezes acções demasiado generalizadas e pouco aptas às condições concretas.

⁴ IPPAR 2000: *Património – balanço e perspectivas 2000-2006*, Lisboa, Ministério da Cultura, (p.19)

À semelhança dos falsos nas artes plásticas, após a identificação e reconhecimento de valores dos concretos aspectos mais valiosos dum certo tipo das paisagens culturais, podem surgir por inapropriada gestão os seus “falsificados”. Trata-se da inclusão de elementos ou mesmo soluções de uso implantadas artificialmente às paisagens, copiando os aspectos históricos valorizados noutra paisagem. Autores suecos identificam-nos como “historically authentic illusion” (Gustavsson&Pettersson 2004).

O perigo para as paisagens assim é de perder a sua autenticidade, razão da sua existência específica no espaço concreto.

A generalização, modelos de sucesso adoptados a outros sítios sem correlação de específico local do sítio concreto, sua história e memória, pode levar a falsificações da história da própria paisagem, impondo-lhe ligeiramente diferentes parâmetros, que a transformam numa “caricatura”. A existência desse perigo apontaram as recentes investigações, porque:

“The farmers also tend to do what they get paid for and not start na argument about subsidies given, whether these correspond to the farm’s history or not. If this situation is allowed to continue, there will be homogenisation within áreas and we will get false Picture of the past that we set out to capture.”⁵

Como uma possível solução deste impasse, surge a aposta na identidade das paisagens. Uma preservação, que incluísse não apenas as componentes tangíveis, mas dinamicamente também os significados e razões da sua existência.

A possibilidade de preservar e ao mesmo tempo permitir certa evolução, para manter a vida na paisagem e ao mesmo tempo possibilitar a transposição dos seus valores para o futuro.

“If we accept management aiming at identity preservation, it should be concerned with the maintenance of a specific pattern of ecosystems within each landscape within continuing processes of change.”⁶

Mas o percurso que levasse a preservar este factor significa uma mudança de atitudes para com o património. A identificação das linhas condutoras é precursor, mas deve estar seguido não apenas por regulamentos, mas pela educação para o seu reconhecimento. Esta atitude determina uma consciencialização geral sobre as paisagens como património e seus valores.

⁵ Gustavsson, R., Peterson, A., *Authenticity in landscape conservation and management: the importance of the local context*, in: *Landscape and Urban planning 2004*

⁶ Pinto-Correia, T., *Landscape identity, a key for integration*, in: *Landscape our home* (ed. B. Pedroli) 2000

II.24 Valorização e preservação versus musealização

A variedade de vestígios históricos normalmente aumenta a riqueza cultural da paisagem. A sua natureza dinâmica aceita na maioria dos casos estas modificações e acrescentos, evoluindo num complexo novo, mas mantendo sua estrutura elementar. A maioria das paisagens engloba várias camadas culturais, não causando hesitações sobre o tempo histórico mais importante, mas adicionando novas dimensões à sua identidade (Gojda 2000).

No entanto, no caso das paisagens especificamente importantes como documento da evolução cultural, relação específica entre o homem e o seu ambiente, pode ser identificada a época mais relevante, ou melhor, a forma de uso mais significativa para a determinada paisagem.

É o caso das paisagens classificadas, onde a gestão deve estar centrada no tipo de uso identificado como o mais valioso para a cultura humana. Mas também nestes casos de valor concreto identificado a proteger, a gestão deve respeitar a dinâmica evolutiva, que brota da natureza das paisagens.

O conceito de museu está normalmente associado a uma preservação estável, fixa e de permanência imune para as gerações futuras. A natureza dinâmica das paisagens e suas componentes, parece pouco correspondente a este conceito.

Parece então, que a utilização do termo musealização não deveria ser utilizado em relação à paisagem, porque o entendimento da musealização é contra a natureza da própria paisagem, complexo dinâmico e sempre em evolução.

“O conceito de museu deve ser, definitivamente afastado da gramática aplicada a intervenções em sítios históricos, arqueológicos, de interesse paisagístico ou outro. A palavra está demasiado ligada ao conceito de reunião de colecções de objectos que é o mais adequado, devendo antes ficar-se pelo termo sítio, mais de acordo com as complexas relações entre monumentos, paisagem e intervenção humana, criadoras de unidades e ligações entre as parte de um todo, que temos interesse em preservar, estudar e valorizar. Daqui se depreende que musealizar um espaço, é uma acção que não faz sentido, devendo antes falar-se em recuperação, valorização ou integração paisagística, mais de acordo com o espírito dos sítios.”⁷

No entanto, existem os contextos, onde a palavra “musealizar” se entende adequar ao sítio.

A publicação francesa de “*Musées et paysages*” tenciona explicar a relação entre os dois conceitos – historicidade e contemporaneidade das paisagens assim como da sua musealização. Para os autores (Delarge e Davallon 1997), o termo dos museus ainda continua a ser utilizado no sentido de valores históricos inerentes às paisagens, que deveriam ser identificados e preservados para poderem ser transmitidos às novas gerações. Cada paisagem possui a sua memória própria, constituída pelas marcas de

⁷ Cruz, J., *Uma paisagem cultural em Selmes (Vidigeira)*, tese mestrado Universidade de Évora 1995, (pag. 26)

intervenções prévias, que podem ser decifradas. *“Il en résulte la sensation qu’il existe une identité du territoire qui émane de la complexité de sa construction dans le temps et l’espace”*.⁸

Procurar a identidade, e o espírito do lugar das paisagens é uma obrigação justa especialmente para a posterior intervenção (Delarge 1997).

Francoise Choay, uma das mais destacadas teorizadoras do património nas últimas décadas, defende, que o monumento cultural, histórico, é valorizado pela identidade, que lhe é adjudicada pela população de dada cultura, e mantida pela sua memória colectiva.⁹ Geralmente avalia como mais importante o conhecimento, tanto histórico como cultural, que atribui o valor aos monumentos.

Em geral, Choay expressa uma desistência e antinomia à tendência de musealização, considerando os museus uma necessidade da sociedade globalizada, que omite as exigências da população local. A sua explicação reflecte-se nas tendências da protecção do património após a viragem do milénio, expressadas, entre outras, na Carta de Cracóvia, Carta de Turismo Cultural e Convenção Europeia da Paisagem; ou seja, com foco especial na relação das populações locais com o património que as engloba.

Preservação da paisagem rural

O movimento conservacionista do espaço rural iniciou-se especialmente na Grã-Bretanha, quase imediatamente após a segunda grande guerra. Após a importância dada ao espaço rural durante o conflito, como símbolo de resistência nacional, iniciou-se desde os anos cinquenta um movimento de regresso ao espaço rural. Este facto, chamado “counterurbanization”, deu-se especialmente das zonas SW e SE de Londres, onde o acesso à grande cidade era fácil, no fim dos anos cinquenta (Murdoch, et al. 2004). Mais tarde tornou-se menos concentrada, ligada a centros e cidades menores no meio rural. A luta pela manutenção da identidade das zonas rurais tem a sua própria história, o que é comprovado por numerosos acordos sobre o assunto.

No caso Português, para a preservação das paisagens, um dos passos importantes foi a atitude interventiva do Prof. Gonçalo Ribeiro Telles, e concretamente, a publicação de um artigo no Correio da Natureza, num número dedicado especialmente à preservação do património. No mesmo número encontram-se artigos de recapitulação da preservação das paisagens protegidas e parques naturais. Um foco especial na arqueologia da paisagem confirma a importância da presença dos elementos da história ancestral nas paisagens actuais portuguesas.

No seu artigo Telles fala sobre as “paisagens históricas” como sistemas equilibrados ecologicamente e esteticamente, e sobre o padrão de distribuição humana adequado às condições de sustentabilidade. Nele assume as paisagens históricas, como criadas pela

⁸ Delarge, A., Inventories le paysage le paysage au contemporain : une technique de gestion du patrimoine ?, in: Musées et paysages, (ed. Eidelman), Lyon 1997

⁹ Da palestra referida na Universidade de Évora dia 15 de Março de 2005.

população ao longo dos tempos “A gradual afirmação da identidade cultural de um povo, vincula-se através do encontro desse povo com a terra...”¹⁰ E salienta a autenticidade local de cada paisagem: “Cada paisagem histórica circunscreve-se a uma região natural e a uma mesma cultura histórica de humanização do território.”¹¹

A gestão das paisagens fortemente influenciadas e ligadas com as suas populações deve desenvolver-se respeitando a importância do Genius loci, carácter e identidade de cada paisagem. A impossibilidade da sua repetição para o homem que esteja afectivamente ligado com uma paisagem concreta, considera-se das mais importantes razões para a sua preservação.

II.2.5 Importância da ligação da população à sua paisagem

As mudanças cada vez mais rápidas das paisagens ao nível da sua aparência e funcionalidades, tornam-nas pouco parecidas com as tradicionais e portanto dificilmente legíveis.

*“The increasing speed of changes is also affecting our relationship with the environment and the landscape”*¹²

A criação de novas relações funcionais e emocionais, é um processo a longo prazo. Verifica-se especificamente problemático nas sociedades bastante tradicionais como a do Alentejo. Ainda permanece entre a maioria das populações o entendimento productivista, (funcional das paisagens), estando ainda em falta o passo para o usufruto lúdico (ou mais hedonista).

No âmbito da publicação do Ministério do Ambiente da República Checa: *A paisagem cultural ou porque a preservar? – tema para o século XXI* referida, Hájek¹³ sugere um motivo alternativo, porquê preservar a paisagem cultural, após levantar um pouco da questão “herege” se não será melhor deixá-la desaparecer, já que é disso, que se trata na maioria do território europeu. Neste artigo sugere preservar apenas umas partes mais significativas para a humanidade – população europeia pela sua necessidade de purificação/filtro das megapólis (de motivação ecológica e político organizativa defendendo uma preservação da memória da civilização europeia). Sugere apenas a preservação das zonas mais valiosas e significativas enquanto o território restante seria abandonado, no tal chamado “rural wilderness” ou agro-desertificação. Ele próprio chama esta tática de “desistência” ou “fuga organizada”.

“Com a ajuda de leis e subsídios assegurar que alguns troços (zonas) da paisagem cultural, mais importantes do ponto de vista estético, mas especialmente da estrutura da memória da paisagem

¹⁰ item, ibidem

¹¹ G.R. Telles, A conservação das paisagens históricas e rurais, in. Correio de Natureza Nº17, 1992 (pag.52-55)

¹² Antrop, M., Where are the Genii loci?, in: Landscape our home (ed. Bas Pedroli), Stutgardt 2000 (p.33)

¹³ O filósofo, médico, ecologista e acessor de Ministro do Ambiente da Rep. Checa.

(estas zonas são objectivamente detectáveis), sejam protegidas e ligadas entre si, criando uma rede completa, apesar de cercada pelo deserto/ermo/desterro/páramo/sertão rural, para poder agir tanto a distância como a subconsciência, como o contacto imediato." ¹⁴

Já foi referida a importância da influência da paisagem cultural para o homem e seu saudável desenvolvimento. Mas esta proposta, ergue-se contra a carta de Helsínquia, consistindo uma negação do acordo sobre a preservação da agricultura extensiva polifuncional (centrado no suporte e desenvolvimento das zonas menos favorecidas).

Conclusão parcial

O valor das paisagens culturais levanta-se cada vez mais, quando os tipos de paisagens culturais tradicionais estão a desaparecer. No contexto português, ainda vive a geração que continua a manter o tradicional, muito trabalhoso e demorado cultivo da terra sem significativas recompensas económicas. O sistema de ligação imediata à paisagem nas pequenas hortas, rebanhos de auto-sustentação etc., ainda mantém uma grande parte do mosaico tradicional. Com a ameaça do seu desaparecimento, levanta-se a necessidade da preservação da paisagem como o ambiente da identidade, espaço de manutenção da memória das populações.

Enquanto a preservação do património construído alarga-se para as envolventias e para os conjuntos, o espaço prevalentemente rural foi maioritariamente conservado por razões ecológicas. Presentemente revela-se a necessidade da preservação da paisagem cultural como um todo inseparável arquitectónico e ecológico. Dentro desta complexidade acresce-se também a necessidade da opinião pública, sendo impossível centrar-se apenas nos pareceres dos peritos enquanto a população vive no espaço, mantém a parte da sua memória e deve continuar a usufruir deste e mantê-lo após os estudos serem concluídos.

Para as propostas de preservação dos maiores valores da paisagem deve considerar-se a vida futura do espaço (Carta de Veneza 64) e o facto de que "*authentic rural landscape doesn't have to be a frozen time specific reconstruction of paradise. It can also be a multi-layer paradise in progress.*" (Gustavsson & Peterson 2004).

Nesta vertente de património vivo, vivido e sempre co-criado, parece estar o caminho para as intervenções de valorização do património da paisagem rural:

- Pensando na realização de uma reposição dos valores para o futuro da paisagem, e para o futuro dos seus diferentes utilizadores.
- Criando uma nova utilização do espaço, que continue o desenvolvimento das paisagens para um entendimento entre estas e os seus utilizadores.

¹⁴ Hájek, T., *Aneb proč chránit kulturní krajinu?* (porque proteger a paisagem cultural?) in: *Kulturní krajina, téma pro 21 stol. aneb proč ji chránit?* (Paisagem cultural, tema do séc. 21 - por que a proteger?, Praga 2000, (pag.24)

II.3.1 Valorização actual da paisagem

A paisagem tornou-se nos anos 90, uma palavra-chave não só em ciências naturais, mas também entre as ciências humanas (Cílek 2002). Tem-se dado cada vez maior importância aos contextos específicos do espaço rural, como forma de contra pôr o meio cada vez mais globalizado. A importância e riqueza de cada nação, encontra-se no seu entendimento, posicionamento espacial e paisagens regionais. As suas especificidades regionais e locais permitem ao homem ancorar-se num sítio, numa paisagem, e assim poder enfrentar a sua envolvente globalizada.

Enquanto as paisagens culturais tradicionais estão a perder a sua autenticidade, está a aumentar o interesse da sociedade actual por elas (Pinto-Correia & Vos 2004). As populações esperam mais diversificadas funções das paisagens tanto quotidianas, como as “de recreio”.

Monforte, pequena vila no interior do Norte Alentejano, procura a sua identidade no espaço modificado da Europa alargada e Península Ibérica progressivamente mais densa mas com fortes assimetrias regionais. Uma das possibilidades de luta contra o esquecimento e abandono deste espaço é a valorização da riqueza local, que muitas vezes é incompreendida. Entre os valores mais esquecidos até hoje encontra-se a paisagem rural, que neste caso ainda mantém características próprias e elevado grau de multifuncionalidade (Cancela d’Abreu et al. 2004).

As populações que hoje vivem no ambiente rural, não sentem o perigo real da descaracterização da sua paisagem, apenas verificam o esvaziamento e abandono do espaço em geral.

II.3.2 Ligação do homem à paisagem

Múltiplas formas de percepção, orientação, avaliação e caracterização dos sítios têm sido foram investigadas especialmente desde os anos sessenta; Kevin Lynch descreveu situações urbanas no seu já clássico livro “A imagem da cidade” de 1960. Entre outros autores que discutiram sobre esta temática podem mencionar-se: Gordon Cullen, “A forma da cidade” 1965; Gregotti “A forma do território” 1965; Robert Krier “Espaço Urbano” 1975; Norberg-Schulz “Genius Loci” 1979; Jenks “A arquitectura do espaço descontínuo” 1995.

Os estudos centraram-se na procura de organização funcional, preferências espaciais do homem e sua orientação. Na área da psicologia, levaram as investigações à identificação de mapas mentais e orientação espacial do homem no seu ambiente, tanto artificial como natural.

Abordagens de forma a encontrar a ligação afectiva e das raízes ecológicas do homem, desenvolveram-se especialmente nos anos oitenta (baseando-se nas tendências mais antigas como de H.D. Thoreau) desenvolvendo mais tarde esta vertente entre outros Konrad Lorenz, Erazim Kohák e Stephen Kaplan.

A ligação do homem com a sua paisagem, pode ser estudada de diversos outros ângulos. Simon Schama (1996) procurou a sistematização dos significados, decifração das realidades históricas e simbólicas que levaram a mistificar as paisagens procura. Seu trabalho toca também nos significados dos arquétipos do Paraíso e Arcádia, que em conjunto com as relações espaciais históricas e presentes foi desenvolvido especialmente por Christian Norberg-Schulz (1986).

II.3.3 Identidade e memória da paisagem

Em seguida mencionam-se alguns dos estudos que se preocupam com a identidade, memória da paisagem e formas de sua preservação e valorização. Estes estudos foram desenvolvidos em vários sítios, com uma visão de transposição dos valores inerentes às paisagens de hoje para os seus futuros utilizadores. Alguns debruçam-se mais sobre a metodologia de intervenção, outros já referem a aplicação de métodos de intervenção em casos concretos, ou identificam as linhas condutoras para os projectos concretos, mencionando os quadros legais para tal intervenção.

Todos os estudos trazem um olhar inovador à problemática, sendo possível distinguir três vertentes da sua aproximação ao problema. A lista não pode ser completa, portanto apontam-se apenas alguns casos como contributo aos diferentes olhares sobre a problemática.

Aceleradas mudanças de uso de solo, abandono da agricultura tradicional e trabalho da terra em geral, com capacidade de modificar o carácter de território em sempre maior escala, leva à perda da identidade do ambiente e conseqüente perda da memória da paisagem. Ambos os estudos sobre esta problemática aqui incluídos, sobre o N-O da Boémia, em situação de perda de memória do território por extrema degradação física. No entanto, muitas das paisagens europeias, especialmente as marginalizadas, sofrem do perigo de perda de memória por causa do abandono e esquecimento. A sua perda não passa pela destruição do suporte físico da memória da paisagem, mas sim, da identidade, sua componente intangível (os significados ligados à paisagem e mantidos pela memória colectiva dos seus utilizadores).

As possíveis formas de gestão integrada (com cuidado especial para com os valores histórico-arqueológicos), levou tanto aos estudos mais conceptuais de linhas condutoras de intervenção desejada, como à formulação de directivas de preservação e intervenções mais concretas, sob forma de classificação de parques culturais.

Exemplos de estudos sobre a memória da paisagem e a sua perda

- **Heterogeneidade da paisagem: o critério quantitativo para a reconstrução da paisagem** (Sklenička, T.; Lhota, T.; 2002)

Estudo de engenharia de paisagem e recursos hídricos que foi desenvolvido na zona destruída pela extracção superficial de carvão no Noroeste da Boémia. A intenção da investigação foi de definir linhas mestras para a “recultivação” da área de Chabarovice (1400 ha), para melhorar a biodiversidade da zona e identificar a sua organização espacial geral.

Dos estudos comparativos entre as áreas adjacentes e o estado histórico da paisagem como documentada em 1841, foram identificadas as manchas de diferentes tipos de uso do solo, vegetação natural e distribuição da rede hídrica, viária e de humanização do território. Após a perda da memória da paisagem, a criação do seu novo padrão deve ser muito cuidadosamente definido, para se identificar com a sua envolvente. As formas de uso do solo, comprimento de orlas de matas, campos e distribuição espacial, tamanho e forma de manchas de vegetação devem corresponder à envolvente assim como às exigências de sustentabilidade ecológica. A nova localização dos espaços humanizados (camada cultural da paisagem) deve coincidir com a sua distribuição na área envolvente, para não violar a estrutura da memória real ainda existente.

O estudo conclui, que é impossível aumentar a biodiversidade da área recentemente transformada sem que o território envolvente esteja ecologicamente equilibrado. Assim a intervenção não deve restringir-se à área de estudo mas intervir na melhoria de biodiversidade de toda a região. Os conceitos a seguir defendem a ligação de formas a propor com as existentes no território envolvente, e a melhorar.

- **Lomský potok: Archeologie a Krajinná ekologie** (Brůna, J.; Beneš, V.; 1994)

A prospecção arqueológica das grandes superfícies indicadas à extracção de carvão no Noroeste da Boémia, proporcionou um conhecimento de grandes áreas e profundidade da história daquele território. No caso do vale da ribeira Lomský potok, a investigação confirmou a localização sucessiva de centros (sedes aglomerativas de várias culturas pré-históricas. As épocas do neolítico, época do bronze superior, época de cultura latén e mais tarde também as sedes aldeãs medievais e posteriores.¹

Os autores sugerem a explicação desta repetida localização como o estado de equilíbrio ecológico (homeostasis) da paisagem. Trata se do estado, onde o mosaico do território se encontra mais diversificado, mais estável. Esta situação implica certa densidade de povoações, antes de se atingir a capacidade ecológica da paisagem.

¹ Épocas 5500-4000 B.C., 1350-800 B.C., 500-0 B.C., (cartografia militar de 1775)

“As sedes/ povoados representam diferentes tipos de ocupação em termos de uso do solo, estrutura sociológica e contexto histórico. A semelhança das suas estruturas espaciais e localização comprova a tendência dos ecossistemas anteriores para reproduzir os estados semelhantes ao seu.”²

Os autores chamam a esta repetição da estrutura do território a memória da paisagem. Consideram que, após a sua destruição não há possibilidade de repetição de formas perdidas. O território, que perdeu sua memória pela forte intervenção (desde a superfície até à profundidade de dezenas de metros) começa a desenvolver-se na base da sua nova configuração (novas condições geomorfológicas, hídricas e de ‘inputs’ do homem).

O trabalho de estudo caso de Lomský potok apenas documentou a fase anterior à perda da memória, desvendando a sua riqueza. A recuperação que deverá seguir não pode devolver a paisagem à sua memória anterior, mas deve aproximar-se a um estado de equilíbrio, cuja anterior existência se terá confirmado.

“Especialmente por tal razão, para que a paisagem não perdesse a memória para sempre.” A frase final do estudo, entende-se como a possibilidade da criação de uma memória nova.

Exemplos de estudos de classificação dos Parques culturais

- **A Management Plan to Balance Cultural and Natural Resources: The Minute Man National Historic Park Case Study** (Gavrin, B.J.; Fabos, J.G.; Rasmussen, M.; Ahern, J.; 1993)

Trabalho desenvolvido e publicado na Universidade de Massachusetts por colectivo de autores, procurou as linhas condutoras para a gestão do parque cultural. Para este fim desenvolveram-se formas de avaliação e identificação do carácter histórico da paisagem.

O acontecimento histórico mais significativo da área, que deu início à classificação da paisagem para parque histórico, foi a batalha de 1775, na guerra da independência dos EUA, conhecida por “Running battle”.

A metodologia escolhida identifica seis épocas históricas, comparando a sua documentação histórica com o estado actual da paisagem, identificando o seu nível de carácter histórico. O estudo baseou-se especialmente nos tipos de uso do solo nas diferentes épocas, mas considerando a compartimentação das parcelas e pequenas construções inerentes à paisagem (muros, caminhos, etc.).

Os autores identificam quatro níveis de preservação do carácter histórico da paisagem. Para cada uma destes estabelecem directivas de gestão diferenciadas desde a protecção

² Brůna, J., Beneš, V., *Archeologie a Krajinná ekologie*, Praha 1994, (pag. 43)

e estabilização, à intervenção para reforço do carácter histórico. As zonas com mínimo valor histórico sugere-se apenas “esconder”, não se forçando o seu carácter, para não interferir com a coerência do conjunto histórico notável.

Para a interpretação do acontecimento principal da área, da “Running battle” de 1775, sugere-se a localização de explicações nos sítios concretos dentro da paisagem, tal como aconteceram, explicando o significado geral e pormenores da batalha. Sugere-se também o reforço geral do carácter histórico da paisagem para o da época da batalha (tipos de culturas arvenses, divisão de parcelas, etc.).

- **O Parque Cultural de Tourega / Valverde** (Barata, F.T.; Mascarenhas, J.M.de; 2002)

Trabalho publicado por CIDEHUS-UE, contempla o conceito de parque cultural e seu papel entre as formas de protecção do património. Numa zona a sudoeste de Évora, conforme os valores inerentes ao local e dimensão adequada, os autores delimitam a área do parque cultural.

O trabalho abrange os valores inerentes à paisagem (culturais, naturais, patrimoniais, arqueológicos e arquitectónicos) com especial foco na fitossociologia e na ocupação da época romana. Com bastante detalhe o estudo trata os valores estéticos da paisagem como a qualidade visual etc.

A presença da villa romana de Tourega, está a ser documentada no desenvolvimento da sua história. Quanto às sugestões de intervenção e gestão, os autores ponderam a necessidade de mais pormenorizada investigação arqueológica especialmente no espaço mais alargado envolvente à villa romana, e a sensibilização da população e agentes locais. Ponderam a importância de plano de gestão adequado para o parque, que assegure o suporte económico e uma forma de interpretação dos valores patrimoniais adequada.

“Pelas suas características específicas, esta região apresenta boas condições para o aproveitamento museológico de muitos dos seus elementos, contribuindo assim para o reforço da memória colectiva regional, assente no território, para a reanimação desta área rural e para o seu desenvolvimento sustentável.”³

³ Barata, F.T., Mascarenhas, J.M.de, *O Parque Cultural de Tourega / Valverde*, Évora 2002, (pag30)

Exemplo de abordagem arqueológico-paisagística

- **Uma paisagem cultural em Selmes (Vidigeira): São Pedro, São Luis e a Cegonha / Contributo para a aproximação a uma metodologia de intervenção** (Cruz, J.P.S. da; 1995)

Trabalho académico, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, desenvolve ideias de tratamento do património de duas villas romanas, uma quinta e seu ambiente de um ponto de vista não apenas paisagístico, mas também da arqueologia da paisagem.

O estudo procura identificar prioridades para um programa de acção pormenorizado. Define as linhas condutoras para a futura investigação – assinalando as localidades e tipo de prospecção especialmente arqueológica, formas de futura gestão de todo o parque e seu aproveitamento turístico.

Sobre a paisagem em si, pronuncia-se apenas contra a sua musealização, deixando-a ao seu desenvolvimento, flexibilidade temporal mais natural. No entanto sugere um tratamento de enquadramento histórico-paisagístico para as zonas de maior valor histórico, onde o tempo da intervenção corresponda aos tipos de uso da paisagem da época a que remonta o monumento.

II.3.4 Enquadramento metodológico do estudo

O presente trabalho insere-se na categoria dos estudos qualitativos.

Concentra-se nas três vertentes da paisagem cultural: histórica, contemporânea e de relação dos utilizadores com a paisagem. Procura a caracterização da paisagem em cada uma das vertentes e cruza os seus resultados em forma de triangulação.

O resultado deste estudo é o modelo de estrutura da memória cultural da paisagem. A sua identificação, noutros casos semelhantes deverá servir de fundamentação para as valorizações de paisagens culturais.

III.1 Selecção e delimitação do estudo caso

Procurou-se uma paisagem rural nas proximidades duma povoação, com ligações concretas entre a sua população e paisagem.

Foi escolhida uma área de escala local com um elemento central forte e uma vila de tamanho diminuto. O elemento central da paisagem estudada é a Ribeira Grande, que nasce no concelho de Monforte e corre para Oeste. O seu curso determinou a espinha dorsal da paisagem estudada, que se delimita no vale da ribeira ao longo de quatro quilómetros iniciais, próximo de Monforte.

A acessibilidade fácil do domicílio, permitiu frequentes visitas ao espaço do estudo caso, assim como uma contínua reflexão da paisagem mesmo durante a parte teórica do estudo.

A delimitação concreta recorreu inicialmente à compartimentação natural do espaço ao longo da ribeira, alargando-se após a realização do pré-teste. A razão para o aumento do troço da paisagem inicialmente considerado, deve-se à identificação dos seus utilizadores e extensão espacial das suas ligações com esta e actividades desenvolvidas.

A paisagem rural monfortense da Ribeira Grande estende-se desde a criação da Ribeira Grande (confluência de Ribeiras de Assumar e da Coutada) até à ponte do Almuro. Esta ponte na estrada para Fronteira (sobre a Ribeira do Almuro e seu desaguar na Ribeira Grande), é o último ponto de referência repetida como ainda pertencente à paisagem de Monforte, e ao troço da Ribeira Grande monfortense.

A ribeira Grande assume-se como o cerne estruturante da paisagem em estudo, que se desenvolve ao longo do vale relativamente pouco pronunciado. Em relação a este elemento estrutural central do território, foram-se distribuindo os vários sítios humanizados e várias funções sucessivas.

III.2 Recolha de informação e caracterização do estudo caso

III.2.1 Caracterização geral da paisagem da Ribeira Grande

O estudo caso enquadra-se dentro da classificação nacional das unidades da paisagem. A classificação foi desenvolvida e realizada no âmbito da Identificação e Caracterização das Paisagens de Portugal Continental pela equipa da Universidade de Évora, e concluída recentemente (Cancela d'Abreu et al. 2004). A equipa que elaborou a classificação foi coordenada pelo Prof. Alexandre Cancela d'Abreu, Prof. Teresa Pinto-Correia e Arq.Pais. Rosário Oliveira.

Seguidamente caracterizam-se os aspectos gerais da paisagem em estudo e relação com as suas envolvências, no âmbito de planície Norte Alentejana.

Na seguinte descrição do estudo caso identificam-se três troços da paisagem diferenciados ao longo da Ribeira Grande.

III.2.2 Caracterização biofísica da paisagem da Ribeira Grande

Inclui-se nesta caracterização tanto a descrição da componente geomorfológica e climática como vegetal do espaço da paisagem da Ribeira Grande.

Caracteriza-se a paisagem em estudo em termos de geomorfologia, fitossociologia, hidrologia e climatologia, incluindo também classificação fitossociológica e identificação da vegetação predominante e potencial.

Após a caracterização mais geral das envolvências da paisagem da Ribeira Grande, prosseguiu-se com a recolha de informação sobre o caso de estudo. Foram seguidas três vertentes:

- Caracterização da paisagem no conjunto das suas componentes naturais e construídas, no estado actual, para a compreensão do potencial actual da paisagem a desenvolver no futuro. Verificação da correspondência das fontes de documentação do estado actual com a realidade.
- Definição dos aspectos históricos da paisagem e das suas componentes - elementos historicamente significativos. Nas três épocas documentadas pelas fontes históricas acessíveis, o estudo observa as imagens históricas da paisagem da Ribeira Grande, baseadas nas formas de uso do solo em cada época.
- Identificação da relação dos utilizadores com a sua paisagem. Revelação da ligação entre a população local e a sua ribeira.

III.2.3 Caracterização histórica da paisagem

Objectivos

Foi entendida como uma necessidade essencial de conhecer a história da paisagem para uma posterior intervenção fundamentada e holística. Para compreender as mudanças ocorridas na paisagem e nos seus elementos, foram estudadas várias épocas historicamente significativas.

Para criar uma imagem histórica do território, foram consultadas várias fontes, centrando-se nos 300 anos mais recentes.

A pesquisa da documentação histórica

Foram consultadas três fontes essenciais para o conhecimento da história do local.

- *Levantamento arqueológico* do Concelho de Monforte (realizado no concelho pelo arqueólogo Eduardo Gallardo, assistido pela restauradora da CM de Monforte, Patrícia Cutileiro em 1995)

- *Livros de Notas do Cartório Notarial de Monforte de 1809-1827* (depositados no arquivo distrital de Portalegre); *Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Monforte de 1815 – 1816* (depositado no arquivo histórico da Câmara Municipal de Monforte); *Livro do Tombo dos Bens da Villa de Monforte de 1638* e *Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Villa de Monforte de 1651* (depositados no arquivo histórico da CM de Monforte); *Livros do Tombo das Arrematações da Câmara da Villa de Monforte de 1809-1816* e de *1809-1839*

(depositados no arquivo histórico da Câmara Municipal de Monforte). Em ambos os arquivos o limite temporal estudado foi centrado nos anos 1813-1816. Procuraram-se as inscrições sobre arrendamento, venda e troca de terrenos em redor da Ribeira Grande, de maneira a definir o tipo mais frequente tipo de uso do solo e de tal forma a aproximar-se à imagem da paisagem da época.

- *Memórias paroquiais (1758)*, em transcrição preparada em Setembro de 1998, pelo historiador José Inácio Militão da Silva, para posterior edição (da Câmara Municipal de Monforte).

Resultados da pesquisa histórica

Na base dos resultados da informação obtida dos documentos estudados foram definidos elementos mais significativos para a história da paisagem. Foi criado um mapa de representação de componentes importantes nas épocas históricas estudadas. A caracterização histórica foi incluída na descrição de sítios e elementos com importância para a paisagem cultural.

“Teia morta da memória da paisagem cultural” entende-se como uma memória da paisagem, seus elementos e ligações internas preservada sob forma de documentação histórica escrita ou pelos vestígios e marcas no próprio território (revelados arqueologicamente). Remetem à memorização de anteriores estados da paisagem.

III.2.4 Caracterização do estado actual da paisagem da Ribeira Grande

Objectivos

Estabelece-se como um dos pressupostos base o conhecimento detalhado da paisagem estudada e dos seus elementos. Para a caracterização da paisagem numa perspectiva holística, para além da análise da informação fornecida pelas fontes escritas e gráficas, as visitas ao terreno são forma insubstituível de recolha de informação.

A pesquisa no terreno

Baseando-se na cartografia existente, prosseguiu-se com visitas repetidas à área de estudo, procurando o estado actual dos elementos representados nas Cartas Militares Nº 398 (de 1967) e Nº 384 (de 1970) e na Carta Corográfica Nº 32-D (de 1975). Consequentemente descreveu-se o carácter da paisagem, seus elementos, formas de uso e as actuais funções da paisagem.

As Memórias Paroquiais revelaram-se como a fonte mais rica e pormenorizada da descrição da imagem histórica da paisagem e dos seus componentes na época de metade de século 18. O estado dos elementos descritos procurou-se no terreno. Consequentemente, após a realização das entrevistas e revelação de novos componentes significativos da paisagem, pesquisou-se o espaço estudado para revelar a sua actual existência. Destas observações resultaram as descrições detalhadas das componentes da paisagem estudada.

As várias observações no terreno decorreram entre Dezembro de 2003 e Dezembro de 2004 para incluir a análise de todos os elementos da paisagem, e verificar a existência dos entretanto indicados pelas outras análises, assim como para abranger todo o ciclo anual da paisagem.

Resultados da pesquisa no terreno

Baseando-se no carácter e no estado actual da paisagem e seus componentes, foram diferenciados três segmentos da paisagem estudada.

Os sítios e elementos significativos neste espaço rural foram graficamente representados. A sua importância foi avaliada com base no significado para a paisagem envolvente, estado de preservação, acessibilidade e possibilidade de revitalização.

Os elementos foram agrupados pelo seu carácter (construídos / naturais) e seu tipo funcional. Para cada elemento foi criada uma descrição pormenorizada incluindo sua importância dentro da paisagem cultural na actualidade, para a história e comentários da relação dos utilizadores com estas. Esta descrição pormenorizada encontra-se nos anexos.

III.2.5. Caracterização da relação dos utilizadores com a paisagem

Definição de objectivos

Através de entrevistas semi-directivas procurou-se a relação dos vários utilizadores da paisagem com a paisagem da Ribeira Grande no passado, presente e as expectativas para o seu futuro.

Caracterização do tipo de entrevista

Para a obtenção de informação mais alargada, optou-se pela forma de entrevista semi-directiva. No guião foram utilizadas perguntas abertas, fechadas simples e fechadas com múltiplas respostas (Padua 1992). O modelo de entrevista semi-directiva permitiu às pessoas expressar-se mais largamente sobre o assunto que lhes seja mais familiar. Normalmente após uma pergunta fechada simples, segue-se a pergunta aberta, explicativa.

Procurando as mais variadas formas de uso do espaço envolvente à ribeira as perguntas abertas foram fontes essenciais de novas informações. Inquirindo sobre as formas de uso do espaço da ribeira no passado, as perguntas fechadas simples

ajudaram a distinguir as pessoas que nunca tiveram relação com a paisagem em questão. Enquanto à frequência de visitas ao espaço da Ribeira Grande foi utilizada a forma de pergunta fechada com múltiplas respostas para possibilidade de comparação de resultados. As expectativas futuras dos entrevistados foram também obtidas através de perguntas abertas para abranger o maior leque possível de ideias.

Foi formulado um conjunto de 8 perguntas organizadas em três grandes grupos:

- O conhecimento da paisagem envolvente da Ribeira Grande e seu uso quotidiano (perguntas fechadas simples e perguntas abertas)
- A relação com a paisagem da Ribeira Grande, funções e formas de uso no passado e no tempo presente (perguntas fechadas com múltiplas respostas e perguntas abertas)
- O futuro da paisagem ribeirinha e sugestões para o seu melhoramento (perguntas abertas)

As oito perguntas definidas incluem questões de conhecimento do território, seu uso no passado e presente (o guião de entrevista encontra-se em anexo).

Pela primeira pergunta procurou-se esclarecer de forma geral o nível do conhecimento do espaço da Ribeira Grande pelos entrevistados. O segundo grupo de perguntas procurou estabelecer uma comparação entre a relação no passado e no presente com a Paisagem estudada. Respostas ao terceiro grupo de perguntas deveriam equacionar elementos e actividades para desenvolver no espaço próximo da Ribeira Grande, reflectindo as perspectivas dos entrevistados. Foram divididas três vertentes: desejado uso da paisagem ribeirinha pelo entrevistado, expectativas sobre o potencial turístico do espaço; sugestões de beneficiação da paisagem em torno de Monforte em geral.

O pré-teste foi realizado dentro da vila no início de Março, aplicado a um grupo de três pessoas de diferentes características. Do conjunto de oito perguntas as três últimas revelaram-se como as únicas problemáticas. Verificou-se uma geral dificuldade de expressão de opiniões sobre o futuro. Foi modificada a ordem entre as três últimas perguntas e simplificada a sua formulação.

Construção da amostra

O grupo de pessoas a entrevistar foi definido numa amostra combinada - estratificada intencional e de máxima variedade (Patton 2001).

A definição intencional da amostra de máxima variedade (Patton 2001) foi aplicada de forma a abranger a representação de todos os tipos de utilizadores da paisagem da Ribeira Grande. Para obter as informações mais relevantes e complexas sobre a Ribeira Grande, os tipos de uso da paisagem estudada entenderam-se não só como os de ligação profissional (agricultores, donos de hortas) ou organizada (caçadores) mas também voluntária de género "hobby" (pescadores, colectores de cogumelos ou simplesmente visitantes). A classificação de entrevistado num dos grupos foi definida pela sua mais importante característica.

Para obter as informações mais relevantes e complexas sobre a Ribeira Grande, os diferentes tipos de utilizadores foram os representantes da população mais importantes, utilizando a forma de escolha de máxima variedade (sobre a forma de uso da paisagem estudada).

A escolha estratificada (Patton 2001) foi utilizada para aproximar a amostra à população e à sua estratificação. A identificação dos estratos significativos da sociedade monfortense, baseou-se na sua imagem social (definição da estrutura etária, sexo e ocupação da população do concelho obtida dos Censos concelhios de 2001).

A primeira forma de selecção foi de completar os grupos pré-definidos com base na representatividade de diferentes tipos de utilizadores do espaço da ribeira e correspondência às faixas etárias representadas entre a população de Monforte. Para esta escolha foram utilizadas as listas de caçadores e proprietários fornecidos por alguns trabalhadores da Câmara Municipal e do Grémio Agrícola.

“A bola de neve/a cadeia” (Patton 2001) foi outra forma de selecção de indivíduos para entrevistar. Uma vez que o tamanho da vila (1248 habitantes) permite fácil orientação entre os vários estratos de população, e obtenção de informação sobre as pessoas concretas mais ligadas ao espaço da Ribeira Grande.

No total foram entrevistadas 45 pessoas, das quais 41 residentes no concelho de Monforte. A quantidade total dos residentes entrevistados significa, que foram entrevistados 3,3 % da população da vila de Monforte, o que significa 1,2 % de população do concelho de Monforte.

Foram definidos oito grupos de dimensões desiguais de entrevistados: pescadores, caçadores, agricultores/proprietários, administrativos, trabalhadores manuais, idosos, jovens e turistas. A inclusão de cada entrevistado num grupo foi definida pela sua característica mais importante, sendo as relevantes para a relação com a Ribeira Grande as mais ponderadas.

Realização das entrevistas

A realização das entrevistas decorreu durante os meses Abril, Maio e Junho de 2004. Foram entrevistados 41 habitantes de concelho de Monforte e 4 turistas. A maioria das entrevistas decorreu dentro da vila de Monforte. Várias entrevistas aos proprietários/agricultores decorreram nos seus terrenos ou montes e os turistas foram maioritariamente entrevistados durante a “Monforfeira” no parque de feiras da vila. Realização das entrevistas durou entre meia hora e duas horas e meia, sendo o tempo médio de quarenta minutos.

Assegurou-se colocar sempre todas as perguntas existentes no guião da entrevista, mas foi permitida uma margem de extensão das respostas sobre os assuntos mais interessantes para o entrevistado. Por deste modo conseguiram-se respostas mais completas de quase todos os entrevistados. A única excepção foram algumas pessoas

idosas, que não se conseguiram transpor para o tempo futuro e responderam não imaginar nada no futuro e não poder inventar nem esperar nada no futuro.

As entrevistas acabaram quando foram representados todos os grupos pré-definidos e as referências às pessoas para entrevistar, dentro do método “bola de neve”, começaram a repetir-se demasiado, mencionando as pessoas já entrevistadas. Também as informações obtidas dos entrevistados se repetiam, mostrando-se menos enriquecedoras (Patton 2001; Lincoln & Guba 1985).¹

A cada entrevistado foram adjudicadas duas letras conforme a sua pertença ao grupo de utilizadores da paisagem da Ribeira Grande e um número conforme o seu ordem dentro deste grupo. Assim cada pessoa da amostra obteve um algoritmo de identificação composto por duas letras e um número.



Fig.4 Entrevistado AG1, Sr. Diogo no seu Monte de S. Gens.

A análise de resultados das entrevistas

Dois tipos de análise foram realizados, conforme os tipos de perguntas. A análise dos dados qualitativos restringiu-se na análise de conteúdo semântica (Serrano 1994). Os dados foram obtidos da maioria das perguntas sobre relações com o espaço, formas do seu uso e sugestões para o futuro. A análise quantitativa foi aplicada nas respostas sobre a frequência de visitas ao território, actividades decorridas, frequência de sítios visitados, e repetição das sugestões mencionadas.

Os resultados da análise qualitativa foram incluídos nas descrições dos sítios de maior importância para a paisagem cultural. A análise qualitativa comparativa (Patton 2001) foi aplicada na identificação da importância de cada um dos elementos na paisagem. Ambas as análises são apresentadas nos quadros sinópticos.

Os dados quantitativos obtidos especialmente das respostas sobre a repetição de visitas a cada um dos elementos foram tratados estatisticamente. Os resultados deste tratamento foram adicionados aos resultados qualitativos e à definição dos elementos mais significativos da paisagem. Da combinação de resultados quantitativos e qualitativos sobressaem os elementos mais importantes para a memória da paisagem, para o seu uso histórico, presente e futuro como entendidos pela população. Estes serão aqueles de maior ligação à população e com maior frequência de visitas (no passado assim como no presente) os quais levantam maiores expectativas em relação ao uso futuro do espaço.

¹ Patton menciona dois termos para este tipo de limite: “**redundancy criterion**” (primariamente utilizado por Lincoln&Guba em 1985), e a sua própria definição “**sampling to the redundancy**”, que descreve como “*minimum sample based on expected reasonable coverage of phenomenon...*” (Patton 2001)

A relação viva (ou ainda memorizada) da população com o seu território compõe uma “teia viva da memória da paisagem” constituída pelos elementos da paisagem mais visitados e referidos. Estes elementos constituem a “teia viva da memória da paisagem”.

As relações entre os diferentes elementos significativos da paisagem, como memorizados e preservadas na memória da população, e a relação desta com os elementos, constituem uma “teia viva da memória da paisagem”.

III.3 Análise da estrutura da memória cultural da paisagem

Os resultados das três caracterizações da paisagem acima referidos apresentam-se em duas formas. A primeira forma é de listas de elementos marcantes – mais significativos. A segunda forma é gráfica – um esquema e mapa de localização destes elementos marcantes e suas ligações no contexto da paisagem estudada.

III.3.1 Sobreposição dos elementos mais significativos em cada análise da paisagem

De cada uma das análises da paisagem cultural da Ribeira Grande resultou um conjunto de elementos significativos e suas ligações, fulcrais para manutenção da memória da paisagem. Da análise histórica resultou a “teia morta da memória da paisagem”, da análise de resultados das entrevistas foi composta a “teia viva da memória da paisagem”; e da análise do estado actual da paisagem, a “teia do estado actual”, um conjunto de elementos importantes no presente. Os três conjuntos foram confrontados entre si. Para essa comparação de resultados das três análises acima referidas foi utilizado o método de triangulação de dados (Paton 2001).

Desta confrontação resultou um conjunto de elementos, sítios e ligações mais importantes para a memória da paisagem. O resultado apresenta-se numa tabela com quatro níveis de importância de cada um dos elementos para a memória da paisagem.

III.3.2 Identificação da estrutura da memória cultural da paisagem

Identificam-se as “pedras angulares” da memória da paisagem como os elementos mais repetidos e mais importantes em todas as teias. Identificam-se dois níveis de importância de pedras angulares.

Graficamente apresenta-se o esquema final da estrutura da memória cultural da paisagem, descrevendo e identificando cada pedra angular e cada ligação. A localização concreta na paisagem está identificada na carta militar.

As pedras angulares constituem a estrutura de base da memória da paisagem complementada por ligações destas. Estes elementos definem uma base importante para manter no desenvolvimento futuro da paisagem, os novos usos e funções devem

desenvolver-se na base destes elementos revitalizados. As “pedras angulares” significam os mais importantes elementos aos quais estão ligadas as memórias das pessoas à paisagem. Na base destes elementos os futuros processos transformadores da paisagem devem ser formulados assegurando uma continuidade de carácter, identidade e memória da paisagem em questão.

Da correlação dos resultados das três formas de investigação, e tendo em vista o desenvolvimento futuro, os elementos mais significativos devem traçar a evolução da paisagem. Estes elementos denominados como as “pedras angulares da memória da paisagem cultural”, transportam o essencial da identidade da paisagem concreta da Ribeira Grande.

III.4. Proposta

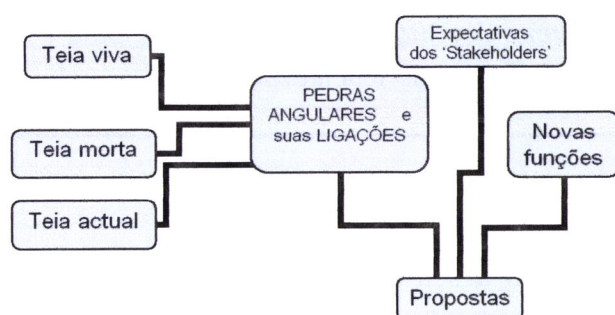


Fig.5 Uma representação esquemática do processo de avaliação de várias vertentes, que influenciam a criação das propostas para a paisagem em estudo

III.4.1 Avaliação da multifuncionalidade da paisagem

Quanto à procura de novas funções para a paisagem da Ribeira Grande, recorre-se primeiro à avaliação das funções existentes, da multifuncionalidade presente na paisagem.

A avaliação centra-se nas funções transcendentais presentes na paisagem. As sugestões para o futuro da paisagem centram-se nas funções não produtivas, especialmente nas funções transcendentais e nos possíveis melhoramentos de formas de uso do solo (Brandt & Vejre, 2002).

Das possíveis novas funções das paisagens e suas complexas combinações que emergem entre as formas de uso do solo, escolhem-se as funções aplicáveis ao espaço da paisagem da Ribeira Grande, tendo em vista o futuro multifuncional e sustentável.

III.4.2 Identificação de novas funções para a valorização da paisagem

Com a intenção do desenvolvimento para a multifuncionalidade, e tendo em vista a necessária sustentabilidade, identificam-se várias possibilidades de novos usos. Os mais adequados à paisagem da Ribeira Grande e mais coerentes com as expectativas dos entrevistados desenvolvem-se em propostas concretas.

Mencionam-se as visões do futuro da paisagem formuladas pela população, que após a sua revisão crítica e confrontação com a realidade da paisagem da Ribeira Grande e carácter de Monforte, são adaptadas à estrutura da memória. As combinações de novas funções mencionam-se em conjunto com a concretização para os sítios de sua possível aplicação.

III.4.3 Eixos concretos para valorização da paisagem como um todo patrimonial

Identificam-se linhas essenciais a seguir nas intervenções à paisagem visando o seu desenvolvimento sustentável e baseado na estrutura da memória identificada. Podem distinguir-se cinco eixos: interpretação centrada nos sítios concretos; valorização do existente; sugestão de novos usos possíveis; classificação dos elementos para o nível patrimonial concelhio, abertura aos novos usos e consciencialização sobre os valores da paisagem cultural.

A definição das funções mais adequadas para a paisagem da Ribeira Grande, incluindo os tipos de actividades propostas a realizar em sítios concretos.

III. 4.4 Os principais constrangimentos ao desenvolvimento de novas funções na paisagem da Ribeira Grande

Após a identificação de funções que levam a uma melhora das funções da paisagem, identificam-se os seus problemas inerentes, que podem dificultar a sua aplicação e desenvolvimento.

III.4.5 Concretização das propostas

As propostas identificam-se nas duas vertentes – centradas no espaço mais próximo da vila e outras, distribuídas pela paisagem. Dentro desta divisão identificam-se as intervenções mais relevantes e necessárias a desenvolver e os percursos.

III.4.6 Identificação e intervenções propostas para as pedras angulares e ligações da estrutura da memória

IV. Caracterização do estudo caso

IV.1 Localização do estudo caso

O estudo caso, paisagem cultural da Ribeira Grande, encontra-se na parte Noroeste-central do concelho de Monforte. O seu espaço desenvolve-se ao longo do vale da ribeira, na direcção Nordeste - Sudoeste.

A parte central da área estudada ligava-se à vila de Monforte através de um espaço de grande simbologia religiosa – o Rossio. Hoje esta ligação está quebrada pela passagem do IP2, de difícil transposição física e visual. A ligação entre a Vila e a sua Ribeira é vital para o entendimento holístico da paisagem cultural.

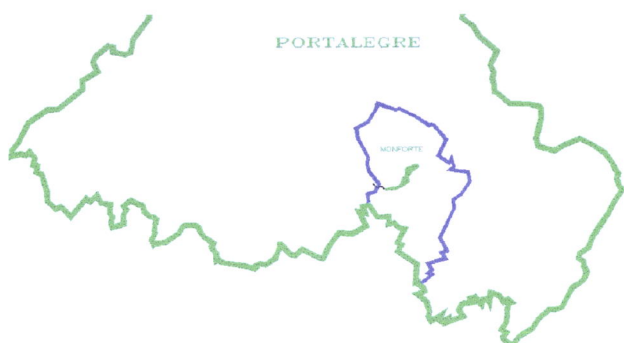


Fig.5 Localização da área de estudo no concelho de Monforte

Caracterização sócio-económica e histórica

O concelho, localizado no sul do distrito de Portalegre, região do Norte Alentejo, faz parte do interior Alentejano, caracterizado como uma das regiões de acentuada desertificação humana.

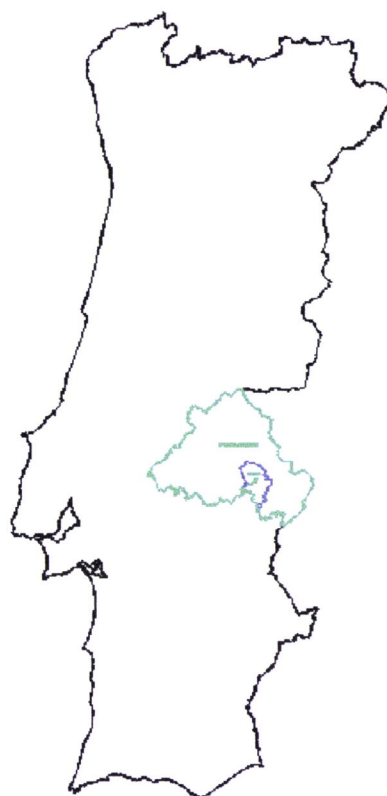


Fig.6 Localização do distrito de Portalegre e do concelho de Monforte

A área total do concelho é de 420 Km² e a sua população em 2001 era composta por 3393 habitantes. A vila de Monforte, sede do concelho, de 1800 habitantes, é de típica composição rural densa em redor de alto recinto muralhado. A sua história consta com ocupação tanto pré-histórica como romana, sendo o concelho fundado em 1257 pelo foral de Don Afonso III.

As actividades económicas de metade da população (48.6%) estão centradas nos serviços, especialmente de administração local. Mais que um terço (38%) trabalha ainda no sector primário, e apenas 13.4% da população se dedica ao sector secundário, representado pela indústria de alimentação e curtumes.

Dos concelhos vizinhos seis são do distrito de Portalegre e dois do distrito de Évora. Além das estradas secundárias de ligação entre as povoações menores, o concelho é servido pelo Itinerário Principal 2 (IP2), que facilita a acessibilidade às cidades de Portalegre e Estremoz, sendo esta a via mais importante de ligação a Lisboa.

Caracterização biofísica e de uso do solo

A morfologia assim como o clima do concelho estão influenciados pela proximidade da Serra de São Mamede.

A Ribeira Grande é a principal linha de água que atravessa o concelho. Formada na parte norte do concelho recebe diversas ribeiras e afluentes menores que constituem uma rede hidrográfica densa, mas de carácter sazonal.

Altitude do terreno com uma ondulação suave diminui ligeiramente para sudoeste, no sentido de corrente da Ribeira Grande. Cota média da área em estudo ronda 220m. Geologicamente espaço pertence ao maciço antigo, complexo granítico de Santa Eulália e Monforte.

O território concelhio é coberto maioritariamente por vários tipos de montado, olivais e pastagens. A especificidade da pecuária local é a dedicação à tauromaquia, tanto na produção bovina como equina, ligada à figura de João Moura.

Enquadramento turístico

A proximidade da Serra de São Mamede como uma das regiões de reconhecido interesse turístico, assim como a acessibilidade, a variedade da paisagem rural e do património construído potenciam o concelho de Monforte para um espaço de crescente procura de turistas de várias nacionalidades e orientação ecológico - cultural. No contexto de todo o norte alentejano, o presente estudo deve intervir para a valorização da paisagem da Ribeira Grande.

Definição da área de estudo caso

A área do presente estudo, inclui a paisagem em torno do vale da Ribeira Grande desde o seu início na confluência da Ribeira de Assumar e da Coutada, até à ponte sobre a Ribeira de Almuro no lugar de confluência com a Ribeira Grande (Fig. 7).

Delimitação concreta de espaço deve-se aos resultados de entrevistas, especialmente sua parte inicial (sobre o conhecimento e preferências na paisagem de Ribeira Grande), onde foi verificada a relação mais viva e activa da população com a paisagem em redor do troço baixo da Ribeira Grande, inicialmente não contemplado.

A maior ligação da população à paisagem do troço baixo da ribeira é uma das importantes mais valias dos resultados com vista às acções futuras. Para uma solução inovadora e viável da intervenção na paisagem cultural, é essencial conhecer a importância do espaço estudado para a população, que deve usufruir prioritariamente de tal intervenção.

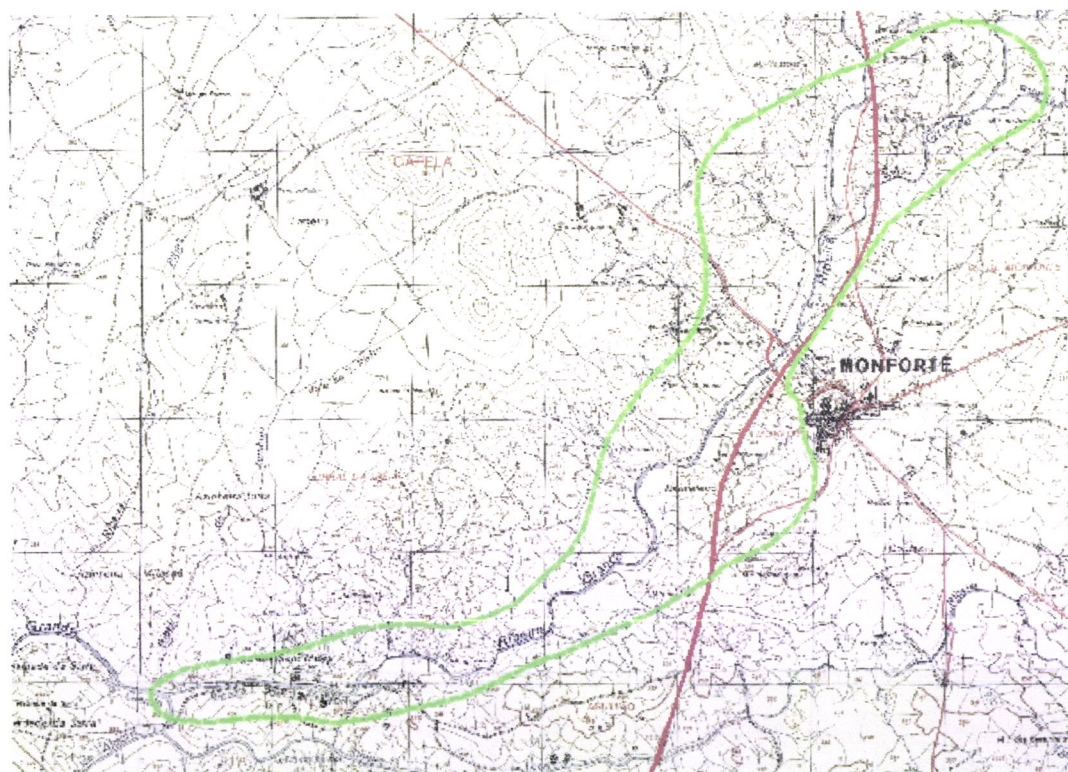


Fig.7 Localização da área de estudo

IV.2 Caracterização de paisagem da Ribeira Grande

IV.2.1 Unidade de paisagem (classificação nacional)

Dentro da classificação definida pela equipa da Universidade de Évora no âmbito da Identificação e Caracterização das Paisagens de Portugal Continental (Cancela d'Abreu et al. 2004); a paisagem da Ribeira Grande encontra-se dentro do grupo de unidades P - Alto Alentejo, unidade de paisagem 89 - Peneplanície de Alto Alentejo.

O grupo de unidades P - ALTO ALENTEJO inclui as seguintes unidades:

- 88 - Serra de S. Mamede
- 89 - Peneplanície do Alto Alentejo
- 90 - Colinas de Elvas
- 91 - Várzea do Caia e Juromenha

O grupo das unidades corresponde a uma classificação superior na escala de identificação de unidades da paisagem portuguesa. Trata-se de um documento essencial e complexo, que descreve a paisagem numa escala regional, com todas as suas componentes para um entendimento complexo e holístico do território no qual se insere a paisagem da Ribeira Grande.

Citam-se aqui as características válidas para todo o grupo de unidades, excluindo apenas as descrições relevantes especificamente a outras unidades do que a Peneplanície do Alto Alentejo, na qual a área de estudo se insere.

"A Paisagem

A paisagem do Alto Alentejo é uma paisagem suave, de malha larga, na geral associada a montados e ao seu uso silvopastoril, com ligeiras variações de densidade e textura, apenas interrompida pelos aglomerados e pelo mosaico de policultura que lhes está associado, bem como por algumas manchas diferenciadas, devido a características particulares do relevo, presença da água, litologia e solos.

Estas paisagens de campos vastos e abertos com escassa compartimentação ou com arvoredo disperso em densidades variáveis, são a consequência da combinação de causas naturais (o clima, o relevo pouco vincado, a relativa pobreza dos solos) e da sua ocupação ao longo do tempo, com baixas densidades populacionais, regime de grande propriedade, usos extensivos e multifacetados. Tal como em todo o Alentejo, é marcante a extensão de céu que se avista de qualquer ponto um pouco mais alto, e a forte luminosidade que vinca de maneira quase única uma paisagem muito específica."

...

"Suporte Biofísico

Grupo de unidades que se caracteriza essencialmente por um clima continental atenuado. As características continentais são, naturalmente acentuadas nas unidades mais interiores (Serra de S. Mamede, Colinas de Elvas e Várzea do Caia e Juromenha).

...

A peneplanície dominante neste conjunto de unidades de paisagem desenvolve-se entre os 200 e os 400 metros. Com altitudes entre 150 e 200 metros estão as baixas do Guadiana e Caia, bem como a zona poente que envolve a albufeira do Maranhão. A Serra de S. Mamede, em sentido mais estrito (que não coincide com a unidade de paisagem que tem esta designação), corresponde a altitudes superiores a 400 metros, sendo significativas as superfícies acima dos 600 metros (ponto culminante a 1027 m).

Geologicamente este grupo de unidades inclui-se no maciço antigo. Grande parte da unidade encontra-se na peneplanície conservada do Alto Alentejo, donde se destaca a formação da serra de S. Mamede e terraços fluviais ao longo do rio Guadiana e afluentes. Os principais cursos de água na parte norte do grupo de unidades drenam para o rio Tejo: rio Sever, ribeira de Nisa, de Sor, da Sêda, e de Avis; a parte sul inclui um troço do rio Guadiana, assim como os rios Caia e Xévorá, seus afluentes. Tal como se passa em todo o país, e mais especialmente no sul, também estes cursos de água apresentam um regime muito irregular ao longo do ano, com importantes caudais (e cheias) no Outono-Inverno e acentuada seca no Verão."

...

"Humanização

... Os principais aglomerados correspondem às cidades de Portalegre e de Elvas. Os centros urbanos, incluindo os de menores dimensões, apresentavam tradicionalmente traços comuns, de que se destaca a densa concentração do edificado, em torno do qual se encontrava uma zona agrícola com um mosaico de policultura (vinha, hortas, pomares de fruto e olivais), sendo que só para lá deste anel restrito surgiam as terras de pasto, as searas, os matagais e montados. Actualmente vai-se assistindo a alterações deste padrão, com a dispersão de construções nas periferias das cidades e vilas, um menor cuidado ou mesmo o abandono das hortas e ferragiais, a ocupação edificada ao longo das vias de acesso automóvel."...

Unidade da paisagem Nº 89 – Peneplanície do Alto Alentejo, definida pela equipa da Universidade de Évora no âmbito da Identificação e Caracterização das Paisagens de Portugal Continental (Cancela d'Abreu et al. 2004).

"Carácter da Paisagem

Extensa peneplanície, suavemente dobrada, que se desenvolve a norte do Maciço Calcário Estremoz-Borba-Vila Viçosa, até à Serra de S. Mamede, a norte, e à Charneca Ribatejana, a poente. As paisagens desta unidade são dominadas pelos montados de azinho (contrariamente à Charneca a oeste, onde se destaca o de sobre, devido a uma maior humidade atmosférica), com densidades variáveis mas em geral bastante aberto, quase só interrompido por um mosaico agrícola mais diversificado na proximidade dos aglomerados. No geral trata-se de um montado bem cuidado, que se prolonga em extensões quase infindáveis. Do alto das pequenas elevações existentes, a vista permite alcançar vastos horizontes onde está presente o montado, em manchas

com densidades variáveis de coberto, mas com um aspecto geral de homogeneidade e continuidade.

As formas do relevo são suaves, apenas se destacando o encaixe da Ribeira de Seda que abastece a albufeira do Maranhão. A nascente, encontra-se outra grande albufeira, a do Caia, inserida num relevo muito mais suave.

Entre os montados encontram-se ainda manchas representativas de olival, sistemas arvenses de sequeiro e pastagens, por vezes algumas superfícies de eucalipto.”

Esta descrição corresponde no total também ao caso concreto da Ribeira Grande. A feliz excepção é a falta dos eucaliptais. As manchas mais próximas da sua florestação já antiga, localizam-se perto da Ribeira da Leca e, numa forma muito reduzida, no cruzamento de caminhos para Santa Eulália e para Barbacena, cinco quilómetros a Este da vila de Monforte.

...”Os raros relevos que se destacam na paisagem têm uma orientação dominante Noroeste-Sudeste. Algumas das linhas de água mais expressivas apresentam galerias ripícolas bem constituídas e há vários casos de recentes intervenções para o seu aproveitamento recreativo através de praias fluviais.

O povoamento é concentrado em aglomerados de média dimensão, situados normalmente numa elevação, a distâncias quase regulares uns dos outros. Estes aglomerados constituem conjuntos interessantes do ponto de vista do património construído, sendo geralmente encimados por um castelo (Campo Maior, Ouguela, Arronches, Crato, Alter do Chão, Avis, Monforte), de onde se obtêm boas panorâmicas. Na envolvente destes aglomerados surge uma cintura de policultura onde o olival tem normalmente uma forte expressão (em Fronteira este aspecto é particularmente notório).

...

É aqui notório um maior dinamismo económico, associado ao sector agro-pecuário, comparativamente com outras áreas interiores do Centro e do Baixo Alentejo.”

Dos elementos singulares desta unidade, Albufeira do Caia e Albufeira do Maranhão, nenhum influencia directamente a área estudada; apesar da Ribeira Grande 48 km do fim do troço estudado (já com o nome Ribeira de Avis) entrar na segunda albufeira mencionada.

“Ordenamento, diagnóstico e gestão da Paisagem - Diagnóstico e orientações para a gestão

Esta é uma unidade de paisagem com identidade mediana a alta - reconhece-se nela claramente uma paisagem alentejana, mas não se apresenta com qualquer tipo de particularidade que se destaque e lhe confira um carácter claro e identificável. A excepção encontra-se confinada aos centros urbanos e paisagem envolvente, ainda carregados de informação sobre a história do seu uso, das actividades e comunidades que os foram construindo ao longo do tempo.

Trata-se de uma unidade de paisagem com usos extensivos e, no geral, coerentes entre eles e em relação às características biofísicas presentes, embora com alguns problemas relativos à erosão do

solo (tendencialmente menos significativos devido à progressiva extensificação dos sistemas agrícolas e redução das áreas com arvenses de sequeiro).

A redução dos processos de erosão do solo (e a conseqüente diminuição de sedimentos depositados nas albufeiras do Maranhão e do Caia) aponta para a necessidade de se incentivarem os sistemas e técnicas de exploração da terra que garantam a conservação do solo. O mesmo se aplica no que diz respeito à gestão equilibrada dos recursos hídricos. Em termos genéricos, o montado com uma exploração pecuária extensiva preenche estes objectivos, desde que complementado por matas nas zonas mais declivosas ou de cabeceiras e por sistemas agrícolas ou pratenses mais intensivos nas zonas de vale. A valorização das linhas de água e respectivas galerias ripícolas contribuirá, também, para equilibrar os processos biofísicos essenciais à sustentabilidade destas paisagens.

...

Numa região interior em evidente perda de população, uma medida indispensável para a conservação de paisagens vivas e úteis será a requalificação global dos centros urbanos em termos ambientais e patrimoniais, bem como quanto a acessos, equipamentos e serviços fundamentais para assegurarem condições de vida dignas e agradáveis."

IV.2.2. Caracterização da paisagem da área de estudo caso

A cota mais elevada da área de estudo encontra-se no limite noroeste da área, na Ribeira do Cubo, com cerca de 250m. Enquanto o início da Ribeira Grande, no sítio de Juntas, apresenta a cota de 238m. A cota mais baixa do percurso estudado encontra-se no seu fim, na afluência de Ribeira de Almuro, com 207m. Compreende-se assim que a área estudada se desenvolve entre as cotas 205m e 240m, com total diferenciação altimétrica de apenas 35m na corrente da ribeira.

A ondulação suave do terreno em redor dum vale pouco pronunciado da Ribeira Grande é quebrada apenas nas suas margens por algumas das colinas mais importantes do concelho.

A área de estudo compreende especialmente os vales da Ribeira Grande e Ribeira do Cubo. As elevações mais marcantes em seu redor são a tripla colina de Capela com 384 e 386m a norte, e dentro da vila, a colina do castelo de Monforte com 293 m, e a sudeste o topo Aguilhão com 268m. Já fora da área de estudo a alongada elevação da Serrinha com cotas de 277 e 256m (orientada de Oeste para Este) acompanha a Ribeira de Almuro, erguendo-se do lado sul no vale da ribeira, forçando a própria a meandrizar em seu redor.

A presença de rocha granítica subvulcânica em vários estados de alteração física nota-se ao longo de todo o percurso da ribeira, especialmente na forma de saibro rosado.

A faixa relativamente estreita em redor da Ribeira Grande apresenta abundância de nascentes e correntes sazonais. Quanto às linhas de caudal permanente, encontra-se apenas a Ribeira do Cubo e Freixo na parte inicial e Ribeira de Almuro na parte final. O leito da Ribeira Grande ao longo da área de estudo apresenta vários pegos que preservam água nos meses de verão. Os pegos menos fundos e restante leito secam completamente.

As formas de uso do solo criam um mosaico de escala média, apenas com algumas maiores manchas de montado pouco denso. Prevalece o montado de sobro com pequenas intrusões de azinheira, sempre que o terreno se torna mais rochoso. Entre outras diferentes ocupações do solo verificam-se tanto as culturas de sequeiro em parcelas de pequenas dimensões (1-3 ha) como pastagens abertas ou sob o montado de pouca densidade. A gestão do gado em regime extensivo, com poucos recursos humanos, exigiu uma densidade de cercas, que muitas vezes se aproximam até à ribeira ou mesma a atravessam.

O gado bovino, equino e caprino das propriedades adjacentes à Ribeira Grande pastam nas imediações ou mesmo dentro do leito, comprometendo a qualidade da restante água no verão.

IV.2.3 Três troços diferenciados ao longo da paisagem da Ribeira Grande

A paisagem em estudo é de suaves colinas localizada sob a influência da unidade morfológica da Serra de São Mamede. Os frequentes afloramentos rochosos de granito rosado pertencem ao maciço de Santa Eulália. O território está maioritariamente coberto por montado disperso, onde prevalece sobreiro sobre as bolsas de azinheiras.

Foram consideradas três sub divisões da paisagem da ribeira, conforme a variação geomorfológica, ocupação do solo e intensidade de humanização (Fig. 8).

O troço inicial da área de estudo está influenciado pelo sopé da Serra de São Mamede (com 1 025m no cume mais alto, a uma distância aproximada de 30 km); o troço médio é de menor variação morfológica mas maior influência humana.

Quanto ao troço final, apesar de cotas totais mais baixas, o relevo levanta-se para o início da Serra de São Miguel, aproximadamente 20 km na direcção para sudoeste, para Sousel. No troço inferior o vale está bastante pronunciado, com perfil aproximado em forma de V.

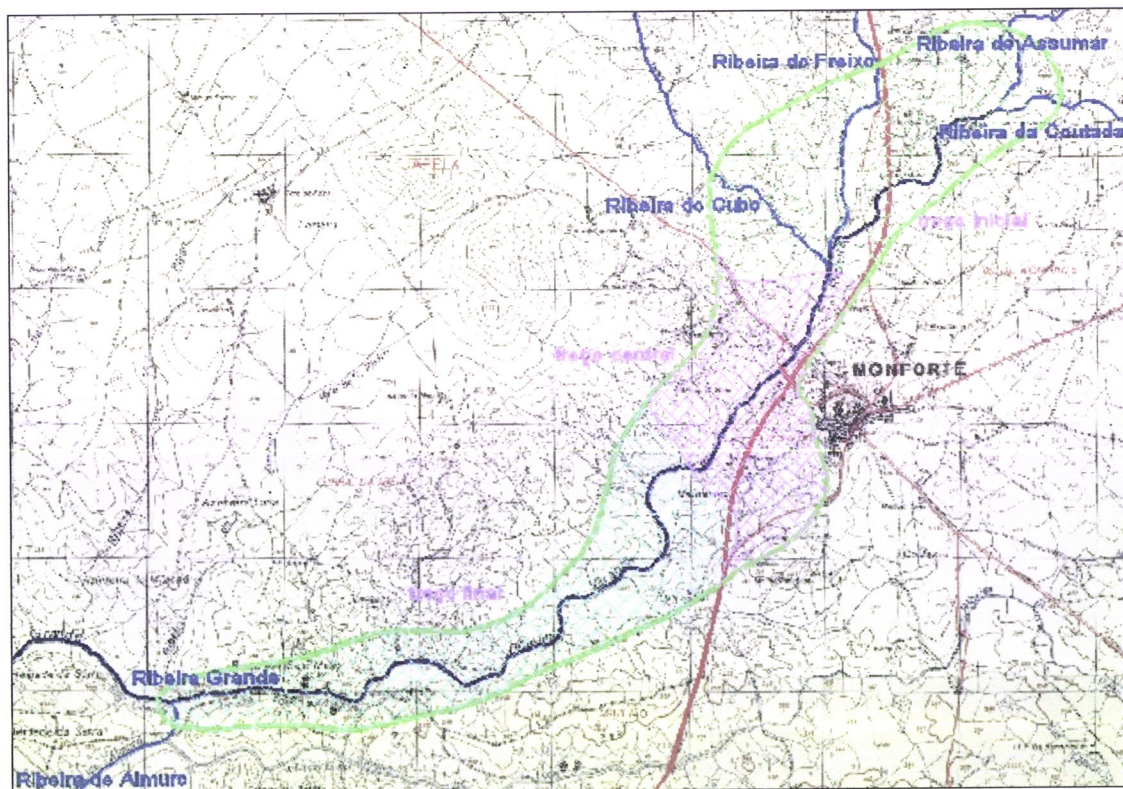


Fig.8 Definição das três partes da paisagem da Ribeira Grande e localização de outras ribeiras.

IV.2.3.1 Troço inicial

Considera-se a parte inicial da paisagem da ribeira estudada como o troço desde o início da Ribeira Grande até ao desaguar da ribeira do Cubo na Ribeira Grande, com um comprimento de 2,7 quilómetros e orientação de nordeste para sudoeste. O espaço abrange as partes finais das ribeiras da Coutada e de Assumar, o troço inicial de Ribeira Grande e parte das ribeiras do Freixo e do Cubo.

A junção da Ribeira da Coutada com a de Assumar (muitas vezes designada como da Atalaia) no sítio de Juntas, à cota de 238, considera-se hoje o início da Ribeira Grande. Em seu redor encontra-se numa paisagem de vistas abertas, com colinas pouco elevadas, com pastagens na várzea e pequenas manchas de montados de azinho nos topos. Em ambas as ribeiras existem vários pegos, que asseguram a vida da fauna aquática até ao meio do verão, sob a sombra da mata ribeirinha. Esta encontra-se numa faixa não muito larga, mas densa, composta especialmente por freixos e salgueiros.

A paisagem no início do percurso da Ribeira Grande encontra-se bastante diversificada entre as encostas suaves. Dentro do montado misto abrem-se manchas de pastagens de vários hectares, a mata ribeirinha apresenta-se densa e variada, impedindo o acesso ao leito. Alguns pequenos olivais (com menos que meio hectare) acompanham de perto a ribeira e em geral, verifica-se um uso agrícola semi-intensivo, relativamente bem adaptado às condições biofísicas.

A acessibilidade ao terreno é melhor que nas partes mais baixas. A razão é a menor densidade de gado e cercas e a existência de caminhos abertos para pedreiras afastadas. Os afloramentos de granito rosado, tipo de Santa Eulália (fig. 10), ou de tipo cinzento da Serra de São Mamede (fig. 9). Verificam-se especialmente no leito e seus arredores. O granito apresenta-se em afloramentos apenas parcialmente erguidos acima do solo, ou encontram-se como superfícies rochosas sem vegetação.



Fig.9-10 Superfícies rochosas - na Ribeira Grande entre a Ribeira do Freixo do Cubo;
- na Ribeira do Cubo. (Maio 2004)

Após a junção com a Ribeira do Freixo a paisagem torna-se mais diversificada, especialmente na zona noroeste, compreendida entre a ribeira do Freixo e a Ribeira do

Cubo. A variação morfológica detalhada da encosta norte suaviza-se para a parte mais baixa do vale, a sul.

No montado denso sobre o terreno rochoso predomina azinheira, clareiras de pastagens são pequenas e a galeria ripícola é estreita, composta por freixos e silvados.



Fig. 11-12 Contraste de vegetação e da superfície aberta de granito cor-de-rosa nas proximidades da vila. A divisão das duas componentes da paisagem dá-se pela estrada para Vaiamonte, visível no centro direito da fotografia. (Agosto e Março 2004)

No espaço de transferência para a parte central surge, cobrindo o topo da colina, um notável pinhal (fig. 11-12) de idosos Pinheiros mansos, marcando positivamente as vistas e a própria paisagem com forte verde-escuro. No lado oeste do pinhal, separado deste pela estrada para Vaiamonte, encontra-se uma pedreira. Um elemento de negativo impacte visual, desactivado por razões de impacte sísmico nos arredores, cujo espaço não foi recuperado. As paredes verticais, despidas de vegetação contrastam com o montado da colina envolvente.

IV.2.3.2 Troço central

Entende-se como o troço médio, desde a afluição da Ribeira do Cubo até à curva da Ribeira Grande no sítio do Lagar Velho (Fig. 14). O comprimento deste troço é aproximadamente de dois quilómetros, e a orientação sudoeste-oeste.

Nas imediações da ribeira encontram-se hortas e olivais abandonados, pastagens e montado misto. Na galeria ripícola misturam-se silvados com troços de mata ribeirinha densa. O montado disperso acompanha a ribeira apenas nas partes altas do vale. É composto preponderantemente por sobre apenas com bolsas de azinheiras sobre as partes mais rochosas.

A ribeira aproxima-se mais da vila neste troço, abraçando a colina na qual esta se insere, pelo oeste. O vale da ribeira é de fundo plano, historicamente com uso do solo intensivo. Entre os diferentes elementos construídos em redor da ribeira constata-se também a modificação da forma do leito para inserção de vários açudes. Um dos mais novos foi construído para a retenção de água para a futura praia fluvial.



Fig. 13 Horta do Doutor Andrade.
(Setembro 2004)



Fig. 14 Fim de troço central, paisagem de
Lagar Velho. (Maio 2004)

Para a Ribeira Grande neste troço não entram importantes ribeiras, caminham apenas pequenos afluentes das várias nascentes e fontes. Nas proximidades de Monforte, a Ribeira Grande abranda e reduz a sua meandrização, apresentando troços de trajectória bastante recta. As quantidades de silvas no leito permanecem mas diminui a componente arbórea da galeria ripícola. Uma das razões da sua menor dimensão é a maior densidade de gado bovino pastado em seu redor, que muitas vezes se encontra mesmo dentro do leito à procura da restante vegetação viva.

Esta é a parte mais intensivamente modificada pelo homem, existindo vários vestígios de abundantes hortas em redor da ribeira. Hoje das hortas preserva-se apenas parcialmente a Horta do Doutor Andrade, regada pelas águas da Fonte da Vila (Fig. 13). Outras hortas desapareceram de ambos os lados da ribeira, deixando apenas algumas árvores de fruto, já incorporadas na galeria ripícola.



Fig. 15 Campos de cultivo (couves), em forma de
regadio por detrás da ponte romana. (Agosto 2004)

Da cultura de regadio das águas da ribeira, existem dois conjuntos - um é a estreita faixa mais próxima da ribeira, a montante da ponte romana; e o outro são os terrenos da Torre de Figueiras, regados pela água bombeada da represa grande na ribeira.

IV.2.3.3 Troço final

A Ribeira Grande a jusante do Lagar Velho continua em grandes meandros ao longo do seu vale bem definido para sudoeste e oeste. Compreende-se como o troço baixo o espaço até a junção da Ribeira de Almuro, com extensão de cinco quilómetros.

Ao longo da ribeira que avança para oeste, as encostas a norte do seu vale são acentuadas, cobertas por denso montado misto. Do lado sul surgem várias colinas suaves, cobertas pela combinação de pastagens com culturas de sequeiro e manchas de montado de sobro nos topos das colinas.

O sítio das Lajes e da Fonte de Aires são os locais mais acessíveis por caminhos de terra (Fig. 16). O espaço restante é quase impenetrável pela falta de veredas e altura das cercas.

O solo é pouco fértil, litólico não húmico de granitos, existindo apenas numa camada fina sobre o saibro rosado, uma forma relativamente estável de decomposição da rocha granítica altamente transformada. Do lado norte entram para o leito várias afluentes sazonais, seu carácter torrencial é comprovado por várias linhas de erosão na parte baixa do terreno coberto apenas pelas gramíneas e escassas azinheiras.



Fig. 16 Montado muito disperso no sítio da Fonte dos Aires. (Agosto 2004)



Fig. 17 Fim da área de estudo, vista a montante da ponte de Almuro; vale aberto e com pouca vegetação do lado sul. (Junho 2004)



Fig. 18 Vale no sítio de Moinho do Inferno, vista para o norte. Nos topos da encosta encontra-se montado pouco denso, no vale sobressaem os múltiplos penedos. (Junho 2004)

Com uma galeria ripícola densa e completa, o vale suave, aberto do lado sul para encostas alongadas, começa a fechar-se no meio deste troço. Nas proximidades do Moinho do Inferno, a ribeira já se encontra fechada no vale em forma de V por encostas

cobertas de vegetação. A impenetrabilidade do espaço é reforçada pela quantidade de grandes e rosados penedos roliços (Fig. 18).

O montado mais denso, com sobreiro dominante, e vale fechado e rochoso acompanha a ribeira até à ponte de Almuro, sítio por onde entra de sul a Ribeira de Almuro. Esta, enriquecida pela Ribeira de Leca traz importantes quantidades de água até nos meses de verão para o leito da Ribeira Grande. A corrente tranquiliza, já com um caudal notável, e continua para oeste pelo vale novamente mais aberto (Fig. 17).

Após a ponte de Almuro a ribeira contorna o complexo da Serrinha e mais tarde da Serra das Pintas, e corre com pouca meandrização para Fronteira, acompanhada pela estrada.

IV.3 Caracterização biofísica

Morfologia

A morfologia assim como o clima do concelho estão influenciados pela proximidade da Serra de São Mamede. O terreno é pouco variado, com uma ondulação suave que diminui para sudoeste. Cota média da área em estudo ronda 220 m, elevando-se apenas raramente as colinas mais pronunciadas (Monforte 293 m, Capela 286 m). Geologicamente espaço pertence ao maciço antigo, complexo granítico de Santa Eulália e Monforte. A Ribeira Grande é a principal linha de água que atravessa o concelho. Formada na parte norte do concelho recebe diversas ribeiras e afluentes menores que constituem uma rede hidrográfica densa, mas de carácter sazonal.

Geologia e hidrologia

Monforte caracteriza-se geologicamente pela ocorrência de formações de quartzitos, xistos e grauvaques, pertencendo a uma sucessão litológica do Câmbrico fossilítico.

Caracterizam-se estas formações por duas séries dominantes: a série carbonatada a noroeste de Monforte; a série xisto-arenítica de origem vulcano sedimentar (rica em rochas verdes) a sudoeste da vila. Todo este conjunto é interceptado por rochas eruptivas básicas. Marca presença nas proximidades de Monforte o maciço eruptivo de Santa Eulália de origem sub-vulcânica e natureza granítica onde os granitos e rochas granitóides (róseos) se evidenciam em toda a estrutura.

Na hidrogeologia, o sistema de aquífero presente é o de "Monforte-Alter-do-Chão, pertencente à unidade hidrogeológica do Maciço Antigo e à bacia hidrográfica do rio Tejo.

O sistema de aquífero tem como formações de suporte os calcários e dolomitos cristalinos do Câmbrico inferior e gabros do Complexo Básico de Alter-do-Chão, Cabeço de Vide. Trata-se de um sistema livre, em que nos calcários predominam as características de cársico-fisurado, e nos gabros as de fracturado. – A recarga deste sistema de aquífero é feita pela precipitação que cai directamente sobre a formação.

Este sistema apresenta uma área de 98 km², mas para efeitos de recarga apenas se consideram 62 km², que correspondem a área dos afloramentos da formação carbonatada e dos gabros.

Geomorfologia e análise de solos

A área em estudo encontra-se sob influência de duas importantes unidades geomorfológicas, a serra de São Mamede e a serra D'Ossa, que condicionam o aspecto climático.

A altitude da zona de estudo varia aproximadamente entre os 220 e 289 metros, entre o vale da ribeira grande e Monforte. De acordo com a Carta de hipsometria da zona, as

cotas com maior representatividade situam-se entre os 230 e os 240 metros e os 260 e 270 metros (aproximadamente 25% para cada intervalo).

Relativamente ao declive na zona de intervenção, as classes com maior representatividade são respectivamente a classe de 0 a 3% com 39% de área, e a classe de 6 a 12% com cerca de 27% da área total. Considera-se que se trata de uma zona relativamente plana onde a erosão hídrica não é relevante dado o escoamento superficial lento. No vale da ribeira grande o relevo surge ondulado, mais susceptível a fenómenos de erosão hídrica.

Na Ribeira Grande e suas imediações, os solos dominantes são: solos lítolicos, não húmicos, pouco insaturados, normais de granitos (tipo Pg); solos mediterrâneos, vermelhos ou amarelos, de materiais não calcários, de teoritos ou quartzodioritos ou rochas microfaneríticas afins (tipo Vm); aluviosolos modernos, não calcários de textura mediana (tipo A).

Hidrografia

A hidrografia é das características do meio que maiores influências recebe de factores externos. A heterogeneidade da rede de drenagem determina vários tipos de regime para estas estruturas. Esses regimes são o resultado de um conjunto de factores de diversa ordem: clima, modo de alimentação das linhas de água, tipo de solo, coberto vegetal e uso do solo.

A área em estudo é caracterizada por apresentar uma rede de drenagem relativamente fraca, onde as linhas de águas apresentam traçados irregulares e carácter torrencial, com abundância de água na época das chuvas, chegando mesmo a secar no Verão. A Ribeira Grande é o curso de água com maior representatividade, pertencente à Bacia Hidrográfica do rio Tejo.

Síntese climática¹

Os dados apresentados nesta síntese foram obtidos pelo cruzamento de dados entre as estações meteorológicas de Vila Fernando e Portalegre; dados médios mensais foram registados entre 1951 e 1980.

Temperatura

As temperaturas máximas e mínimas entre os 42 °C e os -4 °C, revelam uma grande amplitude térmica, e portanto mediterrânica.

Precipitação

Espaço apresenta uma precipitação média anual, que ronda os 700 mm, sendo Janeiro e Fevereiro os meses mais chuvosos e Julho e Agosto os mais secos.

¹ Dados de Projecto de Requalificação Ambiental do Corredor Eco-fluvial da Ribeira Grande (Fialho, C.; Fialho, S.; UÉ, 2004)

Humidade Relativa do Ar

Existe uma correspondência entre os valores mais baixos da humidade (56%) com os mais altos de temperatura. Trata-se de uma região relativamente húmida, face à influências das Serras que lhe são adjacentes.

Ventos

Maioritariamente são relativamente atenuados desde a Serra de São Mamede, de Norte, sendo que os predominantes sopram de este com uma intensidade média anual de 8,4 Km/h e com uma frequência de 15,9%. No entanto, verifica-se uma maior frequência média anual nos ventos oriundos de noroeste, com 29,7%, e com intensidades na ordem dos 6Km/h. De Nordeste os ventos também se revelam algo significativos, com média anual na ordem dos 8,1%, mas com frequências relativamente baixas - 11,7%. Quanto à variação anual do vento, é no Verão, que se verifica maior intensidade de Noroeste, com valores que rondam os 52% de frequência e 5,5% de intensidade. Nos meses de Outono e Inverno, predominam ventos de Este, com frequências e intensidades na ordem dos 20% e 8,5Km/h respectivamente.

Ocupação do solo

A área de estudo, na Carta de Ocupação de Solo (folha N° 384) de Instituto Geográfico Português, apresenta como ocupação dominada pelo olival, montado de azinho e sobre, culturas de sequeiro e pastagens.

O território do concelho de Monforte é coberto maioritariamente por vários tipos de montado e pastagens. A produção de trigo e outras culturas arvenses, é hoje pouco pronunciada neste concelho tradicionalmente com vocação agrícola. A especificidade da pecuária local é a dedicação à tauromaquia, tanto na produção bovina como equina.

O montado e o olival são elementos característicos da paisagem mediterrânea e com uma elevada importância e influência sócio-económica em toda a região, associada a uma agricultura intensiva de sequeiro e a um sistema agro-silvo-pastoril. Desenvolvem-se as referidas tipologias de ocupação do solo em condições pouco favoráveis, tanto ao nível da morfologia do terreno como das propriedades dos solos, conferindo a esta paisagem rural uma beleza e originalidade particulares.

No entanto o uso actual apresenta um certo abandono de olivais produtivos irregulares nos terrenos muito rochosos e à fraca renovação de montados, tanto de azinho (aqui mais frequentes) como de sobre. Espaço também sofre de localmente grande densidade de gado pastado sob suas copas.

Vegetação predominante e potencial da paisagem de Ribeira Grande

O espaço da antiga paisagem cultural mediterrânica não apresenta habitats de natureza intacta mas é rico em espécies vegetais e animais ligados à presença humana, nomeadamente aves, tanto estepárias como de rapina.

O Birdlife Internacional classificou a Planície de Monforte como Zona Importante para as Aves (Important Bird Areas) e a área foi prevista para classificação de Zonas de Protecção Especial (ZPEs) para a conservação do habitat de aves ameaçadas e migradoras. O estado português avançou com esta proposta para a Comissão Europeia, mas sem sucesso.² A especificidade dos habitats e riqueza da fauna reflecte-se também no seu interesse para a caça.



Fig.19 Posso no Monte de S. Gens



Fig.20 Ribeira Grande na Represa Grande

Classificação biogeográfica ³

Reino Holárctico * região Mediterrânica * sub-região Mediterrânica ocidental *
província Mediterrânica ibérica-ocidental * sub-província Luso-extremadurense *
sector Mariânico-monchiquense * sub-sector Araceno-pacense * superdistrito Alto
Alentejo



Fig.21-23 Olivais e montados nas proximidades da ribeira

² (Cordeiro, A.; Perreira, M.J.; Alcazar, R., *ZPE em Portugal: Que Futuro?* in: *Liberne* N° 80, LPN, Outono 2004)

³ Dados de Projecto de Requalificação Ambiental do Corredor Eco-fluvial da Ribeira Grande (Fialho, C.; Fialho, S.; UÉ, 2004)

Classificação fitossociológica

Às condições edafoclimáticas da paisagem ao longo da Ribeira Grande correspondem as seguintes formações potenciais de vegetação. Em toda a área estudada a vegetação climatófila potencial é de bosques de sobreiro e azinho, série *Pyro-Querceto suberis* e *Sanguisorbo-Querceto suberis*. Estas formações são típicas para maioria da Planície do Norte Alentejano, para as zonas mesomediterrânicas sub-húmidas.

Classe: *Querceto fagetea* (Braun-Blanquet et Vlieger 1937)

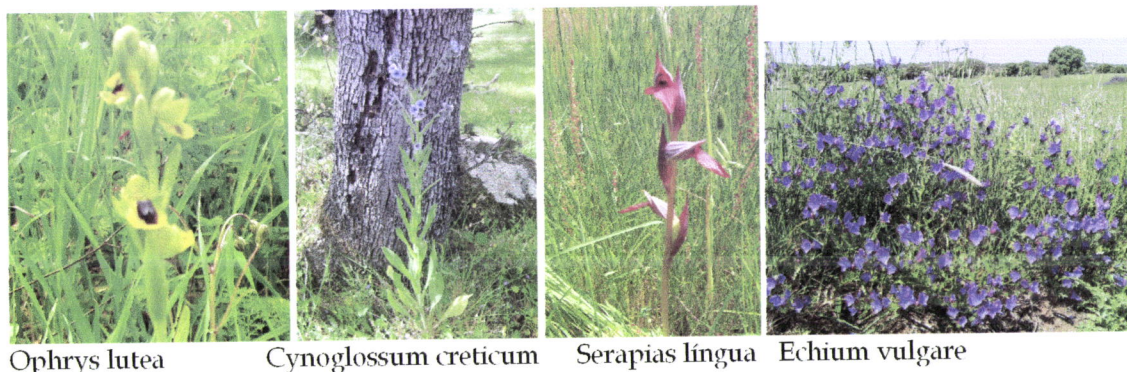
Sub-classe *Salici purpureae-Populenea albae* (Rivaz-Martinez et Cantó 1987) de bosques ribeirinhos caducifólios com ordens: *Populetalia albae* (Braun-Blanquet 1931) e *Salicetalia purpureae* (Moor 1958)

Sub-classe *Rhamno catartici-Prunenea spinosae* (Rivas-Goday et Borja 1961) de matas arbustivas espinhosas com ordem *Prunetalia spinosae* (Rivas et Teixeira 1952)

As associações fitossociológicas mais significativas da paisagem ribeirinha: ⁴

- Freixial = *Ficario ranunculoidis-Fraxinetum angustifoliae* (Rivas-Martinez et Costa)
- Salgueiral = *Salicetum atrocinerneo-australis* (J.C.Costa et Lousã 1996)
- Juncal = *Trifolio resupinati-Holoschoenetum vulgaris* (Rivas Goday 1964)
- Silvado = *Lonicero hispanicae-Rubetum ulmifoliae* (Rivas-Martinez, Castro Viejo et Valdés 1980)
- Canavial = *Arundini donacis-Convolvuletum sepii* (Tüxen et Oberdofer 1962)
- Tabúal = *Typho angustifoliae-Phragmitetum australis* (Tüxen et Preising 1942)

Fig. 24-27 Algumas das espécies primaveris, que se encontram na paisagem do troço baixo da Ribeira Grande.



⁴ Dados de Projecto de Requalificação Ambiental do Corredor Eco-fluvial da Ribeira Grande (Fialho, C.; Fialho, S.; UÉ, 2004)

IV.4 Caracterização histórica da Paisagem da Ribeira Grande

Conceito da imagem histórica da paisagem cultural

*“A paisagem é um palimpsest mágico
caderno de história,
onde as palavras escritas se sobrepõem,
mas ainda assim podem ser decifradas.”*

F.W.Maintland

Palimpsest é palavra grega, que significa novamente (*palim*) raspar (*psao*). A palavra designava um antigo documento em pergaminho apagado e novamente sobre-escrito com informação nova, mas no qual ainda permanecem alguns traços de escrita antiga. Em relação à paisagem o conceito de palimpsest significa as marcas na paisagem das épocas passadas, que desvendam a história da paisagem.

As condições naturais tanto como as intervenções humanas em várias épocas históricas, que passaram por cima da superfície geomorfológica, deixaram sempre alguma marca, influência na face da paisagem. Não é apenas o homem que modifica a paisagem, agindo sobre o território, a natureza reage às intervenções, mudanças causadas pelo homem, colaborando assim na formulação da paisagem real – tangível (Gojda 2000).

*“Cultural features of different ages can visually dominate and often replace cultural or natural features that were important to earlier societies.”*¹ Alguns elementos permanecem firmes e visíveis durante as épocas posteriores. Mas a maioria dos rastros é sobreposta por camadas novas, ou dissimula-se entre estas.

As marcas, que ficaram ocultas, podem revelar-se inesperadamente em tempo muito posterior tanto por acção de homem como da natureza (Gojda 2000). Estes serão visíveis para olhos treinados, documentando as formas de uso do espaço, a vida da paisagem na época da qual as marcas remontam. Detectando conexões entre os elementos, podemos adivinhar a estrutura, os padrões, que as culturas anteriores criavam na paisagem. Esta estrutura e padrões compõem uma imagem da paisagem da época. Em perspectiva de hoje assim podemos falar de imagem histórica da paisagem.

Como *Imagem Histórica da Paisagem da Ribeira Grande* considera-se um conjunto de informações sobre as componentes da paisagem, formas de uso do solo e sua compartimentação, compondo o carácter, funções e aparência da paisagem em cada época. As várias imagens históricas de determinada paisagem cultural compõem a sua *Teia da Memória Morta*.

¹ (Renfrew 1982) apud Fry, *Culture and nature versus culture or nature*, in: *The New Dimensions of the European Landscape* (ed. R.H.G.Jongman; Dordrecht 2004), pag.77.

Tanto como podem estar várias funções inerentes a paisagem, supõe-se a possibilidade de presença de várias épocas historicamente significantes: “*there can be nested sets of historical landscapes within cultural landscape*”². Destas paisagens históricas existem hoje fragmentos, não as podemos entender nem observar na complexidade. Recomposição na base de vestígios cria apenas imagens das paisagens históricas.

Cada uma das imagens históricas da paisagem significa mosaico, parcialmente preservado até hoje em forma de elementos soltos ou padrão semi-transparente. A sobreposição destas imagens criou ao longo do tempo mosaico actual da paisagem cultural.³

A estruturação da paisagem pela criação de padrões de formas de uso, foi em cada época sempre antecipada pela percepção e interpretação da paisagem existente. Em cada altura Esta percepção e interpretação da paisagem determinou as novas intervenções nesta. “*Cultural perception and interpretation of the environment has thus led to spatial patterning of landscapes, and these patterns can be identified and mapped as historical landscapes*”⁴

Esta interpretação da paisagem cultural não se encontra apenas na história, é uma realidade quotidiana. Pessoas relacionam-se com a paisagem de hoje também de forma criar uns padrões de percepção e de orientação no espaço; ligando os significados aos sítios concretos e interpretando os elementos da paisagem no seu contexto histórico, cultural e funcional.

Torna-se quase impossível detectar e explicar hoje, quais é que foram os valores associados a interpretação da paisagem em dada altura e que entendimento da paisagem levou a criação dos padrões espaciais detectados. Alterações na aparência dos elementos preservados causadas pelo tempo diminuem a sua legibilidade e exactidão. No entanto a arqueologia da paisagem consegue identificar dos traços na paisagem, os usos e funções históricas inerentes. Pela frequência e quantidade dos elementos reminiscentes, podemos obter informação sobre a intensidade de uso, forma de ocupação e importância de dado espaço em determinada época. Apenas algumas das épocas históricas se revelam mais significativas para a determinada paisagem.

² Fry, Garry, *Culture and nature versus culture or nature*, in: *The New Dimensions of the European Landscape* (ed. R.H.G.Jongman; Dordrecht 2004), pag.79.

³ A sobreposição das camadas culturais, especialmente no caso de núcleos urbanos e formas de uso da paisagem confirmam inúmeros estudos arqueológicos (Květ 2003, Brůna 1994, Mattoso 1992).

⁴ Fry, Garry, *Culture and nature versus culture or nature*, in: *The New Dimensions of the European Landscape* (ed. R.H.G.Jongman; Dordrecht 2004), pag.77.

IV.4.1 Imagens históricas da paisagem da Ribeira Grande

O espaço rural acompanha a transformação das condições socio-económicas de cada época. Os maiores passos de modificação da paisagem e formas características de organização de território, identificam-se na paisagem cultural da Ribeira Grande nas seguintes épocas:

- **pré-história** (Anta da Serrinha, o único vestígio, de uso do território da época, conhecido até hoje, encontra-se apenas a jusante do fim de troço da Ribeira estudado. Está ainda a decorrer a investigação iniciada em 1996 por Rui Boaventura e Carla Lopes, parte de projecto maior sobre os vestígios arqueológicos do Norte Alentejano, que trará mais clareza a este período.)
- **época romana** (por razões da passagem de itinerário Antonino e presença da ponte romana designamos este tempo como a mais antiga época significativa para a paisagem da Ribeira Grande)

Após a época romana decorre no espaço da Ribeira Grande um longo tempo sem documentação concreta disponível. A ocupação muçulmana, reconquista e a época seguinte de pouca estabilidade que se seguiu, não deixou muitos vestígios, ou estes continuam despercebidos sob camadas mais recentes. O progresso político, económico e o desenvolvimento da literacia no país, centrou-se na parte litoral. O interior Alentejano no qual se encontra a área de estudo começou a servir apenas de apoio logístico e de abastecimento.

- **era após o terramoto** (Pela primeira vez faz-se uma complexa descrição do concelho. As Memórias paroquiais do ano de 1758 incluem a descrição do estado da população, paisagem e especialmente dos bens construídos. É uma altura de tradicional posse de terras, forma de seu cultivo e presença intensiva do homem na paisagem.)
- **o tempo após as guerras napoleónicas** (No início do século XIX., Portugal encontra-se no início de um tempo calmo após a última guerra com Espanha. Começa um lento devolver à normalidade, recuperação da população e de intensidade da agricultura local Para identificação de formas de uso do solo, as escrituras camarárias ligadas a trocas, arrendamentos e vendas de terrenos foram consideradas como uma fonte importante de estudo. As datas concretas entre 1813 e 1816 foram estabelecidos com base na legibilidade das fontes nos arquivos municipal de Monforte e distrital de Portalegre.

Até à era liberal (séc. XIX) perdura uma forma tradicional de aproveitamento agrícola, divisão de propriedades e posse de terras. Memórias paroquiais e Livros de arrematação são documentos, que no período de cinquenta anos fornecem uma informação complementar sobre o território, compondo uma imagem da paisagem oitocentista.

- anos 30 do século XX. (início da campanha do trigo, junção dos campos e início de cultivo de cereais em grande escala, mecanização do trabalho)
- anos 50 do século XX. (Fim de campanhas do trigo, exaustão das terras e início do abandono da agricultura de subsistência significa também uma altura de maior desenvolvimento populacional da vila de Monforte, antes do seu declínio persistente até aos nossos dias. Terceira época significativa para a paisagem estudada tem tipos de uso do solo documentadas cartograficamente.)
- fim de anos sessenta (estabelecimento da água canalizada e assim o fim da última razão para a presença quotidiana na paisagem)
- após o ano 1986 (os subsídios da EU modificam as formas de trabalho da terra; a maior importância do gado reflecte também a mudança de dieta do povo)

A paisagem cultural da Ribeira Grande entende-se como um espaço rural, que envolve também os conjuntos patrimoniais significativos nas proximidades da ribeira. Num entendimento mais complexo, adicionam-se dois monumentos: Rossio e Villa lusitano-romana de Torre de Palma.

Das várias épocas históricas, com base na informação recolhida sobre estes, designamos as três épocas mais significativas, determinantes para o desenvolvimento da paisagem da Ribeira Grande. O critério da sua eleição foi determinado pela importância histórica - impacte no desenvolvimento da paisagem local (mudanças significativas, quantidade de vestígios...), distribuição no tempo e pela acessibilidade de fontes.

Seguem-se assim três retratos históricos da paisagem da Ribeira Grande num tempo histórico mais alargado possível para os períodos considerados mais significativos no âmbito de pesquisa feita neste trabalho: época romana tardia (1-3 séc. A.D.); época de uso do solo oitocentista (anos 1758 e 1813-1816); era depois das campanhas do trigo (1953).

Época romana

Enquadramento histórico

O início da soberania romana sobre a Península Ibérica iniciou-se com a segunda Guerra Púnica, 218 -201 B.C. Enquanto os exércitos romanos conseguiram a vitória total sobre os cartagineses, a resistência das tribos locais, especialmente nas partes setentrionais da península permitiu a soberania romana de toda a península apenas em 19 B.C.

Após assumir o poder, Octaviano incentiva a divisão das províncias hispânicas, de Hispânia Ulterior no ano 27 B.C. De senado depende a Bética (Andaluzia, com organização similar à de Roma, próspera e a mais mediterrânica); enquanto de Octaviano directamente depende a Lusitânia (espaço português até ao rio Douro e no Este até à Ávila, de grandes contrastes e organização dispersa). A Hispânia Citerior, dependia também directamente do Imperador, e mais tarde foi denominada Tarraconense.

As três grandes províncias da península foram subdivididas em *conventus iuridici* centrados nas cidades, e geridas pelos legados, suportados pelos questores de causas militares, económicas e de justiça. A capital administrativa da província Lusitânia era Emérita Augusta, ligada com centros urbanos de outras províncias (Gades, Nova Cartago, Bracara Augusta) assim como com os lusitanos (Olisipo, Pax Iulia, Scallabis, Salacia)⁵.

Mais tarde a municipalização, dividindo o espaço em *civitas* e centurição, parcelamento de terrenos dependentes de novas cidades, deu origem a uma organização espacial mais detalhada.

Para a gestão de novas províncias a construção de vias de acesso foi essencial. A construção de vias principais em calçada deu origem à rede viária conhecida até ao século vinte. A passagem de um dos itinerários essenciais identificados entre Lisboa e Mérida marcou o desenvolvimento do espaço da Ribeira Grande.

Enquadramento sócio-económico

A delegação de poderes centrais, assim como a ascensão da nobreza local, criou uma sociedade muito próxima à romana centrada nas cidades, subsidiadas pela produção agrícola essencial pelas vilas rústicas adjacentes e suportadas pelas mercadorias especiais de centros mais distantes.

A importância da auto-suficiência das propriedades agrícolas assim como a idealização da vida rural, reflectem-se nas obras de muitos autores clássicos. Existem também

⁵ Como cidades menores, algumas de origem romana, outras centros urbanos anteriores romanizados, podem nomear-se Ebora, Eguitânia, Montóbrica, Tróia, Myrtillus, etc.

tratados específicos sobre as boas práticas agrícolas. Acerca da agricultura de latifúndios, no início da nossa era, sugere-se uma composição de culturas mais eficaz no espaço mediterrâneo: “a exploração ideal deveria reservar 50ha aos diferentes cultivos (cereais, hortícolas e outros), 25ha à vinha e 60ha ao olival. Deste modo obtinha-se e conjugava-se, de um modo equilibrado, a típica policultura mediterrânea, sem esquecer as importantes componentes hortícolas e o indispensável herbário de condimentos, também usado na farmacopeia.”⁶

O estabelecimento de várias vilas rurais no Alentejo e Algarve no primeiro século da nossa era, deve-se ao suporte de Julios-Claudios-Flavios, seu “programa de fomento da propriedade rural provincial”⁷. Neste tempo foi estabelecida a maioria das vilas hoje conhecidas no sul da Lusitânia. Nos séculos três e quatro quando da dissolução da estrutura administrativa e decadência geral dos centros urbanos, muitas destas propriedades rurais complexas foram ou abandonadas ou transformadas em centros básicos de governação do território, adoptando o cristianismo e alargando a pose de terras até aos latifúndios, mantendo-se como centros de auto-suficiência.⁸

Enquadramento da paisagem da Ribeira Grande

O Alentejo, espaço agrícola, pouco fértil, mas relativamente urbanizado já nesta altura o cruzavam várias trajectórias para os centros mais importantes. Os centros próximos a Emérita Augusta, e com influência na economia local eram Ad Septem Aras, Abelterio e Ammaia.

Na administração local da época de Augusto, a Ribeira Grande formava provavelmente o limite entre a *civitas* de Eborá e de Ammaia.⁹ A fronteira com a terceira *civitas* – da Emérita Augusta – sugere-se 10 km a sul, em Veiros.¹⁰ Os vestígios comprovaram a pertença de Torre de Palma, propriedade rural, que se situa a norte da ribeira, à tribo Quirina, inscrita já na cidade de Ammaia.¹¹

As vias principais assim como as trajectórias secundárias, foram essenciais ao desenvolvimento cultural e económico da época, tanto facilitando o escoamento de produtos como exigindo uma rede suficientemente densa de centros menores ao longo de percurso para a assistência dos viajantes.

⁶ Sobral Centeno, Rui Manuel, *Civilizações clássicas II – Roma* (Universidade Aberta, Lisboa 1997); Pag.47

⁷ Mattoso, J. (coord.), *História de Portugal – 1º vol. Antes de Portugal*, (Círculo de Leitores, 1992); Pag.247;

⁸ idem, *ibidem*

⁹ Mascarenhas, J.M.; Barata F.T. in: Sarantopoulos, P. e tal., *Paisagens arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora 1997; pag.64

¹⁰ (Rosa Plana-Mallart 1995) *apud* Mascarenhas J.M.; Barata F.T. in: Sarantopoulos, P. e tal., *Paisagens arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora 1997; pag.64

¹¹ Mascarenhas, J.M.; Barata F.T. in: Sarantopoulos, P. e tal., *Paisagens arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora 1997; pag.64

Na parte central da Lusitânia existiam entre Olisipo e Emérita Augusta três itinerários principais: A via de sul passava por Salacium (Alcácer do Sal) e Eborá, a via de Norte atingia Scallabis (Tomar) e a via central encontrava entre outros Abeltério (Alter do Chão) e Matusarum.

A passagem da via central, do itinerário chamado “Antonino” supõe-se pela ponte sobre a Ribeira Grande em Monforte – de origem romana, datada entre o segundo e quarto século da nossa era, imóvel de interesse público, que se encontra no centro da paisagem estudada. Para comprovação da continuidade da via para Arronches não foram ainda encontrados vestígios de calçada ou outros nas imediações da vila.

Outro monumento ligado à ocupação romana do espaço nesta época é a vila lusitano-romana da Torre de Palma, dois quilómetros a Noroeste da Ribeira Grande.

Mário Saa identifica a Vila da Torre de Palma como Matusaro, sítio de passagem do itinerário Antonino. Outros autores não estão de acordo ou hesitam (J. Silva 2001, J. Alarcão 1983). O percurso descrito por Alarcão suporta-se na mais concreta localização e distância dos “miliários” (cada milha corresponde a mil passos, cerca de 1481 metros) assumindo assim a localização do Matusaro nas proximidades de Arronches.

Resultado da imagem histórica da paisagem romana

As informações existentes sobre localização de vilas e traçado concreto de itinerário não permitem desenho de uma imagem histórica da paisagem, detectam-se apenas elementos e linhas soltas no mosaico desconhecido.

Das linhas essenciais da paisagem em estudo sobressaem a passagem da via central para a Mérida de Lisboa pela ponte da Ribeira Grande e a sul da área estudada a fronteira de três *civitas*.

As investigações recentes revelam o mosaico de propriedades agrícolas seria mais denso logo as villas rústicas não trabalhavam latifúndios tão vastos, como de hoje e como se adivinhava pela distribuição de grandes vilas rurais. A trama de paisagem era complementada por propriedades menores (Mattoso 1992). Por falta de investigação arqueológica, não se pode saber qual o mosaico fundiário nem a sua presença no termo de Monforte.

Jorge Alarcão caracteriza Torre de Palma como típica “vilae rusticae” dedicada à produção agrícola.¹² Supõe a sua construção para o início do século primeiro e que terá perdurado até aos séculos terceiro ou quarto. As suas principais produções foram de trigo, vinho e criação de porcos – semelhantes aos outros complexos agrícolas da zona

¹² “No Portugal romano, a exploração latifundiária parece circunscrever-se ao Alentejo. Aliás é a única região do País que, pelas suas características pedológicas hidrológicas e demográficas, se prestava a este tipo de exploração. É uma província de planuras apenas levemente onduladas.” “A vinha era a cultura donde poderia tirar-se rendimento, dependente, todavia da facilidade de escoamento e venda. O Sado, por um lado, o Guadiana, pelo outro, e talvez ainda a via de Olisipo a Emérita por Eborá seriam, por esse facto, as zonas vitícolas mais rentáveis.” Jorge Alarcão p.107

na época. Às tópicas condições agrícolas da época deve acrescentar-se uma particularidade da villa, a criação de cavalos de corrida.¹³

Sobre organização espacial, ou seja de existência do trama de compartimentação ortogonal de terrenos de *civitas*, ou sistema *ager arcifinalis* de terras delimitadas pelos elementos naturais, não é possível pronunciar-se antes de serem concluídos os trabalhos de investigação arqueológica.¹⁴

Quanto ao uso do solo, prevalecia a combinação de campos de trigo, com oliveiras, vinhas e pastagens para os cavalos (a fama de cavalos Lusitanos em todo império levantava a possibilidade de bons negócios).¹⁵ É ainda provável, apesar que nos estudos da localidade ainda não confirmada, a presença do montado com criação extensiva de porcos, comum noutras partes de província.

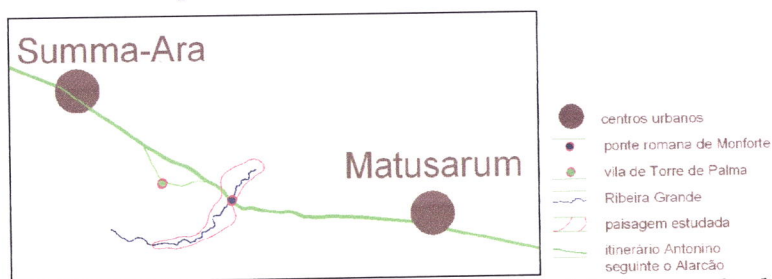


Fig.28 Passagem de via entre Olisipo e Emérita perpendicularmente a paisagem estudada. Dois monumentos pertencentes originários da época estão marcados no centro.

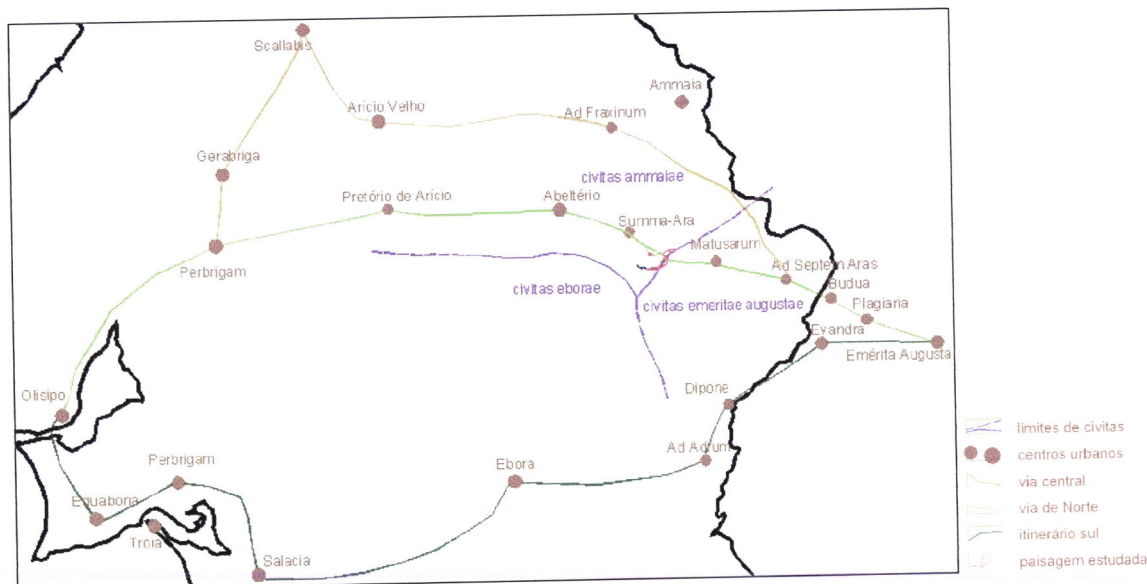


Fig.29 As três vias de Olisipo a Emérita Augusta, uma das quais atravessa perpendicularmente a paisagem estudada.

¹³ Sua documentação encontra-se nos mosaicos depositados em Lisboa, no Museu Nacional de Arqueologia.

¹⁴ Apesar de que se supõe a existência de malha de divisão ortogonal baseada na compartimentação dos terrenos realizada por agrimensores enviados pelo Augusto para a *civitas* de Eborae (Mascarenhas, Barata 2002) e provavelmente também a esta zona.

¹⁵ Mattoso, J. (coord. *Et al.*), *História de Portugal – 1º vol. Antes de Portugal*, (Círculo de Leitores, 1992);

Ano de 1758

Enquadramento histórico

O ano de 1758 ao nível político enquadra-se na postura reformista do futuro Marquês de Pombal,“ O seu poder consolida-se após vários confrontos com os elementos do governo, a partir de 1755 com o terramoto de maneira absolutamente irreversível quando chama a si a tarefa da reconstrução.

É precisamente no ano de 1758 que a luta política atinge o seu clímax com a tentativa de regicídio, na versão oficial por criados às ordens do marquês de Távora e do duque de Aveiro. O conde de Oeiras¹⁶, na altura já o ministro, aproveita para executar de forma cruel alguma da nobreza mais proeminente do reino e fazer da execução pública em Belém um exemplo para todos os outros, e a verdade é que não mais a aristocracia esboçou reacção ao ministro.

Através do processo dos Távoras e a expulsão dos Jesuítas, Sebastião Carvalho e Melo elimina os poderes periféricos e concorrentes ao poder central.

Enquadramento sócio-económico

A nível económico é neste tempo que é criada a companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro com o intuito de proteger os produtores da concorrência interna e da exploração inglesa, sendo que apenas a companhia podia vender o vinho na cidade do Porto, uma medida mal justificada, que provocou motins e rebeliões abafados com punho de ferro.¹⁷

O grande terramoto de 1 de Novembro de 1755 proporcionou um levantamento dos estragos a nível nacional e proporcionou um censo da população e delimitação das cidades e povoações.

Esta medida tinha importância ao nível de uma futura reconstrução de todo o país e teve também como razão a afirmação do poder central numa circunstância extraordinária. A ideia de levantamento total do país enquadrava-se também no espírito da época, ainda iluminista e enciclopedista. Num momento muito significativo para o país, deu possibilidade de conhecer sua extensão, riqueza, variedades e formas de vida.

¹⁶ Marquês de Pombal nasceu com nome Sebastião José Carvalho e Melo, posteriormente feito Conde de Oeiras (1759), o título de Marquês foi lhe atribuído apenas em 1775.

¹⁷ O ministério do Marquês de Pombal foi dos mais polémicos da história portuguesa, ele próprio foi julgado por um tribunal de D. Maria I mas o mesmo insistia que todas as suas acções tinham tido a chancela de D. José I, o que significava que condenar o homem que dirigiu a política nacional inteiramente até 1777, data da morte do rei, seria igualmente condenar o soberano.

Conforme estas razões o Marquês como o dirigente do poder estatal mandou fazer um inventário dos bens de todos os concelhos do país. Como metodologia de inventariação foi eleito o questionário dirigindo os inquéritos aos párocos das freguesias existentes. Respostas a estes inquéritos, geralmente conhecidas como Memórias paroquiais, encontram-se hoje no Arquivo Nacional de Torre do Tombo.

Enquadramento da paisagem da Ribeira Grande

Três anos após o terramoto foram documentados todos os bens concelhios pelos respectivos párocos. O eixo de terramoto entre Lisboa - Santarém - Portalegre deveria atingir notavelmente a zona de Monforte, apesar dos párocos não descreverem muita destruição concreta na vila de Monforte.

No caso de Monforte foram de inventariação real encarregados os três padres presentes: *O padre José Mendes Soares - Reitor da Matriz; O padre Me^l Miz. Curvo - Pároco do Rei Salvador; O prior Dignitário - Francisco Gomes Lima.*

O levantamento, que decorreu no ano 1758 descreveu todo o concelho - as suas freguesias e vilas, aspectos naturais, patrimoniais e sócio-económicos.

Na descrição de aspectos naturais de Monforte, encontra-se menção sobre os produtos resultantes do uso do solo, a qualidade das terras em geral e a existência da. Os párocos descrevem Ribeira Grande, suas afluentes, os elementos construídos ao longo desta, a formas de uso da sua corrente, impostos sobre a água e sobre o peixe. Entre os elementos construídos descritos encontram-se os em funcionamento (como moinhos e lagar), mas também a aproximada localização dos já desactivados ou aqueles que na altura já estavam em estado de ruína, mas sobre os quais existia a memória (caso Azenha do Cubo, etc.).

Nesta descrição complexa centrou-se a observação dos elementos históricos no espaço da ribeira. A transcrição da parte de Memórias Paroquiais, que descreve a Ribeira Grande inclui-se nos Anexos.

Anos 1813-1816

Enquadramento histórico

No triénio de 1813-1816 Portugal encontra-se numa época de regressão económica após o desenvolvimento económico, fruto da política pombalina, decorrente até 1807.

Essa regressão deve-se especialmente aos dois factores que foram a guerra peninsular (1807-1811) e à crescente pressão inglesa (causada especialmente pela sua avançada produção industrial).

É também durante este triénio, que em 1814 que se estabelece a paz no continente europeu. Mas é apenas em 1815, que se torna efectiva com o congresso de Viena.

A situação em Portugal é de alguma insatisfação pelo facto do príncipe regente permanecer numa das colónias, no Brasil, e o seu país natal estar a ser administrado como uma colónia inglesa sob o comando de William Beresford.¹⁸ O empobrecimento da economia local deu-se também ao facto dos portos de Brasil estarem abertos ao tráfego comercial, o que antes era uma prerrogativa da metrópole Lisboaeta e não da colónia.

Enquadramento sócio-económico

O espaço imediatamente próximo da fronteira espanhola sofreu sempre incursões, tanto de pilhagens franco-espanholas como da política da “terra queimada” do lado português, que causou notável diminuição populacional. José Acúrsio das Neves descreveu a falta de população e uma lenta retoma económico-agrícola:

“...Observa-se agora um fenómeno em Portugal, e principalmente nas províncias mais próximas à capital, que parece contrariar esta teoria de preços: o pão tem descido consideravelmente, e os salários do trabalho conservam-se mui altos, sendo por isso que os proprietários e cultivadores temem a sua ruína; mas isto procede de circunstâncias particulares, que têm rompido o equilíbrio, das quais umas cessaram por si e outras pedem auxílio. Os numerosos exércitos que têm ocupado o país, saindo dele e afastando-se para longe das nossas fronteiras, deixaram um grande vazio no consumo dos víveres, ao mesmo tempo que grandes quantidades se tinham acumulado e a paz aumentou a facilidade da sua importação: isto devia produzir abatimento no seu preço. Mas ainda não foram restituídos aos campos muitos braços que lhe pertencem, e isto deve produzir carestia no salário dos seus trabalhos...”¹⁹

O mesmo autor menciona várias possibilidades de retoma de prosperidade mas receando os caminhos não adequados para Portugal entre as políticas de recuperação, exemplos de outros países.²⁰ Nesta época ainda não foram parcelados os baldios nem divididas as terras das ordens religiosas. Neste sentido o espaço da paisagem ainda significa uma divisão do estilo oitocentista.

¹⁸ A insatisfação é mais notória em certas franjas de exército mais conotadas com o espírito revolucionário francês. E nesta circunstância e decorrendo do congresso de Viena a perseguição aos “pedreiros livres” aumenta.

¹⁹ Neves, J.A.: *Variedades sobre objectos relativos às artes, comércio e manufacturas, consideradas segundo os princípios da economia política (Tomos I e II)* p.314

²⁰ “1º) Se em um país como o nosso, que no estado actual da sua agricultura não produz o pão necessário para o sustento de seus habitantes, ainda nas colheitas mais abundantes, se impusessem direitos pesados sobre a importação deste género da sua primeira necessidade, a consequência imediata seria um grande aumento de preços em todos ou na maior parte dos géneros vendíveis, e depois a decadência da nossa indústria e população.”

Neves, J.A.: *Variedades sobre objectos relativos às artes, comércio e manufacturas, consideradas segundo os princípios da economia política (Tomos I e II)* p.315

Enquadramento da paisagem da Ribeira Grande

Apesar deste espaço fronteiriço norte-alentejano estar abanado por guerras, ataques e pilhagens, os *Livros de Tombo dos Bens da Câmara Municipal* assim como os *Livros de Tombo das Arrematações* distritais são bastante ricos em descrições de trocas, arrendamentos e vendas de terrenos de diferentes tipos de uso.

A forma de escrita é complexa, referindo normalmente na descrição do terreno em questão também os terrenos vizinhos, o que permite abarcar espaço e o seu aproveitamento agrícola com maior detalhe e estruturação.

Os tipos de ocupação de solo do espaço envolvente à Ribeira Grande foram estudados Livros do Tombo de Monforte (descrição de troca, arrendamento e venda de terrenos pertencentes a Câmara), que se encontram no arquivo histórico da edilidade e Livros de Notas do Cartório Notarial de Monforte (transacções com terrenos privados), que se encontram no Arquivo Distrital de Portalegre.²¹

Resultado da Imagem histórica da paisagem oitocentista (1758-1816)

O mosaico da paisagem que foi possível compor é incompleto, mostrando apenas algumas zonas mais solicitadas/importantes da época.

A densidade de construções descritas ao longo da Ribeira Grande reflecte a intensidade de presença do homem na paisagem. As manchas de diferentes tipos de uso do solo reflectem apenas umas partes soltas de território. Apesar disso, reflectem os tipos de uso mais solicitados e de importância económica e social assim como a sua distribuição na paisagem ribeirinha.

As referências às formas de usos do solo e assim a maneira de organização de território referidas nas memórias não estão descritivas de forma complexa, apenas mencionam os mais importantes aspectos de paisagem assim como da produção agrícola. Cita-se a seguir uma parte que fala sobre os produtos locais mais significativos:

Se tem termo seu, (que lugares ou aldeias comprehende, como se chamam, e quantos vizinhos tem)?

“O termo da villa de Monforte, he um dos maiores termos, que he entre as termas circumvezinhas toda consta da terra cultivada, com grandes montados assim de bolota, como Alandra, dá bastante trigo senteio, sevada favas, grãos chixarros, feijões fradinhos, com bons postos p^a criação, especialmente ovelhas. Corpulentas com lanisco muy fino; pois ordinariam^{te} entrão sinco ou seis velos em cada huma arriba há m^{tas} criações de porcos, vacas, bois; pois o trato comum não só dos moradores do termo; mas ainda da villa, he o da lavdira. Tem o termo sinco freguezias; e ainda algumas herdades do d^o termo pertencem á freguezia de S. Pedro de Almuro termo de Veiros como São Inchara de baixo, Inchara de Sima etc.”...

²¹ Para este tipo de pesquisa a inabalável ajuda do Mestre em Historia local, José Inácio Militão da Silva, Historiador da Câmara Municipal de Monforte foi essencial.

Se cultivam as suas margens, e se tem muito arvoredo de fruto, ou silvestre?

“Em algumas partes se cultivão as margens de ribeyra p^a melancias, melões milho muido feyjoes fradinhos, e elguma milho grosso.”

As referências à particulares elementos da paisagem incluem-se na sua descrição de cada um, agrupados pelo seu carácter no capítulo do estado actual da paisagem, no anexo.

As várias inscrições nas fontes estudadas permitem vislumbrar as diversas formas de uso do solo da época. No entanto a composição da paisagem é um mosaico muito mais complexo do que o tipo de mapa que foi possível compor com base nas informações obtidas.

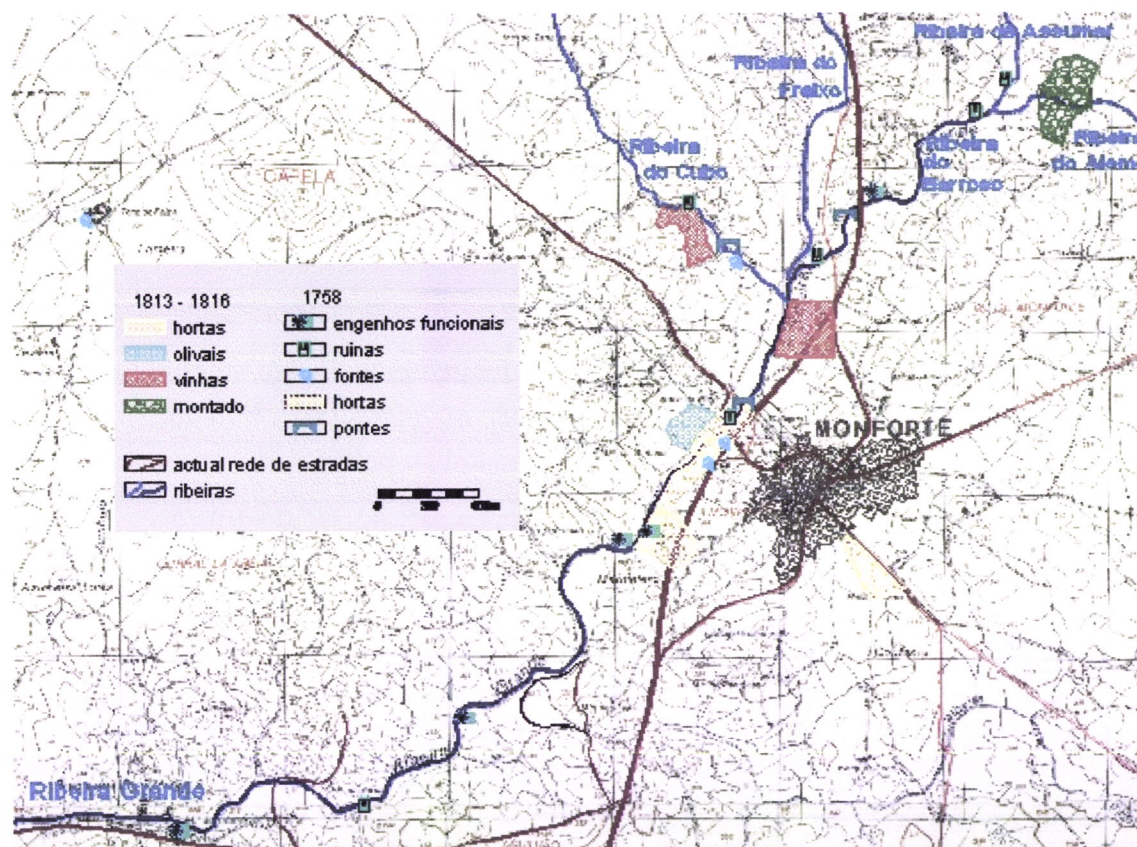


Fig.30 Imagem histórica da paisagem oitocentista (1758-1816)
Contributo para localização de identificados tipos de uso do solo na época e elementos construídos, documentados nas escritas da época.

MUDANÇAS LIBERAIS

Na década de 1830, a extinção das ordens religiosas alterou substancialmente a composição social rural da maioria do território. A divisão das terras de ordens afectou seriamente os concelhos vizinhos (Elvas – Dominicanos e Fronteira – Ordem de Avis) aumentando o tamanho geral das propriedades agrícolas. Monforte, resplandecente no vazio entre ordem de Avis e Alcântara, notou apenas mais lenta dissolução de ordem franciscana feminina residente na vila.

As terras conventuais terão sido repartidas entre proprietários de maior poder financeiro. Manteve-se portanto a estrutura fundiária da paisagem e a dinâmica social da província, que no Alentejo com as condições ecológicas agrestes, significava vastas propriedades extensivas. No entanto as modificações proprietárias aceleraram alteração de formas de uso do solo, e assim de todo o mosaico da paisagem.

Época após as campanhas de trigo

Ano de 1953

Enquadramento histórico

O Presidente do Conselho de Ministros Oliveira Salazar, levantou em 1929 (a ideia de auto sustentabilidade do país, especialmente na produção alimentar, as assim chamadas Campanhas de trigo levantaram-se em todo o país).²²

O aumento de área de terra lavrada com pouca adição de mecanização exigiu o aumento de trabalhadores rurais mas não necessariamente o aumento de qualidade de salários e de vida destes.

Na maioria do Alentejo, os montados com cobertura do solo permanente e pouca intervenção humana, foram substituídos por campos de trigo com movimentação anual de terras.

Aração e exposição aberta iniciaram um rápido processo de erosão. Na maioria do espaço alentejano sem nenhuma capacidade de sustento de solos aumentou rapidamente o processo de desertificação e um problema ecológico grave.

“O derrube de azinheiras e sobreiros faz-se há alguns anos e continua a fazer-se, sem se prestar atenção ao tipo do solos em que se encontram, como se todos os terrenos de montado pudessem dar boas cearas.” “Os efeitos de erosão nos nossos solos podem ser definidos a curto e longo prazo... A longo prazo, a principal consequência é o constante empobrecimento e adelgaçamento do solo através de uma erosão não controlada.”²³

²² A mobilização de terras nunca lavradas poderia ser comparada com as lavrar de “celinas” na Ucrânia (ou seja até esse tempo terras nunca tocadas pelo arado) nos anos vinte, com mesma ideia de auto sustentabilidade do país – a jovem URSS.

²³ J.R. Ramalho, *Algumas reflexões...* pag.39

Os anos cinquenta significam o limite de processo degradante intensivo das terras. A resistência dos ecossistemas naturais atingiu o seu limite, apesar de já não estarem lavrados os terrenos menos adequados, continua a sua erosão acentuada por solo ter perdido suas camadas protectoras. Com o empobrecimento de solos, diminui a capacidade de sustentação de populações e esta começa abandonar as zonas rurais.

O êxodo da população para as cidades levanta problemas de sua adaptação social nos novos sítios, muito diferentes do seu ambiente natal (Ramalho 1985), mas também um esvaziamento do espaço rural.

Enquadramento sócio-económico

A época após o maior auge das campanhas do trigo significa para a maioria do Alentejo, que terra está cansada e sem forças de para proporcionar um aumento de produção e população. Apesar de se criarem algumas infra-estruturas básicas, as condições de vida continuam precárias na maioria do Alentejo. A electricidade não atinge todo o território e é cara, a rede pública de águas ainda não está estabelecida.

Nos anos sessenta com a ligação de água potável e melhora da electrificação, muda-se a imagem da vila de Monforte, e seu ritmo de vida. A mecanização de maioria dos trabalhos agrícolas e diminuição de oportunidades de emprego assim como novos tipos de trabalho nas cidades, resultam no cenário de fuga para as cidades, mais acentuada ainda após 25 de Abril de 1974 (Cunha 1985).

Enquadramento da paisagem da Ribeira Grande

O levantamento de todos os terrenos concelhios para o efeito de definição de impostos encontra-se nas cartas cadastrais. À cartografia está associada documentação de proprietários e listagem dos seus terrenos. Assim chamada campanha de 1953, que percorreu no concelho de Monforte em Fevereiro de 1954, fornece complexa imagem sobre o uso do solo do território nos meados de anos cinquenta de século vinte.

A cartografia, encontra-se preservada no Gabinete Técnico da Câmara Municipal, enquanto as listas de proprietários na Tesouraria da Fazenda pública de Monforte.

As cartas documentam o fim da época de maior intensidade de uso do solo, ainda com a maioria de terrenos dedicada a produção cerealífera. A população nos anos cinquenta atinge o seu auge mas ainda permanece com um estilo de vida tradicional. Prevalece a ocupação no sector primário, tipo de agricultura tradicional, ainda com abundante mão-de-obra.

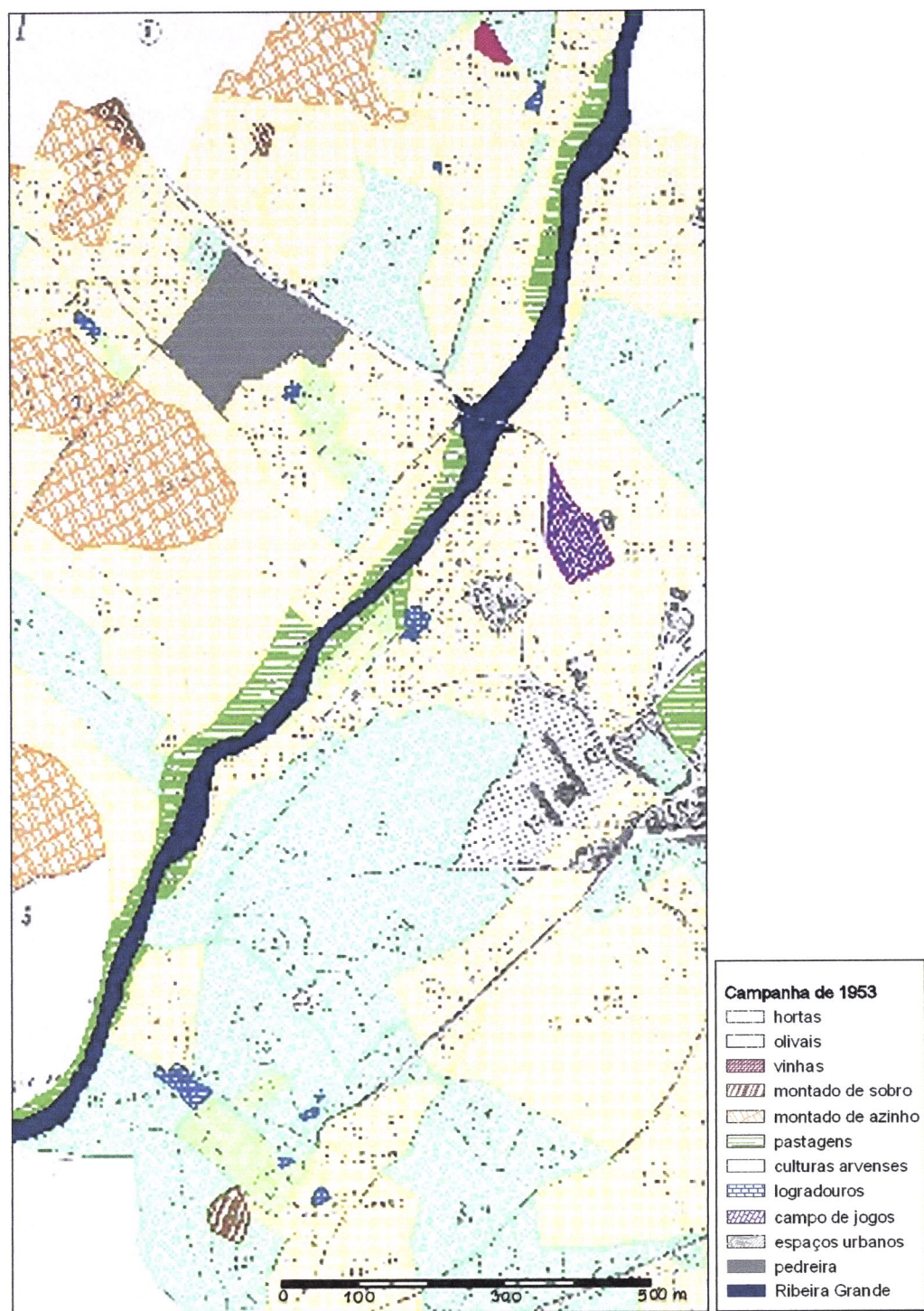


Fig.31 Imagem da paisagem em meados dos anos cinquenta do século XX.

Resultado da imagem da paisagem na época dos anos cinquenta

As extensões de espaços dedicadas aos olivais, apesar de diferentes dimensões, reflectem a importância da azeitona na zona. Quase inexistentes são zonas de montado, com excepção dos azinhais de Monte de São Gens.

Nas proximidades de ribeira verificam-se as únicas zonas de pastagens, reflectindo assim a pouca quantidade de gado e ainda a maioria deste aquartelado nos estábulos em casa.

No espaço do Rossio, encontra-se uma parcela de uso desportivo - campo de futebol da época, a restante área designa-se como as culturas arvenses.

Como revela a carta do levantamento cadastral de 1953 (fig.4), a maior ocupação de solo é ainda de culturas arvenses. Os cereais encontram-se tanto nas parcelas mais pequenas, como nos campos de notáveis extensões, resultado ainda das campanhas do trigo e da mecanização do trabalho da altura.

| |
|---|
| O estado da paisagem desde os anos sessenta até hoje. |
|---|

A imagem da paisagem transforma-se drasticamente com a diminuição do impacto e de frequência da presença do homem nesta. As veredas e azinhagas tradicionais são abandonadas e esquecidas para serem substituídas por estradas mais rápidas mas menos densas, a população já não precisa de ir buscar água às fontes e poços em redor da vila. Todo o estilo de vida lentamente mas irreversivelmente muda para uma atitude mais sedentária e de menor contacto com a terra.

A instalação municipal de abastecimento de água potável na vila, no início dos anos sessenta, marca o fim a presença feminina na paisagem por causa da ida às fontes. É provavelmente também nesta altura que a lavagem de roupa passa de actividade desenvolvida na ribeira para uma realizada em casas privadas. O trabalho no campo, em redor de azeitona, trigo e nas hortas diminui por razões de não rentabilidade desta actividade, novas tecnologias e novas formas de rendimento de população rural.

Especialmente após 1986, quando país entra na União Europeia e em Monforte é construído o IP2, diminuem as actividades agrícolas e perde-se a ligação da população com o espaço da ribeira.

A localização do troço do itinerário principal entre a vila e a ribeira confirma a divisão entre a vida na vila e a paisagem da Ribeira Grande.

Em 2003 foi realizada intervenção paisagística no Rossio e construídos fogos sociais nas suas imediações. Na primavera de 2004 acaba-se nova ligação da vila ao IP2, trasladando as famílias ciganas da Adua para os fogos sociais e demolindo esta. O fim da história de Grandes festas de Gado no Rossio assim é consumado.

IV.5 Caracterização de estado actual da paisagem da Ribeira Grande

Ao longo do ano de 2004 desenrolaram-se repetidas visitas ao espaço de caso de estudo. A paisagem cultural da Ribeira Grande foi documentada em todas as épocas do ano, quanto a aspectos de vegetação e foram abrangidas as formas de uso do território de limitada duração temporal.

Em conjunto com as observações e documentação no terreno, prosseguiu-se com o estudo das fontes históricas e também com a procura da “teia viva” em entrevistas. Destas duas formas de investigação surgiram novas informações sobre a paisagem e seus elementos. Nas repetidas visitas ao espaço de estudo foi-se verificando o estado dos elementos mencionados por outras fontes.

Procurou-se identificar todos os aspectos da paisagem em estudo, tanto os históricos, arquitectónicos e patrimoniais como de formas de uso do espaço, do solo e marcas de vivência actual dentro da paisagem. O critério para a identificação dum sítio, elemento construído ou natural, como significativo, deriva da existência de acesso, possibilidade de claramente identificar o elemento, de preferência com provas de seu uso ou pela presença de utilizadores da paisagem.

O resultado desta pesquisa prolongada no terreno foi “cristalizado” nas fichas de descrição da paisagem e das suas componentes.

- A descrição da paisagem desenvolveu-se na divisão do espaço em estudo em três conjuntos territoriais de maior semelhança biogeográfica e de uso do solo. Após a sua caracterização, descreveram-se as ribeiras, carácter da sua paisagem envolvente incluindo as matas ripícolas e classificação hídrica, se existente.

Em toda a caracterização da paisagem e seus elementos prossegue-se para jusante na Ribeira Grande e seus afluentes.

- As descrições dos elementos construídos ou espaços de algum uso especial, encontram-se agrupados nos capítulos segundo os seus tipos. Cada elemento está caracterizado no seu estado actual, documentado fotograficamente, e é incluída a sua referência nos documentos históricos estudados (componente da teia da memória morta). Quando ocorre, refere-se a sua importância para os utilizadores da paisagem, como revelada pelas entrevistas (componente da teia da memória viva).
- A classificação dos elementos - muito importante, sem significado ou não identificável.

As caracterizações acima referidas estão incluídas no Vol. 2 do trabalho - Anexos. O resultado da caracterização do estado actual da paisagem cultural cria um conjunto de elementos mais significativos e os apenas significativos. O resultado encontra-se tanto na tabela comparativa como num esquema de elementos e suas ligações identificadas quanto à sua distribuição espacial na paisagem estudada.

IV.5.1 Resultados da análise do estado actual da paisagem da Ribeira Grande

Da classificação de todos os elementos incluída nas suas descrições (anexo 1-2) sintetizam-se aqui duas características mais importantes para a sua avaliação relativa à possível valorização e uso futuro: relevância espacial (acessibilidade) e relevância utilitária (estado de preservação).

Na tabela seguinte (fig.32) são incluídos os elementos classificados como mais relevantes para a teia de estado actual conforme os critérios descritos na metodologia. As componentes da paisagem são agrupadas pelo seu carácter.

Elementos construídos avaliados principalmente pela acessibilidade e em seguida pelo estado da sua conservação.

Primeiro grupo – de fácil acessibilidade e necessidade de simples intervenção

- Ponte Romana
- Monte de Moinhos
- Poço do Pensamento
- Fonte d'Aires
- Moinho do Inferno

Segundo grupo – de acesso menos fácil e com necessidade de intervenções maiores

- Ponte Velha
- Fonte de Aramenha
- Lagar Velho
- Açude em arco
- Casa do arco
- Fontana

| elementos | | avaliação |
|-----------|-----------------|---------------------|
| fontes | Aramenha | mais importante |
| | da Vila | bastante importante |
| | Pensamento | pouco importante |
| | Frades | pouco importante |
| | Aires | bastante importante |
| | Cubo | pouco importante |
| | Chafariz | pouco importante |
| pontes | Romana | mais importante |
| | Velha | bastante importante |
| | Estr.367 | pouco importante |
| | passadeira | pouco importante |
| | pass. Lagar | pouco importante |
| | Cubo | pouco importante |
| moinhos | Monte Moinhos | bastante importante |
| | Inferno | bastante importante |
| | Cubo | bastante importante |
| outros | Rossio | bastante importante |
| | Lagar Velho | bastante importante |
| | Casa do Arco | pouco importante |
| açudes | Açude em Arco | pouco importante |
| | Praia Fluvial | mais importante |
| | Repr. Grande | pouco importante |
| | Pego dos Fetos | pouco importante |
| Hortas | Andrade | pouco importante |
| | Grande | pouco importante |
| outros | Ribeira do Cubo | bastante importante |
| | Pedreira | pouco importante |

Fig.33 Avaliação dos elementos no seu estado actual dentro da paisagem





| | |
|--|---------------------|
|  | mais importante |
|  | bastante importante |
|  | pouco importante |
|  | insignificante |

Fig.34 Legenda de avaliação de importância dos elementos.

IV.6 Caracterização da relação dos utilizadores com a paisagem

Objectivos

O presente trabalho insere-se no tipo de estudos qualitativos aplicados (segundo Patton 2001) ou na forma de estudo interpretativo activo (segundo Stringer 1999), baseando-se no tratamento de dados combinados, tanto qualitativos como quantitativos.

As informações sobre o uso do território e da relação com a paisagem ribeirinha no passado e no presente foram obtidas através de entrevistas semi-directivas. Questionou-se também sobre as expectativas futuras dos vários utilizadores da paisagem da Ribeira Grande.

IV.6.1 Definição da amostra

IV.6.1.1 Caracterização sócio-económica da população

Como muitas outras terras no interior, Monforte passou durante a segunda metade do século vinte, duma população densa e fortemente ligada à terra, para uma sociedade pouco interessada no solo, sua fertilidade e ritmos agrícolas anuais.

A certa aversão, criada ao árduo trabalho no/de campo, afastou as novas gerações em pouco tempo do ambiente da sua inserção e da paisagem envolvente em geral. Também os sectores de trabalho foram modificados.

Hoje o maior empregador da vila é a Câmara Municipal, criando com os bancos, correios, outras instituições e lojas, o sector mais representado, o terciário – dos serviços (48%). O quase inexistente sector secundário (13,4%) está ligado à produção alimentar em poucas empresas existentes.

O sector primário (38%) funciona essencialmente na base de proprietários / agricultores, que trabalham os seus terrenos com muito poucas pessoas empregadas. Ainda que a especialização local seja o gado para as touradas, que incluído no sector primário cria ponte com o sector terciário.

| Local /ano | 1911 | 1940 | 1960 | 1970 | 1981 | 1991 | 2001 |
|-----------------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| Concelho de Monforte | 5986 | 7729 | 7245 | 4786 | 4281 | 3759 | 3393 |

Fig.35 Desenvolvimento populacional no concelho¹

Os dados do Intitulo Nacional de Estatística (INE) registram um acréscimo lento, mas progressivo da população residente até ao ano 1950. Desde essa data até hoje verifica-se no concelho um acentuado decréscimo demográfico. Existe um duplo envelhecimento da população, verificando-se um aumento da proporção de idosos e uma diminuição da proporção dos jovens.²

¹ Censos 2001 (INE) e Caracterização Económica do Concelho de Monforte - CMM (1999)

² item, ibidem

Na base da análise da população de Monforte (como fonte de dados foram consultados os Censos Concelhios) foram definidas percentagens de diferentes faixas etárias da população para poder aproximar as proporções da amostra entrevistada à real estratificação da população.

IV.6.1.2 Caracterização dos grupos etários

Como limite inferior de idade dos entrevistados definiu-se os 14 anos, sendo o último ano do Ciclo, na escola presente na freguesia de Monforte, e como uma idade de certa maturidade e suficientemente formada opinião sobre o território e ambiente envolvente. As divisões de faixas etárias tentaram seguir os diferentes níveis de experiência profissional e assim de relacionamento com mundo. Considerando-se como o primeiro ano de mudança os 24 anos, idade de regresso das universidades ou outras escolas para a vida em Monforte e tempo de experiências iniciais de vida de trabalho e profissão.

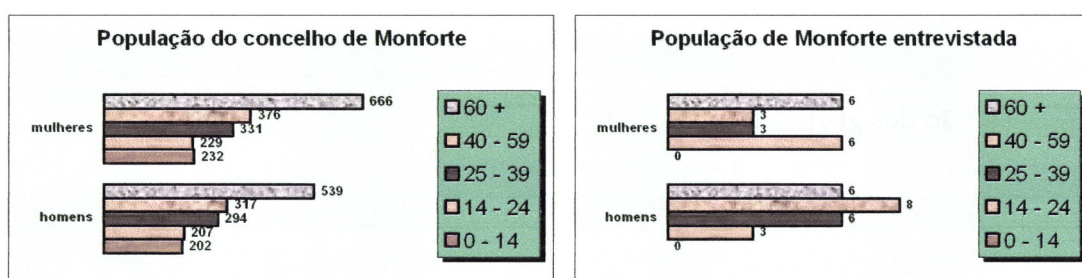


Fig.36-37 Comparação das faixas etárias entre a população e amostra entrevistada.

- 14-24 Idade principalmente escolar – Grupo composto por estudantes do último ano de ciclo e os do ensino secundário – Epral de Monforte; assim como pelas pessoas com carreira laboral iniciada há pouco tempo.
- 25-39 Jovens trabalhadores – a maioria do grupo com emprego na Câmara, normalmente com a escolaridade média ou superior, mas incluindo também os trabalhadores manuais, muitas vezes com origem nas freguesias próximas à de Monforte.
- 40-59 Faixa de trabalhadores de média idade – inclui especialmente pessoas mais ligadas à terra natal de Monforte. Prevaecem as pessoas com escolaridade básica, os trabalhadores manuais, muitas vezes empregados da Câmara municipal, ou proprietários de terrenos.
- 60+ Grupo de pessoas com idade avançada – a faixa etária de maior representação no concelho de Monforte. Entre os entrevistados deste grupo encontram-se entre os aposentados também alguns agricultores e proprietários dos terrenos nas imediações da ribeira.

| Idade | Entrevistados | Sexo | | % |
|---------|---------------|------|---|------|
| | | M | F | |
| | 9 | 3 | 6 | 22 |
| 14 - 24 | 9 | 6 | 3 | 22 |
| 25 - 39 | 11 | 8 | 3 | 26,8 |
| 40 - 59 | 12 | 6 | 6 | 29,3 |

| Idade | População total | Sexo | | % |
|---------|-----------------|------|-----|------|
| | | M | F | |
| 0 - 14* | 434 | 202 | 232 | 12,8 |
| 14 - 24 | 436 | 207 | 229 | 12,8 |
| 25 - 39 | 625 | 294 | 331 | 18,4 |
| 40 - 59 | 693 | 317 | 376 | 20,4 |
| 60 + | 1205 | 539 | 666 | 35,5 |

Fig.38-39 Tabelas de representação de idade e sexo da população
*faixa etária não incluída nas entrevistas

IV.6.1.3 Caracterização dos diferentes utilizadores da paisagem da Ribeira Grande

Como outro critério de definição de grupos para entrevistar, definiu-se a relação dos diferentes 'stakeholders' com a paisagem envolvente à Ribeira Grande. Em concreto da relação dos utilizadores com a sua paisagem.

Identificação dos grupos a entrevistar

Os turistas

- definem-se como o grupo mais distinto, especial, e de sua natureza bastante efémero, em Monforte quase inexistente. Uma excepção são vários estrangeiros, que vagueando pela Serra de São Mamede, descem para a planície e interessados pela próxima vila romana de Torre de Palma, visitam brevemente também a vila de Monforte. Outro grupo excepcional representam os antigos moradores (e seus amigos, familiares) em visita aos familiares ainda residentes na vila.

A normal escassez deste grupo inverte-se bastante nos meados de Maio, na altura da Monforfeira, festa taurina da Vila. Durante este acontecimento foram entrevistados alguns deles. A este grupo pertencem as pessoas que visitaram Monforte unicamente, ou tem alguma ligação à vila, pela qual voltam repetidamente.

Os idosos

- os cidadãos com idade maior a 60 anos. Dentro deste grupo podíamos distinguir ainda a categoria dos sábios ou especiais conhecedores locais, mas faltar-nos-ia um adjectivo correcto para a categoria de características opostas, pessoas sem maior ligação a Monforte, Ribeira Grande e a sua paisagem.

Jovens / estudantes

- como membros deste grupo entendem-se as pessoas entre os 14 e os 24 anos, sendo excluídos aqueles, em que outras características são mais importantes para a sua ligação com a paisagem - como de ser caçador ou técnico camarário.

³ Censos 2001 (INE)

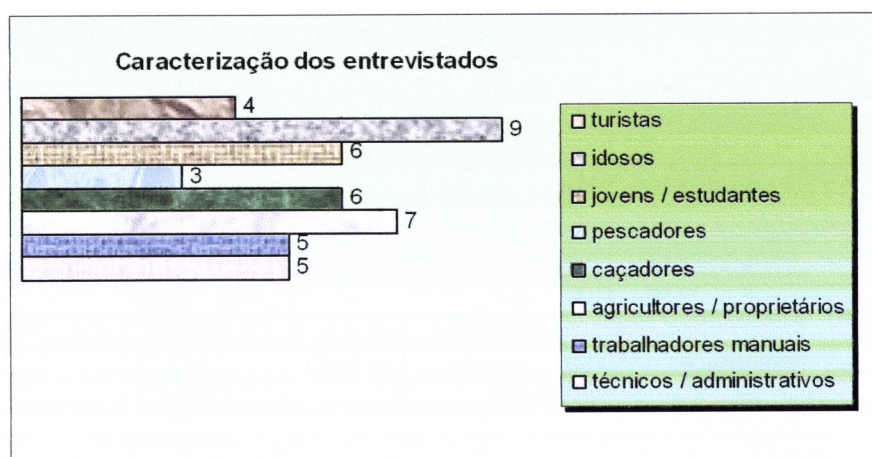


Fig.40 Divisão dos entrevistados nos oito grupos

Agricultores / proprietários

- todas as terras em redor à ribeira, com excepção de um monte arrendado, pertencem aos agricultores que nelas trabalham.⁴

Pescadores

- grupo definido pela actividade de pesca praticada hoje. Foram excluídas as pessoas que costumavam pescar apenas no passado, por hoje terem outras características mais importantes. No caso dos pescadores serem também caçadores, foram incluídos no grupo de caçadores, considerando essa actividade a mais importante para a ligação com a paisagem por abranger maior território, não se restringindo apenas à própria ribeira. Enquanto aos pescadores, sem outras ligações à paisagem da ribeira, podem mencionar-se por exemplo as pessoas com trabalho do tipo administrativo etc.

Os caçadores

- como no caso dos pescadores, incluem-se aqui as pessoas que presentemente praticam a caça, mais que uma vez por ano.

Trabalhadores manuais

- grupo caracterizado pela sua ocupação profissional como a mais significativa. Geralmente pessoas nativas da vila de Monforte, e assim a maioria das suas ligações ao espaço da ribeira remontam à sua juventude, com excepções de ocupações ligadas ao espaço da praia fluvial.

Técnicos administrativos

- pessoas empregadas maioritariamente pela Câmara, com frequência de outras freguesias dentro do concelho ou outras terras próximas. Pessoas com escolaridade normalmente secundária ou superior e com relação com a paisagem motivada geralmente por satisfação estética, lazer e descanso.

⁴ O caso de monte arrendado é bastante especial - o proprietário, um dos mais idosos entrevistados arrenda os terrenos a um agricultor mais novo, mas mantendo o seu pequeno rebanho de ovelhas - com o rebanho maior do rendeiro. Existe assim uma certa colaboração de gerações, apesar de não se ser familiar, tendo em vista o bem da propriedade

Problemas surgidos durante designação dos grupos

Previamente foram definidos os grupos de suposto diferente relacionamento com a paisagem da Ribeira Grande e a quantidade de entrevistados para cada grupo. Estes grupos após a realização das entrevistas sofreram relativa alteração, porque a intenção de incluir em cada grupo um número comparável de inquiridos foi contrariada por algumas das características das pessoas serem mais importantes em relação à ribeira do que as previstas - caso dos pescadores/caçadores...)

Para a relação com a paisagem da ribeira é mais importante a actividade de caçador, porque abrange maior território, possibilita um conhecimento mais complexo. Assim foram os inquiridos caçadores - sendo os pescadores incluídos no grupo dos caçadores, permanecendo no grupo de pescadores apenas um número de pessoas muito restrito.

Para a caracterização de pessoas dentro de cada grupo, foi considerada a mais importante a sua actividade actual. O caso exemplar representa o grupo de pescadores; enquanto pescar era no passado uma das actividades mais frequentes, mas que hoje retêm plenamente apenas três pessoas.

A proporção homens - mulheres

Apesar da maioria dos habitantes do concelho ser do sexo feminino (1834) do que masculino (1559), entre os entrevistados não se conseguiu manter a mesma proporção (18 mulheres e 23 homens). Neste cálculo não foi incluído o grupo de turistas, já que não são pessoas residentes no concelho.

A possível justificação encontra-se no facto da maior importância ser dada ao tema da Ribeira e sua paisagem, e na verdade todos os caçadores, pescadores e agricultores (proprietários de terras ao longo da ribeira) são homens.

Em geral verifica-se aqui a tendência mais rural de presença dos homens no terreno, enquanto as mulheres estão mais ligadas à vida na Vila. Um exemplo relativamente típico da sociedade em torno da agricultura.

Não só que a maioria das pessoas ligadas à paisagem e seu uso são homens, mas também ocorreu muitas vezes a pergunta ser dirigida da mulher para o seu marido, quando se levantaram questões sobre a Ribeira, sendo assim impossível juntar suficientes inquiridas...⁵ Finalmente verifica-se uma relação de 56% homens para 44% mulheres entre os entrevistados.

⁵ As senhoras mais idosas que se conseguiu persuadir da importância da sua opinião para a complexidade do trabalho, foram as mais ligadas ao espaço - ou viveram junto à ribeira, ou costumavam de lavar ali a roupa. Outra categoria constituem as senhoras mais novas, que costumavam ir buscar água às várias fontes em redor de Monforte, muitas nas proximidades da Ribeira Grande.

As pessoas mais novas tiveram geralmente menos medo de nos responder apesar das suas memórias da antiga vida da ribeira serem menos complexas.

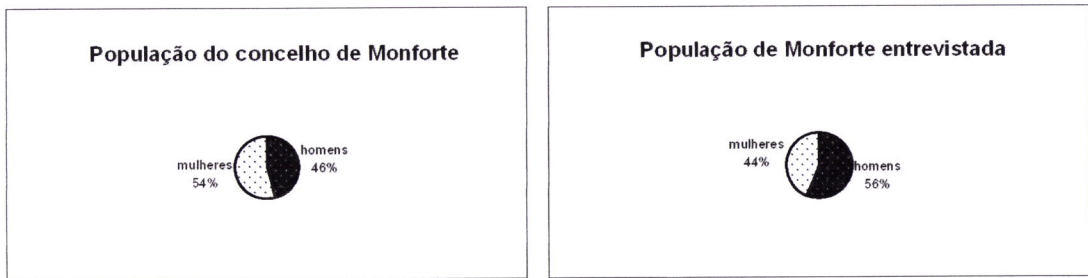


Fig.41-42 Comparação das relações homens/mulheres entre a população e amostra entrevistada.

No total foram entrevistados 1,2% da população do concelho de Monforte.



Fig.43-44 Duas imagens no decorrer das entrevistas e amostra concreta de espaços referidos.

IV.6.2 A análise de resultados das entrevistas

"The purpose of the analysis is to organize the description so that it is manageable."

(Patton 2001)

A análise das respostas às perguntas abertas, centrou-se na análise do conteúdo semântico (Serrano 1994). Estas respostas prendem-se especialmente com as relações de entrevistados com a paisagem da Ribeira Grande, formas de uso do espaço, e sugestões para o uso e intervenções futuras.

Da combinação de resultados quantitativos e qualitativos sobressaem os elementos mais importantes para a memória da paisagem, do seu uso histórico, ao seu uso quotidiano, e possibilidades de uso futuro, tal como entendido pela população.

IV.6.2.1 Os sítios, zonas melhor conhecidas no espaço da Ribeira Grande

O conhecimento geral do espaço é um dos pontos de partida essenciais para uma descrição mais pormenorizada dos aspectos da paisagem e relação com os seus elementos. A análise qualitativa do conhecimento do espaço pelos entrevistados, estratifica a população em relação à paisagem da ribeira.

Através da primeira pergunta procurou-se esclarecer de forma geral o conhecimento da Ribeira Grande pelos entrevistados. Pela segunda pergunta, definiu-se o nível de pormenor do conhecimento do espaço, preferências de alguns espaços concretos dentro da paisagem ribeirinha.

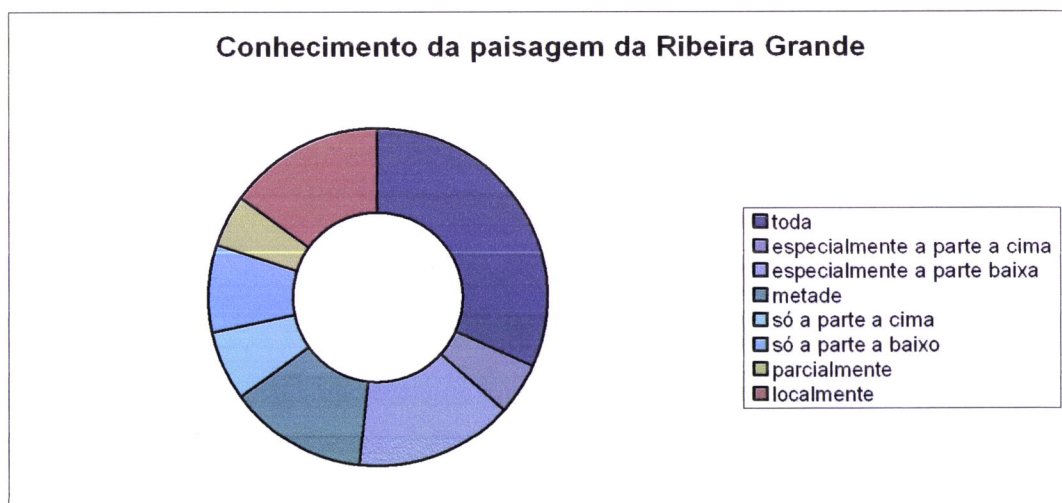


Fig.45 Representação gráfica da familiaridade da população com a paisagem da Ribeira Grande.

| Conhecimento da paisagem da Ribeira Grande | |
|---|-----|
| toda | 31% |
| especialmente a parte a cima | 5% |
| especialmente a parte baixa | 15% |
| metade | 14% |
| só a parte a cima | 7% |
| só a parte a baixo | 8% |
| parcialmente | 5% |
| localmente | 15% |

Fig.46 Representação percentual do conhecimento da paisagem.

Como o conhecimento parcial entendeu-se um espaço menor que metade do percurso estudado e que incluísse mais que apenas um lugar, um sítio concreto. Como o conhecimento local, entendeu-se familiarização com apenas a um sítio no percurso da ribeira. Mais comum era o conhecimento apenas da praia fluvial e ponte romana.

No total entre entrevistados encontra-se uma grande representação das pessoas que conhecem todo o percurso da Ribeira Grande no concelho (31%), metade destes respondentes prefere o seu troço inferior. Uma grande parte dos entrevistados conhece a ribeira apenas localmente (15%), trata-se especialmente de geração mais nova. E 14% dos entrevistados conhecem apenas metade do percurso, sendo o baixo mais referido.

A maior representação de pessoas com conhecimento integral do espaço encontra-se no grupo de idosos, na faixa etária mais avançada. Existe um relativamente grande grupo de pessoas, que asseguram conhecer todo o espaço da Ribeira Grande, apesar de não o visitar inteiramente já há vários anos.

Entre todos os entrevistados prevalece o melhor conhecimento e preferência pela parte baixa, de curso com mais água. Como a excepção entende-se a preferência da zona da Ribeira do Cubo, frequentemente mencionada como a parte privilegiada na infância para brincar. Como outra excepção, mais rara, menciona-se o início da Ribeira Grande, na junção das ribeiras de Assumar e da Coutada.

Conclusão parcial

As perguntas sobre o conhecimento da Ribeira reflectem uma preferência e maior ligação à parte baixa. Este facto resulta posteriormente também na profusão de sugestões futuras para este parte.

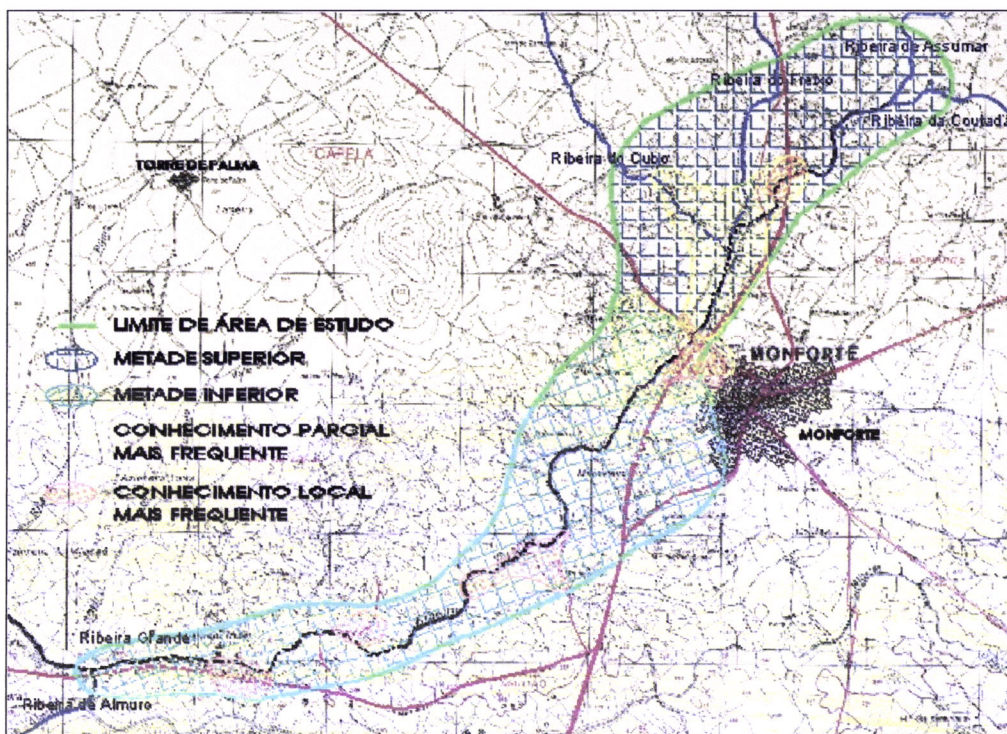


Fig.47 Mapa de áreas referidas como mais conhecidas e preferidas pelos entrevistados.

IV.6.2.2 Os sítios frequentados, apreciados ou desejados de melhorar

- no passado
- no presente
- no futuro

O segundo grupo de perguntas procurou estabelecer uma comparação entre a relação no passado e no presente com a Paisagem estudada.

Após a análise qualitativa de tipos de sítios visitados no passado e presente e das suas localizações, segue-se a análise quantitativa pela repetição de menções aos sítios visitados. Em conjunto definem-se os sítios mais visitados e apreciados em épocas díspares. A seguir comparam-se os sítios mais repetidos com os lugares sugeridos para o uso futuro.

IV.6.2.3 Os sítios visitados no passado

Os espaços visitados no passado revelam-se bastante dispersos. Também a localização da população Monfortense era menos concentrada na vila, habitando os espaços envolventes como os montes ou hortas ao longo do espaço da ribeira. Claramente sobressaem os espaços do Rossio e praia fluvial (antigamente horta de Margalho) como as de maior concentração da vida na ribeira.

As actividades como a lavagem de roupa na ribeira ou ida às fontes para obter água eram as mais desenvolvidas nas proximidades da vila. Quanto às outras, a mais generalizada era a passagem com gado para o vender nas feiras (fronteira, Sousel) percorrendo todo o percurso da ribeira.

Como actividades localizadas longe da vila detectam-se as brincadeiras, caça, pesca e colheita de diversos frutos da natureza (bunho, cogumelos, espargos ...).

Análise qualitativa

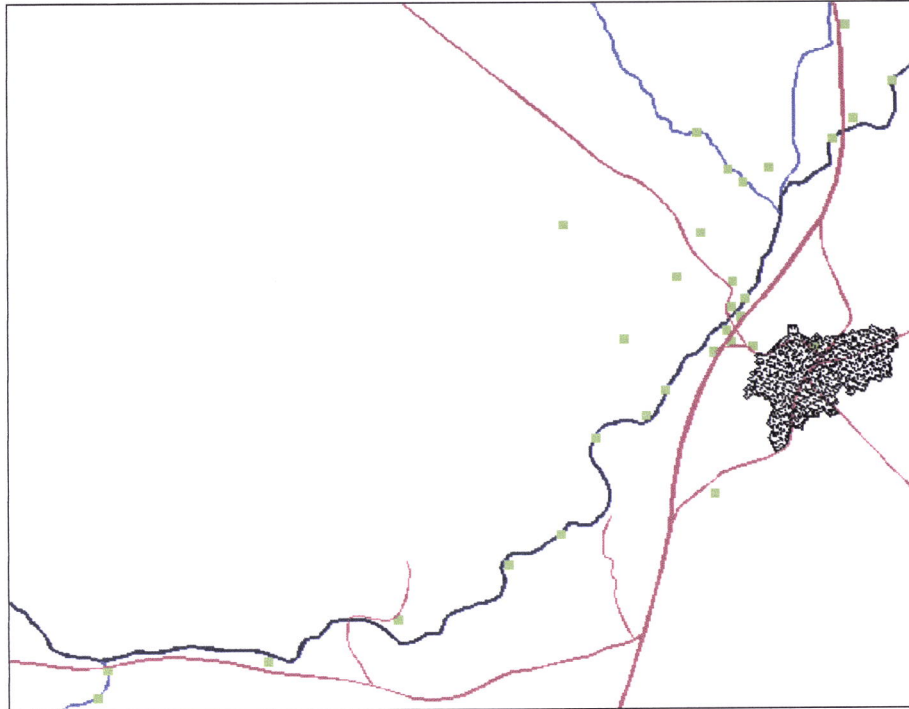


Fig.48 Distribuição espacial dos locais visitados no passado pelos diferentes entrevistados.

Análise quantitativa

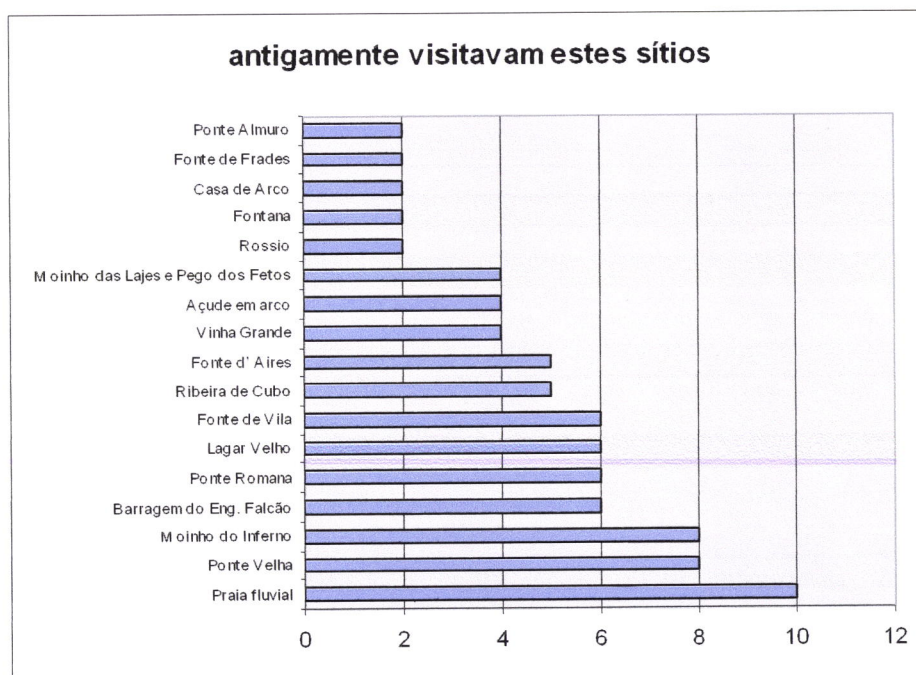


Fig. 49 Quantidade de repetições de locais visitados no passado pelos entrevistados.

IV.6.2.4 Os sítios visitados no presente

Análise qualitativa

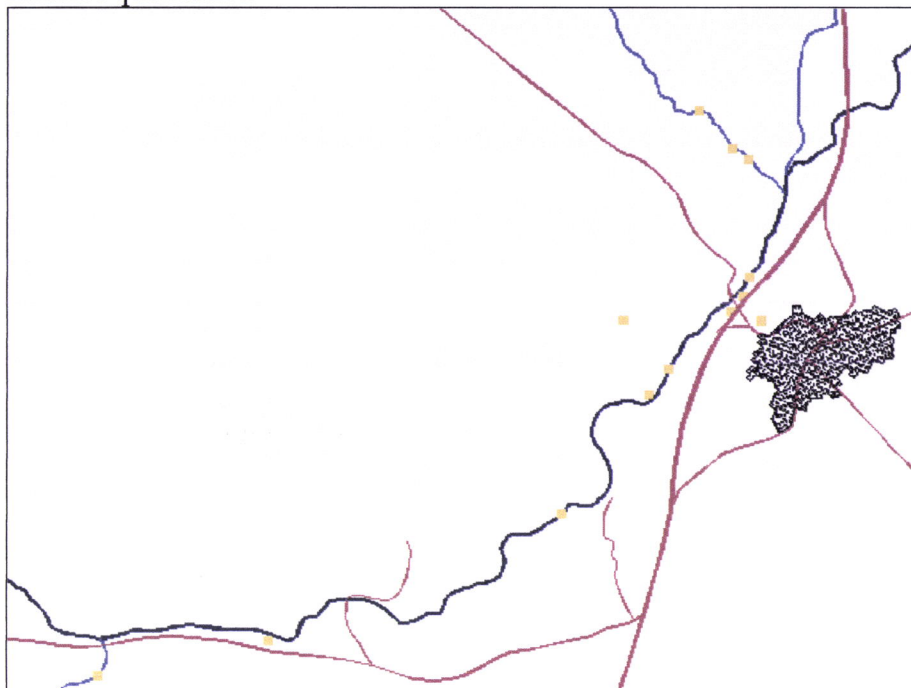


Fig.50 Distribuição espacial dos sítios visitados atualmente pelos diferentes entrevistados.

Análise quantitativa

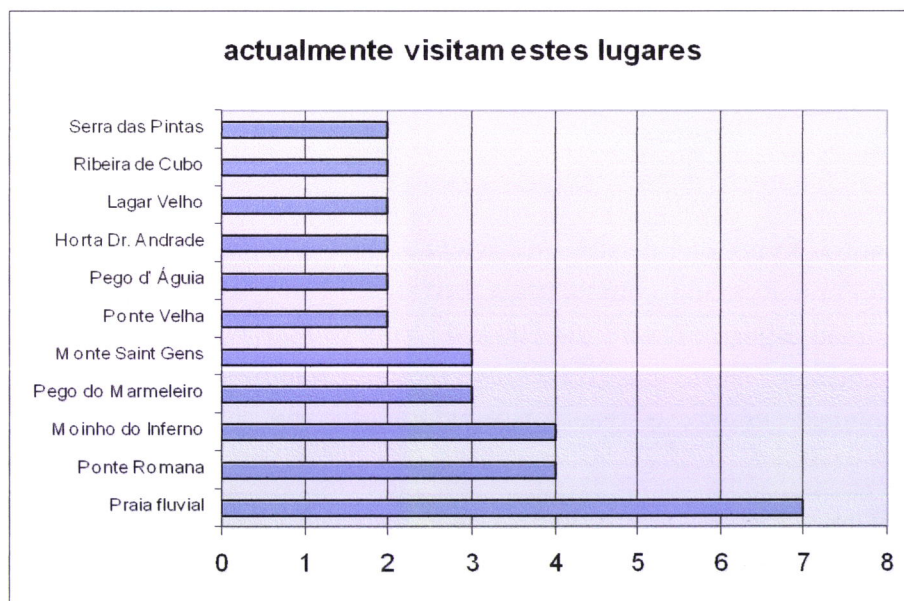


Fig.51 Quantidade de repetições de sítios visitados atualmente pelos entrevistados.

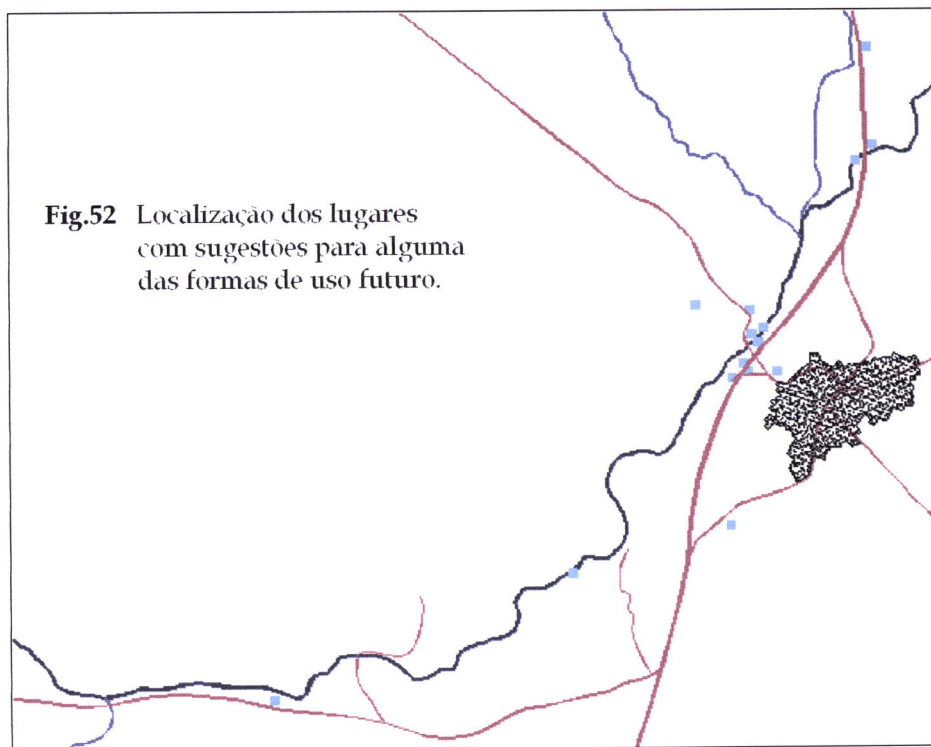
Nota-se a concentração de lugares visitados nas proximidades da vila, especialmente entre a Praia fluvial e a Ponte romana. O segundo fenómeno são os sítios mais próximos às estradas e outros caminhos de fácil acesso por carro (Moinho do Inferno, Fonte d'Aires).

Como terceiro critério de localização dos sítios visitados pode identificar-se a proximidade dos terrenos dos proprietários. Para a manutenção e cuidado sobre os ovinos e bovinos no sistema extensivo, os agricultores devem verificar o seu estado frequentemente nos sítios de sua pastagem.

Assim os proprietários como únicos portadores das chaves de cercas entram frequentemente nos sítios nunca visitados por outras pessoas e bastante distantes das mais fáceis vias de acesso.

IV.6.2.5 Síntese dos sítios com sugestões para o futuro

Análise qualitativa



Existe uma concentração notável de sítios mencionados na zona mais próxima da vila. As imediações da Ponte Romana, como a praia fluvial, Fontana e a Casa do arco, foram complementadas pelo espaço próximo da Fonte da Vila, como a Fonte de Aramenha e a Horta de Dr. Andrade. Neste espaço inclui-se também a fábrica Monforqueijo, um problema de poluição crasso, a resolver rapidamente, que foi mencionado por numerosos entrevistados.

Contudo os sítios mencionados referiram-se a locais desejados para o uso futuro, com potencial turístico ou como sítios de intervenção necessária para a solução de problemas existentes.

Análise quantitativa

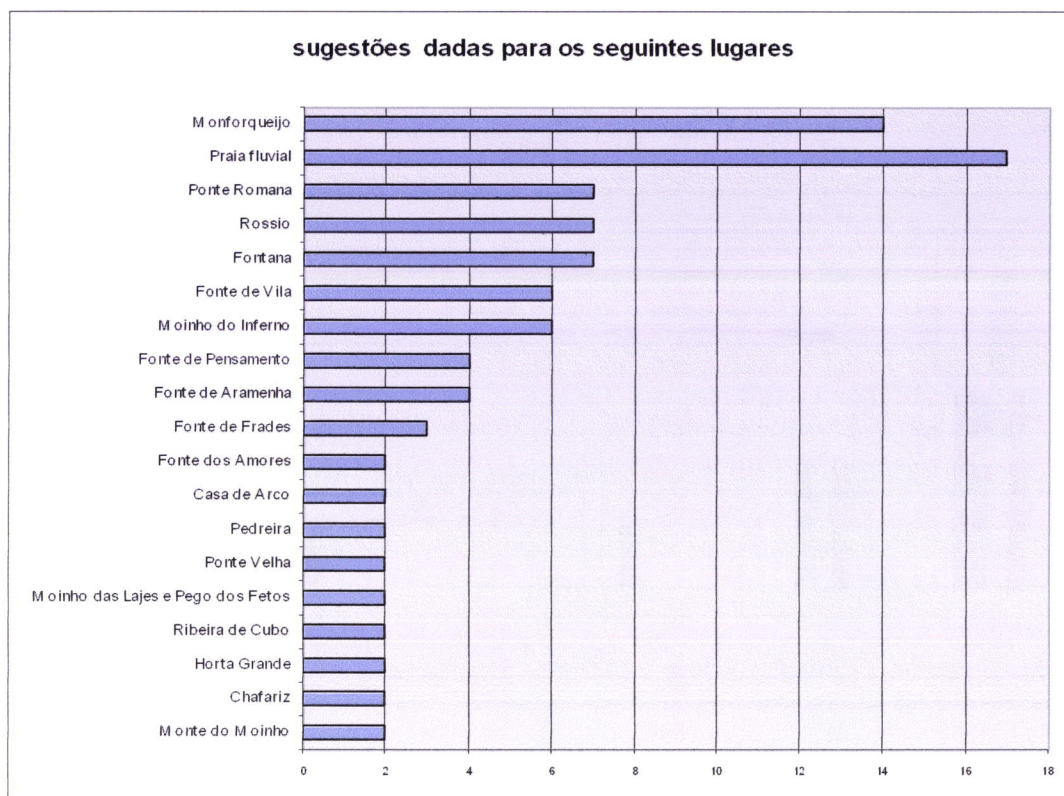


Fig.53 Repetição dos sítios sugeridos entre todos os grupos entrevistados.

No passado a quantidade e localização de sítios visitados foi variada. A maioria dos espaços apreciados encontra-se no troço baixo, existindo apesar disso, vários lugares frequentados também na parte de cima. A distribuição dos sítios pela paisagem estudada conjuga com frequência de repetição dos sítios visitados. Ambos os factores nos tempos posteriores diminuem drasticamente.

No presente diminui a quantidade de sítios visitados, com clara prevalência dos espaços próximos às principais vias de acesso. Notam-se claramente as diferenças entre os vários utilizadores da paisagem.

As respostas dos entrevistados quanto ao futuro uso da paisagem podem ser divididas em: sugestões para os sítios que necessitam das importantes intervenções para a sua melhora; sítios referidos como potenciais ímanes de atracção turística, cultural, didáctica, etc.

A concentração das intervenções e actividades propostas deu-se na zona de praia fluvial com a Ponte romana e fontes próximas, e no Moinho do Inferno, único local mais distante.

IV.6.2.6 Da frequência de visitas ao espaço da Ribeira Grande

A análise quantitativa foi aplicada às respostas sobre a frequência de visitas ao território, actividades decorridas, frequência de sítios visitados, e repetição das sugestões mencionadas.

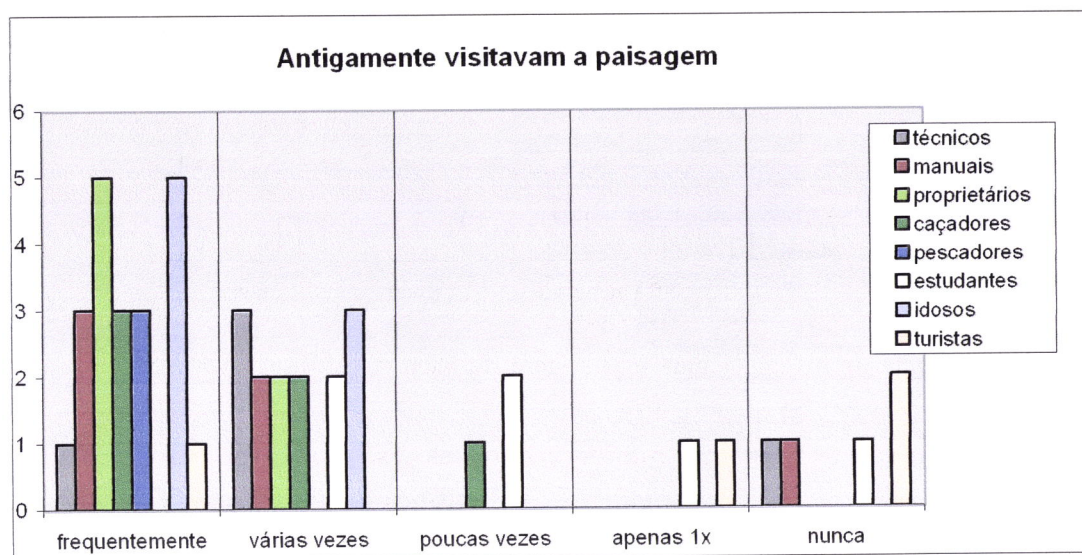


Fig. 54 Representação da frequência de visitas à paisagem da Ribeira Grande no passado por diferentes grupos entrevistados.

Não foi possível manter a mesma escala de frequência de visitas no passado como foi estabelecido para o tempo presente. Definiu-se com base nas descrições dos entrevistados a escala seguinte:

Frequentemente = visitas quase diárias, trabalho nos terrenos em redor, ou nas proximidades da Ribeira, ou vida a decorrer plenamente no espaço estudado como os habitantes de casas nas imediações da Ribeira Grande

Várias vezes = visitas repetidas ao espaço mas sem frequência exacta

Poucas vezes = visitas acidentais ou por razões especiais, ou apenas algumas vezes na infância, à paisagem ribeirinha

Uma vez só = apenas uma vez visitaram propositadamente a paisagem da ribeira

Nunca = não visitaram nunca a paisagem, nesta contagem não se inclui a passagem pela ribeira por estrada (ida a Vaimonte, Fronteira etc.)

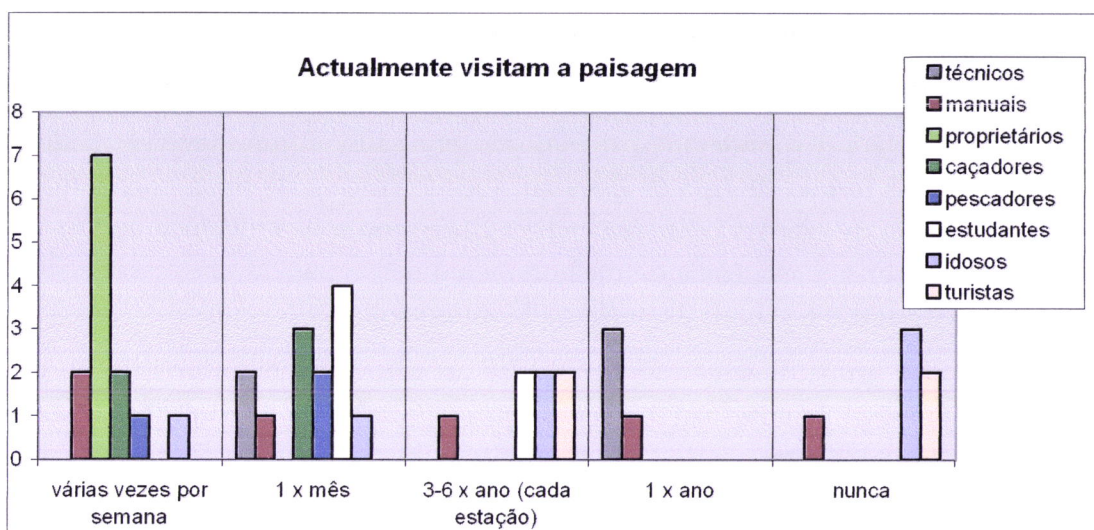


Fig.55 Frequência de actuais visitas à paisagem da Ribeira Grande pelos diferentes grupos entrevistados.

Apesar de não se verificar uma diferença entre as visitas no passado e no presente como seria de esperar após a conclusão de entrevistas, foi confirmada a actual menor presença de pessoas na paisagem. Nota-se uma grande diminuição de visitas entre quase todos os grupos. Há duas excepções – estudantes e proprietários.

Vários estudantes que nunca visitaram a ribeira no passado, passaram a visitá-la pelo menos uma vez em cada estação ou mesmo uma vez por mês. O facto de utilizadores visitarem apenas uma pequena variedade de sítios, não é contemplado neste gráfico, mas demonstra-se nos esquemas de visitas à paisagem (Fig. 48, 50, 52). Os proprietários continuam a ter a maior ligação, quase sempre diária com a paisagem por este ser o seu espaço de trabalho e vida.

No grupo dos idosos, a diminuição da sua presença na paisagem é mais marcante. Reflecte tanto a mudança do tipo de vida como os problemas de saúde e a necessidade de certo conforto na sua idade avançada, o que foi várias vezes mencionado durante as entrevistas.

Os pescadores e caçadores são outros grupos cuja presença na paisagem diminuiu drasticamente. Sobre as razões de tal acontecimento reflecte o capítulo seguinte.

Descrição das actividades desenvolvidas na paisagem da Ribeira Grande encontra-se nos Anexos, capítulo X.3.

IV.6.2.7 Sugestões de uso futuro do espaço da ribeira pelos diferentes utilizadores

Análise qualitativa

Nota-se uma clara preponderância de sítio da praia fluvial que deve ser dada tanto pelas esperadas formas de tipo de uso (bar, pic-nic, futebol de praia para este espaço como pelo facto de este ser o espaço melhor conhecido e de mais fácil acesso. A este propósito seguiu-se a exigência de melhoramento das águas da ribeira especialmente na limpeza de águas residuais da queijaria Monforqueijo.

Terceiro maior grupo de sugestões centrou-se no aproveitamento turístico do Rossio, incluindo a melhor manutenção dos seus espaços assim como a recuperação e abertura ao público das igrejas.

O quarto lugar pertence às fontes em redor de vila e sua sugerida recuperação. Também pertence ao Moinho do Inferno, que como único lugar mais distante, foi repetidamente sugerido para recuperação.

As sugestões de melhoramento do espaço da praia fluvial centraram-se na colocação de equipamento, intensificação de manutenção assim como nas formas de uso, actividades desportivas e outras a desenvolver neste lugar. Estas formas de uso futuro tinham em vista tanto uso futuro pelos entrevistados como o aproveitamento turístico. Uma das intervenções concretas sugeridas foi a iluminação da Ponte Romana. Como outras ideias pode mencionar-se a maior arborização do espaço, criação do circuito de manutenção e início de percursos - lúdicos, educativos e temáticos.

Seguidamente apresentam-se as tabelas de sugestões futuras de cada grupo.

IV.6.2.8 Os sítios desejados para utilização futura pelos entrevistados

Cada grupo prefere um diferente tipo de uso futuro da paisagem conforme as suas preferências (pista de pesca desportiva etc.). Notável é a concentração de sugestões dos jovens para o sítio da praia fluvial e dos idosos na recuperação das fontes. Esta tendência é reafirmada também pelos proprietários.

Os técnicos vêem o futuro nos percursos pelo espaço natural e nas actividades especiais centradas na praia fluvial. Os caçadores parecem os mais preocupados com o estado da própria ribeira.

| sugestões de usos futuro pelos entrevistados | | PESCADORES | TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS | CAÇADORES | TRABALHADORES MANUAIS | IDOSOS | JOVENS / ESTUDANTES | PROPRIETÁRIOS AGRICULTORES | TURISTAS | total |
|--|--|------------|--------------------------|-----------|-----------------------|--------|---------------------|----------------------------|----------|-------|
| toda a paisagem | | | | | | | | | | |
| | percursos arqueológicos | | x | | | | x | | | 2 |
| | percursos lúdicos | | x | | | | x | | | 2 |
| | percursos pedestres | | | x | | x | | | | 2 |
| toda a ribeira | | | | | | | | | | |
| | sem poluição | x | | | | | | xx | | 3 |
| | cortar as silvas para ter acesso à ribeira | | | xx | | x | | | | 3 |
| | limpar os pegos | | | xx | | | | | | 2 |
| praia fluvial | | | | | x | | | | | |
| | bar, restaurante | | | | | | xxx | | | 3 |
| | parque merendas | x | x | | | x | | | x | 4 |
| | desportos radicais | x | | | | | xx | | | 3 |
| | animação | | xx | | | | x | | | 3 |
| | mais árvores | | x | | | xx | | x | xx | 6 |
| | barragem | | | x | | | | x | | 2 |
| Casa do Arco | | | x | | | | | | | |
| | apoio de manutenção da praia fluvial | | | | x | | | | x | 2 |
| Monforqueijo | | x | | x | x | | | x | | 4 |
| Recuperar | | | | | | | | | | |
| | Moinho do Inferno | x | | x | | | | | | 2 |
| | Fonte da Vila | | | x | | xxx | | | | 4 |
| | Fontana | | | | xx | x | | | | 3 |
| | Chafariz | | | | | x | | | x | 2 |
| | pedreiras | x | | | | | | x | | 2 |
| | fontes em geral | | | | | x | | x | | 2 |
| Não sabe | | | | | | xx | | | | 2 |

Fig.56 Representação de repetição das sugestões para futuro pelos diferentes grupos de utilizadores da paisagem entrevistados.

Inabalavelmente resulta a necessidade de maior arborização do espaço da praia fluvial como o mais preocupante para a população. O facto de se ter plantado árvores neste sítio nos últimos anos, reflecte pouca satisfação da população com o seu crescimento.

A implantação dum parque de merendas é outro desejo dos entrevistados. Este coincide com as formas de uso turísticas sugeridas. A sugestão de importante intervenção na Monforqueijo, (ETAR) fábrica de lacticínios imediatamente vizinha ao

leito da Ribeira surge como a necessidade inicial de outras intervenções a realizar para com a ribeira.

Para melhor aproveitamento aponta-se a Fonte da Vila. Outra fonte, a Fontana figura entre as intervenções de recuperação. Esta fonte foi destruída na altura de construção da variante (à Ponte Romana) da estrada para Vaiamonte. A sua revitalização foi desejada tanto pelos idosos como especialmente por alguns trabalhadores manuais.

IV.6.2.9 Os sítios sugeridos como turisticamente atractivos

Cada grupo sugere diferentes alternativas e tem várias ideias sobre o uso turístico, conforme os seus próprios interesses e expectativas. As sugestões concretas concentram-se na praia, mas existem referências a muitos outros sítios. Alguns destes não se encontram dentro da área de estudo mas a ligação contextual justifica a sua inclusão. Notável é a quantidade de idosos sem opinião sobre este assunto.

| sugestões para a futura atração turística | PESCADORES | TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS | CAÇADORES | TRABALHADORES MANUAIS | IDOSOS | JOVENS / ESTUDANTES | PROPRIETÁRIOS AGRICULTORES | TURISTAS | total |
|--|------------|--------------------------|-----------|-----------------------|--------|---------------------|----------------------------|----------|-------|
| toda a paisagem | | | | | | | | | |
| percursos, até à Fronteira e até à Ponte Velha | | | xx | | | | | | 2 |
| passeios de burro, cavalo | | | xx | | | | | | 2 |
| circuito de manutenção | | x | | | x | | | x | 3 |
| percursos pedestres | | | | | | xx | | | 2 |
| toda a ribeira | | | | | | | | | |
| limpar as silvas, melhorar acesso na primavera | x | | | | | | x | | 2 |
| | | | | | | x | x | | 2 |
| praia fluvial | | | | xx | | | xx | | 4 |
| desportos radicais | x | | | | | xxx | | | 4 |
| parque de merendas | | | | | | x | | x | 2 |
| barcos e atrações | | | x | | | | | xx | 3 |
| bar | | xx | | | | xxxx | | | 6 |
| ponte romana iluminada | | x | | | | | | xx | 3 |
| pista de pesca desportiva | x | | | | | x | | | 2 |
| outros elementos | | | | | | | | | |
| recultivação da pedreira | x | | | xx | | | | | 3 |
| reajuntamento da etnia cigana de Rossio | | x | | | | xx | | xx | 5 |
| Ponte romana | | x | | x | | x | xx | | 5 |
| Rossio | | | | x | x | | | x | 3 |
| Torre de Palma | | x | | | | | xx | | 3 |
| vista de Castelo | | | | x | | | | x | 2 |
| Valorizar, promover, recuperar | | | | | | | | | |
| Moinho do Inferno | x | | xx | | x | | | | 4 |
| Aramenha | | | xx | | | | | | 2 |
| Fonte da Vila | | | | | x | | x | | 2 |

Fig.57 Representação de repetição das sugestões para futuro uso turístico pelos entrevistados de diferentes grupos de utilizadores da paisagem.

Resultado do uso futuro da paisagem

Para o futuro uso pelos entrevistados revela-se mais importante a plantação de mais árvores na praia fluvial – a sua melhor manutenção e animação incluindo os desportos radicais, actividades lúdicas etc. A maioria dos entrevistados (especialmente de idades avançadas) mencionou a recuperação das fontes; de entre as quais a Fontana obteve o maior suporte.

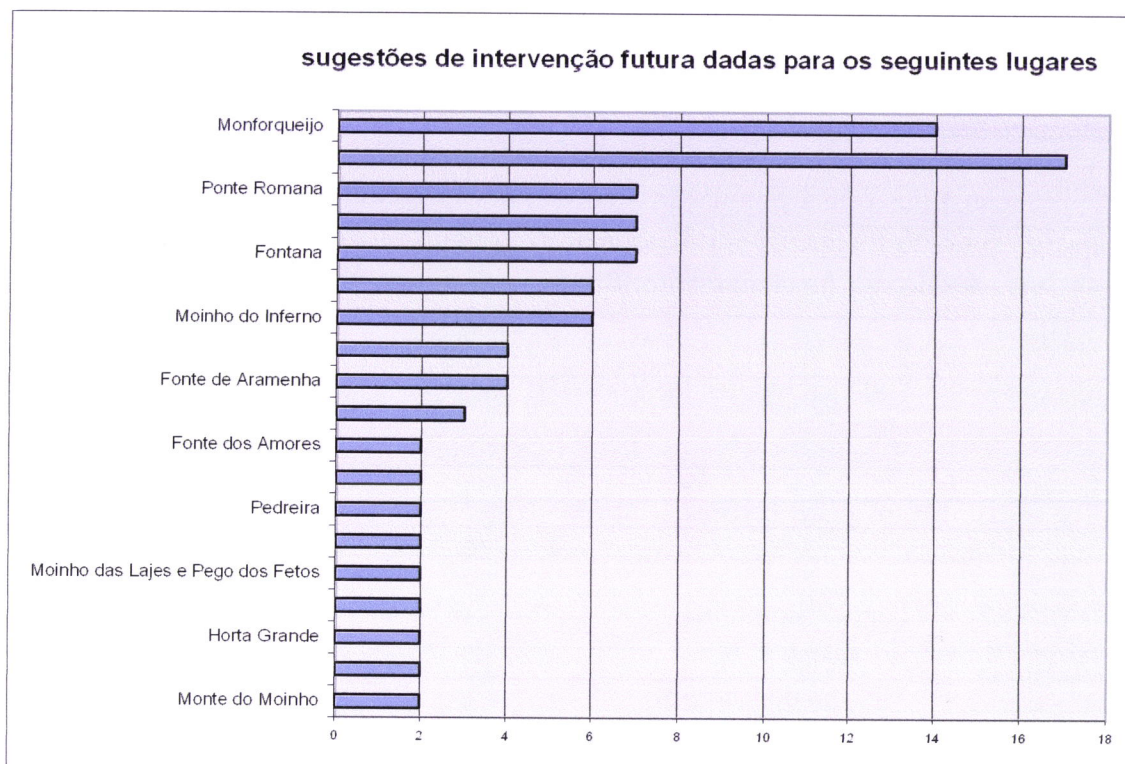


Fig.58 Tabela de frequência de sítios sugeridos para intervenção (tanto para o uso posterior pelos entrevistados como para a possível atracção turística e de valorização da zona ribeirinha em geral).

A importância do espaço da ponte romana e praia fluvial reflecte a quantidade de intervenções sugeridas para a zona. Este facto dá-se pela sua proximidade à vila e facilidade de acesso, mas também à ligação com acontecimentos históricos.

Quanto ao uso turístico do espaço, prevalece a intenção da criação de bar, restaurante ou café no sítio da praia fluvial. Como outro equipamento no mesmo sítio e de similar forma de uso, nomeia-se um parque de merendas ou simples equipamento para pic-nics, sendo uma forma de convívio muito apreciada.

Um aspecto relevante para o aproveitamento turístico seria o realojamento da etnia cigana, actualmente no Rossio. Uma intervenção óbvia seria o melhor aproveitamento da Ponte romana, contemplando a sua iluminação. Sugerida foi também a recuperação do Moinho do Inferno.

Análise de resultados do uso futuro da paisagem da Ribeira Grande

Cada grupo de utilizadores têm as suas preferências de uso futuro do território, no entanto diverge mais a opinião do seu próprio uso da paisagem (para uma esperada utilização pelos turistas), do que o uso diferenciado entre os grupos. As expectativas de cada grupo para o seu aproveitamento futuro da paisagem de Ribeira Grande encontram-se nas tabelas do capítulo anterior.

As linhas gerais de respostas para as três visões de futuro por todos os entrevistados mencionam-se a seguir:

1º uso futuro pela população - entre estes elementos de certa funcionalidade e aproveitamento material para a população; contam-se os com maior ponderação na recuperação do seu funcionamento (desde a sua antiga funcionalidade, para o uso de hoje):

- Fontes (Fontana, da Vila, Aramenha, Pensamento)
- Hortas

2º uso futuro pelos turistas - apresentam os sítios, que exigem sua revitalização para um nova funcionalidade de espaço, apazibilidade turística:

- Pegos - limpeza
- Rossio
- Moinho do Inferno
- Ponte romana - iluminação

3º intervenções futuras sugeridas - contam especialmente com soluções de problemas existentes, considerados importantes para com a ribeira:

- Limpeza das águas da ribeira. (Para melhoramento básico das condições da paisagem -» despoluir a mini fábrica de lacticínios de grande impacte na ribeira, a Monforqueijo (pela dotação de ETAR). Esta exigência foi mencionada como a condição essencial para o futuro da ribeira por 14 entrevistados, 30% de todo o grupo.
- Plantação de árvores - alamedas, 'sombras' na praia fluvial

IV.6.3 Resultados parciais da relação dos utilizadores com a sua paisagem

Diversificou-se bastante o uso do território não produtivo sob a forma de recreio, descontração, interesse estético, convívio, pic-nic, passeio, observação, etc.

A alteração das formas de desempenho de certas actividades foram acompanhadas pela mudança da própria sociedade e das condições em redor da ribeira; e portanto da paisagem.

Hoje as pessoas não vão brincar, nadar nem acampar à Ribeira Grande, facto derivado tanto à idade dos inquiridos, presença de etnia cigana nas proximidades, poluição, inacessibilidade, gado e mudança de formas de recreio.

A quantidade de trabalhadores rurais no território, diminuiu bastante, a presença é mantida geralmente pelos proprietários (ou rendeiros) das terras. A tendência generalizada de hoje é o esvaziamento da paisagem.

Conclusões parciais

Considera-se ainda que a Ribeira Grande é bastante visitada, utilizada e reconhecida localmente, mas desapareceu a vida na sua continuidade espacial, como existia antes. As zonas privilegiadas encontram-se especialmente nas imediações da vila (Ponte romana), parte baixa, perto do limite do concelho, na direcção a Fronteira (Moinho do Inferno).

No troço inicial do espaço estudado, o elemento notável é a Ponte Velha, para a parte central a Ponte Romana, e na parte baixa o moinho do Inferno, açude e moinho das Lajes, são os lugares actualmente de maior proeminência.

Enquanto espaços antigamente mais privilegiados, encontram-se nas proximidades de Fontes ou fontanários, do Cubo, d'Aires, etc., e também a Vinha Grande, Lagar Velho, pegos, e claro, a Ponte Romana.

A Ribeira Grande teve presença prolongada até mesmo de residência nas "casas" do Rossio e Praia Fluvial. Verifica-se hoje o fenómeno da passagem rápida, visita e regresso "desde o carro estacionado por perto...para um certo propósito e quando este é saciado, um rápido recuo para a vila"

Do conjunto de todo o percurso da Ribeira Grande, claramente mais visitado e melhor conhecido é o espaço da praia fluvial e arredores da ponte romana. Segue-se o espaço da Fonte de Vila, e Monforqueijo. O primeiro por ser um espaço de refresco e utilidade, outro como um dos maiores problemas de poluição da ribeira, mas também e especialmente por ter a venda directa de queijos à população. (Na geral quem vai comprar queijos, não sabe da poluição das águas a jusante da ribeira provocada por este estabelecimento industrial e quem tem consciência da poluição não compra os queijos).

Esta apreciação reflecte-se também na quantidade de intervenções sugeridas para essa zona. Também se constata melhor acesso e ligação aos acontecimentos históricos ligados a esta parte (luta para que a fonte da vila continuasse a ser de uso público e não passasse a propriedade da horta de Dr. Andrade, nos anos setenta).

A memória da ida para a água e para as fontes permanece viva o (fornecimento de água canalizada na vila remonta aos anos sessenta), com recordações de histórias e tempo passado à espera do enchimento de cântaros com as amigas (a maioria das fontes mencionadas e importantes encontra-se na parte S- SO da vila).

Como uma das maiores exigências da população nota-se a necessidade de limpeza, embora por esta palavra se entende a limpeza do lixo dentro da vila - no Rossio etc. - e ao longo da ribeira (especialmente na praia e arredores), como de ramos secos do leito, despoluição da água e desmatação de silvas.

Como outra aspiração formula-se a plantação de maior quantidade de árvores, sendo estas de folha persistente para pontuar de verde ou de folha caduca para complementar a galeria ripícola ou alamedas para amenizar os acessos à vila. Como uma das sugestões repete-se a necessidade de boas sombras na praia fluvial, ou na zona de suposto futuro bar ou na margem oposta, para zona com possibilidade de picnic.

Uma das opiniões muito repetidas é a de que dentro da vila faz falta um espaço para as crianças, um jardim bem tratado e com árvores de boas sombras.

A recuperação de fontes (especialmente a Fontana, entulhada sem justificação) repete-se por muitas vozes, enquanto a recuperação do Moinho do Inferno e de algumas pontes ecoa em poucos dos visitantes destas construções.

Como revelaram as respostas às primeiras duas perguntas, existe melhor conhecimento, preferência e maior ligação à parte baixa. O maior conhecimento e uso deste troço estão centrados e limitados às partes mais próximas à estrada para Fronteira - Moinho do Inferno e Fonte d' Aires.

Apesar de mencionado, o troço inicial, menos percorrido/conhecido, existem lugares mencionados de preferência ou de conhecimento especial dos quais se destacam: a zona da Vinha Grande, Ponte Velha e Ribeiro do Cubo.

V. Análise da estrutura da memória cultural da paisagem

V.1 Representação gráfica e escrita dos resultados de diferentes análises

A simples nomeação dos elementos significativos não permite uma leitura do seu conjunto que tivesse valor descritivo de acontecimentos e estrutura inerente à paisagem ao longo do tempo. Apenas a sua estruturação, distribuição espacial e conectividade fala mais claramente sobre a concentração dos valores nos sítios próximos a vila e no espaço de uma afluente pouco a montante; encontram-se ainda esporadicamente mais alguns dos elementos distantes, especialmente no troço final da paisagem estudada.

Distribuição espacial dos componentes de todas as teias dependeu sempre não apenas dos elementos culturais e intenções de homem impostas à paisagem, mas também das condições naturais da própria paisagem. Estes claramente influenciam a paisagem ainda hoje, no entanto a sua parte parece em menoridade em comparação com as fontes políticas e económicas.

As ligações existentes entre vários elementos são hoje de pouca legibilidade, no entanto, sua existência é essencial para a existência de componentes das teias e de estrutura toda em geral.

Uma sobreposição das teias realça componentes repetidas nas teias todas, assim como das ligações. Estes são elementos mais importantes para a preservação desta paisagem cultural.

V.1.1 Teia da memória morta da paisagem da Ribeira Grande

Resultado da análise das imagens históricas da paisagem

As três épocas estudadas forneceram informação sobre o espaço em estudo, mas a complexidade na determinação do uso do solo assim como da utilização da paisagem e todas as suas componentes – tanto os elementos construídos e engenhos de água como as zonas de uso específico, ou as veredas de influência permanente de uso do território etc. são muito dificilmente detectáveis no espaço.

No entanto incluem-se aqui os elementos mais avaliados em todas as três épocas (imagens históricas da paisagem de Ribeira Grande) agrupadas pelo seu tipo.

| elementos | | teia morta |
|-----------|---------------------------|---------------------|
| fontes | Aramenha | bastante importante |
| | Cubo | bastante importante |
| | da Vila | mais importante |
| | Chão | bastante importante |
| pontes | Romana | mais importante |
| | Velha | bastante importante |
| | Passadeira do Lagar Velho | pouco importante |
| | Cubo | pouco importante |
| moinhos | Gil Belo | pouco importante |
| | Monte Moinhos | bastante importante |
| | Lajes | bastante importante |
| | Calaverna | pouco importante |
| | Inferno | bastante importante |
| | Cubo | bastante importante |
| | Rossio | mais importante |
| açudes | Lagar Velho | mais importante |
| | Açude em Arco | bastante importante |
| hortas | Andrade | bastante importante |
| | Grande | mais importante |
| | Margalho | bastante importante |
| | Monte de S. Gens | pouco importante |
| | Ribeira do Cubo | bastante importante |
| | Vinha Grande | pouco importante |

Fig.59 Classificação de todos os elementos mais significativos para a história da paisagem da Ribeira Grande.





| | |
|--|---------------------|
|  | mais importante |
|  | bastante importante |
|  | pouco importante |
|  | insignificante |

Fig. 60 Legenda de avaliação de importância dos elementos.

Teia da memória morta da paisagem da Ribeira Grande

O conceito de teia da memória morta, descrição da sua criação e importância no complexo da memória cultural da paisagem encontram-se no capítulo II.1.3 Criação de modelo próprio da estrutura da memória cultural da paisagem.

Com base nas três imagens históricas da paisagem estudada identifica-se uma teia da memória morta da paisagem. Esta será composta por elementos mais significativos e suas ligações.

Avaliando a frequência de menção dos elementos nas fontes estudadas e especialmente a relevância das informações sobre os elementos em cada uma das referências, definem-se cinco elementos mais significativos e doze significativos. Estes elementos compõem a teia morta da memória da paisagem, a sua localização encontra-se no esquema seguinte (Fig. 62) e na estrutura da teia da memória morta implantada na carta militar (Fig. 63).

| | | | | |
|---------|-----------------|--|---------------|--|
| fontes | Aramenha | | Fonte da Vila | |
| | Cubo | | Ponte Romana | |
| | Chão | | Rossio | |
| pontes | Velha | | Lagar Velho | |
| moinhos | Monte Moinhos | | Grande | |
| | Lajes | | | |
| | Inferno | | | |
| | Cubo | | | |
| açudes | Açude em Arco | | | |
| hortas | Andrade | | | |
| | Margalho | | | |
| | Ribeira do Cubo | | | |

Fig.61 Teia da memória morta da paisagem

Como espaços de importância menor, que não justificam a sua inclusão na teia morta (da importância histórica dos elementos da paisagem) nomeiam-se os seguintes elementos.

As pontes: Passadeira do Lagar Velho e Ponte do Cubo.

Os espaços: Coutada de Povo (já fora da paisagem estudada) e a Vinha Grande.

Existem ainda outros elementos mais distantes mas importantes para o entendimento histórico da paisagem.

O elemento de grande valor da época romana é Torre de Palma.

Outro elemento fora da área em estudo é Fonte de Chão.

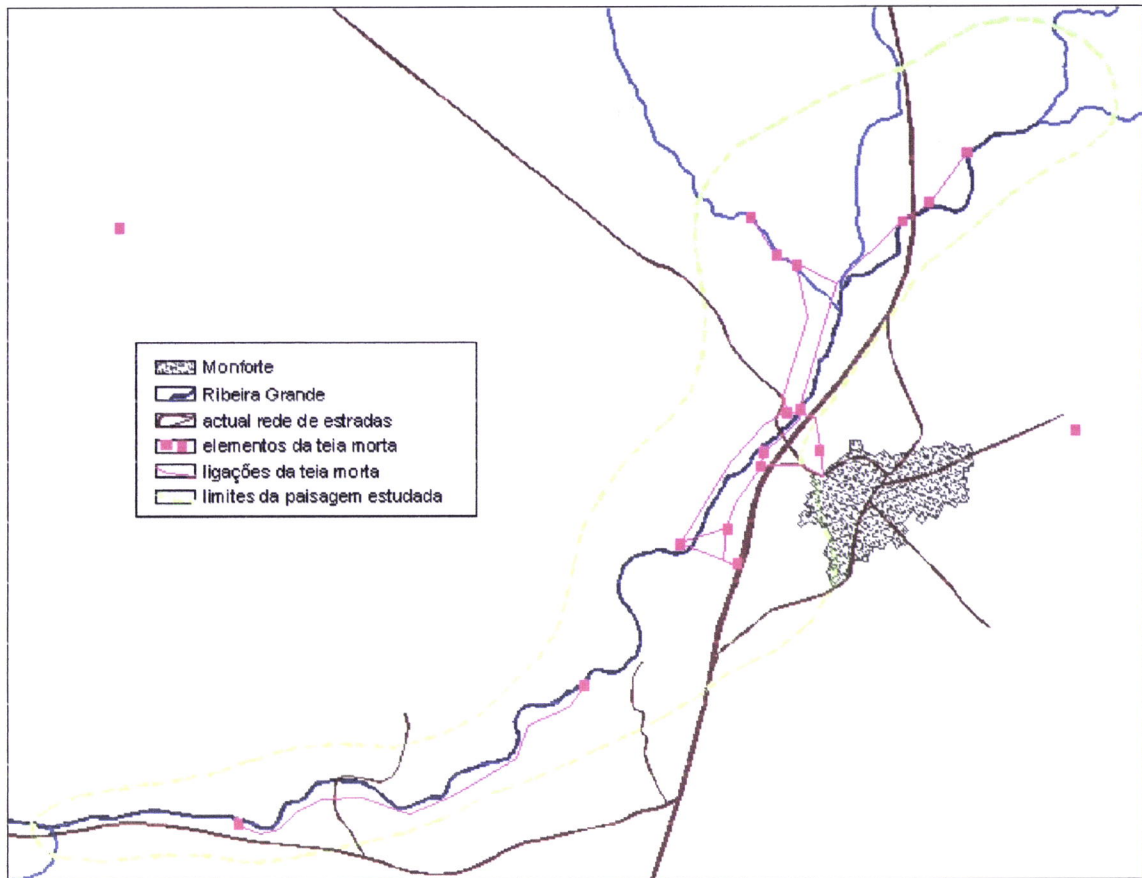
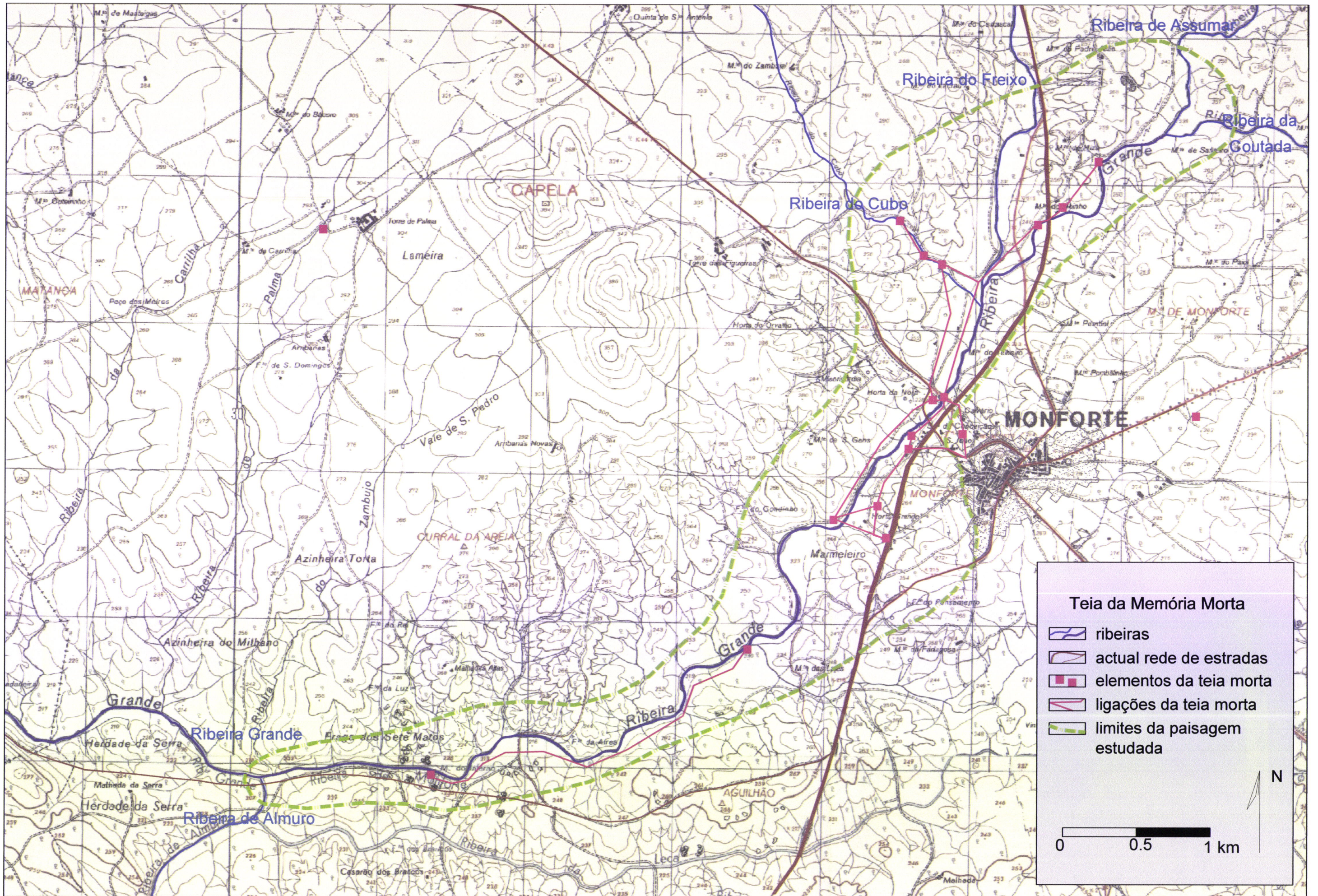


Fig.62 Teia da memória morta da paisagem da Ribeira Grande.

Segue-se:

Fig.63 Localização da teia memória morta na paisagem da Ribeira Grande.



V.1.2 Teia do estado actual da paisagem cultural de Ribeira

Seguidamente inclui-se uma lista de dois níveis de elementos mais significativos para a teia do estado actual.

A figura final apresenta a distribuição espacial de elementos mais significativos para a teia do estado actual da paisagem.

| | | | |
|----------------------------------|--|---------------|--|
| Fonte da Vila | | Ponte Romana | |
| Fonte d'Aires | | Praia Fluvial | |
| Ponte Velha | | | |
| Moinho do Monte de Moinhos | | | |
| Moinho do Inferno | | | |
| Fonte do Pensamento | | | |
| Rossio | | | |
| Lagar Velho | | | |
| Ribeira do Cubo (Ponte e Moinho) | | | |

Fig.64 Elementos significativos da teia do estado actual da paisagem.

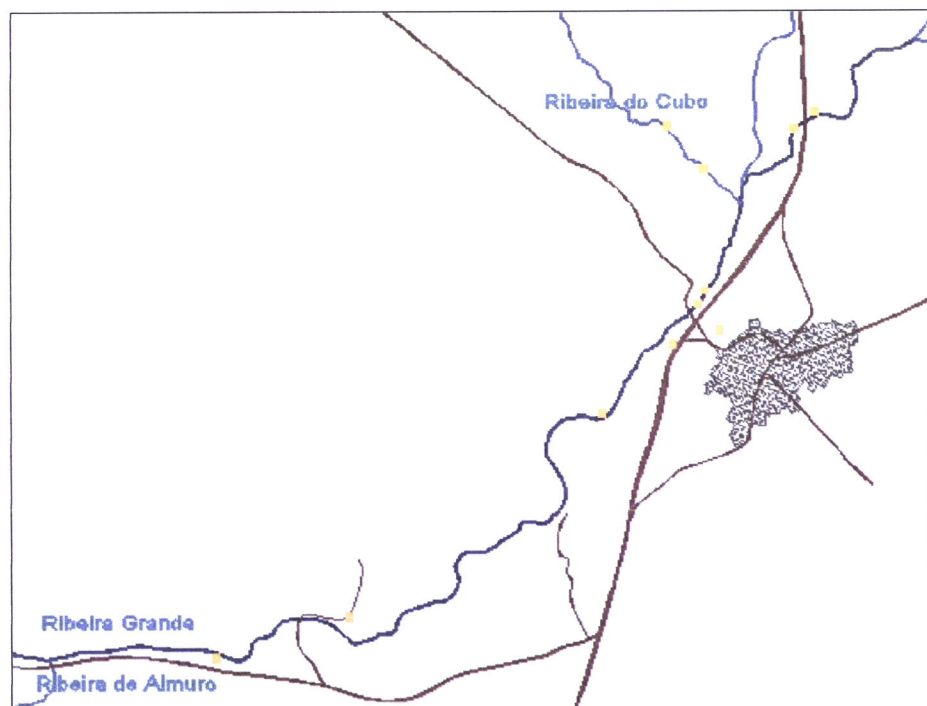
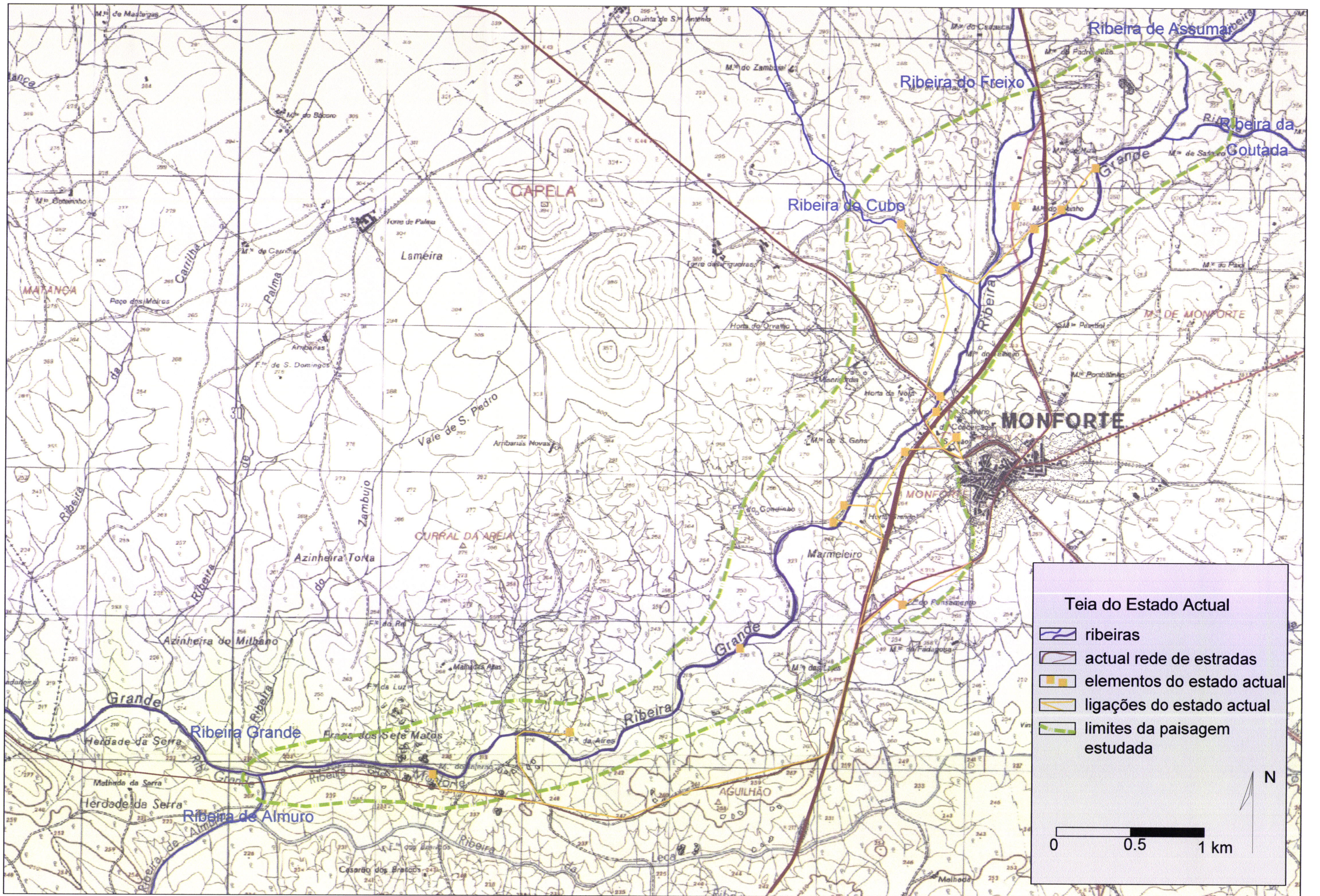


Fig. 65 Localização dos elementos significativos do estado actual da paisagem.

Segue-se:

Fig.66 Localização da teia de estado actual da paisagem da Ribeira Grande.



V.1.3 Teia da memória viva da paisagem

Reflexão sobre a relação dos utilizadores com a sua paisagem

Todos os possíveis usos futuros da paisagem devem ter em conta as possibilidades educativas da paisagem como um espaço essencial de contacto do homem com a natureza.

Durante a realização das entrevistas assim como na análise dos seus resultados, verificou-se uma forte alienação das faixas etárias mais novas em relação à paisagem. Especialmente entre as gerações mais novas, o facto que estas nunca pensam sobre a Ribeira. O facto de ser pedida uma opinião sobre o espaço e a paisagem da ribeira, levou a problemas de revelação de memórias já há muito esquecidas e sobrepostas por outros acontecimentos.

Para uma personalidade completa, a ligação com a natureza é essencial. Verifica-se que o estilo de vida desenvolvido actualmente não fornece suficientes impulsos aos jovens para ir ao encontro da sua paisagem, limitando-se apenas ao contacto com escassos sítios mais próximos. O facto de visitarem, no mínimo, estes espaços confirma a necessidade de ligação com a paisagem mas também um certo medo, falta de interesse ou inacessibilidade ao espaço mais alargado.

As preferências de paisagens mudaram desde as “Paisagens de Arcádia” para as paisagens “hedonistas” (Buijs & Pedroli & Luginbuhl 2003). As expectativas modificaram-se em simultâneo com a queda da importância do factor produtivo das paisagens. As exigências para a multifuncionalidade do território mantêm-se, mas a nova gestão deve procurar entender melhor a interacção entre população e paisagem.

Como possibilidade de mudança, e tendo em conta a tendência de maior conexão da população do Norte e centro da Europa, com as suas paisagens, antevê-se a necessidade de tornar a paisagem de Ribeira Grande (a paisagem quotidiana dos Monfortenses) numa paisagem mais lúdica, encantadora, menos ligada ao ardor do trabalho rural e também menos assustadora.

Para este efeito sugerem-se várias actividades, especialmente de carácter lúdico e educativo. Porque poderia ser entendido como um aviso: a paisagem ou será lúdica ou não será. Se não tornarmos a paisagem num espaço visitado, observado, cuidado e apreciado, desaparecerá. Desaparecerá tanto da memória da população como da sua vida, identificação e pensamentos. Especialmente a geração mais nova deveria adoptar o hábito de se referir à paisagem como a sua riqueza e fonte de identificação, correndo-se o risco de que conhecerá muito melhor as paisagens imponentes de “Marlboro Country” e não saberá que nome tem a ribeira que passa por baixo da ponte no seu caminho para a escola...

Resultados da análise de entrevistas

Os elementos de teia viva da memória da paisagem cultural da Ribeira Grande, definem-se com base na frequência de visitas aos elementos, sítios e a actividades a estes ligados no passado ou no presente, assim como da frequência e importância para o uso futuro ou intervenções.

Apresenta-se uma compilação dos resultados para os elementos mais repetidos (fig.67). Seguidamente mostra-se a síntese do resultado da comparação, à teia viva da memória da paisagem (fig.68) e sua distribuição espacial (fig.69 e 70).

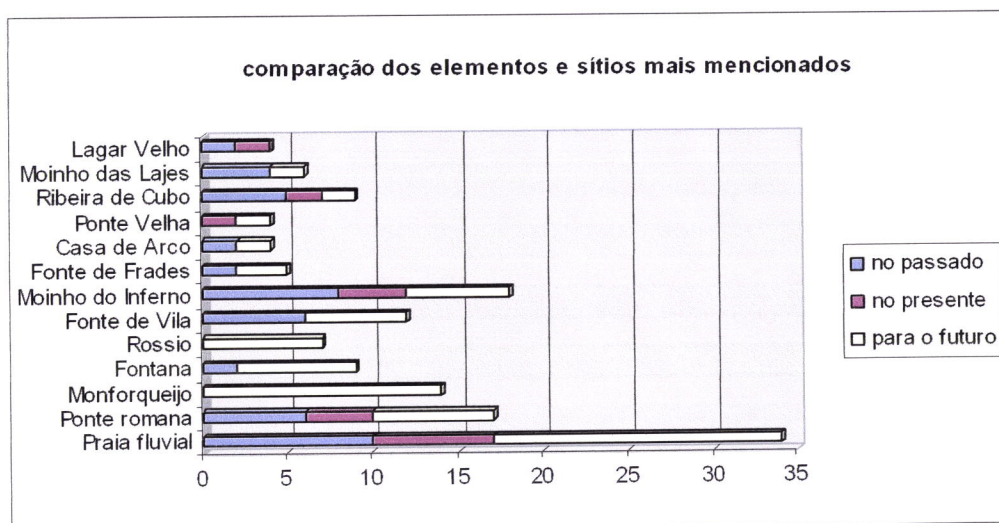


Fig.67 Os sítios melhor conhecidos e mais visitados (por todos os entrevistados) no passado e no presente e os sítios sugeridos para uso próprio ou dos turistas bem como para intervenções futuras. No gráfico são incluídos apenas elementos mencionados mais que duas vezes.

Do gráfico emana o facto de serem apenas os elementos mais próximos da vila avaliados nas três caracterizações como os mais significantes.

Dentro deste grupo identifica-se definitivamente a mais importante - a Ponte Romana. Muito significativa se revela ainda o Moinho do Inferno, uma construção de relativamente recente abandono e em processo de ruína. Um grupo de significado maior e muito importante no seu conjunto, é o das fontes; com menor pronúncia dos seus elementos individuais.

| mais significativos | | significativos | |
|---------------------|-------------------------------|----------------|-----------------------|
| fontes | Fontana da Vila | fontes | Pensamento Aires Cubo |
| ponte | Romana | pontes | Velha Almuro |
| moinho | Inferno | | Lajes Cubo |
| outros | Rossio | hortas | Andrade Grande |
| | Praia Fluvial Monforqueijo | | outros |

Fig.68 Representação das componentes da teia de memória viva divididos em duas classes.

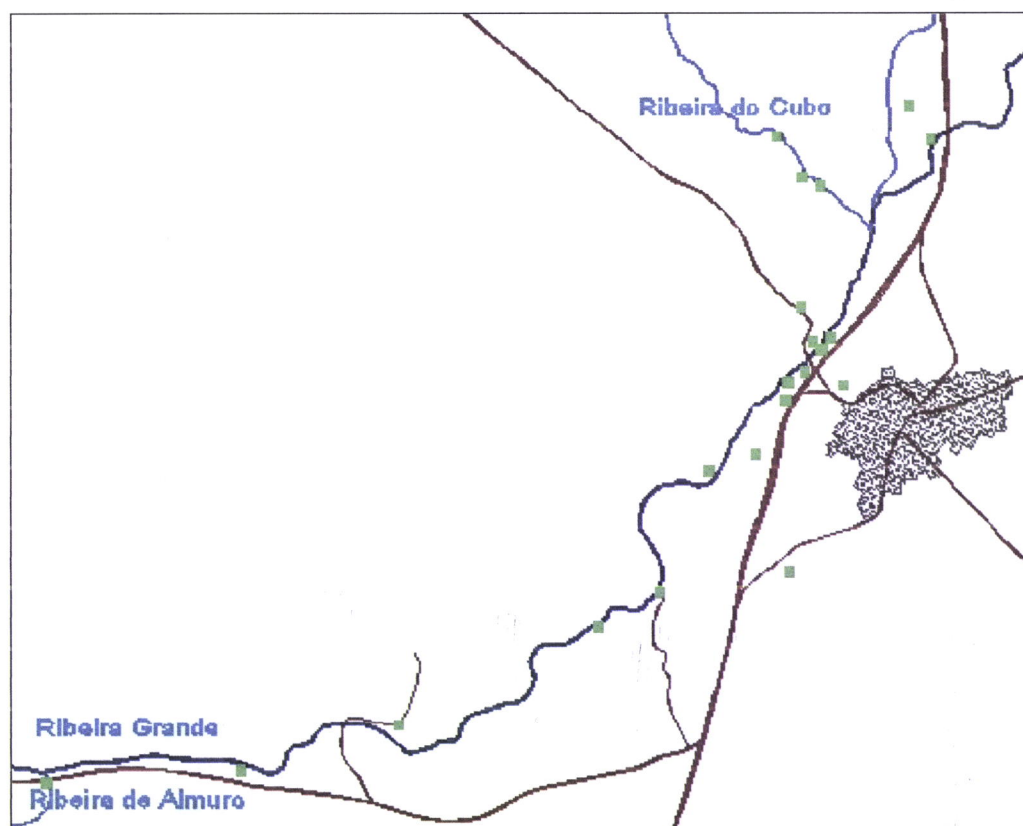
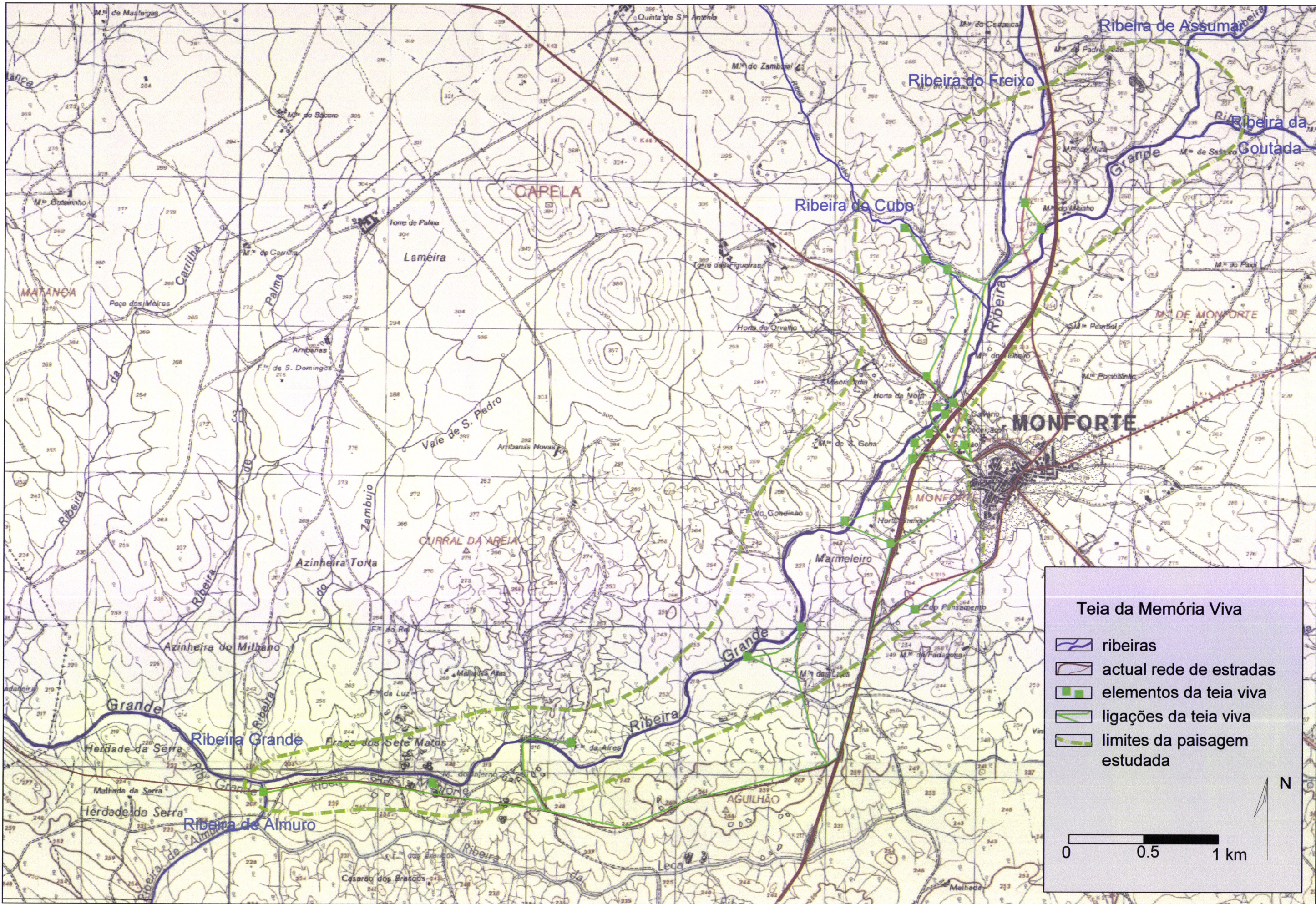


Fig.69 Representação gráfica da localização dos elementos da teia da memória viva na paisagem cultural da Ribeira Grande.

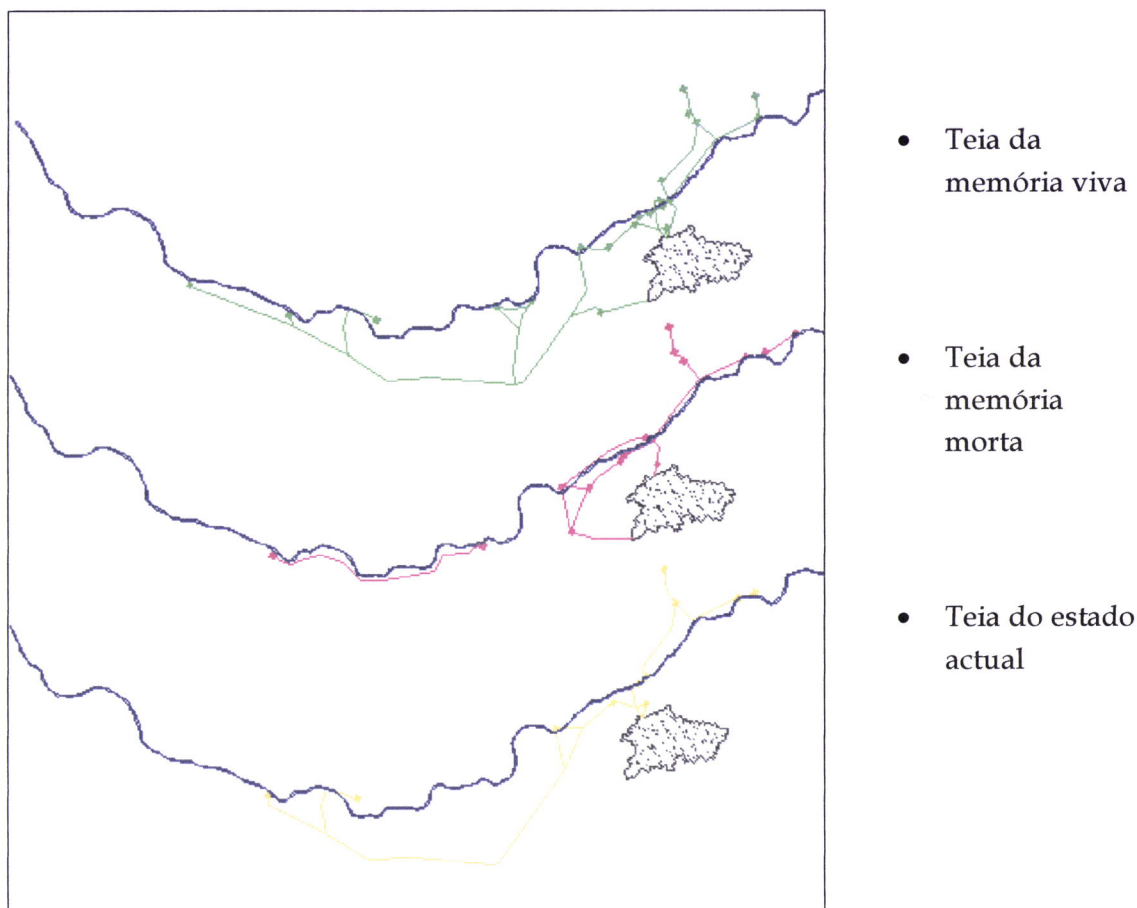
Segue-se:

Fig.70 Localização da teia memória morta na paisagem da Ribeira Grande.



V.2 Sobreposição das teias de memória da paisagem

Fig.71 Representação de sobreposição de identificadas teias da paisagem cultural da Ribeira Grande:



Nota-se uma diminuição de elementos marcantes ao longo das três teias, especialmente na parte inicial da ribeira. A ligação física para o troço final da ribeira, que no passado a acompanhava, afastou-se com a construção da estrada para Fronteira.

A densidade de elementos e ligações existentes nas imediações da vila na teia da memória viva da paisagem cultural, não se repetem em nenhuma outra. Muitas destas ligações foram associadas às actividades de vida quotidiana mais tarde abandonadas e antes não documentadas – ida às fontes para água, lavagem de roupa, etc.

V.3 Descrição de Estrutura da Memória Cultural da Paisagem de Ribeira Grande

Os resultados da análise histórica confrontam-se no gráfico com os resultados da pesquisa no terreno assim como com os resultados da análise das entrevistas, definindo os elementos mais significativos da paisagem. Este conjunto verifica três níveis de importância, sendo as duas mais fortes consideradas a compor o conjunto de pedras angulares da memória da paisagem.

| Elementos marcantes nas teias da paisagem | | estado actual | teia morta | teia viva | total |
|---|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| fontes | Aramenha | bastante importante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Fontana | insignificante | insignificante | mais importante | bastante importante |
| | da Vila | bastante importante | mais importante | mais importante | mais importante |
| | Pensamento | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Frades | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Aires | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Cubo | bastante importante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| pontes | Chafariz | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Romana | mais importante | mais importante | mais importante | mais importante |
| | Velha | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Passadeira de Lagar | bastante importante | insignificante | insignificante | bastante importante |
| | Cubo | insignificante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| moinhos | Almuro | insignificante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Monte Moinhos | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Lajes | insignificante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Inferno | bastante importante | bastante importante | mais importante | mais importante |
| outros construídos | Cubo | bastante importante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Rossio | bastante importante | mais importante | mais importante | mais importante |
| | Lagar Velho | bastante importante | mais importante | bastante importante | bastante importante |
| açudes e pegos | Casa do Arco | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Açude em Arco | bastante importante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Praia Fluvial | mais importante | insignificante | mais importante | mais importante |
| | Repr. Grande | bastante importante | insignificante | insignificante | bastante importante |
| hortas | Pego dos Fetos | bastante importante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Andrade | insignificante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Grande | insignificante | mais importante | bastante importante | mais importante |
| outros | Margalho | insignificante | bastante importante | insignificante | bastante importante |
| | Monte de S.Gens | insignificante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Ribeira do Cubo | bastante importante | bastante importante | bastante importante | bastante importante |
| | Vinha Grande | insignificante | insignificante | bastante importante | bastante importante |
| | Monforqueijo | insignificante | insignificante | mais importante | bastante importante |
| Pedreira | bastante importante | insignificante | insignificante | bastante importante | |

Fig.72 Compilação da classificação dos elementos da paisagem

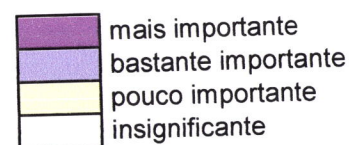


Fig. 73 Legenda de avaliação de importância dos elementos.

Os conjuntos de caracterizações foram inicialmente distinguidos entre os elementos construídos e os outros, a confrontação final inclui todos os elementos.

Estabelecem-se como os mais significantes, cinco elementos, dos quais quatro se encontram nas imediações da vila – Fonte da Vila, Monforqueijo (como o elemento problemático), e Ponte Romana com Praia fluvial. O único elemento mais distante é o Moinho do Inferno, localizado quase no fim do troço final da paisagem estudada.

Os elementos avaliados como mais significativos, constituem a estrutura portante da memória da paisagem e são fulcrais para manutenção da memória da paisagem. Estes elementos definem uma base importante para manter no desenvolvimento futuro da paisagem, os novos usos e funções devem desenvolver-se na base destes elementos revitalizados.

| Pedras angulares da memória da paisagem | | | |
|---|--|---------------|--|
| Ribeira do Cubo | | Fontana | |
| Vinha Grande | | Fonte da Vila | |
| Margalho | | Romana | |
| Casa do Arco | | Velha | |
| Açude em Arco | | Inferno | |
| Monte Moinhos | | Cubo | |
| Moinho das Lajes | | Rossio | |
| pass. Lagar | | Lagar Velho | |
| Ponte de Cubo | | Praia Fluvial | |
| Fonte d' Aires | | Horta Grande | |
| Fonte do Cubo | | | |
| Fonte de Aramenha | | | |
| Fonte do Pensamento | | | |

Fig.74 Identificação das pedras angulares da memória da paisagem estudada

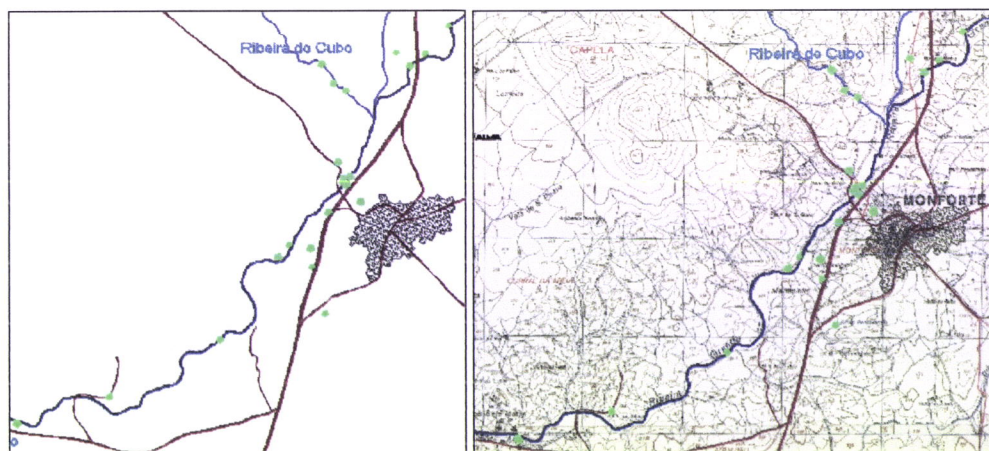


Fig.75-76 Esquema da localização das pedras angulares na paisagem de Ribeira Grande.

As pedras angulares da paisagem da Ribeira Grande criadas pela sobreposição de diferentes teias, formam os elementos base para a construção da paisagem futura. A importância de manter os significados dos elementos componentes da teia, é a de não perder o significado das suas relações interiores dentro da paisagem assim como entre os utilizadores e a paisagem. São estas relações o que mantêm o significado do espaço, e preservam a identidade da paisagem.

V.3.1 Listas e localizações de componentes da estrutura da memória cultural da paisagem rural da Ribeira Grande

Ligações das pedras angulares identificadas na estrutura da memória cultural

- 1 Antigo canal de Moinho do Monte de moinho
- 2 Ribeira do Cubo
- 3 Vereda de Fontana
- 4 Caminho de Aramenha
- 5 Caminho de saibreira
- 6 Canal de Lagar Velho
- 7 Estrada antiga
- 8 Estrada para Fronteira
- 9 Caminho de Fonte D'Aires

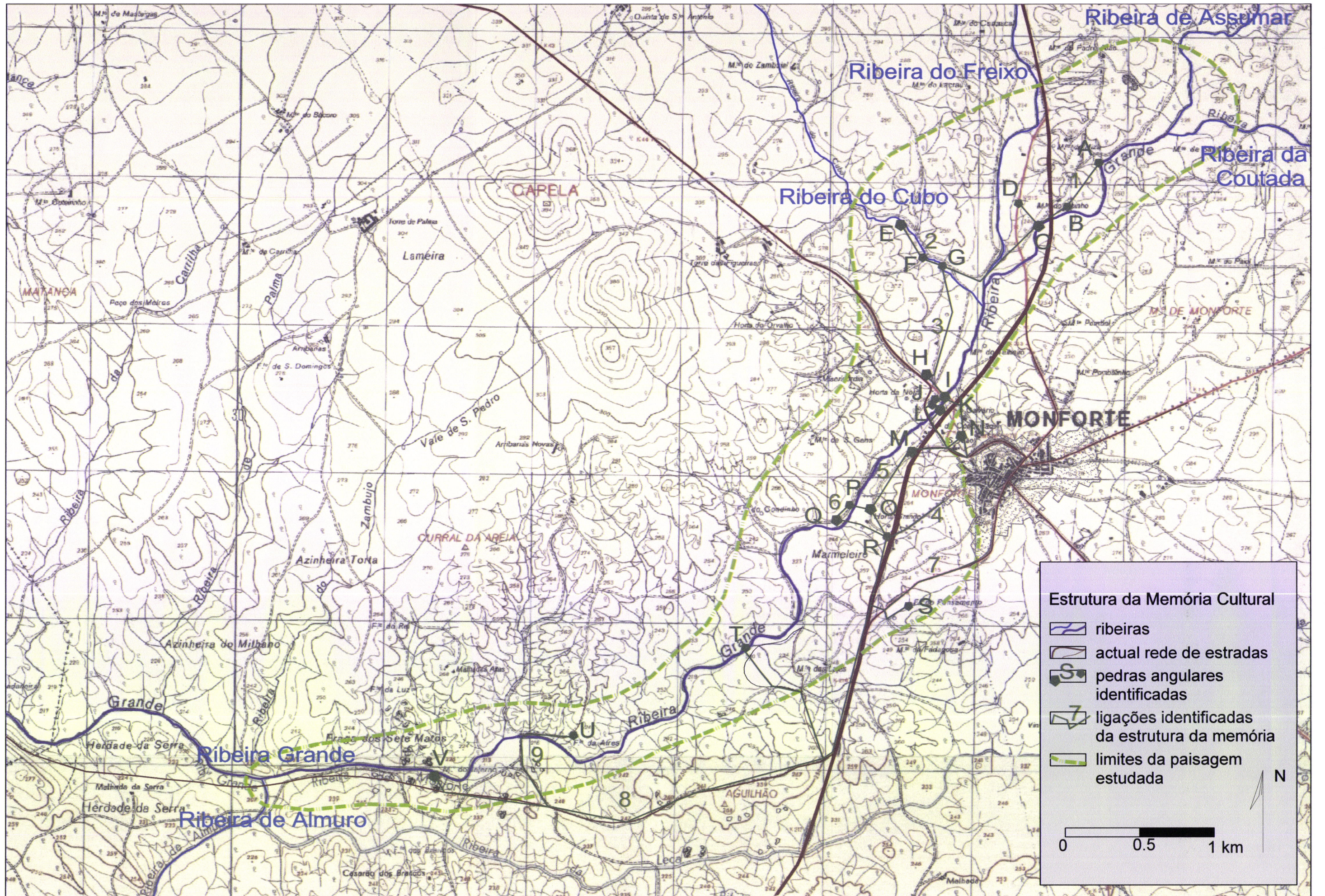
As pedras angulares identificadas na estrutura da memória cultural

- A Açude em Arco
- B Moinho do Monte de Moinhos
- C Ponte Velha
- D Fonte de Frades
- E Azenha de Cubo
- F Fonte do Cubo
- G Ponte do Cubo
- H Fontana
- I Ponte romana
- J Casa de Arco
- K Praia fluvial
- L Monforqueijo
- M Fonte da Vila
- N Rossio
- O Horta Grande
- P Represa grande
- Q Lagar Velho (+passadeira)
- R Fonte da Aramenha
- S Fonte do Pensamento
- T Moinho das Lajes
- U Fonte D'Aires
- V Moinho do Inferno

Seguem-se as figuras:

Fig.77 Representação gráfica da localização das pedras angulares da paisagem da Ribeira Grande - mapa.

Fig. 78 Representação esquemática e fotográfica das pedras angulares da estrutura da memória da paisagem da Ribeira Grande - esquema e fotos.



VI.1 Avaliação da multifuncionalidade da paisagem

A avaliação das funções inerente à paisagem da Ribeira Grande, centra-se nas formas de uso não produtivas.

É este tipo de funções da paisagem, que engloba os mais variados estratos de utilizadores da paisagem. E são estas funções, que se devem desenvolver em novos usos do espaço em estudo, envolvessem os vários estratos de população e especialmente entre a população mais nova, que desta forma poderia encontrar o seu próprio caminho ao encontro da paisagem que a envolve. Estas funções transcendentais da paisagem, "*transcending functions*" (Brandt, Vejre 2000), contemplam essencialmente as relações com a paisagem não materiais, ou as formas materiais de produção primária não económica.

Seguidamente descrevem-se as funções existentes, multifuncionalidade actual da paisagem, e adicionam-se sugestões de melhora destas funções.

Identidade local e regional, funções éticas (tesouro genético, herança cultural)

Estas funções assim como maioria dos valores intangíveis da paisagem devem ser incorporados pela população mais nova e durante o seu crescimento desenvolvidos pelos arredores. Os percursos interpretativos permitem de forma lúdica adquirir o conhecimento e desenvolver a sensibilidade à natureza assim como à paisagem cultural e de sua origem. Especialmente para interpretação destes valores a estrutura da memória cultural identificada fornece um suporte sistemático, uma ajuda na distinção do mais valioso.

Funções recreativas e turísticas (parte social e psicológica)

Cada vez mais se acentua a ligação do espaço Ribeira Grande com a Serra de São Mamede (um elemento de crescente interesse pelos habitantes da faixa litoral central assim como pelos estrangeiros).

A exigência de turismo de natureza e espaço rural pelos habitantes de grandes cidades pode ajudar a desenvolver um aspecto da uso da paisagem local, fornecendo os percursos mais compridos, de ligação à rede regional ou maior e de suporte gastronómico. A valorização de especificidades locais pela população pode ser incentivada pelo reconhecimento dos utilizadores inicialmente estranhos ao espaço.

As suas leituras e interpretação para os novos utilizadores devem basear-se nas pedras angulares.

Funções de uso do solo, sua intensidade (culturas permanentes, plantas de ciclos produtivos longos)

Existem apenas poucos espaços de agricultura mais intensiva e de lavoura. Ali as plantas de alimentação animal aditiva reinam assim como as plantações de trigo duro, não farinhento. Abrem-se as possibilidades de transformação de agricultura para as produções alternativas como de plantas de biomassa - energia reciclável, etc.

Também se inclui neste grupo a produção de cortiça nos montados mistos.

Funções dos ecossistemas – caça, pesca e apanha de frutos silvestres

Tradicionalmente uma forma de relacionamento com a natureza, encontra-se neste momento nas imediações da ribeira bastante restrita devido às cercas.

Apanha de cerca, máscaras, amoras está ainda presente na memória das populações apesar de sua realização diminuir bastante desde o passado até ao presente drasticamente.

Abertura de vários caminhos públicos inadequadamente cortados e sua sinalização permitiria o melhor usufruto da paisagem.

Nesta abertura devem ser privilegiados os caminhos que correspondem às ligações identificadas nas teias da memória cultural da paisagem da Ribeira Grande.

VI. 2 Identificação de novas funções para a valorização da paisagem

Das possíveis novas funções das paisagens e suas complexas combinações que emergem entre as formas de uso do solo, escolhem-se as funções aplicáveis ao espaço da paisagem da Ribeira Grande, tendo em vista o futuro multifuncional e sustentável.

Novas funções sugeridas

- Como sugeridas pela população, centram-se no aproveitamento da paisagem como um espaço lúdico e de diversão – nomeiam-se o bar, feiras ou acontecimentos desportivos de ambiências fortes – desportos radicais
- Mas também se reflecte a necessidade mais hedonística da população e de convívio – implantação dum parque de merendas, plantação de mais árvores para a mais agradável estadia
- Uma intervenção essencial: o melhoramento da qualidade de águas da ribeira pela exigência de implantação de ETAR especial na fábrica de queijos.

Novas funções já existentes

- As alternativas agrícolas: hortícolas extensivas na várzea da ribeira – couves; e produção animal específica -touros para as touradas
- Idas de buscar água às fontes mais distantes, mas com carro por bons acessos (Fonte D'Aires, Fonte de Frades...)
- Valorização do espaço histórico-culturo-ambiental, do Rossio (apesar de sua manutenção não atingir as exigências do projecto já executado e da sua implantação).

Novas funções a implantar

- Organização de percursos educativos (histórico-culturais com componente lúdica, que contemplassem formas de interpretação para os vários utilizadores)
- Sensibilização para as formas novas e variadas de uso da paisagem – tanto a agricultura alternativa como a “escola em natureza” ou protecção de aves estepárias ou reinterpretação de componentes da memória da paisagem.
- Permanência de guias e guardas de paisagem cultural como o elemento de educação complexa, que de base local pode partir para o entendimento mais global.
- Intervenção nas pedras angulares dos elementos identificados de valor histórico, cultural e de memória social local, como as hortas, as fontes, os moinhos, as pontes e outros elementos mais destacados.

VI. 3 Eixos concretos para valorização da paisagem como um todo patrimonial

Pretende-se na estrutura da memória da paisagem cultural da Ribeira Grande ponderar o seu valor especialmente perante a população local (com o foco nas gerações mais novas) e fornecer possibilidades de conhecê-la também aos visitantes mais distantes.

- Interpretação centrada
 - praia (edição de folhetos)
 - início do caminho para a Aramenha (ligação N°4)
 - informação específica no posto de turismo (sobre a paisagem cultural da Ribeira Grande e estrutura da sua memória)

- Valorização do existente
 - identificação dos percursos
 - melhora dos elementos existentes (reaproveitamento das construções ... Casa de Arco, Moinho do Inferno)
 - criação das actividades (Praia, moinhos... sugere-se a criação de um plano de dinamização desportiva e cultural e marcação dos percursos educativos)
- Abertura aos novos usos
 - compatíveis com a preservação dos valores patrimoniais, mas que simultaneamente ressuscitem o espaço (comércio de produtos tradicionais, actividades alternativas, etc.)
 - criatividade desportiva e artística na praia, (pedra angular K, plano de dinamização acima referido)
 - novas funções de raiz no espaço desde que respeitem a localização na estrutura da memória e a desenvolvam para a sua realização
- Classificação dos elementos para o nível patrimonial concelhio - sugere-se o conjunto de engenhos aquáticos ao longo da Ribeira Grande para tal classificação, incluindo os moinhos do Inferno, Lajes, Cubo e do Monte de Moinhos. Para interpretação deste conjunto sugere-se a instalação no recuperado Moinho do Inferno - o ultimo a ser abandonado...
- Consciencialização sobre os valores da paisagem cultural
 - cursos abertos de carácter histórico e ambiental
 - programas para a escola
 - exposição, promoção nas feiras e junto a entidades locais

VI. 4 Os principais constrangimentos ao desenvolvimento de novas funções

Distanciamento entre a vila e a paisagem da Ribeira Grande

O espaço do Rossio foi quebrado e a Ponte romana com paisagem ribeirinha separada da vida na vila. Na década de 80, fruto de obras de reconversão da estrada nacional 367, optou-se pelo atravessamento do Rossio de Monforte pelo Itinerário Principal 2.

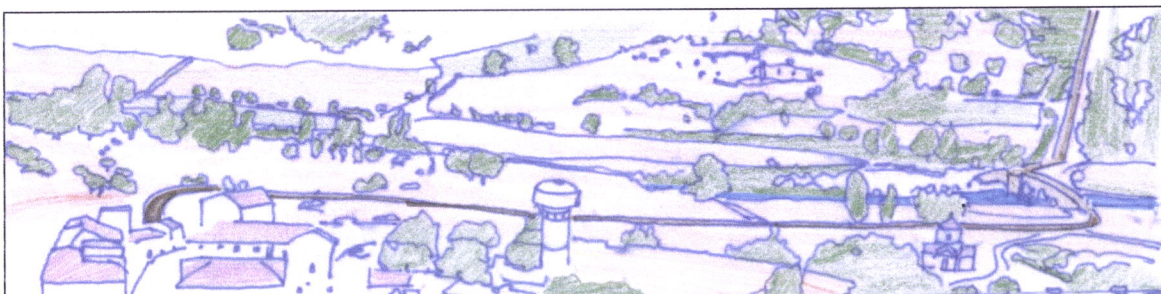


Fig.79 Aspecto da Ribeira Grande, e Rossio de Monforte na década de 80 do século XX.

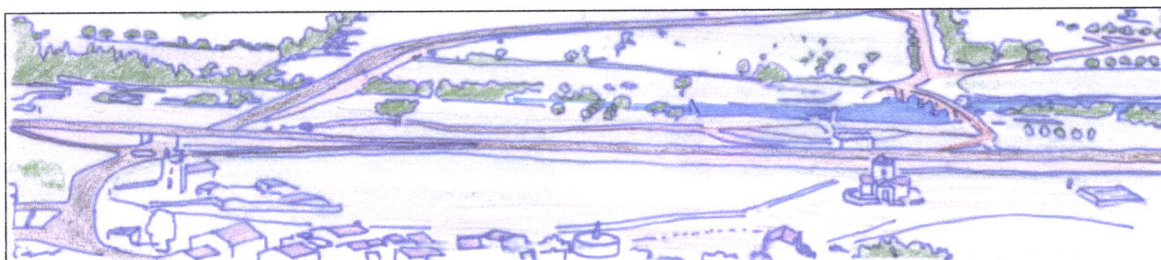


Fig.80 Aspecto da Ribeira Grande, e Rossio de Monforte com IP2 em 2004.

Ambos os desenhos foram criados com base em fotografia aérea.

“Este corte dramático da relação de Monforte com a sua Ribeira, podia ter sido evitado se houvesse maior consciência de planeamento do território. Hoje, esta barreira é fisicamente de difícil transposição, e visualmente incontornável.”¹

Presença de acampamento da etnia cigana no Rossio

O impacte desta grande colónia reflecte-se na insuficiente limpeza deste recinto histórico assim como no medo da população da vila de passar por este espaço.

¹ Imagens e citação da Memória Descritiva do Projecto de Parque da Ribeira Grande, elaborado pelo Arq. Pais. da Câmara Municipal, Telmo Andrade.



Fig. 81 Acampamento visto do castelo.
(Maio 2004)



Fig. 82 Rossio com acampamento à esquerda
visto da pedreira na encosta oposta.
(Setembro 2004)

Poluição das águas pela Monforqueijo

Este problema está a ser tratado presentemente – documentação de instalação de complexo subterrâneo de tratamento de águas residuais desta fábrica encontra-se abaixo (fig.84). Espera-se que desta forma se resolva o problema que durou mais que uma década e na altura de entrevistas se revelou como uma ferida muito aberta.



Fig.83 Fábrica Monforqueijo e seu acesso vistos de norte. (Setembro 2004)



Fig.84 Instalação de tratamento de águas residuais. (Junho 2004)

Bloqueamento dos caminhos rurais

Frequentemente encontram-se os caminhos marcados nas cartas militares cortados nos inícios e até mesmo várias vezes dentro das propriedades privadas. Este assunto não pode ser justificado pela presença de gado, uma vez que o bloqueio é de carácter mais permanente do que a presença do gado, que circula pelas pastagens. Apresentam-se até mesmo os casos de entrada de cerca no domínio hídrico público e atravessando a ribeira num conglomerado de arame farpado e silvas.



Fig.85-86 Documentação de bloqueio em dois sítios diferentes no troço central da paisagem ribeirinha.

Problema da insuficiência hídrica da praia fluvial

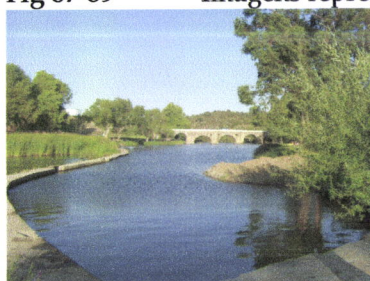
É a questão central para viabilidade da praia fluvial. Se a praia fluvial não apresentar caudal suficiente para se tornar um lugar aprazível e utilizável, será necessário recorrer a outros tipos de actividades.

Mencionam-se as duas praias fluviais mais próximas para comparação da situação na região:

Em Mosteiros, a praia com caudal insuficiente e pocilgas nas imediações a jusante de leito assim como a proximidade de esgoto da vila, emanam um fedor desagradável que no avançado verão é quase insuportável. Apesar deste cheiro bastantes habitantes em bom humor alegram-se no bar existente acima da retenção de água. A vila de mosteiros encontra-se a Nordeste de Monforte, no sopé da serra de São Mamede, sendo a praia localizada em ribeira pequena, não conseguindo servir para natação.

O caso mais positivo, de possível comparação, é a praia fluvial na mesma ribeira – Ribeira Grande, em Fronteira. A vila 20 km distante, de tamanho parecido mas com maior vivacidade. A ribeira no sítio da praia já apresenta um caudal muito maior, e a disposição com uma ponte antiga no início de espaço com a água retida, evoca as ideias de comparação. Acresce a localização de grande represa no lado direito da Ribeira a cerca de 300m a montante da Praia Fluvial.

Fig 87-89 Imagens representam os casos comparativos de praias fluviais.



Fronteira



Mosteiros



Monforte

VI. 5 Concretização das propostas

Confrontando as expectativas dos entrevistados com a estrutura de memória da paisagem, verifica-se uma focagem dos novos usos sugeridos no aproveitamento lúdico do espaço. Centrando-se nas funções novas, que levassem ao melhor desenvolvimento de relação de utilizadores com a sua paisagem, identificam-se as seguintes intervenções concretas:

As intervenções centradas no espaço da praia fluvial

A concentração de actividade sugeridas deu-se para o lugar mais conhecido, e quase que o único bem familiar a todos os entrevistados, a praia fluvial e a ponte romana, incluindo também as actividades mais alternativas sugeridas pelos mais novos.

- bar, parque de merendas, desportos radicais, desportos de aventura
- actividades lúdico-educativas (animação infantil), desportivas (circuito de manutenção, pista de pesca desportiva)

As intervenções distribuídas ao longo do território

- percursos identificados como uma necessidade de melhor orientação no terreno pela população local assim como pela possível atracção de turistas.
- recuperações de vários elementos (pontes, fontes e moinho)
- limpeza de pegos e desobstrução da ribeira assim como dos caminhos rurais. Uma exigência importante para o usufruto geral da paisagem.

VI. 5. 1 Intervenções

A nova linha teórica, começada no início dos anos 90, que prossegue até hoje, reforça os conceitos de manutenção e conservação; preferindo estes princípios às acções de restauro. Este começa a considerar-se cada vez mais o último recurso, sempre discutível e no monumento notável, uma cicatriz, ainda que bem sarada.

Este conceito fora definido já no documento editado como Carta del Restauo, em 1972, Anejo B: Instrucciones para la dirección de las restauraciones arquitectónicas:

“Supuesto que las obras de mantenimiento realizadas a su debido tiempo aseguran larga vida a los monumentos, se encarece el mayor cuidado posible en la vigilancia continua de los inmuebles para las medidas de carácter preventivo, incluso al objeto de evitar intervenciones de mayor amplitud.

VI. 5 Concretização das propostas

Confrontando as expectativas dos entrevistados com a estrutura de memória da paisagem, verifica-se uma focagem dos novos usos sugeridos no aproveitamento lúdico do espaço. Centrando-se nas funções novas, que levassem ao melhor desenvolvimento de relação de utilizadores com a sua paisagem, identificam-se as seguintes intervenções concretas:

As intervenções centradas no espaço da praia fluvial

A concentração de actividade sugeridas deu-se para o lugar mais conhecido, e quase que o único bem familiar a todos os entrevistados, a praia fluvial e a ponte romana, incluindo também as actividades mais alternativas sugeridas pelos mais novos.

- bar, parque de merendas, desportos radicais, desportos de aventura
- actividades lúdico-educativas (animação infantil), desportivas (circuito de manutenção, pista de pesca desportiva)

As intervenções distribuídas ao longo do território

- percursos identificados como uma necessidade de melhor orientação no terreno pela população local assim como pela possível atracção de turistas.
- recuperações de vários elementos (pontes, fontes e moinho)
- limpeza de pegos e desobstrução da ribeira assim como dos caminhos rurais. Uma exigência importante para o usufruto geral da paisagem.

VI. 5. 1 Intervenções

A nova linha teórica, começada no início dos anos 90, que prossegue até hoje, reforça os conceitos de manutenção e conservação; preferindo estes princípios às acções de restauro. Este começa a considerar-se cada vez mais o último recurso, sempre discutível e no monumento notável, uma cicatriz, ainda que bem sarada.

Este conceito fora definido já no documento editado como Carta del Restauro, em 1972, Anejo B: Instrucciones para la dirección de las restauraciones arquitectónicas:

“Supuesto que las obras de mantenimiento realizadas a su debido tiempo aseguran larga vida a los monumentos, se encarece el mayor cuidado posible en la vigilancia continua de los inmuebles para las medidas de carácter preventivo, incluso al objeto de evitar intervenciones de mayor amplitud.

Se recuerda, además, la necesidad de considerar todas as obras de restauración bajo un substancial perfil de conservación, respetando los elementos añadidos y evitando asimismo intervenciones de renovación o reconstitución.”²

No entanto, identificam-se vários elementos, cuja intervenção parece essencial para consolidação da estrutura da memória cultural da paisagem estudada, estabelecendo base para as novas funções da paisagem e de valorização de um todo da paisagem cultural.

Proposta de tratamento de cada uma das pedras angulares descreve-se anteriormente, limitando-se aqui apenas a uma lista comentada.

Define-se a ideia essencial de recuperação da acessibilidade da paisagem, formando vários portais de entrada, uns “pontos de partida para a paisagem”: Moinho do Monte de Moinhos, Casa de Arco, e Moinho do Inferno.

Nos dois elementos primeiros, reconhece-se a necessidade da sua recuperação básica ou no mínimo sua consolidação.

No caso do **Moinho do Inferno (T)**, sua intervenção deve desenvolver-se apenas em forma básica – fixação de telhado, consolidação de paredes e recuperação da passagem de água (fig.91). Este elemento depois servirá como base de percurso para o conhecimento do troço final da paisagem de Ribeira Grande.

No caso da **Casa do Arco (J)**, trata-se de reaproveitamento da localização da ruína (apenas restos de parede em alvenaria ordinária em pedra com argamassa de terra, fig.92) para uma construção nova. Este deve albergar informação de partida para o reconhecimento da paisagem; assim como servir de apoio ao bar de praia ou de venda de produtos tradicionais da zona.

A necessidade de circuitos exige as passagens pela ribeira, sendo natural aproveitar as pontes existentes – **Ponte Velha (C)** como uma das mais mencionadas pelos entrevistados é portanto sugerida (fig.90).³

Como uma intervenção específica e mais turisticamente avaliada, identifica-se a iluminação da **Ponte Romana (I)**.⁴

Identifica-se a necessidade de recuperação das fontes. Distinguem-se aqui apenas as duas vertentes essenciais de intervenções.

Limpeza e melhora de acesso:

Fonte de Frades, Fonte do Cubo (**F**), Fonte do Pensamento (**S**), Fonte D’Aires (**U**)

² Brandi, C., *Teoria de la Restauracion, Carta del Restauro 1972*, Madrid 2000, (p.138)

³ A proposta de sua consolidação já está em elaboração pelo Gabinete técnico da Câmara Municipal, (Eng. Pedro Romano).

⁴ O projecto já em elaboração pela CM.

Reactivação da sua funcionalidade:

Chafariz - fora da área em estudo, dentro da vila, A Fontana (H) - construção de fontanário novo, A Fonte de Aramenha (R)

Avista-se a possibilidade de ligação de elementos recuperados dentro dos percursos identificados à uma rede de turismo cultural regional de Cabeço de Vide, Serra de São Mamede, etc.

Como uma exigência essencial para a possibilidade de implantar uns circuitos, apresenta-se a necessidade de penetrabilidade do território durante o ano todo.

A mais necessária, mas provavelmente a mais difícil, acção será a abertura de caminhos bloqueados pelos proprietários e recuperação dos arredores da ribeira - limpeza de silvas e renovação do acesso ao leito como definido pela legislação nacional sobre as correntes aquáticas não navegáveis.

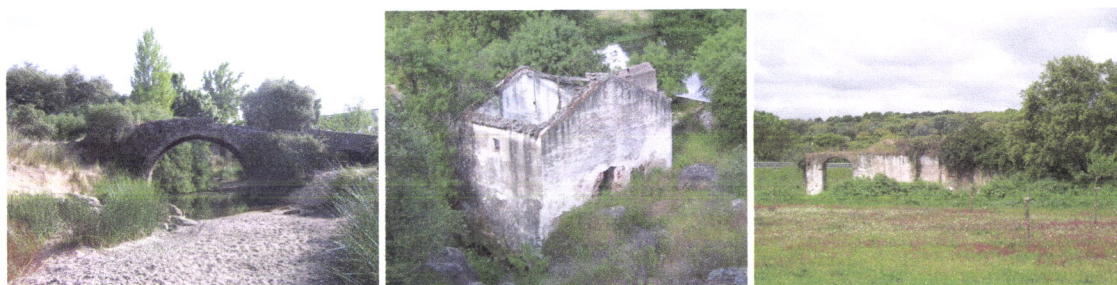


Fig.90-92 Os três elementos sugeridos para as intervenções: Ponte Velha, Moinho do Inferno e Casa de Arco.

VI. 5. 2 Identificação de Percursos

Identificam-se percursos de três níveis/escalas. Entre os percursos locais encontram-se três sugeridos e um percurso já definido. Entre os percursos temáticos sugere-se um de escala local, outro de escala regional e o terceiro como uma possibilidade de intervenção supra-regional.

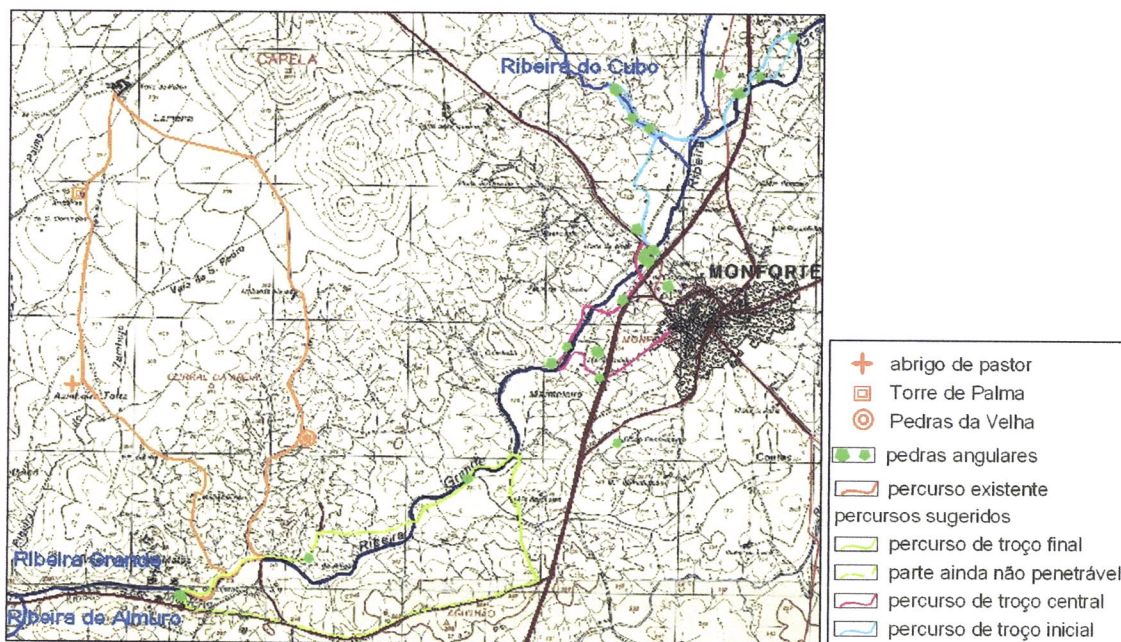
Percurso local existente

Reconhece-se um percurso existente definido como Percurso nº 14 dentro dos “Percursos da Natureza do Norte Alentejano” (fig.15). Seguimento e contexto do percurso encontram-se descritos na citada publicação (Barbosa, Vilas Boas 2003), assim como a versão gráfica - marcação de traçado no recorte de carta militar.

Este percurso inclui dois elementos historicamente importantes do espaço da Ribeira Grande, um é o moinho do Inferno, onde o percurso se inicia. O centro do circuito do percurso e o elemento-chave é a Vila Romana de Torre de Palma. O traçado passa por caminhos de terra subindo a encosta acentuada do lado direito do troço baixo da Ribeira desenvolvendo-se na planície a oeste da colina de Capela. Após o ponto de

Torre de Palma, desce novamente até ultrapassar a Ribeira para o ponto inicial do Moinho do Inferno.

O percurso descrito não apresenta nenhuma marcação no terreno e percorre pastagens com presença de gado, o que pode dificultar a sua realização em certas alturas do ano.



Os percursos locais sugeridos

Os percursos sugeridos de tamanho médio são três, todos exigem uma preparação mínima no terreno, uma marcação, e baseiam-se na básica consolidação dos elementos-chave pelos quais passam e os quais ligam. Os percursos abaixo descritos encontram-se marcados no mapa acima (fig.93). No caso os elementos constituintes o percurso são também as pedras angulares ou ligações da Estrutura da memória cultural da paisagem, sua designação segue-se após o nome, em “**bold**”.

O percurso do troço inicial

Parte da Ponte Romana, I, subindo a Ribeira do Cubo, N^o2, com os seus três pontos de interesse, (ponte, fonte e azenha, **G**, **F**, **E**). Dali desce novamente até a área da Vinha Grande e passa ao lado da ponte da antiga estrada nacional 367 encontrando a ponte velha, **C**. Após transpor o IP2 sob o viaduto, encontra o Monte de Moinhos, **B**, e segue os vestígios do seu canal, N^o1, até ao açude em arco, **A**. Pode prolongar-se até ao início da Ribeira Grande nas Juntas, confluência de ribeiras (Coutada e Assumar). O retorno pode fazer-se pela estrada das pedreiras até ao IP2 no sítio do Monte dos Moinhos.

Percurso do Troço Central

Inicia-se descendo da Vila para a Fonte de Aramenha, **R**, ultrapassa a Horta Grande, **O**, atravessa a Ribeira até ao Lagar, **Q**, segue a montante da Ribeira pelo lado direito até à Represa Grande, **P**, passando por passadeira da antiga levada do Lagar, Nº6. Após atravessar a Ribeira, o percurso segue pela Horta de Andrade visitando a Fonte da Vila, **M**, e termina, após a horta do Margalho na Ponte Romana, **I**.

Percurso do Troço Final

Neste momento existem dois troços desligados entre o Moinho do Inferno, **V**, Pego dos Fetos, Moinho das Lajes, **T**, e Ruína do Moinho da Calaverna, ou seja, entre a Fonte de Aires, **U**, e a ruína do Monte da Calaverna, não há ligação adequada, não havendo trilho nem terreno penetrável. Este percurso é de carácter linear, sendo possível fechar o seu circuito pelo troço da estrada para Fronteira. No entanto a sua realização fazia parte do percurso linear maior que se descreve como parte de percurso de moagem.

Percurso temáticos

- Fontes de Monforte

Fontes de Monforte: um percurso semi-urbano cujo surgimento deu-se à forte ligação da população especialmente, mais idosa às fontes. É um percurso que apenas parcialmente entra na paisagem estudada. Quase nenhuma das Fontes se encontra funcional. Assim a exigência de intervenção em todas é indiscutível. A Fontana e Fonte de Aramenha apresentam necessidade de recuperação.

O percurso inicia-se na Praça da República com a sua Fonte central. Segue para o fontanário na parte norte mais ainda central da vila actual, onde se encontra o Chafariz. Descendo ao longo do Rossio, atravessa-se a Ribeira Grande pela Ponte Romana, encontrando a Fontana, pedra angular **H** (a sua bica existente e supostamente também o fontanário novamente erigido no seu local original). Deste sítio é possível avistar o pinhal manso, nas suas proximidades encontrava-se antigamente a Fonte dos Amores.

Passando pela Praia fluvial, atravessa-se novamente a ribeira para a Fonte da Vila, pedra angular **M**. Daí existem duas possibilidades de prosseguimento: subir voltando para vila e descer pelo caminho ao lado do Motel; ou seguir pela Horta do Doutor Andrade e subir pela Horta Grande; ambas as versões se encontram depois na Fonte da Aramenha, pedra angular **R**. Depois o percurso sobe para o último circuito pelo caminho em terra e saibro para visitar o Poço do Batista com a Fonte do Pensamento, pedra angular **S**. O passeio volta para a vila pela estrada, que a liga com o IP2 na direcção para o sul.

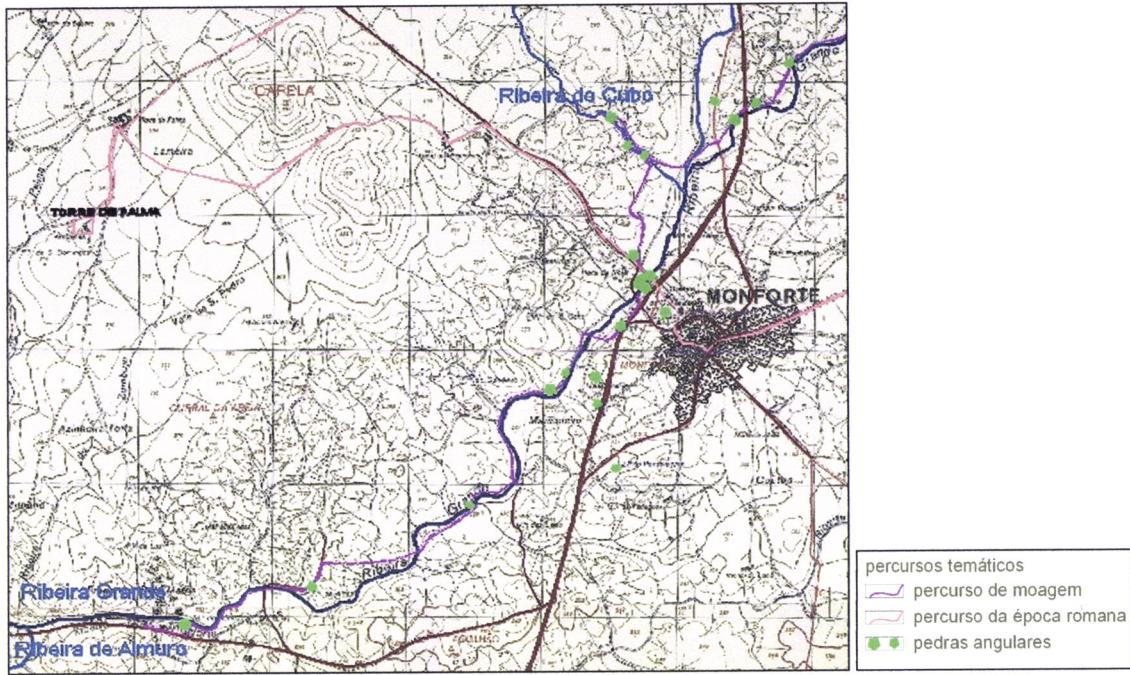


Fig.95 Localização de percursos temáticos

VI. 5 Intervenções propostas para as Pedras Angulares da Memória Cultural da Paisagem da Ribeira Grande

Para valorizar a paisagem é possível complementar a estrutura da sua memória com componentes novas da memória recente.

O todo da paisagem cultural é mais que a soma de todas partes. Para futuras intervenções, o conhecimento dos elementos constituintes deste todo é fundamental.

Para o futuro uso da paisagem, e para o entendimento actual das suas componentes, descrevem-se seguidamente as pedras angulares, correspondentes intervenções sugeridas e sua incorporação na paisagem cultural como um todo patrimonial.



Fig.96 esquema da estrutura da memória cultural da paisagem da Ribeira Grande

A paisagem cultural da Ribeira Grande foi delimitada pela percepção da população local (de Monforte), os utilizadores mais importantes desta paisagem.

Nas intervenções sobre as pedras angulares foram consideradas tanto as expectativas dos entrevistados (população) como as necessidades dos próprios elementos (como observados na actualidade). As intervenções visam a incorporação dos elementos na gestão integrada de toda a paisagem cultural para novos usos e manutenção dos seus valores patrimoniais.

A Açude em Arco

É o nome atribuído ao açude pela sua parede de forma curva. Encontra-se no troço inicial da Ribeira Grande. O acesso a este elemento é no presente fácil ao longo do antigo canal/levada para o moinho do Monte dos Moinhos. A sua descrição pormenorizada encontra-se nos anexos no capítulo de açudes e pegos.

- Elemento referido especialmente na teia morta e com importância no estado actual. Na teia viva da memória figura apenas como tendo sido sítio de pesca.
- Intervenção sugerida: limpeza do açude e de silvado no seu acesso (tanque lateral no fim do canal). Deve ser colocada placa informativa sobre a paisagem natural da Ribeira Grande e sobre o sistema de levada e de moinho.

B Moinho do Monte de Moinhos

O edifício do moinho foi transformado numa casa de habitação e encontra-se consolidado mas abandonado. Do seu conjunto funcional persiste o tanque no fim da levada e uma mó andadeira.

- A identificação desta pedra angular deve-se à sua repetição nas teias viva (visitas especialmente no passado) e morta (memórias paroquiais). No estado actual é relevante a visibilidade e acessibilidade do elemento.
- Sugere-se a colocação de placa informativa sobre a paisagem cultural da Ribeira Grande e funcionamento do moinho, incluindo o sistema de açude e levadas com indicação de possibilidade de percurso ao longo do canal (a primeira ligação).

C Ponte Velha

Um elemento com ligação visual notável, mas acessibilidade problemática. A ponte carece datação concreta da sua origem, mas existe projecto para a sua consolidação, elaborado pela CM local. Trata-se de um elemento fortemente ligado à componente linear central – Ribeira Grande, atestando, como muitos outros elementos, o antigo maior caudal da ribeira.

- O elemento encontra-se representado em todas as três teias compondo assim uma das mais fortes pedras angulares da estrutura da memória da paisagem cultural.
- Consolidação estrutural da base dos arcos da ponte, fixação do seu pavimento e superfície após a remoção de vegetação. A intervenção deve incluir a beneficiação do acesso – afastamento da cerca (de um lado da ponte) para ser possível a ligação à vereda para Monforte que passa sob a nova ponte do IP2. Em conjunto com a intervenção, deve decorrer investigação arqueológica para possível datação da ponte. Deve contemplar-se a colocação de placa informativa sobre a ponte, sua história e contexto na paisagem cultural da Ribeira Grande.

D Vinha Grande

Espaço entre a Ribeira Grande e a Ribeira do Freixo de pastagem aberta e montado disperso. Notam-se as marcas da antiga meandrização da Ribeira.

- A sua importância na teia morta é reforçada pela cartografia e nome do próprio espaço. Na teia viva, figura especialmente como sítio mais visitado no passado que no presente. Na actualidade trata-se de um dos poucos espaços não compartimentados ou vedados por cercas.
- Devido à dificuldade de delimitação do espaço, sugere-se a sua identificação apenas nos placares centrais de descrição da paisagem cultural.

E Azenha do Cubo

Faz parte do conjunto dos elementos ao longo da Ribeira do Cubo, sendo este o mais distanciado da Ribeira Grande. O moinho encontra-se em estado de ruína já há vários séculos, sendo hoje difícil identificar exactamente o tipo do seu engenho.

- Elemento mencionado especialmente na teia viva no conjunto dos elementos da Ribeira do Cubo. A teia morta e estado actual distinguem claramente cada um dos elementos e a importância do seu conjunto.
- O estudo arquitectónico sobre o seu funcionamento anterior viabilizaria a colocação de informação na placa informativa sobre as pedras angulares ao longo da Ribeira do Cubo e acessos à paisagem cultural da Ribeira Grande.

F Fonte do Cubo

Pequena e fraca nascente numa fonte sem grande interesse arquitectónico, claramente ligado a outros elementos da paisagem mais diversificada da Ribeira do Cubo.

- A fonte foi repetidamente mencionada tanto entre os elementos da Ribeira do Cubo como entre as fontes da paisagem cultural. A sua presença nas outras teias fundamenta a classificação como pedra angular.
- Sugere-se apenas a limpeza das imediações da fonte para sua melhor visibilidade e acesso.

G Ponte do Cubo

Uma semi-ruína (de aparência romântica, envolvida pelas silvas, evoca a bela adormecida pela sua proporção e dimensão singela), com um dos seus arcos com tabuleiro desabado. O acesso ao elemento, por vezes dificultado pela presença de gado, é possível pela vereda da Fontana (ligação número 3) ou pelo montado mais a norte deste.

- Todas as teias que compõem a estrutura da memória referem a ponte no conjunto da Ribeira do Cubo. No estado actual trata-se de um elemento mais próximo à Ribeira Grande e de maior necessidade de intervenção.
- Propõe-se a consolidação da ponte após remoção da vegetação. Na placa informativa deve ser incluída referência a ligações de caminhos, funcionalidade da ponte e sua origem, assim como informação geral sobre a paisagem cultural da Ribeira Grande.

H Fontana

Uma fonte hoje presente em bica pouco nobre e quase sem caudal. Detecta-se facilmente o sítio do fontanário original pela corrente de água e vegetação vistosa alimentada pela fonte nascente.

- A fonte figura em ambas teias da memória - viva e morta, mas seu estado actual é pouco favorável.
- Recuperar a fonte no seu sítio original ao lado da via para Vaiamonte. Sugere-se como resposta lógica ao seu estado actual e vontade da população local. Este facto deve ser acompanhado pela pesquisa histórica de toda a documentação existente. Não se é provável a possibilidade de anastilosis da fonte sendo assim melhor opção erigir um fontanário assumidamente novo também em termos arquitectónicos.
- A construção deverá ser acompanhada por placa identificadora da paisagem cultural e história da Fontana.

I Ponte romana

É um elemento essencial da parte central da paisagem estudada e também para a relação entre a Ribeira Grande e a Vila de Monforte. Existem várias intervenções planeadas para o local (Arqueológica, Paisagística e Arquitectónica) que englobam a ponte e o espaço envolvente da praia fluvial.

- A ponte figura em todas as teias que compõem a estrutura da memória da paisagem cultural da Ribeira Grande, e conseqüentemente uma das suas pedras angulares mais importantes.
- Após a desobstrução dos arcos da margem esquerda (com supervisão de arqueologia), sugere-se a localização de informação, não apenas sobre a história da ponte mas também a relação a Torre de Palma como monumento romano mais próximo e ligações regionais da época romana tardia - *civitas* de *Ammaia*, *Emérta Augusta* e *Ebora*; - itinerários de *Olisipo* para *Emérta Augusta* etc. Sugere-se também a iluminação da Praia Romana referida por considerável parte dos entrevistados e para maior visibilidade do monumento. A informação próxima à ponte deveria ser um primeiro convite para a paisagem, realização de percursos e remetendo para um centro de interpretação.

J Casa de Arco

Ruína de casa desabitada no início dos anos setenta. Para a reconversão desta casa originalmente em taipa, será necessária uma construção totalmente nova aproveitando quase unicamente o sítio engolido entretanto pela vegetação.

- Casa que foi sítio de vida de vários entrevistados ganha muita pronúncia na teia viva, na teia morta figura apenas como casa de apoio à horta. O seu estado actual é de uma vista nostálgica, mas pouca acessibilidade devido aos animais e mato.
- Das sugestões revela-se mais apropriada para casa de apoio à jardinagem /manutenção, sendo referidas as actividades de lar, centro interpretativo e venda de produtos locais para a construção existente, no centro da praia.

K Praia Fluvial

Espaço arrelvado e com equipamento infantil entre jovens plantações a jusante da Ponte Romana. A retenção de água até agora não permitia a realização de banhos, no entanto como um lugar de referência e visitas à paisagem da Ribeira ou mesmo os pic-nics, o sítio é bastante frequentado.

- Sítio privilegiado especialmente pelos jovens, figura forte como espaço de vivência na paisagem - componente tanto da teia viva, como da teia do estado actual da paisagem. No entanto para a teia morta não tem nenhum significado, uma vez que se encontra no lugar das históricas hortas e telheiro de tijolo.
- Sítio importante por sua visibilidade e fácil acesso, onde deve ser instalada a placa central de interpretação da Paisagem Cultural da Ribeira Grande. No centro da praia, próximo do bar, deve existir possibilidade de explicação do conjunto patrimonial da paisagem como as possibilidades de acesso a esta e seu uso, tanto organizado como informal.

L Monforqueijo

Uma pequena fábrica de lacticínios com grande impacte negativo na qualidade da água da Ribeira Grande. Apesar de construída e funcionar já há vários anos, carece um projecto de enquadramento paisagístico, também o tratamento de águas residuais verifica-se insuficiente.

- O problema da qualidade da água verifica-se tanto nas opiniões dos utilizadores da paisagem como na observação do terreno, a sua melhoria foi identificada como pressuposto básico para outras intervenções na paisagem.
- Sugere-se a plantação de árvores de enquadramento e criação de uma zona de filtro para diminuição do impacte visual negativo no espaço das hortas e Ribeira Grande
- O melhoramento do tratamento de águas residuais é o primeiro passo necessário e essencial para a valorização da paisagem cultural da Ribeira Grande

M Fonte da Vila

Um grande e simples fontanário de uso frequente com espaço envolvente amplo. A fonte tem ligação funcional à horta de Mariana Andrade.

- A teia viva pondera a Fonte da Vila, especialmente no passado (capacidades curativas e fornecimento de água potável para a população), embora esteja mencionada com menor frequência no presente e para o futuro. Na teia morta a Fonte tem o seu indispensável lugar assim como na teia do estado actual da paisagem
- Sugere-se melhora do acesso à horta e colocação de placa informativa sobre este elemento, sua história e ligações funcionais e informação geral sobre a paisagem cultural da Ribeira Grande.

N Rossio

Espaço amplo na encosta entre a Vila e a Ribeira com múltiplos significados. A presente composição espacial e paisagística pondera a presença das três igrejas, uma das quais classificada, uma capela e pedra de aparição.

As funções inerentes do passado – campo de futebol, cultura de cereais e praça de feira franca revelam-se apenas aos que estudam a história do sítio, estando o espaço agora algo adormecido.

- O Rossio pela sua posição entre o Rio e a Vila, é quase sempre associado pela população à paisagem da Ribeira. As referências dão-se tanto às casas habitadas dentro deste, como ao antigo caminho para a Ponte, que atravessava o recinto, enquanto hoje abraça de sul, um espaço desabitado e abandonado. A sua representação na teia viva e teia morta é forte, na teia do estado actual, considera-se um espaço com potencial, mas também com problemas e sem uso quotidiano.
- O acesso alternativo à praia fluvial pelo Rossio valorizava o espaço tanto mais que já existia no passado e foi apenas interrompido pela passagem do Itinerário Principal 2, no entanto a presença de elementos da etnia cigana em dois lados do espaço, diminui a sua apazibilidade pela quantidade de lixo por eles depositado. Sugere-se a colocação de placas informativas explicitando o valor histórico da Rossio de Monforte, e sua posição de inter-ligação da Vila com a Ribeira Grande.

O Horta Grande

Espaço entre a Fonte de Aramenha, Represa Grande e Lagar Velho antigamente representava um contínuo cinto de hortas na margem esquerda da ribeira.

Actualmente está votado à pastagem, permanecendo apenas alguns fontanários do seu uso como horta.

- A sua importante presença na teia da memória morta é complementada por importância da memória viva, ligada ainda ao pego do Marmeleiro nas suas proximidades. O seu estado actual permite o acesso, apesar de limitado pela frequente presença de gado.
- Sugere-se a protecção do leito da ribeira pela vegetação do impacte erosivo do gado bovino. Uma plantação de galeria ripícola simples, delimitando acessos ao longo da ribeira às outras componentes da estrutura da memória.

P Represa grande

Uma construção dos anos sessenta, que substituiu um açude antigo menor. O corpo em betão e torre de medição de cheias são de arquitectura utilitária e funcional.

- Na teia viva reflectem-se fortes lembranças do passado (brincadeiras ao pé da represa etc.); na teia morta a construção presente substituiu açude mencionado nas memórias paroquiais como fornecedor de água para lagar e moinho; na teia do estado actual da paisagem, a represa figura como um elemento marcante.
- Sugere-se apenas a colocação de placa informativa sobre a paisagem cultural com identificação de percursos marcados e a facilitação de acessos.

Q Lagar Velho (+passadeira)

Ruína de Lagar com canal parcialmente evidente de levada e uma passadeira sobre esta nas proximidades da Represa. A sua desactivação deu-se provavelmente já durante o século XIX. ou início do século XX.

- Todas as teias mencionam o lagar (com excepção das memórias paroquiais) como ruína, sítio de lavagem de roupas, brincadeiras ou pic-nics e pescarias. No presente estado é um pouco invadido pelo gado, que mantém a vegetação baixa e o lagar acessível.
- Sugere-se a desobstrução do acesso ao lagar, especialmente pela limpeza do leito nas proximidades. Localização de placas informativas sobre o funcionamento do engenho de lagar de azeite, consolidação da ruína e limpeza de vegetação. Indicação da ligação à represa pela levada.

R Fonte de Aramenha

Fonte composta de nascente e fontanário com tanque e escadaria. Actualmente o traçado do IP2 divide-os, estando o fontanário deteriorado e quase sem água, que corre para a Horta Grande.

- A teia da memória morta e o seu estado presente revelam uma grande importância desta pedra angular. A Fonte da Aramenha era uma das mais importantes de abastecimento à vila antes de existir água canalizada, fixando assim a sua importância na teia da memória viva.
- Sugere-se limpeza da ligação entre a nascente e fontanário assim como consolidação do próprio fontanário. A colocação de placa informativa sobre a fonte e sua posição na paisagem cultural deve anteceder uma seta indicando a existência da fonte no início de caminho ligação N^o4 (colocada na bifurcação entre o caminho e a estrada para o Hotel).

S Fonte do Pensamento

Uma fonte-poço em pedra irregular de granito apenas parcialmente fixado com alvenaria, é complementado por um tanque com saída para a linha de drenagem. No sítio encontra-se ainda o engenho - cegonha e vários potes. Escondida no início do olival, a fonte é acessível aos que sabem procurar ou a conhecem.

- As teias de memória morta, viva e do estado actual mencionam este elemento, apesar de estar já distante do espaço estudado da Ribeira. Não sendo muito importante, o elemento enquadra-se entre as fontes especialmente consideradas pela população.
- Sugere-se a indicação de presença da fonte e facilitação do seu acesso (com cancela na cerca, passadeira sobre valeta e placa informativa sobre a sua posição na paisagem cultural)

T Moinho das Lajes

Ruína de um moinho na parte baixa da Ribeira Grande também com paredão de retenção de água e uma pequena casa habitacional, todos em granito local. O acesso pelo caminho do Monte das Lajes permite visita ao Pego do Marmeleiro - um açude baixo a montante do moinho, muito referido na teia viva.

- Elemento referido nas memórias paroquiais ainda em função, sendo portanto justificada a sua presença na teia morta. Na teia viva, está sempre ligado ao Moinho do Inferno tematicamente (percurso entre estes), e ao Pego do Marmeleiro funcionalmente (pic-nics, caça), o estado actual permite desfrutar do elemento graças ao acesso e disposição do elemento.

- Prevê-se a instalação de placa informativa sobre o complexo do moinho (casa, engenho de moagem e de retenção da água) e referência ao conjunto de moinhos ao longo da Ribeira (com eventual centro no moinho do inferno). Sugere-se também a colocação de placa geral informativa sobre a Paisagem Cultural da Ribeira Grande.

U Fonte de Aires

Uma bica simples num terço da colina pedregosa, entre o seixo rosado jorra água desde as profundezas, todo o ano com a mesma temperatura. Acesso pelo caminho de terra da estrada para Fronteira e visibilidade desde esta.

- Não existiam referências no passado quanto à teia viva, apenas poucas no presente e no futuro. A teia morta conhece esta fonte apenas pela mais recente cartografia. Na teia do estado actual da fonte, reflecte-se um uso frequente.
- O melhor enquadramento da fonte implica uma limpeza frequente do local (restos de garrafas partidas) e recuperação do acesso (erosão do caminho em saibro). Para a informação sobre o elemento, sugere-se a colocação de informação sobre este tanto junto à fonte (informando sobre as outras fontes ao longo da Ribeira e da paisagem da Ribeira Grande em geral), como placa indicativa junto da estrada para Fronteira.

V Moinho do Inferno

Pedra angular mais distante, (apesar da existência de elementos da teia viva ainda mais a jusante da ribeira). Moinho de dois andares em ruína com ainda presentes restos de telhado e janelas. Uma mó em granito cor-de-rosa e levadas preservadas desde o açude documentam bem a sua função abandonada provavelmente nos anos 60 ou 70, pelo que terá sido o último dos moinhos operativos.

- Importante componente especialmente da teia viva (presente e futuro são os tempos mais significativos. Na teia morta encontra-se mencionado duas vezes no passado - na cartografia dos anos setenta de século vinte, nas Memórias Paroquiais, mencionando-o ambas as fontes como funcional. O seu estado actual é de abandono com desabamento do telhado e do interior da casa.
- Melhoria do acesso ao moinho (um trilho bem definido entre as pedras rolantes) e limpeza de vegetação em redor da construção. Propõe-se a consolidação do engenho e reconstrução do telhado do moinho. Instalação no interior de documentação do sistema de moinhos na Ribeira Grande, (desde o início até a Fronteira) de acesso livre.
- O sítio do Moinho do Inferno na estrada assinala um alargamento com eucaliptos, o espaço seria muito facilmente adaptável para um marco na

paisagem pela introdução de placas informativas. Indicações sobre consolidação do moinho e a sua inserção na rede de moinhos na Paisagem Cultural da Ribeira Grande.

- Esta pedra angular poderia servir como um dos pontos essenciais na ligação de percursos turístico-culturais entre Fronteira e Monforte.

Intervenções propostas para as Ligações da Estrutura da Memória Cultural

1 Antigo Canal desde o Açude em Arco para o moinho de Monte de Moinhos

Canal, que ligava o Açude em Arco até ao moinho do Monte de Moinhos. Parcialmente identificável, o canal percorre a distância de um quilómetro e meio. Numa parte a passagem do gasoduto apagou todos os traços da sua existência, mas na totalidade percorre um território de fácil acessibilidade de pasto e dum olival pouco denso. Apenas a sua parte inicial apresenta densas manchas de silvas nas imediações da Ribeira Grande.

- A existência desta ligação descoberta na visita do terreno, foi confirmada pela funcionalidade do engenho do moinho e pela sua existência na teia morta.
- Sugere-se a limpeza do troço parte inicial (coincide com os tratamentos do Açude em Arco) e marcação do percurso do canal pelos símbolos nas árvores e pedras.

2 Ribeira do Cubo

Componente linear aquática de uso e aparência uniformes. Percorre uma paisagem variada e bastante pedregosa com pastagens e montado de azinho. O acesso a esta ligação é possível através da vereda da fontana (outra ligação) ou pelo montado a norte da Ribeira Grande.

- A ligação presencia-se fortemente na teia viva e na teia do estado actual, mas apresenta apenas simples menção na teia morta.
- A simplificação da ligação da Ribeira do Cubo à Ribeira Grande seria efectuada pela maior presença de cancelas. A sinalização do percurso ao longo da ribeira e sua ligação à vereda de Fontana.

3 Vereda da Fontana

Caminho documentado cartograficamente no passado entre as hortas e olivais, passa hoje entre uns poucos espaços cultivados ao longo da Ribeira Grande. A vereda encontra-se por vezes cortada pelos proprietários, utilizando-a para cercar o gado. O caminho liga o espaço central da Ribeira Grande à Ribeira do Cubo, mas a sua continuação mais a montante da Ribeira Grande é problemática.

- A teia viva não menciona um caminho concreto, mas a possibilidade de acesso frequente; a cartografia documenta a vereda na teia morta. No presente existe acesso mas é problemático.
- A marcação de possível percurso ao longo desta linha entre a Fontana e a Ribeira do Cubo está condicionado pela verificação de acessibilidade do caminho. Realizar acordo com o proprietário dos terrenos adjacentes sobre o uso do caminho e sua manutenção.

4 Caminho da Aramenha

Caminho público entre a vila e a fonte com acabamento em saibro ladeado por oliveiras. Ligação entre a Fonte da Aramenha, a Horta Grande e a Horta de Doutor Andrade dá-se pelo olival nos terrenos divididos por simples cancela.

- A teia morta assim como o estado presente revelam grande importância desta ligação. Na teia viva, a Fonte da Aramenha ganha mais força, mas não deveria ser sempre o seu caminho de acesso.
- Sugere-se a indicação do caminho nos troncos que o acompanham e colocação duma placa na vila desde o seu início. Uma placa colocada na divisão do caminho ao Hotel, um potencial acolhimento de turistas, potenciara um ponto de partida para o reconhecimento da paisagem.

5 Caminho da Saibreira

Caminho em terra bem pronunciado, que liga a Ponte Romana com a Monforqueijo, Fonte da Vila, saibreira e dissipa-se entre a Horta de Dr. Andrade e Horta Grande. O caminho é público e acaba nos terrenos da Câmara Municipal, sítio onde poderia estar um acesso ao caminho da Aramenha (passagens de olival acima das hortas...).

- Não existem referências a esta ligação, o seu estado actual é parcialmente acessível e parcialmente dificultado pelos depósitos de entulho.
- A boa marcação do caminho será indispensável assim como a passagem pelo olival de uma ligação à outra margem (possibilidade da Represa Grande como pedra angular entre passagens) nestas pedras angulares as placas devem indicar a existência de ligações na estrutura da memória da paisagem cultural da Ribeira Grande.

6 Canal do Lagar Velho

Uma curta ligação entre duas pedras angulares com início alterado e indetectável. A passadeira prova a importância do canal apesar de hoje já não passar de uma valeta distinguível quando a vegetação é erradicada pelo gado.

- Documentado na teia da memória morta, quase nunca referida na teia viva (eventualmente pela sua pequena dimensão ou proximidade de pedras angulares) e apenas algumas circunstâncias detectável no território.
- Limpeza de arredores de passadeira, indicação de passagem de canal no elemento notável e pedras angulares do Lagar Velho e Represa Grande.

7 Estrada antiga

Caminho de Monforte para fronteira anterior ao IP2, foi cortado antes de atingir o traçado actual do itinerário, criando assim um apêndice ao acesso à vila. Existe ligação do troço cego a vereda de acesso a propriedades a sul de Monforte. Nas proximidades do caminho encontra-se a Fonte do Pensamento.

- A cartografia documenta o traçado anterior à estrada alcatroada do caminho para sul que ligava a Estremoz, por Veiros e com desvio para Fronteira. Na actualidade é um acesso importante à Fonte do Pensamento, assim como terá sido no passado (teia da memória viva).
- Uma simples placa indicativa dentro da Vila direccionando pela estrada antiga até à fonte do Pensamento. A sua ligação ao resto da paisagem da Ribeira Grande deve ultrapassar o IP2.

8 Estrada para Fronteira

Estrada construída após a cartografia militar (1967), fornece hoje a ligação para o troço baixo da ribeira.

- Na teia do estado actual o acesso é essencial, também na teia viva refere-se a maioria dos acessos à ribeira por automóvel, no entanto, existem também referências à antiga canada que acompanhava a ribeira de mais perto, do lado direito (passagem com gado para as feiras em Fronteira). Na teia morta não há registos sobre o traçado da actual via.
- Uma forma de fácil acesso automóvel ao espaço, sugere a colocação da informação sobre a paisagem cultural e da sua estrutura da memória identificada num sítio alargado acima do Moinho do Inferno.

9 Caminho da fonte D'Aires

Caminho em saibro, com passagem de nível (em lajes de betão) da parte alargada da Ribeira Grande. Trata-se duma via que liga a fonte à estrada para Fronteira, subindo para outro lado do vale da Ribeira Grande.

- Caminho marcante no estado actual, no entanto a cartografia do passado omitiu-o, estando sempre associado à fonte. Na teia viva não é elemento muito explícito (pouco significativo e apenas com uso actual).
- Apesar de ser bem conhecida a localização da fonte pela população local, colocação de uma placa indicativa no início de caminho, na estrada para Fronteira, seria conveniente para os utilizadores ainda não familiares com este sítio.



Fig.97 Paisagem do troço final da ribeira vista da Fonte D'Aires. O caminho em saibro rosado passa a linha verde de ribeira em através de duas curvas se aproxima à fonte. Os traços de erosão do caminho e restos de garrafas plásticas sobressaem como elementos problemáticos neste sítio.

A reflexão sobre a composição da estrutura da memória cultural da paisagem da Ribeira Grande deve contemplar as relações espaciais mais amplas.

Ao contrário do Norte de Portugal, onde as terras comuns assim como os terrenos arrendados privados sempre permitiram aos mais pequenos agricultores uma ligação pessoal à terra própria, no Alentejo as grandes extensões de propriedades e as aldeias sem terras mantiveram outra forma de ligação ao espaço envolvente. A presença quase quotidiana de pessoas na paisagem marcou tanto a paisagem como as pessoas. A identidade e o carácter da paisagem modificou-se bastante desde então, mas os traços essenciais mantiveram-se.

A posse de terras em latifúndios, extensões de reduzida fertilidade criou uma paisagem de malha larga. As nascentes, moinhos e pontes são elementos algo escondidos, que pontuam a extensão de montados, pastos, olivais e outros campos. A ligação funcional entre estes elementos pelas veredas, mantidas pelos muitos caminheiros já quase na totalidade desapareceu por seu desuso. Fruto deste abandono dos campos, a paisagem está lentamente a perder sua legibilidade...

A investigação realizada revela, que neste momento a população está algo distanciada da sua paisagem. Na memória da população constata-se uma forte associação entre a paisagem e o trabalho árduo no campo. Devido ao predomínio desta relação, não foi ainda possível reinventar a poética do passeio na paisagem, mais comum em meios urbanos.

No entanto, com base no desenvolvimento, que se tem verificado noutros países europeus, há mais tempo fortemente urbanizados; crê-se, que este vazio geracional será ultrapassado, criando uma relação nova.

Uma vez perdida, a memória do território, resultará na desintegração dos seus elementos. Sem que a sua estrutura esteja funcional, corre-se o perigo de intervenções alienadas ao seu espaço, desligadas da sua identidade e do carácter original das paisagens.

Uma vez perdida, a memória viva e desaparecida a estrutura da paisagem na actualidade, a sua renovação é impossível, falsa. Toda a memória passa a ser apenas morta e então questão da arqueologia da paisagem. No entanto poderá começar criar-se outra, nova memória viva pelos novos utilizadores.

Os resultados de entrevistas indicam, que o momento chave de preservação dos conhecimentos da paisagem antes da sua perda, está próximo. A relação com a paisagem diverge radicalmente nas diferentes faixas etárias tanto como o seu conhecimento.

- Esta relação NO PASSADO poderia ser formulada como:

Mais conhecimento -> mais visitas à paisagem (conhecimento activo de maior parte da paisagem, visitas a variados sítios)

Menos conhecimento sobre a paisagem -> menos visitas à paisagem

Enquanto NO PRESENTE, hoje a relação modificou-se para:

Mais conhecimento -> menos visitas à espaço da ribeira (gerações mais velhas, que mantêm a memória viva da paisagem mas já não a visitam)

Menos conhecimento -> maior frequência de visitas (menor variedade de espaços conhecidos, sítios visitados pouco variados e apenas perto de vila e estradas principais - na maioria a geração nova)

O presente estudo decorre num tempo (momento) de uma viragem, num certo vazio em termos da relação da população com a sua paisagem. No Alentejo interior em geral, a sociedade encontra-se virada “de costas” ao seu ambiente envolvente. A desconexão de formas de vida e de trabalho tradicional, e tendo em conta a proporção cada vez menor de populações nos trabalhos agrícolas, modificou a sociedade rural, mas as novas formas de vida não se revelaram totalmente benéficas nem para si, nem para a paisagem.

Deve-se evitar a total alienação das pessoas da sua paisagem. Devem-se tentar mostrar maneiras para que a população faça uma vez mais parte integrante da sua paisagem, mas a um nível mais consciente e cooperativo.

No sentido da preservação da paisagem cultural para as novas gerações, a identificação da sua estrutura da memória cultural é essencial, permitindo uma aproximação ao seu conhecimento complexo. A aplicação da futura gestão na sua estrutura em conjunto com a criação de novas funções e sensibilização da população deverá levar à preservação e enriquecimento das populações e da própria paisagem.

A Convenção Europeia da Paisagem (2000) trouxe uma definição das paisagens, que engloba a percepção do homem assim como a inclusão de todas as paisagens entre as paisagens merecedoras de preservação. A Convenção impõe a participação das populações na avaliação, decisão, preservação e gestão das paisagens. A aplicação desta participação efectiva é um desafio importante para as sociedades europeias.

O presente trabalho tentou seguir estas recomendações. Os resultados da investigação desta paisagem “quotidiana” rural Monfortense já foram cedidos para as autoridades locais e vão ser apresentados ao público na feira anual da vila, (Monforfeira).

Considera-se esta via como a forma de dar a conhecer à população tanto o valor da paisagem cultural local, assim como a importância da participação pública na sua preservação, uso e gestão.

“Now it is time to include the idea of public participation into the landscape action and that way bring back the individual to himself, to nature, to the society and to the landscape.”¹

¹ Oliveira, R., Dneboská, M., *From the landscape perception until public participation. How long is the way?*, in: *From knowledge of landscape to landscaping action*, Bordeaux 2004

Este trabalho não pretende identificar exaustivamente todas as possibilidades de revitalização e valorização da paisagem cultural no espaço rural. Sugere apenas um possível caminho de identificação do mais valioso na paisagem cultural, que deveria ser respeitado nas intervenções de sua valorização.

O seu contributo é de criação de um modelo, da **estrutura da memória cultural** das paisagens. A estrutura é composta por elementos identificados como os mais valiosos, e suas ligações dentro da paisagem, nos seus contextos histórico-culturais.

O trabalho sugere uma metodologia de identificação da estrutura em três teias de memória da paisagem cultural, que englobam várias vertentes de entendimento dos valores da paisagem (rural, neste estudo caso).

Deste estudo ficou patente a necessidade dum olhar profundo sobre a paisagem e seus elementos como um todo patrimonial. Expressa a necessidade de que as futuras intervenções se baseiem tanto nos valores histórico-culturais das paisagens, como nas relações entre os utilizadores e a sua paisagem, sendo que ambas as vertentes criam o património das paisagens culturais.

Procurou-se um método, que sistematizasse a abordagem à componente cultural das paisagens. O modelo de estrutura da memória cultural é em si mais importante que as propostas concretas deste estudo particular.

A metodologia sugerida permitiu identificar esta estrutura no estudo caso – provou a sua existência. A sua eficácia para a gestão pode ser verificada se houver a concretização dos passos enunciados.

A metodologia das três formas de recolha de dados sobre a paisagem, revelou-se bastante eficaz ao abranger a vertente cultural da paisagem estudada.

No entanto a recolha de dados para a teia da memória viva levantou frequentemente alguma estranheza entre os utilizadores da paisagem. A sua curiosidade perante a investigação, indica descrença do interesse da sua paisagem assim como da importância da sua opinião para a gestão futura do vale da Ribeira Grande.

Perante esta falta, sente-se uma responsabilidade de mostrar os resultados da investigação não apenas académicos, mas também de uma acção concreta baseada nas expectativas dos entrevistados. O simples facto de perguntar sobre a paisagem da Ribeira Grande, parece já valorizá-la nos olhos dos entrevistados, ao indicá-la como merecedora de reflexão.

Entre os resultados, a importância das fontes para a população monfortense revelou-se surpreendente. A concretização das propostas para os projectos de execução e a

própria realização da recuperação do funcionamento de algumas, seria uma resposta positiva para muitos dos utilizadores da paisagem.

Outra descoberta surpreendente foi a confirmação histórica da diminuição de caudal da ribeira e seus afluentes assim como da diminuição de cobertura arbórea da sua bacia, que provavelmente contribuiu para esse facto.

Como um tema com interesse, mas não possível de explorar no âmbito deste trabalho, seria a confrontação da estrutura da memória cultural da paisagem com a sua componente ecológica. No caso da identificação das componentes ecologicamente mais valiosas ou mesmo da própria estrutura ecológica desta paisagem. Da confrontação poderia resultar uma interpretação mais completa do desenvolvimento da paisagem e uma estrutura total da memória da paisagem, de “manutenção” da sua identidade e sustentabilidade.

A estrutura da memória da paisagem cultural pode ser procurada e detectada noutras paisagens e também aplicada a outras escalas, não apenas locais. Nas escalas maiores o padrão de pedras angulares (elementos ancoradores de edificação de uma estrutura) não será tão pormenorizado, sendo que a abrangência do estudo é proporcionalmente de maior envergadura.

No caso da Ribeira Grande foi utilizada apenas uma estrutura de pedras angulares e suas ligações. Entre as pedras foram incluídos os sítios, e pequenas localidades. Num estudo tão local como o da Ribeira Grande não se justificou especificar os sítios e zonas, mas a formação de estrutura da memória cultural da paisagem é flexível e permite a inclusão desta categoria por exemplo, em escalas maiores.

A estrutura da memória cultural da paisagem rural da Ribeira Grande é apenas um modelo de caracterização duma parte da paisagem cultural. Este pode servir de suporte para que as futuras intervenções estejam em harmonia com a paisagem. A modelação é sempre incompleta, em relação à paisagem real, mas como pronuncia Kaplan (1982)¹, é uma forma de conhecer a realidade.

A aplicação do modelo a outras paisagens pode proporcionar o seu melhor conhecimento e, ao mesmo tempo, fornecer suporte de decisão para agir em harmonia com a paisagem, para a protecção dos seus valores e o melhor usufruto pela sociedade.

¹ *“Model, then, must be an abstraction. It necessarily leaves out information.” ... “But given a finite brain in a world of potentially overwhelming diversity and richness, models are characteristic of the ways, humans know their world.”*

Kaplan, S., *On Knowing the Environment*, in: *Humanscape: Environments for people* (ed. Kaplan S&R) 1982, (p.57)

Bibliografia

| | | | | |
|--|--|--------------|---|------|
| ALARCÃO, Jorge de | O domínio Romano em Portugal | Mem Martins | Publicações Europa - América | 1988 |
| ANTROP, Marc | Where are the Genii Loci? | in: | Landscape our Home; ed. Bas Pedrolí, Stuttgart, (p. 29-34) | 2000 |
| ASTON, Michael | Interpreting the Landscape (andscape archaeology in local studies) | London | B.T.Batsford | 1985 |
| BARATA, F.T.; MASCARENHAS, J.M. | Preservando a Memória do Território (O Parque cultural de Tourega/Valverde) | Évora | CEEM | 2002 |
| BARBOSA, Ana; VILAS BOAS, Teresa | Percursos da natureza (pedestres e BTT) | Portalegre | região de turismo de S. Mamede | 2003 |
| BELL, Simon | Landscape pattern, perception and visualisation in the visual management of forests | in: | Landscape and Urban Planning, Nº 54, (p.201-211) | 2001 |
| BENEŠ, J.; BRŮNA, V. | Má krajina pamět? In: Archeologie a Krajinná ekologie = Arqueologia e Ecologia da Paisagem | Most | Nadace Sever | 1994 |
| BRACEY, H. E. | People and the countryside | London | Routledges&Kegan Paul | 1970 |
| BRANDT, Jesper, VEJRE, Henrik | Multifunctional landscapes -motives, concepts in: and perspectives | in: | Multifunctional Landscapes: Interdisciplinary Approach to Landscape Research and Management (ed. Tress&Tress, Brandt) | 2000 |
| BUIJS, A., PEDROLI, B., LUGINBÜHL, Y. | From hiking through farmland to farming in a leisure landscape: Changing social perception of the European landscape | in: | Landscape ecology (Nov. 2003 - submitted) | 2003 |
| CANCELA D'ABREU, A. et al. | Contributos para a Identificação e Caracterização das Paisagem em Portugal Continental | Lisboa | DGOTDU | 2004 |
| CÍLEK, Václav | Krajiny vnitřní a vnější = Paisagens interiores e exteriores | Praga | Dokorán | 2002 |
| CÍLEK, Václav | Pamět'ová struktura krajiny a památné kameny (= A estrutura da memória da paisagem e pedras memoráveis) | in: | Kulturní krajina, proč ji chránit?(ed. Ministério de Ambiente de Rep. Checa) | 2000 |
| CLARK, Jo, DARLINGTON, John, FAIRCLOUGH, Graham | Pathways to European Landscape | | EPCL | 2003 |
| CM de Évora (org. Rui Arimateia) | Tradições de moagem (textos - exposição) | Évora | Guia para a Exposição na Feira de São João | 1995 |
| CRUZ, J.P.Sanchez da | Uma paisagem cultural em Selmes (Vidigeira): São Pedro, São Luis e a Cegonha | Évora | tese de Mestrado em recuperação do património arquitectónico e paisagístico | 1995 |
| CUNHA, António Maria | Monografia geral sobre o concelho de Monforte | Monforte | Câmara municipal | 1985 |
| DAVIDSON-HUNT, I., BERKES, F. | Learning as You Journey: Anishinaabe Perception of Social-ecological Environments and Adaptive Learning | in: | Ecology and Society (September 22) | 2003 |
| DEJMAL, I. et al. | Kulturní krajina, proč ji chránit? =Paisagem cultural, porque protegê-la? | Praga | Ministério do Ambiente da Rep. Checa | 2000 |
| DELARGE, Alexandre | Invent(ori)er le paysage le paysage au contemporain : une technique de gestion du patrimoine ? | in: | Publics et Musées, ed. Jean DAVALLON, Lyon, Presses universitaires (pag.31-50) | 1997 |
| DESCOMBE, Martyn | Good Research Guide (for small-scale social research projects | Philadelphia | Open University Press | 1988 |
| FIALHO, C., FIALHO, S. | Projecto de Requalificação Ambiental do Corredor Eco-fluvial da Ribeira Grande | | Universidade de Évora (projecto desenvolvido) | 2004 |

| | | | | |
|-----------------------------------|---|-----------------|---|------|
| FODDY, William | Como Perguntar /Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários/ | Oeiras | Celta editora | 1996 |
| FORMAN, Richard T. T. | Land mosaics. The ecology of landscapes and regions | Cambridge | University Press | 1997 |
| FORMAN, R., GODRON, M. | Krajinná ekologie | Praha | Academia | 1993 |
| FRY, Garry | Culture and nature versus culture or nature | in: | The New Dimensions of the European Landscape (ed. R.H.G.Jongman) Dordrecht. NL | 2004 |
| GAVRIN, B.J.; Fabos, J.G. et al. | A Management Plan to Balance Cultural and Natural Resources: The Minute Man National Historic Park Case Study | Amherst, USA | University of Massachusetts | 1993 |
| GOJDA, Martin | Archeologie krajiny: vývoj archetypů kulturní krajiny (= Arqueologia da paisagem) | Praha | Academia | 2000 |
| GREEN, Bryn; VOS, William editors | The Threatened Landscape (conserving natural environment) | London, NewYork | | 2001 |
| GUITA, Rui | Engenhos hidráulicos tradicionais | Mértola | ICN, Parque Natural do Vale do Guadiana | 1999 |
| GUSTAVSSON, R.;PETERSON, A. | Authenticity in Landscape conservation and management: the importance of the local context | in: | Landscape interfaces: Cultural Heritage in Changing Landscape (ed. Palang, H., Fry, G.)Kluwer Acad. Publishers, Dordrecht, NL | 2003 |
| HÁJEK, T., DEJMAL, I. et al. | Kulturní krajina, téma pro 21. stol. aneb proč ji chránit? (Paisagem cultural, tema do séc. 21 - por que a proteger?) | | Ministério do Ambiente da Rep. Checa | 2000 |
| IPPAR (coord. Flávio Lopes) | Património arquitectónico e arqueológico Classificado | Lisboa | Ministério da Cultura, IPPAR | 1993 |
| IPPAR (coordenação - direcção) | Património - Balanço e Perspectivas /2000-2006/ | Lisboa | Ministério da Cultura | 2000 |
| JONES, M. | The elusive reality of Landscape. Concepts and approaches in landscape research | in: | Norsk Geografisk Tidsskrift | 1991 |
| JONGMAN, R.H.G. (editor) | The New Dimensions of European Landscape | | | 2004 |
| JORGE, Virgolino Ferreira | Princípios de Salvaguarda do Património Monumental | in: | Correio da natureza Nº17 (pag.56-58) | 1992 |
| KAPLAN, S. ; KAPLAN, R. | Humanscape: Environments for people | Michigan | University of Michigan, USA | 1982 |
| LEMOS, F.S.; BATISTA, A.M. | Arqueologia da paisagem | in: | Correio da natureza Nº17 | 1992 |
| LORENZ, Konrad | Odumírání lidskosti (= Deprecimento da humanidade) | Praha | Mladá fronta | 1997 |
| LÖW, J. et al. | Rukovet projektanta místního ÚSES (= manual do projectista do Sistema de Estabilidade Ecológica Territorial Local) | Brno | Doplňek | 1995 |
| LOWENTHAL, David | European Landscape transformations: The Rural Residue | in: | Understanding Ordinary Landscapes (ed. By P. Groth, T.v. Bressi) | 2000 |
| LYNCH, Kevin | L'image de la Cité | Paris | Bordas | 1976 |
| MARCUCCI, Daniel J. | Landscape history as a planning tool | in: | Landscape and Urban Planning | 2000 |
| MATTOSO, J. et al. | História de Portugal | Lisboa | Círculo de Leitores | 1992 |

| | | | | |
|--|---|-------------------|--|------|
| Ministério da habitação e obras públicas - Direcção geral dos Recursos e Aproveitamentos hidráulicos | Índice hidrográfico e Classificação decimal dos cursos de água de Portugal | Lisboa | | 1981 |
| NEVES, José Acúrsio das | Varietades sobre objectos relativos às artes, comércio e manufacturas, consideradas segundo os princípios da economia política (Tomos I e II) | Porto | Afrontamento | |
| OLIVEIRA, Catarina | Lugar e Memória. (Testemunhos Megalíticos e Leituras do Passado) | Lisboa | Colibri | 2001 |
| OLIVEIRA, E. Veiga de; GALHANO, F. | Tecnologia tradicional - Pisões portugueses | Lisboa | Instituto nacional de investigação científica; Centro de estudos de Etnologia | 1977 |
| PADUA, Jorge | Técnicas de investigación aplicadas a las ciencias sociales | México | Fondo de cultura economica | 1987 |
| PALANG, H., ALUMAE, H., PRINTSMAN, A., SEPP, K. | Landscape values and context in planning: An Estonian model. | | Landscape and Urban Planning | 2002 |
| PATTON, Michael Quinn | Qualitative Research and Evaluation Methods | London, New Delhi | | 2001 |
| PEDROLI, Bas (editor) | Landscape our home (Essays on the Culture of the European Landscape as a Task) | Stuttgart | conference annales | 2000 |
| PEDROLI, B., PINTO-CORREIA, T., CORNISH, P. | European landscape diversity, or how to turn scattered remains into a major asset | Bordeaux | | 2004 |
| PEREIRA, Carlos Alberto | Espécies Aquícolas de Portugal Continental | Lisboa | DGF | 1992 |
| PINTO-CORREIA, T., Vos, W. | Multifunctionality in Mediterranean Landscapes - past and future | Bordeaux | conference annales | 2004 |
| PINTO-CORREIA, T. | Landscape identity, a key for integration | in: | Landscape our Home; ed. Bas Pedrol, Stuttgart, (p.145-149) | 2000 |
| PRIORE, Riccardo | Derecho al Paisaje, Derecho del Paisaje | in: | Paisaje y ordenación de territorio (pag. 92-99) | |
| RAMALHO, J.G. (coord.) | Algumas reflexões acerca da problemática da desertificação no Alentejo | Évora | Universidade de Évora | 1985 |
| ROBERTSON, Ian; RICHARDS, Penny; editors | Studying cultural landscapes | London | | 2003 |
| SÁDLO, Jiří | Krajina jako interpretovaný text (= Paisagem como um texto interpretado) | Praha | | 1991 |
| SARANTOPOULOS, P. et al. | Paisagem arqueológica a Oeste de Évora | Évora | Câmara municipal de Évora | 1997 |
| SARAIVA, M.G. | Rio como Paisagem | Lisboa | Fund. C. Gulbenkian | 1999 |
| SCHAMA, Simon | Landscape and Memory | London | Fontana Press | 1996 |
| SCHULTZ, Ch.N. | Genius Loci | Praga | Academia | 1986 |
| SILVA, José Inácio Militão | A recuperação e gestão de um espaço histórico-cultural: O Rossio de Monforte (Distrito de Portalegre) | Lisboa | Tese de Mestrado em Cultura e Formação Autárquica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | 2001 |
| SKLENIČKA, P.; Lhota, T. | Landscape heterogeneity- a quantitative criterion for landscape reconstruction | in: | Landscape and Urban Planning Nº58 (p.147-156) | 2002 |
| SOBRAL CENTENO, R.M. | Civilizações clássicas II – Roma | Lisboa | Universidade Aberta | 1997 |
| SOINI, Katriina | Exploring human dimensions of multifunctional landscapes through mapping and map-making | in: | Landscape and Urban Planning Nº57 (p.225-239) | 2001 |

| | | | | |
|---|---|------------------------------|--|------|
| STEA, David | Environmental Perception and Cognition: Towards a Model of 'Mental' Maps | in: | Humanscape: Environments for people (ed. Kaplan S.&R.), (p. 44-53) | 1982 |
| STRINGER, Ernest T. | Action research | USA | Sage Publications, Inc. | 1999 |
| TELLES, G.R. | A conservação das paisagens históricas e rurais | in: | Correio da natureza Nº17 (pag.52-55) | 1992 |
| TELLES, Gonçalo Ribeiro | Cultura e património (1980) | in: | A utopia e os pés na terra (FC-G), pag. 304-306 | 2003 |
| TETLOW, R.J., LITTON, R.B. | Water Landscape /An Aesthetic overview of the role of the water in the landscape | USA | University of California, Berkeley | 1974 |
| Tress, B., Tress, G., Brandt, J. (editors) | Multifunctional Landscapes: Interdisciplinary Approach to Landscape Research and Management | Roskilde, Dinamarca | Conference material (Centre for Landscape Research) | 2000 |
| VOREL, Ivan | Přírodní, kulturní, estetické hodnoty a struktura osídlení – konflikt nebo harmonie? | in: | Kulturní krajina, aneb proč ji chránit?(Praha), (pag.126-133) | 2000 |
| cartas: | | | | |
| cópia da Carta cadastral | Campanha de 1953; escala 1/5 000 Freguesia de Monforte; secção J | Gabinete técnico CM Monforte | Instituto Geográfico e Cadastral | 1953 |
| Carta militar Nº 398 (de 1967) | | | | 1967 |
| Carta militar Nº 384 (de 1970) | | | | 1970 |
| Carta Corográfica Nº 32-D (de 1975). | | | | 1975 |
| Carta de Atenas | | | | 1964 |
| Carta de Cracóvia | | | | 2000 |
| Carta de Florença | | | | 1981 |
| Carta de turismo cultural de Ethos | | | | 1999 |
| Carta de turismo cultural de Florença | | | | 1981 |
| Conselho de Europa | Convenção Europeia da Paisagem | | | 2000 |
| fontes históricas: | | | | |
| Memórias Paroquiais (1758) | transcrito em manuscrito pelo historiador da CM - Mestre José Inácio Militão Silva | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1999 |
| Livros de Notas do Cartório Notarial de Monforte de 1809-1827 | | in: | Arquivo distrital de Portalegre | 1827 |
| Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Monforte de 1815 – 1816 | | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1816 |
| Livro do Tombo dos Bens da Villa de Monforte de 1638 | | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1638 |
| Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Villa de Monforte de 1651 | | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1651 |
| Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Villa de Monforte de 1809-1816 | | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1816 |
| Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Villa de Monforte de 1809-1839 | | in: | Arquivo histórico CM Monforte | 1839 |

outros:

www.mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt

EPCL = European pathways to the cultural landscape

consultada em Março 2005
project 2000-2003

X.1 Descrição de ribeiras presentes na paisagem da Ribeira Grande

As seis ribeiras, que se encontram no espaço estudado da paisagem de Ribeira Grande, estão identificadas no mapa seguinte (Fig.A).

A descrição de cada ribeira no seu estado presente, sua designação sistemática hidrológica (se existir) e referências das fontes históricas assim como da relação dos entrevistados com a ribeira, seguem-se nas próximas páginas.

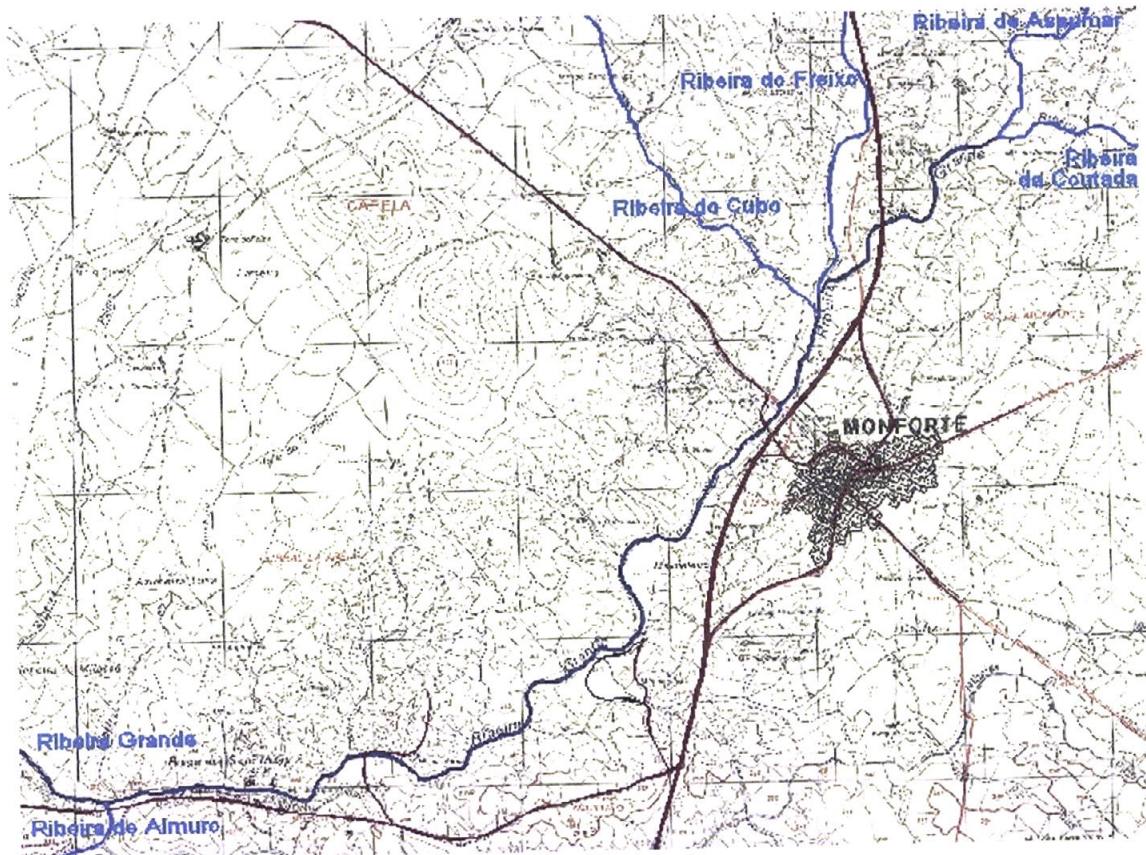


Fig.A Localização das ribeiras.

Troço inicial

Ribeira da Coutada

Antigamente também designada como de Alemo¹ ou a ribeira de Álimo². A ribeira é também denominada como Ribeira de Alfeirões, por nascer na propriedade deste nome. A área de estudo compreende apenas a parte final desta ribeira.



Fig 1-3 A galeria ripícola de choupos; leito coberto por silvas; arame farpado a reforçar a impenetrabilidade da vegetação. (Setembro 2004)

Estado actual da paisagem

A ribeira nasce da junção da Ribeira de Figueiras com outras ribeiras menores perto do Monte da Atalaia, colina da Amoreira (341m), a cerca de 6 km de Arronches correndo para oeste. Percorre terrenos de vinhas, olivais, montados e pastagens, a sua galeria ripícola é bastante reduzida. Esta é constituída por linha simples de choupos (fig.1) ou estreita faixa de silvados (fig.2) até à junção com a Ribeira de Assumar, onde se encontra a mata ribeirinha já mais complexa (fig.4).

A ribeira encontra a ribeira de Assumar, no sítio chamado Juntas com cota de 238m. Este é o início do espaço estudado. O terreno em redor é de encostas alongadas com pastagens abertas em extensões de 2-4 ha, apenas com poucas árvores solitárias no meio do prado (cca 10/ha).

História

Nas Memórias Paroquiais encontram-se duas referências à ribeira da Coutada. A primeira menção está ligada à descrição da ribeira da vila, e do seu início:

“A ribeyra do Alemo, que no seo principio já dentro do termo de Monforte, se chama ribeyra da Asseiceira, cujo nome lhe acho escrito em escrituras há mais de 180 annos e ribeyra da Lapa, vem do termo de Assumar e termo da v^a de Arronches da herd^e da Torrinha e Alfeyrão como da parte do nascente, sempre conserva agoas, e de algum curso todo o anno mas pouco: entra no termo de Monforte em distancia de huma legoa. No sitio, em que se chama Alemos e vem ruyñas

¹ Memórias paroquiais, 1758

² Livro de Tombo dos Bens do Concelho de Monforte, 1816

de hum moinho que servia pellos anos de 1570: e ainda hoje conserva huma tapada, que era vinha com algum vinho.”

Pela segunda vez encontra-se apenas um curto apontamento como resposta à pergunta, se a ribeira da vila tem alguns moinhos. A referência dava-se ao moinho na dita ribeira:

“A ribeyra do Alemo, antes de entrar na de Assumar tinha hum moyinho, de que se achão vestígios,…”

Quanto às outras fontes históricas, o sítio da Coutada do Povo de Monforte repete-se com frequência na aquisição do direito de apanha de bolotas ou pastagem de porcos dentro do Livro de Arrematações da Câmara da vila de Monforte de 1809-1816³. Dentro da época estudada (1813-1816) repetem-se as compras de direito à vianda todos os anos.

Pela primeira vez em 1813: *Compra de vianda ou bolota da Coutada de Povo por Manuel Nunes, Morador na vila de Veiros por quantia 355 mil reis.*

O facto de grande interesse pela venda de vianda (os concorrentes do leilão estão mencionados dentro do texto de adjudicação ao comprador final) significa, que na Coutada deveria haver um montado bastante produtivo. Como o lugar da Coutada do povo, designa-se ainda hoje o lugar a sudoeste da Ribeira da Coutada.

No ano seguinte, 1814, a mesma *Vianda da Coutada do Povo* foi já *comprada por 640 mil reis; por António Gomes Ramalho da Torre de Onofre.*

No ano seguinte, 1815, o preço ainda aumenta, o que o próprio texto justifica pela entrada dos porcos do Montado, não apenas a bolota.

A vianda⁴ da Coutada do Povo foi vendida por *800mil reis*, comprada por *António Fernandes Serrano da villa de Alpalhão, tendo como o fiador, Joaquim Ignacio da Silva Madeira, lavrador da Torre de Figueiras.*

Mas no ano 1816 a mesma vianda já foi vendida apenas por *400mil reis em mettal a Francisco da Costa, morador desta villa.*

No ano 1817 o preço ainda baixou, sendo a vianda da Coutada do povo vendida por 250mil reis a *Cristóvão Parreiras*, tendo este como o fiador *Domingos José da Silva Caldeira* da vila de Monforte.

³ Infelizmente, por razões de má conservação do livro (fungos) a paginação e parte superior exterior das folhas é ilegível.

⁴ VIANDA = algum tipo bens alimentares
=comida, todos os mantimentos para a vida (entendendo-se muitas vezes a carne)
(fonte: o Elucidário de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo)

Relação dos utilizadores com a paisagem

Com excepção dos proprietários dos terrenos próximos da Ribeira da Coutada, este espaço não figura entre os sítios importantes e mencionados pelos entrevistados.

Entre as pessoas mais idosas e de escolaridade clássica prevalece um conhecimento muito estruturado e ligado ao espaço local. Assistimos várias vezes, após a simples pergunta sobre a Ribeira Grande, a uma exaustiva descrição de todos os afluentes que a formam até à vila de Monforte, bem cómodos seus afluentes mais importantes e rios nos quais entra seguindo até ao Tejo, que os reúne e conduz ao mar.

Revela-se assim, que os poucos anos da instrução escolar tiveram um grande impacto, sendo possível transmitir os conhecimentos adquiridos, quase com as mesmas palavras, como foram ensinados há meio século.

A ribeira de Assumar encontra-se no limite nordeste da área estudada (Fig.4 do Cap.1). Como o seu nome aponta, a ribeira nasce nos arredores da vila de Assumar, sendo esta a zona de divisão das bacias hidrográficas do Guadiana e do Tejo. A ribeira assim já pertence ao Tejo. Hoje trata-se de um curso de água quase só sazonal, secando completamente no verão. A sua dimensão não justifica introdução no Atlas Hídrico de Portugal.



Fig. 4 Junção das ribeiras - à esquerda a de Assumar e de lado direito da foto a Ribeira de Coutada. (Maio 2004)



Fig. 5 Panorama da paisagem nos arredores de junção das ribeiras. (Maio 2004)

Estado actual da paisagem

Percorrendo o terreno de modelação moderada, encontra-se com a Ribeira da Coutada no sítio chamado Juntas. As suaves colinas cobertas de pastagens (fig.5) e várzeas com olivais, passam para a mata diversificada ribeirinha, apenas pontualmente bloqueada por densa cobertura de silvas.

Os acessos ao leito estão dificultados pelas cercas (fig.3), quase permanente presença de gado bovino ou equino e superfícies de silvados nas linhas de água temporárias. Após a junção das ribeiras, o leito aprofunda-se e verificam-se zonas de erosão, mostrando a base granítica com cobertura de saibro grosso, e os sítios desprovidos de vegetação resultante da densa e alongada presença de gado.

História

As Memórias Paroquiais descrevem a ribeira e seu início até se juntar com a da Coutada deste modo:

“A ribeyra da villa de Assumar vem da mesma villa he muyto pouco curso, e agoa, e so corre no tempo da chuva ainda que depois de entrar no termo de Monforte tem mais alguns pegos, que conservão agoa mais tempo: e entra na ribeyra do Alemo ia na coutada de Monforte, em distancia de meya legoa p^a norte corre de nascente, e já trás em sy o ribeyro de Val Longo que se lhe mete da parte de norte, o qual ribeyro em muytas partes tem seos pegos de agoa: mas não corre todo o anno.”

Relação dos utilizadores com a paisagem

Entre os vários outros nomes dados à ribeira, figura também a de Atalaia ou de Ribeira de Ferrenha. Sendo estes nomes normalmente justificados pelos nomes das propriedades pelas quais passa ou nas quais nasce (Ferrenha). Entre os sítios visitados pelos entrevistados não figura o nome da ribeira. O lugar das Juntas foi mencionado como um dos sítios visitados no passado, apesar de apenas raramente.

Ecologia

As terras saibrosas e pouco compactadas, o impacte do peso das patas do gado bovino sobre os tufos de juncos, e a pouca relva causa o desmoronamento de forma natural do leito assim como a erradicação das poucas plantas ainda resistentes. A maioria das plantas dos sítios pedregosos está mais adaptada a condições extremas, que a perturbações permanentes. Não resistindo ao aumento do nível do stress cedem o espaço às espécies pioneiras. Em conjunto com a mudança de perturbações no espaço transforma-se também a caracterização trófica dos solos, que são permanentemente fertilizados. O aumento da quantidade de plantas nitrófilas, especialmente vários cardos, torna os espaços muito menos aprazíveis e penetráveis para qualquer outro visitante que não o proprietário ou o gado.

Da ribeira inclui-se neste estudo apenas a parte final, localizado no norte da área estudada (Fig.4 do Cap.1). O seu caudal no verão é quase inexistente e não existem referências dos possíveis engenhos de água associados à ribeira.

Designada numericamente como 301 21 35 31 24 na classificação decimal dos cursos de água em Portugal. A ribeira nasce, pelas referências perto da estação de comboios de Portalegre. Correndo para o Sul, é em grande parte do seu percurso acompanhada pelo IP2, troço Portalegre - Monforte.



Fig. 6-8 No verão o leito da ribeira seca totalmente, apenas a verde galeria de freixos destaca-se do terreno próximo à Fonte dos Frades pastado por gado manso. (Agosto 2004)

Estado actual da paisagem

A ribeira entra na Ribeira Grande na margem direita, sendo o terreno por onde corre, uma grande lezíria, designada como a Vinha Grande. A maior parte da lezíria está coberta por silvas, o segmento sul está quase sem vegetação, apenas com areia. A antiga trajectória do leito transferiu-se desta zona para a sua localização actual, criando um vale pouco fundo, coberto de vegetação baixa, com juncos e silvas. As galerias ripícolas da Ribeira do Freixo e da Ribeira Grande, perto do local da afluência, preservam-se complexas e densas. No entanto o leito da Ribeira do Freixo mais acima encontra-se totalmente desprovido de vegetação devido à intensiva pastagem de gado bovino (fig.8).

História

Uma descrição da Ribeira do Freixo como sendo o início da Ribeira Grande, encontra-se na resposta à primeira pergunta sobre a Ribeira das Memórias Paroquiais.

...Nasce a ribeyra da villa, que athe o sitio sobredito, se chama ribeyra do Freyxo, na Freg^a do Salvador termo de Monforte em distancia de huma legoa da Freg^a e legoa, e meya da villa na herde do Carrapato formada de alguns ribeyros, e correndo huma legoa p^a o meyo dia, e echegando a herdade do Vaqro volta o curso p^a o ocidente.

O início da resposta à terceira pergunta sobre a Ribeira Grande das Memórias Paroquiais, menciona os afluentes e abundância da água na Ribeira do Freixo.

Na herdade de Vaqueyro, distante da Villa p^a o norte, huma pequena legoa se mete na Ribeyra do Freyxo, a Ribeyra da Murteyra que vem da parte nascente, do termo da villa do Assumar e a pouca distancia p^a sima no m^o termo, se chama a Ribeyra da Pastana, e já vem com mais alguns ribeyros. A d^a ribeyra he pobre de curso de agoa, e originariamte se seca, e só em algumas poucas partes conserva, em alguns chaboucos alguma agoa: ainda que nas grandes Invernadas toma mta agoa e logo esvazia....

Nas fontes históricas estudadas mais recentes, encontram-se referências à Vinha Grande, sítio em forma de cunha na confluência da Ribeira Grande e do Freixo e a antiga estrada para Portalegre. Apesar de estar hoje praticamente abandonada, se não para a pastagem de ovelhas, o nome indica o seu anterior uso mais intensivo. Num dos Livros depositados no arquivo histórico da Câmara Municipal de Monforte menciona-se no ano 1816, o arrendamento do terreno para estabelecimento duma vinha.

Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Monforte 1815 – 1816; Ano1816; folha 103:

“Auto de Medida do Bacêlo de Diogo Miguel, junto à Ribeira”⁵

...mandado estabelecer na base de mandamento do Senhor Ministro Juiz do Tombo ... mandou fazer de lado esquerdo de lado da estrada para o Portalegre... Sendo o tamanho 118 varas x 118,5 varas...

Relação dos utilizadores com a paisagem

Na memória dos entrevistados existem apenas referências a grandes invernadas e enchentes da ribeira e memórias de alguns montes abandonados nos seus arredores.

Entre os elementos mencionados como visitados ou de outra ligação ao território, a ribeira não parece ter alguma relevância. Contudo apenas duas pessoas entrevistadas referiram visitar no passado o espaço envolvente da ribeira, por antigamente ali terem terrenos.

⁵ Báculo/Bacelo = derivado de Bacchus, significa a vinha (Elucidário de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo)

A ribeira, designada pelas fontes populares também como o ribeiro, nasce ao norte da Quinta de Santo António, 3 km a noroeste de Monforte. Do total do seu curto percurso, apenas 1,8 km estão incluídos no presente estudo (Fig. 4 do Cap. 1).

Ao longo do seu percurso encontram-se vários elementos construídos de grande relevância para a memória local. Um destes é a ruína de azenha, que apesar de desactivada há vários séculos, comprova, que o caudal da ribeira deveria ser suficientemente fiável para um engenho de moagem. Hoje, apesar de portar caudais notáveis durante o Inverno, o tamanho da ribeira não justificou a designação numérica no atlas hídrico.

Estado actual da paisagem

A ribeira percorre o espaço das encostas cobertas com montado misto, denso e relativamente bem preservado, onde prevalece o sobre sobre o azinho. A galeria ripícola mais complexa forma-se apenas na parte final, perto da entrada para a Ribeira Grande numa zona muito próxima da vila de Monforte. O troço central apresenta uma mata arbustiva, parcialmente substituída por silvados ou leito desprovido de vegetação, consequência da pastagem intensiva (Fig. 9-12). Bastante frequentes ao longo do percurso são as baixas aflorações rochosas de granito rosado tipo de Monforte, filão de Santa Eulália (Fig.13).



Fig. 9-10 Aspecto invernal (Dezembro 2003); aspecto primaveril do leito (Maio 2004).



Fig.11 ninhos na parede do leito;
(Dezembro 2003)



Fig.12-13 Secura de verão e primavera com o *Ranunculus fluvialis* entre o granito cor de rosa de Monforte. (Agosto e Maio 2004)



História

Sobre a ribeira referem-se as Memórias Paroquiais em relação à presença de peixe, designando-a como uma das poucas, que mantêm água durante o ano todo:

...(A ribeyra de Monforte he muyto abundante de criações de pardelas, saramugos, bordalos e picões, e todas as ribeyras mencionadas, a ribeyra que nelle entrão são abundantes do mesmo modo), e ainda o ribeyro chamado do cubo que nasce na herdade da Alvarenga districto da freg^a da Salvador tr^o da villa, e corre de norte a sul, e em m^{tas} partes conseroa agoa todo o anno, especialmte nas herd^{es} de Alfumar, q^m naquelle sitio toma o nome.

Outro documento que refere uso do solo no sítio da Ribeira é o *Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Monforte 1815 – 1816*. Ali, encontra-se a descrição do arrendamento da vinha pertencente à Câmara Municipal a um morador da vila.

Ano 1816, Folha 106: “Auto da Medição da Vinha de António Gomes na Guarda do Cubo.”

Única localização mais concreta da vinha dá-se pela menção, de que está a direita da estrada para Vaiamonte.

Relação dos utilizadores com a paisagem

Apenas a sua parte baixa e final foi referida pelos entrevistados, sendo a parte de nascente e início, muito pouco acessível por excesso de cercas e silvas nunca foi mencionada. Considera-se assim a parte inicial com pouca relevância para a paisagem da Ribeira Grande.

Enquanto as actividades e memórias da vida em redor da ribeira, foram lembradas as brincadeiras infantis das pessoas que viviam nas casas da antiga horta do Margalho (hoje praia fluvial). Outras referências estão ligadas à busca de água da Fonte do Cubo, e mais recentemente aos seus arredores como as pastagens de ovelhas de alguns proprietários.

Troço central da paisagem estudada

Ribeira Grande

A Ribeira Grande pertence à bacia hidrográfica de Tejo, encontrando-se o seu início no limite este da bacia, na fronteira com a bacia do Guadiana. A linha de fecho de divisão das bacias corre no limite oriental do concelho, pertencendo já os concelhos vizinhos de Arronches e Elvas à bacia do Guadiana.

Dentro da região hidrográfica do Tejo (Nº 3 na classificação decimal dos cursos de água em Portugal), a Ribeira Grande, designada como **301 21 35 31**, é representada graficamente com início na Ribeira de Assumar (fig14). Apesar deste facto, a sua descrição menciona o seu início como a junção das ribeiras da Coutada e de Assumar.



Fig. 14 Classificação e localização da Ribeira Grande no Índice hidrográfico⁶

A ribeira percorre o espaço do concelho de Monforte e Fronteira. Passando pela vila de Fronteira, começa a ser designada por Ribeira de Avis. Entra na barragem do Maranhão, da qual sai já com o nome Ribeira da Seda (designação 301 21 35), e continua pelo açude do Gameiro e açude do Furadouro. De ali continua denominada como Ribeira de Raia, embora com a mesma classificação (301 21 35) até se à proximidade de Santa Justa se juntar com a Ribeira de Sôr (301 21 20), formando o Rio Sorraia (301 21) que passa ao lado de Coruche e Benavente para entrar no estuário do Tejo do lado nordeste.

⁶ Ministério da habitação e obras públicas - Direcção geral dos Recursos e Aproveitamentos hidráulicos: Índice hidrográfico e Classificação decimal dos cursos de água de Portugal, Lisboa 1981

Estado actual da paisagem

No espaço mais próximo a vila é de antiga e permanente influência humana. Os campos de lezíria serviram no passado para a implantação de cinco hortas, activas ainda na primeira metade do século vinte. Hoje o espaço apresenta vários olivais abandonados, pastagens de ovelhas, vacas e cavalos. Existe apenas um pequeno segmento acima da ponte romana cultivado para a produção de couves como cultura de regadio. O nível de água muito variado e sazonal ao longo deste troço foi no ano passado contrariado pela instalação de um paredão por baixo da ponte romana para a suposta praia fluvial. Este novo aspecto da zona (fig.18) aproxima-a ao nível de água documentado nos postais dos anos cinquenta (fig. 16-17).

O leito da ribeira é largo, em vale aberto e a sua galeria ripícola de qualidade variável. A paisagem preserva ainda vestígios de mosaico pormenorizado do uso antigo. Nas proximidades da Fonte da Vila, ao longo da margem esquerda, existem pequenos grupos de árvores de fruto, casas abandonadas e socalcos. Vestígios de antigas hortas, encontram-se ao longo da lezíria em forma de culturais espécies arbóreas.

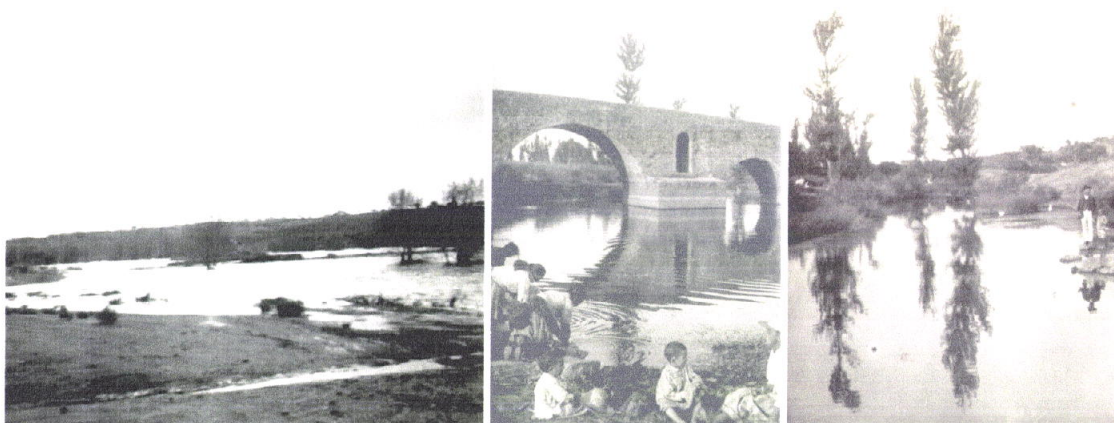


Fig.15-17 Inundação de 1955. Dois postais de anos cinquenta – Lavadeiras e Ribeira Grande. (Imagens cedidas pelo Eng. Zuzarte, um dos residentes da vila de Monforte entrevistados.)

História

Encontra-se nesta ribeira o único elemento classificado da área de estudo, a ponte de origem romana. A sua descrição encontra-se num dos capítulos dedicados aos elementos construídos.

Inclui-se aqui a citação de Memórias Paroquiais, onde como a resposta para a pergunta Nº 12 sobre a ribeira *“Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamam estas, ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome?”* existe descrição de todo o curso da ribeira, como tinha sido conhecida aos três párocos de Monforte, respondentes ao inquérito real.

“Depois que a ribeyra da villa, principia a ter este nome, que he depois que a ribeyra do Barrozo, entra na ribeyra do Freyxo, como dixemos, conserva sempre o mesmo nome não só huma legoa,

the o sitio em que entrão nella a ribeyra da Leca, de que já demos noticia tratando da Freg^a de S. P^o de Algalé, e a ribeyra de Almuro, de que já dixemos tratando da Freg^a de N. S^{ra} dos Prazeres do termo da villa; mas ainda m^{to} depois de entrar no termo da villa de Fronteyra, na coyta de Fronteyra entra da parte do meyo dia a ribeyra de Anna Loura, que tem seo nascim^{to} em Borba corre a norte passa pella villa de Veyros, como seo nascimento ha agoa de todo o anno, com asenhas, moynhos, que ainda moem a anno todo, the junto á villa de Veyros. No termo de Veyros per digo no termo de Frontra perde o nome de ribeyra de Monforte e principia a ter o nome de ribeyra de Fronteyra, antes de se chegar a ponte que tem no termo da Fronteyra junto a N. S^{ra} da Vilha Velha p^a a parte do nascente, entrão na dita ribeyra, as duas ribeyras de Cabeço de Vide, chamadas da vide, e do vidigol, ambas nativas, correntes todo o anno, com engenhas de assenhal, e lagares de azeyte depois de passar o termo de Fronteyra, com o mesmo nome entra no termo da Figueyra, que lhe fica a nascente, e logo entra no termo da V^a do Ervedal e logo no termo de Avis, de qm toma o nome passa por dentro da cerca do convento dos Freyres de S. Bento de Avis que fica no castelo da mesma V^a de Avis, e p/o norte e ali tem o nome de Papa Leyte, e dahy huma legoa o nome de Ribeyra do Sarazola cujo nome perde, entretanto na ribeyra de Avis junto a mesma villa.

Logo por bayxo da V^a de Avis, recebe em sy a ribeyra da Seda que tem seo principio na serra da Cidade de Portalegre distante p^a o nascente nove legoas. Continua a ribeyra de Avis o seo cueso, e abayxo de Avis cerca de duas legoas toma o titulo de Maranhão lugar por onde passa, e ao depois paçadas ao meo parecer outras duas legoas, se chama ribeyra de Cabeção, em rezão de huma villa por onde passa, e dahy a algumas legoas por sima de Mora entra na dita ribeyra, a rib^a de Sor de agoa corrente de todo o anno, e logo depois se lhe dá o nome de Sorraya, cujo o nome leva athe Benevente a onde fenece em Tejo, passando pela villa de Coruche."



Fig.18 Ribeira na parte da Praia fluvial. (Maio 2004)



Fig.19-21 Inverno perto de entrada da Ribeira do Cubo (Janeiro 2004); Sítio de Lagar Velho no fim da primavera (Junho 2004); ribeira perto da Fonte d' Aires no fim de verão. (Setembro 2004)

A primeira versão popular parece estar sustentada pela descrição da ribeira nas Memórias Paroquiais, onde a ribeira, criada por junção da Ribeira de Alemo (= Coutada) e de Assumar, se chama a Ribeira de Barrozo. Depois de se lhe juntar a Ribeira de Freixo, passa a chamar-se a Ribeira da Vila ou também a Ribeira de Monforte.

Relação dos utilizadores com a paisagem

No entendimento de fontes geográficas locais, a ribeira é formada pela afluência de duas ribeiras menores (de Assumar e da Coutada) e assim denomina-se como Ribeira Grande. Mas não é assim no entendimento da maioria da população mais idosa.

Há mais versões do seu início. Para bastantes inquiridos a ribeira chama-se Ribeira Grande apenas desde a junção com a Ribeira do Freixo, e até esse ponto leva o nome Ribeira da Coutada.

Outra opinião, mais rara, designa como a Ribeira Grande a Ribeira do Freixo, assim a ribeira a nascente única, e não seria criada pela afluência de duas ribeiras.

Uma das relações mais frequentes da ribeira é a memória das suas grandes enchentes (fig.15), a última grande inundação deu-se em 1996. A descri o da abundância de águas   normalmente medida e descrita pelo desaparecimento dos arcos da ponte romana.

Troço final da paisagem estudada

Ribeira de Almuro

Ribeira, que nasce nas proximidades de Santo Aleixo, entra apenas na parte final do espaço estudado da paisagem da Ribeira Grande. A ponte da estrada para Fronteira, que se eleva sobre esta junção marca o limite da zona de estudo.

Designada pela classificação decimal dos cursos de água de Portugal numericamente como 301 21 35 31 25, a ribeira entra para a Ribeira Grande de sul, no lado esquerdo da corrente, levando em si desde há pouco, também as águas da ribeira de Leca.



Fig. 22-23 Pego na Ribeira Grande antes da junção; ribeira de Almuro no sítio de afluência. (Junho 2004)



Fig. 24 Alargamento do leito visto da ponte sobre a junção das ribeiras. (Maio 2004)

Estado actual da paisagem

A paisagem da junção é aberta, as encostas mais acentuadas elevam-se apenas para o norte, cobertas com montado disperso de azinho (Fig.23), enquanto para o sul existem alguns olivais e nas colinas mais distantes manchas de montado misto, que continua pela planície pouco ondulada.

Após absorver ambas as ribeiras duplica o seu caudal (Fig.24), tornando-se assim realmente a Ribeira Grande. O seu percurso desdobra-se à volta duma prolongada colina chamada Serrinha, elevando-se até aos 277m, 70m acima do leito da ribeira; para seguir já mais regular até à Fronteira.

História

Dentro das Memórias Paroquiais, encontra-se uma descrição da corrente da ribeira aquando da caracterização da Freguesia de Nossa Senhora de Prazeres.

...“ Nesta freg^a tem nascimento a Ribeira de Almuro que no seo principio se chama Ribeyra da Samarra, á qual por baixo do Castello Velho tem já, o nome de Almuro, dentro da mesma junto a herde de Dom João ainda no termo se mette a Ribeyra de Gatos, que vem das partes da Freg^a de Sto Aleixo, e nasce em V^a Fernão ... No caminho que vai de Monforte p^a a Villa de Veiros tem hum ponte de pedra de cantaria com três arcos, mas já cahido, entra esta ribeira , na ribeira da Villa p^a poente, hum legoa abaixo da Villa no sitio chamado Juntas. Ao prezente, não tem mais que hum moinho, mas he hoje no termo da Villa de Veiros. ” ...

Noutras fontes consultadas foi encontrado apenas pequeno apontamento sobre um terreno nas proximidades da Ribeira Grande, após desaguento da Ribeira de Almuro, no sítio chamado Guarda de Anta. A Anta encontra-se ainda no local, na estreita lezíria do lado sul da Ribeira, cercada por um olival, mas a vinha já desapareceu.

Livro de Notas de 1809-1827; Livro N^o 4; folha 50 V^o:

Escritura de compra da Vinha com suas oliveiras no sítio de Guarda de Anta...26 de Agosto de 1816

Os Livros de Notas foram criados pelo Cartório Notarial de Monforte sobre as propriedades privadas no concelho, suas trocas, vendas e arrendamentos. Hoje estes documentos (ao contrario dos Livros de Bens concelhios e da Câmara depositados em Monforte), estão depositados no Arquivo Distrital de Portalegre.

Relação dos utilizadores com a paisagem

Existem várias referências à pesca na Ribeira de Almuro, nos sítios de junção com a Ribeira da Leca, e especialmente perto da junção com a Ribeira Grande, nas imediações da ponte na estrada para Fronteira. Sendo a ponte sobre a Ribeira uma construção dos anos oitenta, tal como a estrada para Fronteira, as memórias da antiga passagem com o gado ao longo da ribeira não a mencionam. A vereda para Fronteira passava neste segmento pelo lado norte da Ribeira Grande, evitando assim o caudal da Ribeira de Almuro.

X.2 Descrição dos elementos construídos na paisagem da Ribeira Grande



Fig.A restos de vão de Casa de Arco na
Praia fluvial (pedra angular J)

X.2.1 Açudes e pegos

Os açudes são as construções para a retenção de água para os meses de menor pluviosidade e maior necessidade. Maioritariamente eram ligadas a outros engenhos aquáticos, constituindo uma parte indispensável do conjunto do seu mecanismo.

Para a inserção do moinho, lagar ou pisão, aproveitava-se o desnível natural do terreno que simplificasse a construção do açude e o decorrer da levada. Assim nos limites a jusante dos pegos naturais surgiram muitas vezes açudes, dos quais a levada de nível transportava a água para o rodízio ou azenha.

No espaço do Alentejo, onde o desnível do terreno é pequeno, não se encontram levadas muito distantes da ribeira, apesar de se prolongarem por dezenas de metros. Existem vários exemplos no espaço estudado de acompanhamento quase paralelo ao leito da ribeira pelo canal da levada.¹

A necessidade de engenhos de menor exigência de água deu espaço aos engenhos como o rodízio, com roda horizontal movida apenas por quantidade mínima de água.

Os pegos como sítios naturais mais profundos e muitas vezes mais largos no leito da ribeira, são essenciais para a sobrevivência de fauna aquática nos meses de verão.

A retenção de maior quantidade de água e assim maior capacidade de inércia térmica é mais importante nos extremos térmicos e de pluviosidade de clima quotidiano. Apesar disso, como foi referido por todos os pescadores e alguns caçadores, os pegos pela falta de limpeza de leito, estão a tornar-se cada vez menos profundos, sedimentados com areia e detritos vegetativos.

¹ Levada para o Lagar velho, que continua ao longo da ribeira; canal para o moinho do Monte de Moinhos, que corta o meandro da Ribeira Grande na sua parte inicial. Caso contrário encontra-se no fim de troço estudado da ribeira, onde o vale estreita e o desnível da corrente torna-se mais pronunciado. O Moinho do Inferno era abastecido por açude alto, ainda bem preservado, do qual apenas curtas levadas transportavam água para o engenho e imediatamente voltavam para o leito da ribeira.

Açude em Arco

O primeiro açude preservado no percurso da Ribeira Grande. Está localizado numa curva da ribeira, o açude alarga o leito (fig.1), retendo notáveis quantidades de água numa parte de corrente ainda bastante fraca.



Fig.1 Quantidade de água retida pelo açude na primavera; **Fig.2** Arco do açude coberto de vegetação; **Fig.3** Vista para a parte donde saia o canal para o moinho de Monte dos Moinhos.

A forma do açude é de um arco virado contra a corrente, a altura do seu paredão ronda 1,5 m, e a sua largura 1 m. O acesso é bastante dificultado por uma cobertura de silvas.

A comprovação da presença humana neste local é detectável pela existência de um “túnel” de acesso, assim como de um lugar de assento sem vegetação. A mata ripícola densa acompanha a corrente a jusante. A montante existem vários freixos notáveis e superfícies de silvas.

A existência do tanque de retenção de água meio tapado por silvas documenta o início do canal, que levava água com pouca inclinação até ao moinho de Monte dos Moinhos.

História

Não foram encontradas referências concretas sobre esta construção. O açude foi mencionado apenas nas Memórias paroquiais como pertencente ao moinho, com o qual está ligado pelo canal. Os moinhos mencionados já estavam na altura em ruínas com excepção do moinho de Monte dos Moinhos.

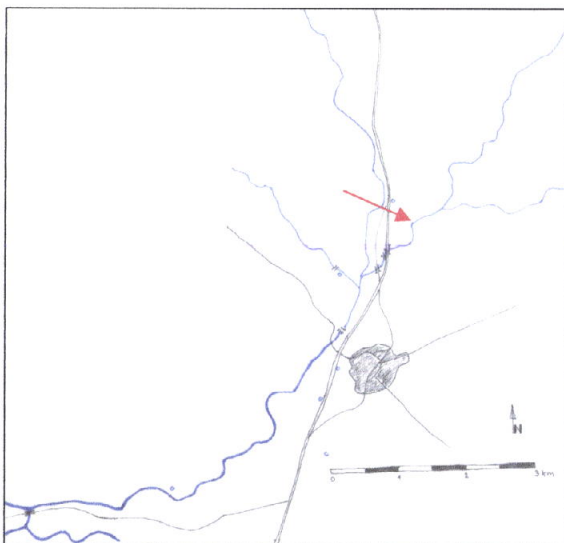


Fig.4 Localização do açude na paisagem estudada

Relação dos utilizadores da paisagem com o açude

O sítio foi mencionado como preferido no passado pelos pescadores. Também alguns dos cidadãos aposentados mencionaram lugar como agradável para os pic-nics. Quanto ao futuro deste açude, não foi mencionada a sua recuperação, apenas a limpeza das silvas para o acesso por dois entrevistados.

Açude de Praia Fluvial

Localizado no fim da Praia fluvial, retêm um espelho de água que a forma.



Fig.5 Paredão visto para montante. (Abril 2004)

Construção de retenção de água amovível. As pranchas de madeira estão colocadas entre colunas metálicas inseridas sobre a base de betão (fig.5).

Sua construção em 1998 deu-se no âmbito de “Acordo de Cooperação financeira” entre o INAG, Direcção regional do Ambiente e Ordenamento do território do Alentejo (Construção de açudes em áreas especialmente afectadas no período de estiagem) a Câmara Municipal de Monforte, de criação da praia fluvial de tipo III – natural.

Acima deste paredão existe uma passadeira em laje de betão, que cria um acesso alternativo ao outro lado da praia fluvial. O acesso mais nobre deve-se à ponte romana.

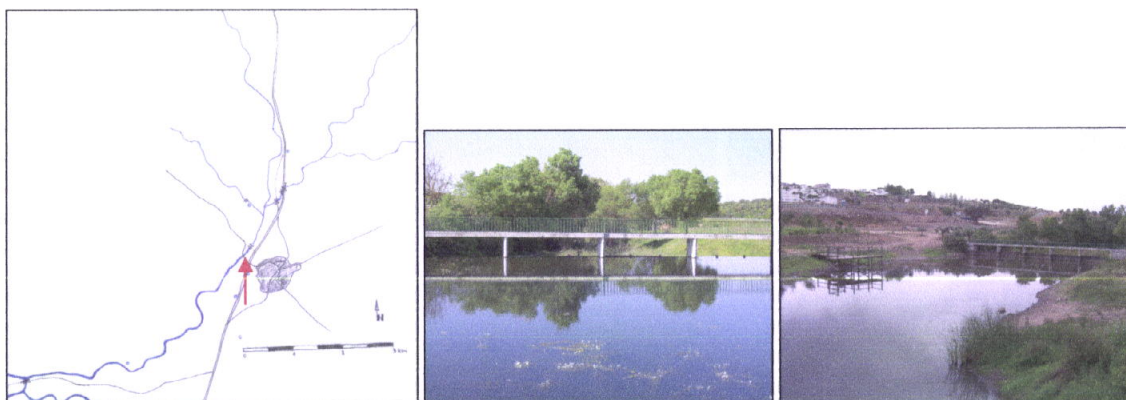


Fig.6 Localização do açude; **Fig.7** retenção da água na primavera (Abril 2004); **Fig.8** e sua diminuição no fim de verão (Setembro 2004).

História

A existência do paredão não foi mencionada em nenhuma das fontes estudadas.

Relação dos utilizadores da paisagem com o açude

Não se referem ao açude, apenas à praia fluvial e retenção de água por este criada. Historicamente deveria existir outra forma de retenção de água, que permitia lavar roupa e até nadar.

Represa Grande

A sua localização na divisão entre a Horta de Mariana Andrade e a Horta Grande, atribui visibilidade importante à represa.

A sua construção em betão, complementada ainda por uma torre de medição de caudal e muro de protecção em betão a jusante, não se enquadra bem no montado envolvente. A imagem de suave ondulação de terreno com vestígios do pequeno pontãozinho sobre o antigo canal para o Lagar velho contrasta com o corpo liso da represa (fig.10).

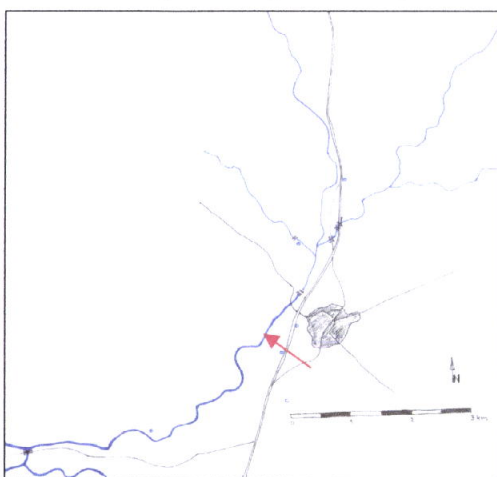


Fig.9 Localização da Represa Grande.

Fig.10 Aspecto primaveril no entorno da represa. (Abril 2004)



Fig.11 Vista de represa a montante com torre de medição. (Janeiro 2004)

Fig.12 Pequeno paredão no sítio do Lagar velho. (Janeiro 2004)

Fig.13 O mesmo paredão no verão. (Agosto 2004)

História

A represa foi construída, pelas referências dos entrevistados, no fim dos anos cinquenta. O presente paredão assenta poucos metros a jusante do antigo açude, que conduzia água para o Lagar Velho. O pequeno segundo paredão, o mais abaixo da represa (fig.12 e 13) deveria ter sido construído na mesma época como segunda barreira de retenção de água.

Relação dos utilizadores da paisagem com a represa

Foi frequentemente referenciada como espaço de antigas brincadeiras infantis, primeiras experiências de pesca e como a zona de passeios (na direcção ao Lagar velho). Mas não figura entre os sítios mencionados como visitados na actualidade.

Pego do Marmeleiro

Estado actual

O Pego do Marmeleiro encontra-se no início do troço final da paisagem ribeirinha. Num dos meandros o leito da ribeira alarga e aprofunda para mais de 20 metros, criando um sítio vistoso e cheio de vegetação e vida o ano inteiro. A natural formação do leito era provavelmente alargada e aprofundada na altura de maior frequência da pesca.

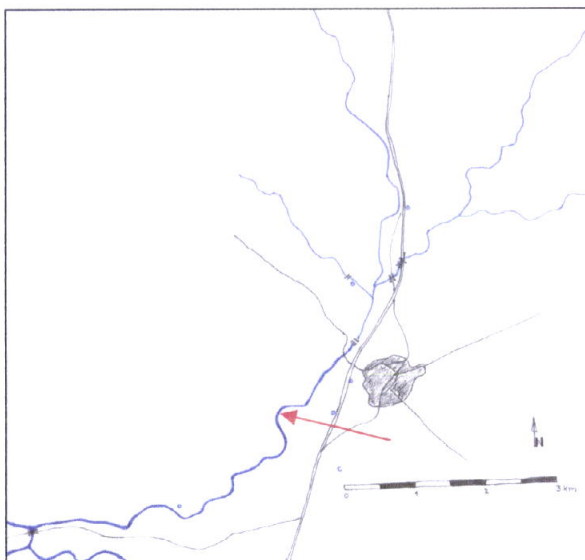


Fig.15 Localização do Pego do Marmeleiro.



Fig.16 Vista sobre o início do pego para o Lagar velho. (Maio 2004)

História

As Memórias paroquiais descrevem abundância de pegos ao longo do curso da ribeira, mas sem referências a algum em concreto. Noutras fontes não foi encontrada menção sobre este elemento da paisagem cultural.

Relação dos utilizadores da paisagem com o pego

Existem referências à pesca no passado neste pego, tal como sobre a natação e até lavagem de roupa. No presente uso da paisagem o elemento não figura.

Açude no sítio de Pego dos Fetos

Estado actual

Um açude pouco profundo, localizado no troço final da ribeira, na propriedade do Monte das Lajes, meio quilómetro a montante encontra-se a ruína do Moinho das Lajes. A galeria ripícola, composta maioritariamente pelos freixos, encontra-se mais densa a jusante do açude, enquanto os arredores cobra o pasto semiaberto. Sítio é de fácil acesso, tal como a passagem do próprio leito da ribeira (possível maioria do ano pelo muro do açude).



Fig.17-18 Aspecto de açude no fim de primavera e no verão. (Abril e Agosto 2004)

História

Entre documentação estudada não foi encontrada menção do elemento.

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Sítio foi referido como um dos predilectos para pic-nic no passado, no entanto nem entre sítios visitados actualmente nem entre os sugeridos para uso futuro, não figura.

Açude do Moinho do Inferno

A descrição e documentação deste elemento encontra-se no capítulo dos moinhos da Ribeira Grande.

Nas fontes históricas estudadas o elemento associa-se sempre ao moinho, não figurando como um elemento separado.

As referências dos utilizadores da paisagem estão ligadas mais ao espaço em redor do moinho, referindo os banhos em grandes e redondas “potes” de pedras (cavidades nas rochas criadas pelas pedras menores roladas pela corrente), abaixo do açude, antes de se juntar ao leito água do engenho do moinho.

X.2..2 Hortas

Uma componente da paisagem que exige a quase permanente presença humana, são as hortas. Estas representam tanto uma adicional forma de subsistência, como uma relação de proximidade da população com o espaço ribeirinho.

Na sua várzea e em redor da Ribeira Grande, as hortas são ainda memorizadas pelos nomes locais ou pela memória da população, e representavam parte da economia da população. A sua diminuição ao longo dos tempos, mas especialmente na segunda metade de século vinte, confirma a perda da vida no território envolvente à vila. É um fenómeno generalizado nas pequenas vilas de cariz rural.

Hoje apenas uma pequena parte da Horta de Mariana Andrade está a ser trabalhada por pessoas de certa idade e apenas em regime de ocupação do tempo livre.

Na margem direita da Ribeira, mais distante da vila, os extensos terrenos portam ainda os nomes de várias hortas. Mas apesar deste facto, não se encontram os mínimos vestígios de uso hortícola, nem as árvores de fruto, que normalmente acompanhavam as hortas e que pudessem provar a antiga fertilidade e uso dos terrenos. Árvores de fruto são muito comuns na parte mais acima da ponte romana, onde as hortas foram extintas há poucos anos. A falta dos vestígios visíveis, leva-a supor, que as hortas na zona direita da ribeira (como a Horta do Margalho e do Orvalho - N^o 3 e 4) foram abandonadas há várias décadas. A intensiva pastagem pôs entretanto fim às árvores de fruto – mais apetitosas para o gado do que as oliveiras e freixos.

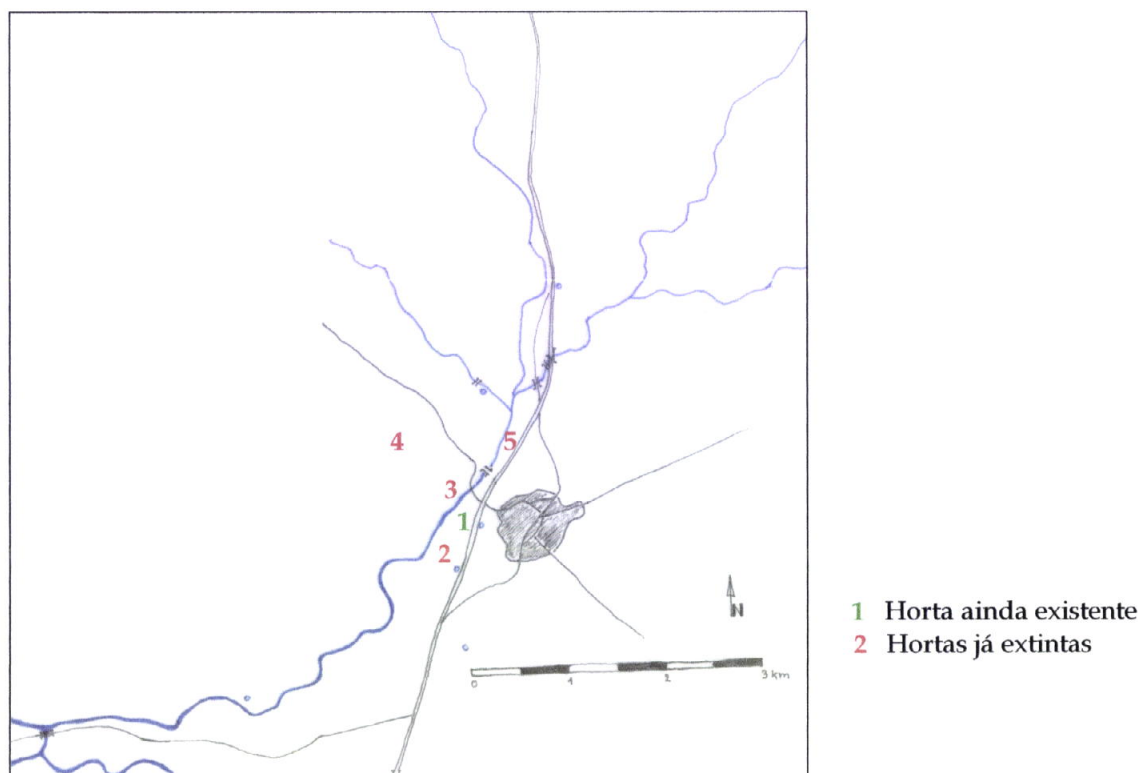


Fig.1 Localização das hortas identificadas na paisagem da Ribeira Grande. Os números correspondem a numeração das hortas descritas a seguir.

1 - Horta do Doutor Andrade ou de Mariana Andrade

Estado actual

É uma horta muito perto da vila, regada duma fonte nascente – Fonte da Vila. Passou por vários proprietários que alugavam as suas diversas partes aos camponeses. Ainda hoje a água de notável caudal na Fonte da Vila percorre o espaço da horta para entrar na Ribeira.

No conjunto da horta se encontra não só a zona de terra trabalhada para os legumes e frutos, mas também pastagem em dois socalcos, idosas noqueiras e ruína de casa do antigo guarda e horticultor do sítio.



Fig.2-4 Aparência das hortas rematadas por canas (Setembro 2004); ruína de casa acima da horta (Setembro 2004); entrada para a horta desde a Fonte da Vila (Agosto 2004).

História

Nos livros de tomo mencionam-se três hortas nos arredores de Fonte da Vila. A horta mais próxima da fonte deve ser a hoje designada como Horta do Doutor Andrade. As duas hortas seguintes, mencionadas ao lado desta, desapareceram completamente da memória viva da paisagem assim como não existem vestígios no terreno da sua existência.

Livro N° 4 do ano 1814 do conjunto de Livros de Notas dos anos 1809-1827 de antigo Cartório Notarial de Monforte, tal como se encontram no Arquivo Distrital de Portalegre. Ali, na **Folha 33; 18 de Maio de ano 1815**, encontra-se a seguinte inscrição:

“Escritura de compra que faz Ignacio João Ortigão morador nesta vila a José António Cuelho e sua mulher Ignes Agada também moradora desta dita villade uma Orta a Fonte de Villa por duzentos e outtenta e outto mil reis em metal...”

...“Herão senhores e possuidores de huma Orta a fonte da Villa isto na minha presença de Fouro¹ bens ou penção alguma, a qual parte de huma parte com Orta de Domingos José da Silva Caldeira, e da outra, parte com Orta de José Martins Casado, e Alexandre José da Mata e emtesta² pella parte de cima com a fonte da Villa, e Rosio, e da parte baixa com Ribeira, cuja Orta assim e da mesma maneira que elles a gozavão, posuhião e disfrutavão e vendião como com

¹ Fouro = tipo de pagamento

² emtestar = confrontar-se, ter na vizinhança

feito vendido tem de hoje para todo o sempre ao sobredito capitão Ignacio João Antas Ortigão pello preço e quantia certa porque se havião ajustado, de duzentos e outtenta e outto mil reis em bom dinheiro de Mettal...”

...“huma Orta na Fonte da Villa que parte do Nascente com estrada da mesma fonte e Rosio, do Puente com a ribeira e pello sul com Orta de Domingos José da Silva Caldeira, e pello Sul com Orta de José Martins e de Alexandre José da Matta...”

Relação dos utilizadores da paisagem com a horta

Foram entrevistados dois proprietários das hortas dentro da Horta de Doutor Andrade. Várias outras pessoas entrevistadas mencionaram o facto de trabalhar nesta horta ou ir ali comprar os legumes frescos. Sobre o futuro todos os entrevistados acima mencionados se pronunciaram com cepticismo. “É pena que não há mais pessoas a trabalhar nas hortas, mas não vejo possibilidade de voltarem, o futuro não está aqui, neste trabalho”, proferiu um dos proprietários entrevistados /AG6/.

Antigamente a Horta de Doutor Andrade tinha sido dividida, de Andrade era apenas a parte acima, mais perto da Fonte da Vila, segunda parte mais abaixo, com a casa (fig.3) e nogueiras era designada como a Horta do Pagacho ou do Cartaxo. Esta informação foi obtida dos dois entrevistados idosos /ID7, ID8/

2 - Horta Grande

Estado actual

Como o nome indica, trata-se da maior horta na zona sudoeste da vila, regada das várias nascentes, que se encontram no seu espaço assim como das águas da Fonte de Aramenha. Os pequenos tanques e fontanários (fig.5), geralmente em mau estado, encontram-se dentro da propriedade, reinada agora, antes de tudo, pelo gado bovino. As pequenas e abandonadas construções de apoio agrícola como bebedouros ou pocilgas (fig.6) encontram-se na parte alta da horta. A parte central apresenta restos de olival e a parte baixa encontra-se apenas com pasto.



Fig.5 Uma das fontes da horta; (Maio 2004)



Fig.6 construções acima da horta; (Junho 2004)



Fig.7 terreno desprovido de vegetação pela pastagem. (Setembro 2004)

História

Não se encontram explicitamente nenhuma referências a esta horta nos documentos estudados, mas assume-se que as referências às hortas incluem na descrição da sua localização também a menção da presente horta, apesar de sob nome diferente.

Relação dos utilizadores da paisagem com a horta

Foram várias as referências a utilização da horta no passado desde ida para comprar os legumes/ID1,2.../ até ao arrendamento de parte de horta para a produção própria da população até há dez anos /MA2/. Hoje na horta pasta gado de um dos agricultores entrevistados. A sua recuperação nunca foi mencionada, mas figurou várias vezes como sítio de passagem dos percursos para outros sítios ao longo da ribeira.

3 - Horta do Margalho

Estado actual

Um dos espaços, que já não preservam os vestígios de sua antiga funcionalidade; encontra-se no lado direito da Ribeira Grande na área da praia fluvial. Hoje o terreno apresenta apenas a ruína da casa de antigo hortelão (fig.8-9). As árvores de fruto (mencionadas pelos entrevistados) foram cortadas após secas por falta de cuidado e danos causados pela pastagem de cavalos e ovelhas.



Fig.8-9 Ruína de “casa de arco” de antigo hortelão. (Junho 2004)

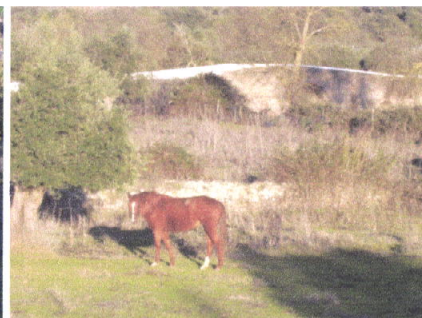


Fig.10 Um cavalo a pastar na antiga horta. (Setembro 2004)



Fig.11 Casa arco de lado de ribeira. (Abril 2004)



Fig.12 Vista sobre antiga horta na direcção à pedreira. (Maio 2004)

História

Livro N° 4 do ano 1814 do conjunto de Livros de Notas dos anos 1809-1827 do antigo Cartório Notarial de Monforte, tal como se encontram no Arquivo Distrital de Portalegre. Ali, na **Folha 45; 8 de Dezembro do ano 1813**, encontra-se a seguinte inscrição:

“Escritura de compra com sizo pago de um olival no Sítio Jardim que comprou João Margalho a José Pereira Crespo e sua mulher Francisca Barbora; moradores na Erdade de Mateus...”

...“são senhores possuidores de hum olival no sítio do Jardim que parte de huma parte com fazenda de Domingos José da Silva Caldeira e do outra parte com a Erdade de São Gens cujo olival assim confrontado teiem elles otorgantes vendedores ajustado de vender com João Margalho...”

O olival em questão é hoje pouco evidente, abraçado pelo montado na direcção para o Monte de São Gens, a Norte da horta. O espaço designado como olival e adquirido por João Margalho deveria fazer parte de maior conjunto de terras, que adquiriram o nome do seu proprietário, como a horta.

Relação dos utilizadores da paisagem com a horta

Entre os entrevistados encontraram-se duas pessoas que viveram a sua infância na casa acima mencionada /MA 1 e 6/. As memórias foram relacionadas também com as cheias da ribeira, por causa das quais a horta não poderia estar nas imediações do leito mas apenas algumas dezenas de metros afastada. Mais pormenorizadamente, com todas as árvores de fruto e tipos de legumes plantados, descreveu a horta antiga moradora na casa do arco, uma das entrevistadas de grupo de trabalhadores manuais. Conforme a sua referência, a horta foi desactivada nos meados dos anos sessenta.

A casa do arco foi sugerida por duas entrevistadas /CM 3 e 5/ para apoio de futuras instalações turísticas e por um entrevistado como o futuro apoio de manutenção da praia fluvial /MA 4/.

4 - Horta do Orvalho

Estado actual

O espaço da antiga horta encontra-se numa encosta, a 400 metros a nordeste da vila. Hoje o espaço cobre um olival pouco denso delimitado na sua parte sul pela pedreira de granito de Monforte desactivada desde 2002.



Fig.13 Vista sobre a pedreira para o olival, antiga Horta do Orvalho (Junho 2004)

História

Existe documentação cartográfica de apenas uma pequena parte da horta nos meados do século vinte (campanha de 1953).

Relação dos utilizadores da paisagem com a horta

É uma das hortas conhecidas quase exclusivamente pela toponímia da carta militar, desactivada já há mais de meio século. Apenas um dos idosos entrevistados referiu as antigas idas para essa horta para comprar legumes/ID6/. Houve outros entrevistados que mencionam este o lugar como espaço de pic-nic ou local de concentração no início de caça /CA 2, ID 4/.

Antiga horta no sítio da praia fluvial

Esta antiga horta foi referenciada apenas por um caçador entrevistado. Referiu-se de que ali estava a horta do seu pai /CA6/. Não foi encontrada documentação histórica, mas a existência da horta foi confirmada por outro entrevistado /AG6/.

X.2..3 As pontes

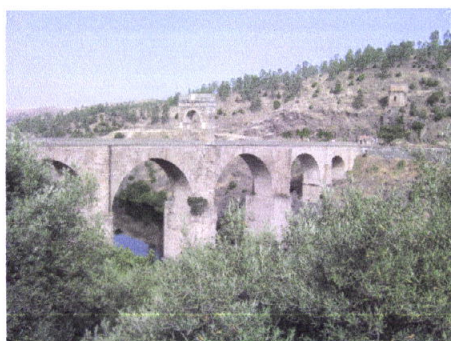
Os elementos essenciais de acessibilidade ao território são as passadeiras e pontes, que permitem a passagem das ribeiras ainda nos períodos mais chuvosos.

Nos inícios de radicação da população no território, as passagens favoráveis de grandes rios foram sítios privilegiados – os vaus. Mas no espaço Alentejano, onde a maioria dos rios apresenta grandes variações de caudal, estas passagens não foram as mais importantes. Apesar disso a presença da água, mesmo que em quantidade menor, favorecia o desenvolvimento de povoações, agricultura, negócios e mais tarde servia também para mover os engenhos.

As pontes que se encontram no espaço da Ribeira Grande representam vários estados de preservação/degradação assim como diferentes valores patrimoniais e épocas históricas da sua construção, renovação, reconstrução e recuperação.

A ponte mais antiga, apesar de sofrer várias modificações até aos dias de hoje, encontra-se nas imediações da vila. A ponte romana é um dos poucos elementos classificados da vila, e que, conjunto com a Torre de Palma, faz parte da história romana do espaço em estudo.

Assume-se, que as primeiras pontes construídas na península ibérica, eram de origem romana.¹ Os exemplos de engenharia construtora romana encontram-se ainda bem preservados na zona como em vários outros pontos de país. Como os mais próximos e



importantes podemos nomear ponte de São Pedro de Alcântara – monumento espanhol classificado; ponte romana de Alter do Chão – monumento classificado ou ponte romana de Fronteira, localizada na mesma ribeira, vinte quilómetros a jusante.

Fig.1 Ponte de São Pedro de Alcântara

Nos últimos anos a IPPAR desenvolveu uma actividade específica para recuperação e protecção das pontes, que seguindo a descrição no próprio programa, são uns monumentos muitas vezes zarolhos por seu aspecto funcional e utilitário². O programa contempla levantamentos, intervenções de consolidação, limpeza e manutenção para várias pontes, previamente identificadas. Neste grupo de pontes intervencionadas está incluída também a ponte romana da Ribeira Grande.

¹ “Em rigor, deve-se aos romanos a instalação das primeiras pontes em Portugal, através da introdução dessa “invenção” capital no âmbito da construção e da engenharia que é o arco. A ponte terá constituído assinalável novidade para a altura e assumia um papel de autêntico ex-libris da política de desenvolvimento e fomento territorial dos romanos e da estratégia da romanização.” IPPAR, *Património - Balanço e Perspectivas /2000-2006/*, Lisboa 2000, pag. 281

² Programa de Recuperação das Pontes Históricas, in: IPPAR, *Património - Balanço e Perspectivas /2000-2006/*, Lisboa 2000, pag.277

Entre as várias pontes da Ribeira Grande, a mais importante, e única classificada, é a ponte de origem romana. Sua localização e preservação deram-se ao facto de estar em uso permanente até à construção da variante da estrada para Vaiamonte, na altura da construção do IP2.

A sua localização deve-se a uma das variantes do itinerário essencial da península; ligação entre Olisipo e Emérita Augusta. Trata-se de uma das variantes de itinerário antonino mencionadas no livro de Mário Saa³, como componente do itinerário Antonino, na passagem por Monforte para Arronches, seguindo para Mérida.

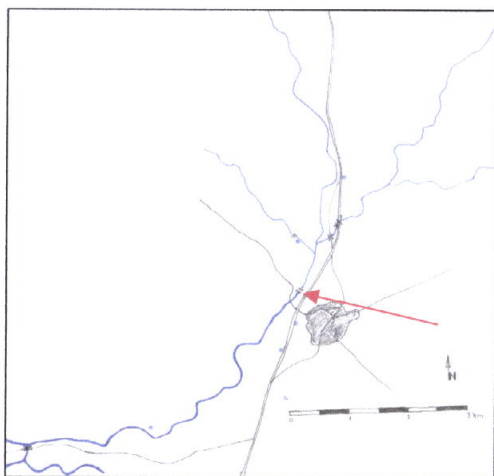


Fig. 2 Localização da Ponte romana;



Fig. 3 vista de alçado da ponte a montante.
(Junho 2004)

Estado actual

A ponte encontra-se momentaneamente limpa, após a remoção de infestantes a meio do verão de 2004 e a caiação anual dos seus corrimãos, como é o hábito nas terras pequenas.

A ponte encontra-se sob tutela do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e foi classificada como Imóvel de Interesse Público (I.I.P.) pelo Decreto-lei N^o 29/90 de 17-7-1990; com a seguinte descrição: "Ponte de granito composta por sete arcos e quatro talhamares."

Comprimento 63 m

Largura 2,5 - 3 m

Altura máxima 5 m

³ O troçado do caminho romano mencionado no livro *As Grandes Vias da Lusitânia* (Itinerário Antonino, Livro I, Tomo I, Lisboa 1956) é momentaneamente estudado pela equipa do Plano de Pormenor de Monforte. Um dos entrevistados referiu o troço de calçada romana no segmento para Arronches, pois a sua existência deve estar confirmada pelos técnicos.

Trata-se duma obra em cantaria e alvenaria de granito ligada por argamassa de cimento “opus caementicium” dos séculos 2 a 4 depois do nascimento de Cristo.⁴

Os livros de tombo do concelho de Monforte descrevem-na simplesmente como a Ponte da Vila e também assim a tratam as Memórias paroquiais...

Cita-se a descrição da ponte pelos técnicos do IPPAR, que se encontra no próprio monumento:

“A ponte lança-se em cinco arcos de volta perfeita de diferentes vãos, diminuindo em altura e largura do arco central para os laterais. As arquivoltas dos arcos são formadas por uma só fiada de aduelas tal como nos olhais de descarga que ladeiam o arco central, sobre os talhamares.”

História

Apesar de o *Diccionario Geográfico de Portugal* (Tomo 179 editado em 1874 por Bettencourt), considerar como a nota mais antiga sobre a ponte os apontamento das Memórias paroquiais (1758), durante a pesquisa encontraram-se referências anteriores.⁵

Nos dois mais antigos Livros de Tombo dos Bens da Vila, conservados no arquivo histórico da Câmara Municipal de Monforte, podemos ler nota sobre a adjudicação de obra de reparação da ponte. São os seguintes:

Livro do Tombo dos Bens da Vila de Monforte de 1638 (o livro mais antigo, preservado só parcialmente)

folha 40

Arrematação que se fez ao Paulo Reis pedreiro morador em a vila de Borba da obra da ponte deste villa

“Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos e quarenta e três aos dois dias do mês Maio dito ano nesta vila de Monforte e casas de Câmara dela estando Manoel Cruz Davide Bento Gracia Cardoso Gomes... Lopez Rondono Immanuel da Costa Munez porteiro vereadores Immanuel F.....”

Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Vila de Monforte de 1651 (segundo livro preservado)

⁴ A placa informativa do IPPAR colocada na ponte refere os livros de *Estradas e Pontes romanas a Sul de Tejo, Pontes romanas de Portugal e Pontes antigas classificadas*, como as fontes de mais pormenorizadas informações sobre o tipo de construção.

⁵ Com indispensável dedicação do historiador da Câmara Municipal, Mestre José Inácio Militão da Silva, foram no Arquivo histórico da Câmara de Monforte decifrados apontamentos sobre as intervenções na estrutura da ponte no século 17.

Arrematação da obra que se fez na obra da ponte a João Gonçalves pedreiro

Assim soa a descrição da ponte nas Memórias Paroquiais da Vila de Monforte e do seu Termo do ano de 1758:

“A ribeyra da villa tem no fim do rocio logo por baixo do calvário p^a a ponte do norte com^o de Cabeço de Vide tem huma elevada, e grande ponte de cantaria com seos corta mares, de ponta de diamante da p^{te} da corrente, e arrimadiços da parte de bayxo tudo de cantaria, e ainda o pavim^{to} de bayxo da agoa he lageado da mesma cantaria. Alem de duas arcadas bastantem^{te} altas, e redondas, que fica cada huma em o pilar, do arco real sobre os corta mares, tem 12 arcos, que ainda se conhece suposto, estarem m^{tos} quazi entulhados de área, de que he rib^{ra} m^{to} abundante, e ordinariam^{te} sempre se conserva agoa em três arcos, e por alguns dos mais corre nas enchentes, que as tem gr^{des} e continuadas, no tempo da invernada, por apanhar m^{tas} agoas, e como he esprayada, a madria da ribeyra em muytos sítios, entra pellas vinhas, hortas, e mais fazendas. A ponte não he direyta porque fas arco, cresce the o real e declina á proporção. Fica a ponte distante da villa hu tiro de espingarda, com bala a barlavento.”

Tendo em conta acima mencionada intervenção, entende-se o facto de uso quotidiano da ponte e assim as mudanças necessárias para a sua manutenção e recuperações após as cheias. As inúmeras intervenções como as acima referidas deveriam ocorrer ao longo dos tempos. Assim dos traços originais não se conserva nem o número de arcos (em 1758 se tratava de 12 arcos, em 1874 são documentados 9, e na classificação de 1990 já consta com apenas 7arcos).

Militão da Silva, o historiador acima referido, considera que a ponte teria o dobro dos arcos na sua origem, sendo assim de maiores dimensões. Refere a uma grande obra datada entre 1872 e 1874, que esta ponte sofreu a par da construção da Estrada Municipal n.º 12. Na altura a ponte e seus alicerces encontravam-se em estado de avançada degradação, no entanto foram documentados 9 arcos da ponte. O próprio historiador levanta duas hipóteses de diminuição de número de arcos: possibilidade de haver incorrecções nas fontes manuscritas anteriores ou um acrescentado assoreamento das fundações da ponte (Silva 2001).

A ponte verifica-se estar muito modificada em relação ao seu estado original, sendo a base romana já bastante apagada. Sofrendo várias reconstruções ou obras, em séculos diferentes, foi modificada substancialmente a sua aparência, dimensões e até mesmo a quantidade de arcos.

Nos anos sessenta, conforme várias pessoas entrevistadas que testemunharam as obras, deu-se o alargamento das entradas na ponte, criando umas bolsas em ambos os lados. Mas devido ao forte tráfego na ponte, deu-se mais tarde, nos anos setenta, o acidente em que um veículo pesado danificou severamente o muro lateral sul.⁶

⁶ Esta informação foi oralmente transmitida pelos entrevistados TU3, MA1, MA4.

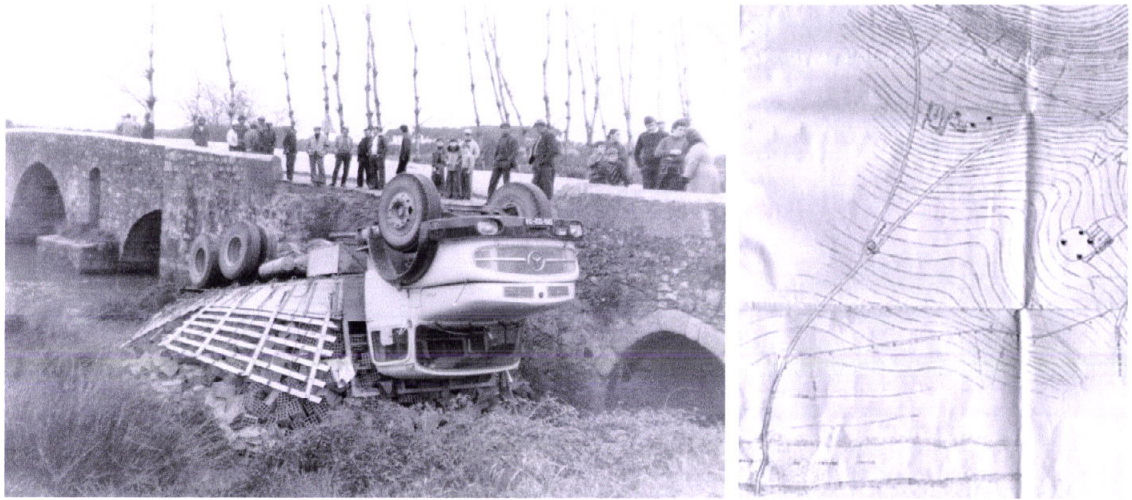


Fig.4 Fotografia de carro pesado tombado da ponte revela a presença de árvores ao longo da ribeira, hoje inexistentes. Foto cedida por Sr. Ferreira.

Fig.5 Planta de caminho que percorre o Rossio para a ponte romana. Situação antes de 1986, depositado no arquivo histórico da C.M. de Monforte.

As obras de reparação foram executadas com a maior urgência mas pouca sensibilidade em betão. Mais tarde, uma recuperação orientada pelo IPPAR recolocou a alvenaria de pedra. A zona de intervenção percebe-se pela sua argamassa branca, enquanto a parte antiga toda ela mais escurecida (figuras 6,7,9).

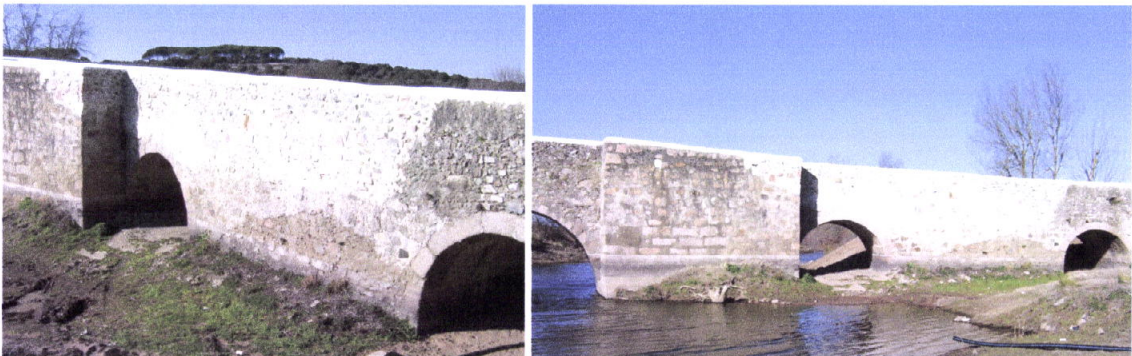


Fig.6-7 Diferença cromática da parte recuperada da zona de alvenaria antiga. (Janeiro 2005)

Até aos meados dos anos oitenta atravessava a ponte a estrada que ligava Monforte com Vaiamonte, descendo pelo Rossio entre a pedra da aparição e a igreja do Calvário. Na altura da construção do IP2, foi construída uma estrada alternativa. Esta passa sob o IP2 e desenha uma curva à volta do espaço hoje designado como praia fluvial, para se ligar à antiga estrada pouco mais acima.

A última intervenção realizada pelo IPPAR (com valor total de 3.116.759\$00) no Inverno 2000-2001 – constituiu de obras de limpeza e recuperação.

No presente planeia-se uma intervenção para a ponte no âmbito do projecto do IPPAR sobre pontes históricas, que abrange a limpeza e desenterramento de parte do edifício. Uma proposta para “Estudo para intervenção arqueológica na envolvente da ponte romana” foi elaborada em Abril 2004 pela arqueóloga da Câmara Municipal, e contemplava o desenterramento dos arcos laterais cobertos por depósitos de terra e

areia. Outras intervenções nas proximidades da ponte, especialmente a intervenção na praia fluvial, estão desenvolvidas dentro do projecto do Corredor Eco-fluvial.

A ponte neste momento serve para os poucos visitantes da Praia fluvial, sendo aberta à viação como de caminho de serviço - ligação para a manutenção da mesma. A placa informativa aí colocada não resistiu ao vandalismo. A ponte e a praia fluvial, assim como mais especialmente o Rossio, sofrem da imediata proximidade de numerosa comunidade cigana, não integrada na sociedade Monfortense.

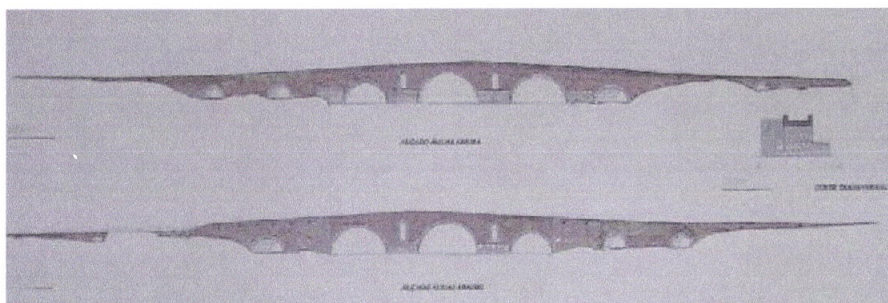


Fig. 8 Levantamento arquitectónico da ponte realizado por Gabinete de Mérida para o IPPAR e cedido à CM de Monforte.



Fig.9 Vista da colina de Monforte sobre o vale e inserção da ponte na paisagem da Ribeira Grande.

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Existe uma forte ligação dos entrevistados com a ponte em todos os tempos investigados. As mais significantes actividades ligadas à ponte no passado foram a lavagem de roupa, natação e pesca. No presente mencionam-se o pic-nic, passeio e cultivo de couves nas proximidades. Para o futuro foram sugeridos várias actividades desportivas e lúdicas para o seu redor e especialmente iluminação nocturna da sua cantaria. Um dos antigos moradores da vila, hoje a viver em Setúbal sugeriu “purificação” da forma da ponte, o que significaria desmontagem de bolsas adicionais de ambos os lados de entrada para a ponte. O senhor indicou, que foram criadas no início de anos cinquenta para simplificar a circulação na ponte.

Estado actual

A ponte encontra-se hoje algo escondida por baixo da ponte nova do IP2, 1 km para norte da vila. Atravessa a ribeira num arco só elevando-se bastante no centro e descendo para ambos os lados, coberta de silvas. O seu estado de conservação é pobre, sendo já tema de projecto de consolidação dos técnicos camarários. O seu levantamento arquitectónico decorreu no Inverno e 2003.

História

A descrição das pontes presentes na ribeira, como resposta para a pergunta Nº 15 sobre a ribeira das memórias paroquiais começa logo com a descrição da ponte hoje chamada a Ponte Velha.

Se tem pontes de cantaria, ou de pau, quantas, e em que sitio?

“A ribeyra de Barrozo, antes de se meter na ribeyra da villa a pouca distancia da sua entrada te huma ponte de dois arcos de pedra de cantaria, e dois buracos, ou portas, e serve qdo vay cheya p^a os passageyros, que vão da villa p^a a cidade de Portalegre.”

Como se descreve relativamente às ribeiras, as memórias entendem pela Ribeira de Barrozo parte da Ribeira Grande antes de se juntar com a Ribeira de Freixo, e só após esta junção se trata verdadeiramente da ribeira da vila.



Fig. 10 Cantaria da ponte (Junho 2004);



Fig.11 vista a montante (Dezembro 2003).

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Entre os entrevistados a ponte figura como um lugar predilecto especialmente entre os mais novos para os pic-nics. Foram também mencionados os acampamentos selvagens de jovens para convívio e pesca. Os mais idosos lembram a sua utilização no caminho para Vaiamonte no caso da Ponte romana estar submersa. Enquanto ao seu uso futuro, foi mencionada apenas como um dos possíveis elementos a incluir nalguns percursos mencionados como patrimoniais.

A sua consolidação e parcial recuperação estão a ser estudados pelo departamento de projectos e obras da Câmara municipal de Monforte. Entre a população entrevistada não foi mencionada a necessidade de intervenção neste elemento.

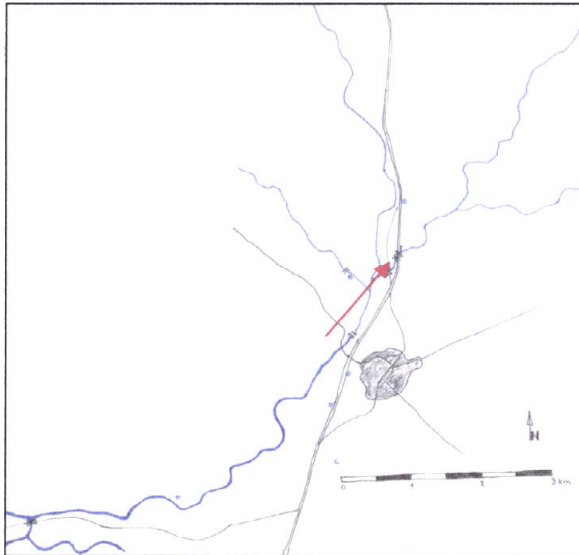


Fig. 12 Localização da Ponte Velha;



Fig. 13 pormenor da construção da ponte; fotografado levantamento arquitectónico. (Novembro 2003)

Ponte nova de IP 2

A nova ponte passa quase acima da ponte chamada velha, a uma distância de apenas 20 metros nas extremidades mais próximas.

No sítio de passagem de pontes, a ribeira contorna o seu leito, o facto que a nova ponte aproveitou para a sua localização. Enquanto a ponte velha está orientada de noroeste para sudeste, a ponte nova já passa desde norte para o sul. O ângulo entre as pontes aproxima-se aos 60°.

A localização da ponte é idêntica à Ponte Velha, vide esquema anterior (fig.12).



Fig. 14 Aspecto primaveril de ambas as pontes (Março 2004);



Fig. 15 Aspecto do sítio no auge do verão. (Agosto 2004)

História

Sua construção foi concluída para iniciação de trânsito nesta parte de IP2 – em 1986.

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Apesar de existir muitas relações com a Ponte Velha, esta ponte nunca foi mencionada em conjunto. Assume-se que está entendida meramente como um elemento funcional da paisagem e de transporte para outros sítios historicamente mais significantes.

Ponte do Cubo

Pequena ponte no troço central da Ribeira do Cubo encontra-se aproximadamente 100 metros a montante da Fonte de Cubo e 200 metros jusante da ruína de Azenha de Cubo.

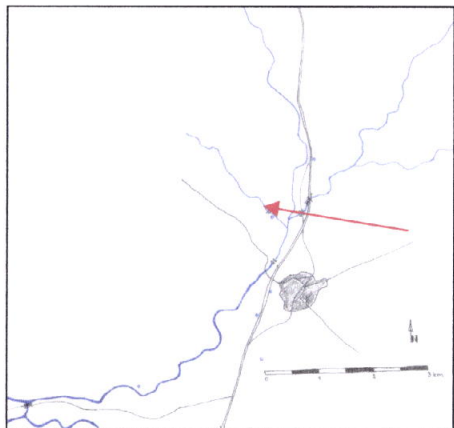


Fig. 16 Localização da Ponte do Cubo;



Fig.17 Paisagem nas imediações da ponte – pasto limpo e as silvas na mata ripícola estreita. (Abril 2004)

História

Uma menção nas memórias paroquiais associa a ponte ao moinho descrito entre os engenhos construídos ao longo das ribeiras que desaguam na Ribeira Grande.



Fig.18 Vista para montante. (Dezembro 2003)



Fig.19 Desabamento do arco central. (Dezembro 2003)

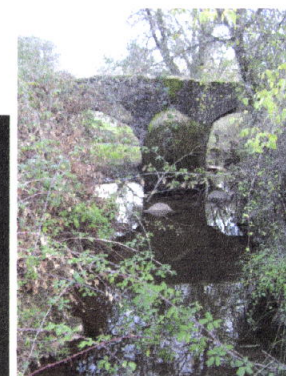


Fig.20 Vista a jusante. (Maio 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

A ponte foi normalmente mencionada no conjunto de outros elementos da Ribeira do Cubo – tanto no passado como no presente. Entre as sugestões futuras figurou raramente, apenas como possível alvo de percursos pedestres.

Viaduto do IP 2 por baixo de Rossio

Estado actual e história

Construída em 1986, como todo o troço de Itinerário Principal 2 na parte de Monforte. Por baixo de Rossio passa por cima da estrada para Vaiamonte. Na altura de sua construção foi decidida a mudança de uso da ponte romana e passagem da estrada para Vaiamonte 400m a sul. Criando nova ponte sobre a ribeira, a estrada volta para a sua trajectória inicial numa curva abraçando a parte direita da praia fluvial.

Neste momento o viaduto encontra-se em pleno uso, sendo neste espaço concluídas desde Junho também as ligações directas do IP2 a Monforte.

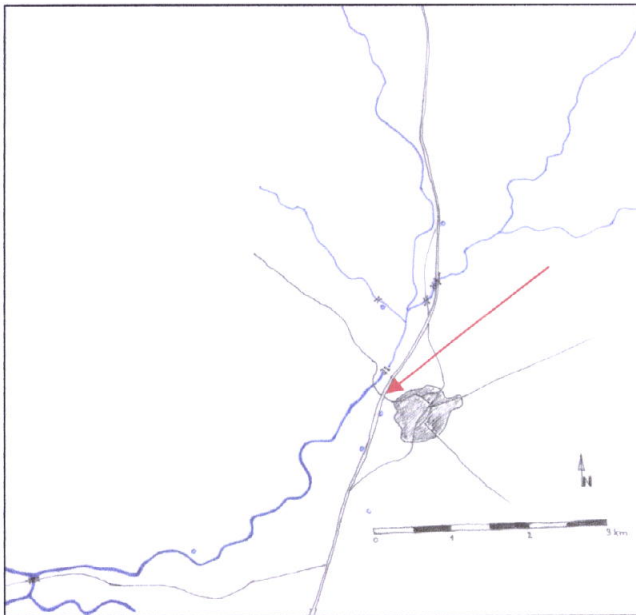


Fig. 21 Localização do viaduto;
(Junho 2004)



Fig. 22 Vista de colina do castelo.

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Não foram referidas nenhuma ligação específica a este elemento pelos entrevistados.

Nova ponte da estrada para Vaiamonte sobre a Ribeira Grande

Estado actual

Uma ponte em pleno uso. Leva a estrada de Monforte para Vaiamonte desde a ligação com o IP2 até ao seu traçado inicial, continuando pelo aterro em redor da parte direita da praia fluvial.



Fig. 23 Placa de realização da obra da ponte pela Junta Autónoma das Estradas (a sua sede encontrava-se perto de Monforte, na direcção para Vaiamonte). (Outubro 2004)



Fig. 24 Ponte vista para montante. (Outubro 2004)

História

A ponte foi concluída em 1989 como documenta seu paramento (fig.23), três anos após a construção deste troço do IP2.

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Não foi referida pelos entrevistados nenhuma ligação concreta com este elemento.

Ponte da antiga estrada nacional 367

Estado actual

A ponte localizada nas proximidades da Vinha Grande é frequentemente utilizada para agrupamento de gado pelo seu fácil bloqueamento. Nas pastagens em redor da ponte encontra-se maioria do tempo em ambos lados tanto gado ovino como bovino.

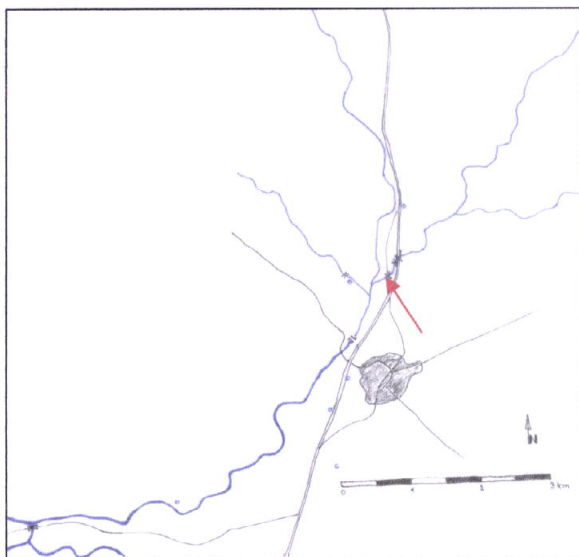


Fig. 25 Localização da ponte;



Fig. 26 vista sobre ponte para o sul, pela antiga estrada 367. (Abril 2004)

História

Ponte relativamente recente, de construção da época do Estado Novo, não apresenta grande valor patrimonial mas é de interesse histórico para o desenvolvimento local de rede de acessos.



Fig. 27 Vista panorâmica da ponte, face oeste. (Março 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Não foram referidas nenhuma ligações específicas a este elemento pelos entrevistados com excepção de referências a sua construção.

Pelos dois aposentados entrevistados em conjunto foi referida a polémica da localização do traçado do IP2 e assim desactivação da presente ponte. O traçado inicial passava pelo este da vila, onde deveria ligar-se à estrada para Elvas; mas foi modificado para o lado oeste, espaço entre a vila e a ribeira.

A mudança do traçado de IP2 do lado Este de Monforte para o Oeste, não se pode justificar pelas outras razões que preço de terrenos vendidos e interesse dos seus donos. Na altura em que a agricultura já perdeu seu poder e a terra começava de desvalorizar-se rapidamente e ainda não surgiram os subsídios da EU, a única possibilidade de ganhar rapidamente dinheiro parecia vender terreno para uma obra do estado.

Comprova o facto de que nem sempre a mais lógica ligação vence. As forças políticas e de poder local muitas vezes mudam as intenções tecnicamente bem justificadas. Mas também se pode pôr a hipótese, de o Município na altura não possuir consciência das consequências da implantação do IP2.

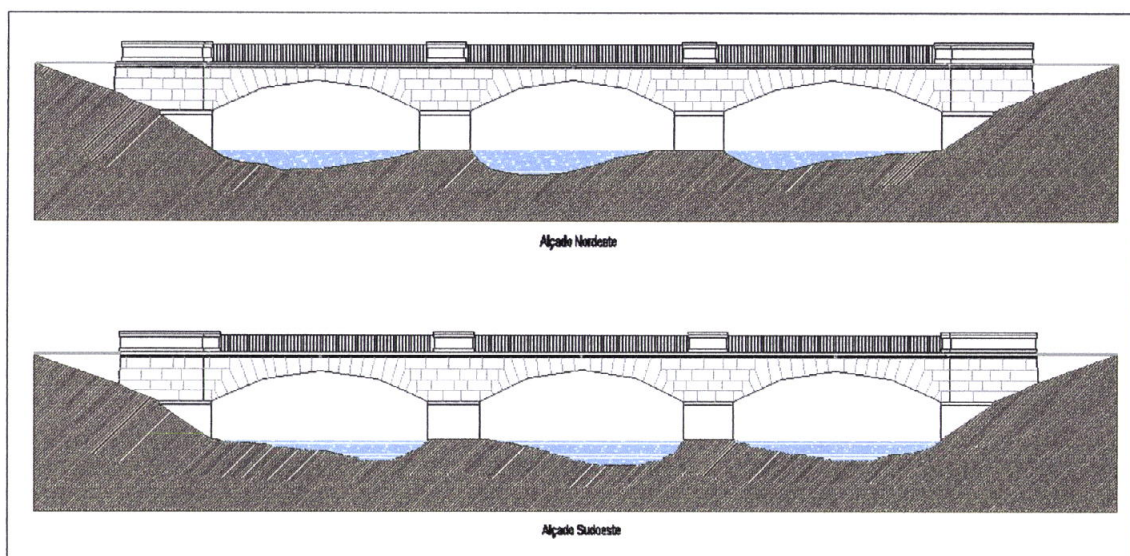


Fig. 28 Levantamento arquitectónico da ponte; elaborado por Gabinete Técnico de Monforte. (Novembro 2003)

Passadeira sobre o ribeiro - afluente direito

Estado actual

O ribeiro que passa pelo sítio da Horta da Nora e entra no lado direito da Ribeira Grande, nas imediações da estrada para Vaiamonte sofreu uns bloqueamentos por causa do impedimento de acesso de gado - aqui especialmente de ovelhas. A pequena passadeira em arco, construída de pedra e tijolo, encontra-se praticamente entulhada.

A passadeira está bastante arqueada, e provavelmente, com apenas metade de sua largura original (o remate em pedra encontra-se de um lado enquanto outro está deteriorado pela corrente ou acção humana).



Fig. 29-30 Dois aspectos de passadeira. As diferentes formas de bloqueamento da passagem. Arames farpados, grelha metálica e outros tipos do lixo se associaram para impedir aproximação de visitantes... (Janeiro e Outubro de 2004)



Fig. 31 A passagem do caminho documentado nas cartas militares, está bloqueado pelo entulho de vária natureza. (Dezembro 2003)

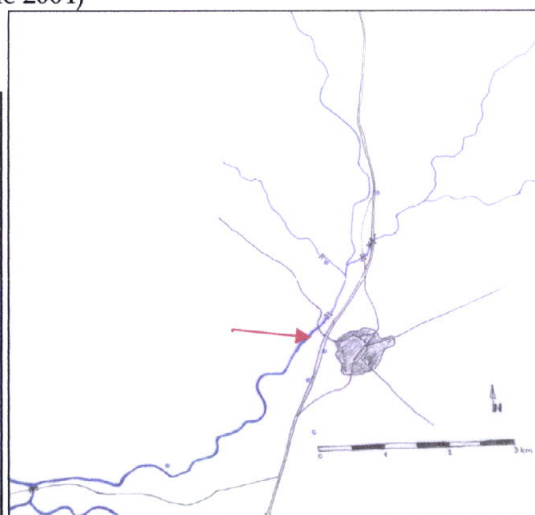


Fig. 32 Localização da passadeira no espaço estudado.

História do elemento e relação dos utilizadores da paisagem com este

A passadeira não foi mencionada por nenhuma das fontes históricas nem pelos entrevistados.

Passadeira sobre o canal para o Lagar Velho

Estado actual

A valeta de percurso do canal, assim como os restos da parede dum seu lado em alvenaria de pedra, estão bem visíveis após a pastagem intensiva de gado bovino...

A pedra utilizada na construção parece ser uma mistura entre o granito local e calcário de proveniência desconhecida. Sua provável ligação é de argamassa de cal.

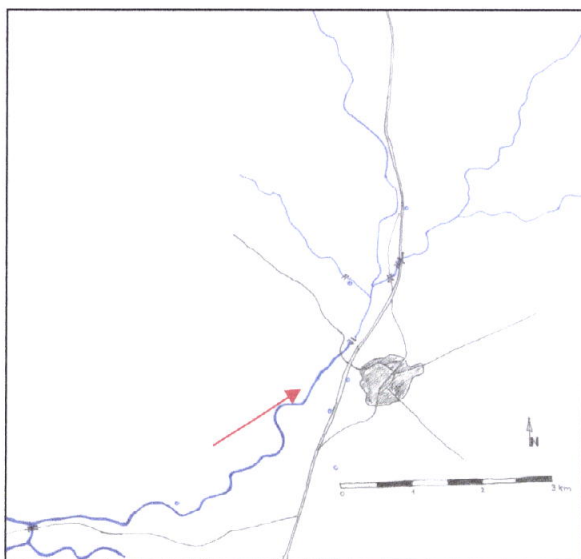


Fig. 33 Localização da passadeira;



Fig. 34 aspecto primaveril dos arredores - à direita a Represa Grande. (Maio 2004)

História

A passadeira assim como a valeta deve datar-se a época de construção de Lagar Velho. Provavelmente por seu tamanho diminuto e função utilitária não se justificou sua menção nas fontes históricas estudadas.



Fig. 35 Aspecto da passadeira no fim de Inverno. (Março 2004)



Fig. 36 Sua aparência no início de Outono. (Setembro 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Nas respostas a passadeira, como um elemento de tamanho reduzido, figura raramente. No entanto, a sua existência ligada sempre ao Lagar Velho, referem as pessoas, que costumam visitar o lugar do lagar ou da represa – para pescar, caçar ou colher túberos. As actividades do passado, que mencionam este lugar como espaço de acontecimento, são especialmente brincar ou lavar roupa.



Fig. 37-39 Imagem do canal em pleno verão; uma azinheira sombreia o arco relativamente alto da passadeira. (Agosto 2004)



Fig. 40 Pleno verão com a ribeira poluída; (Agosto 2004)

Fig. 41 pormenor da passadeira com os líquenes sobre as pedras, o nivelamento natural do terreno preencheu quase o canal. (Agosto 2004)

Ponte sobre afluência da Ribeira de Almuro e a Ribeira Grande

Estado actual

A ponte da estrada para Fronteira, que liga o Monforte através de IP2, encontra-se cerca de dois quilómetros a oeste do Moinho do Inferno e um do limite do concelho de Monforte.

A ponte apresenta o fim da área de estudo definida após a realização de entrevistas. A definição da área de estudo foi alargada em relação à definição inicial por razões de maior afinidade da população com essa parte da ribeira.

Teoreticamente é esta a parte final de estudo, mas sendo ainda incluída parte de Serrinha, como espaço de caça frequente, que se encontra alguns quinhentos metros a jusante.



Fig. 42 Vista para o Norte sobre a junção das ribeiras – em frente a Ribeira Grande, à direita, por baixo da ponte, a Ribeira de Almuro, juntas seguem para a esquerda, Oeste. (Junho 2004)



Fig. 43 Localização da ponte na paisagem estudada.

Fig. 44 A ponte vista na direcção a Monforte e parte final da ribeira de Almuro. (Junho 2004)

História

A ponte da época de construção da estrada para Fronteira, que ainda não figura nas cartas militares de 1976. Sua idade assim não ultrapassa quarenta anos.

Relação dos utilizadores da paisagem com a ponte

Considerada como um lugar favorável para a pesca, e como um dos pontos de partida para a caça; a ponte foi mencionada várias vezes como sítio privilegiado para as actividades de tempos livres.

X.2.4 Fontes

A forte ligação das pessoas às fontes no Alentejo deve-se à escassez da água superficial e à geral necessidade de aproveitamento dos recursos naturais com respeito à sua integridade.

A ligação da população às nascentes como às fontes de vida essenciais (especialmente no verão), reflecte-se também nas quantidades de estrofes populares a estas dedicadas.¹

Existem lendas ligadas às fontes e às suas miraculosas capacidades de saciar a sede dos trabalhadores do campo ou transeuntes cansados. Uma das lendas encontra-se documentada historicamente, e é sobre uma fonte nas proximidades de Monforte em Torre de Palma. As Memórias Paroquiais mencionam na descrição de uma das freguesias do concelho de Monforte, Vaiamonte:

...“Nesta mesma defesa” (Torre de Palma) “p^a o meiodia se acha a Fonte da Fornalha, da qual dis o R. António Gonsalvez de Novaes já citado, que no tempo de inverno se seca de todo; mas em vindo o Verão lança m^{ta} agoa e com mais copia, crescendo os calores, o que não tive ainda curiosidade de observar.

Pouco distante da Torre p^a a parte do poente, ouve huma ermida dedicada a S. Domingos, que alguns annos servio de freg^a pellos de 1560, e tantos, mas hoje se acha totalm^{te} demolida. Junto da mesma defesa p^a alem do ribeiro que sabe da quinta, entra a herd^e do Pombal e terras pardas lavradas de cunhais e sepulturas, cobertas com pedras grandes e há poucos annos se achou em huma os ossos humanos, que se desfuzião, como tãoobem huma almutaria de latão.”...

Apesar de ser muito fácil exagerar as capacidades da fonte em fornecer mais água na altura de maior secura e ainda fornecer a água de diferentes temperaturas deve haver alguma base real... a pergunta persiste – qual a origem de tal capacidade?

No espaço estudado da Ribeira Grande encontram-se 7 fontes, que se descrevem seguidamente. Entre as fontes da Ribeira Grande encontram-se poucas de elaborada construção ou decoração. A maioria das nascentes revela uma estética quase espartana, apenas de simples bica, uma pedra para colocar o balde e pouco mais.



Fig.a Fonte de Frades Fontes: cobertura quadrada em pedra e cimento

Fig.b Fonte d' Aires: corpo de bica em cimento

Fig.c Fonte de Cubo: cobertura em alvenaria seca em pedra

¹ Exemplos de estrofes recolhidas durante as entrevistas encontram-se noutro capítulo de Anexos.

Durante o estudo da documentação histórica e a mais recente, foram descobertas duas fontes, que não se verificaram como vividas ou recordadas na memória local.

Existem ainda duas fontes, que foram mencionadas no decorrer das entrevistas, mas que se encontram fora dos limites da área estudada. A descrição destas encontra-se no fim do capítulo, separadamente das fontes pertencentes ao espaço estudado.

Em alguns casos às fontes constituem-se por um corpo em cimento (fig.2) ou composta uma simples casinha em alvenaria de pedra (fig.1,3). Já as fontes mais próximas da vila usufruíram da melhor decoração.

O único poço nomeado entre as fontes, apesar de estar também denominado como a fonte (de Pensamento) é de simples construção, com aproveitamento máximo de pedras existentes, mas de um encanto natural invulgar aumentado pela sombra do olival e montado nos quais divisão se encontra.

Hoje o estado de quase todas as fontes é de abandono. Sua falta de manutenção reflecte-se na qualidade da água.

Fonte do Godinho

Uma das fontes existentes nos documentos sobre a paisagem da Ribeira Grande, mas extintas da memória local = a componente da teia morta da paisagem.

História

No lado direito da ribeira, acima do lugar de Pego do Marmeleiro, deve encontrar-se na meia-encosta (no vale com caminho e ribeira), mas já sem ligações aos caminhos principais. A sua localização encontra-se marcada no mapa militar da edição de 1970, e apresenta assim a única das fontes localizadas, mas já não utilizadas nem recordadas.

O estado actual

...da fonte é desconhecido.

Apesar das repetidas tentativas não foi possível aceder ao sítio de indicada localização da fonte por existência de cercas e caminhos bloqueados.

É o caso da memória morta da paisagem. A fonte está apenas documentada historicamente (cartas militares), mas a sua presença já não está mencionada pela população. A vida desta fonte desapareceu enquanto os caminhos foram fechados pelas cercas e as linhas principais das estradas ficaram distantes. Assim o único potencial utilizador poderia ser o proprietário do terreno onde a fonte está inserida.

Fonte da Fornalha

Uma das fontes relativamente distantes da Ribeira Grande mas com um impacte cultural na zona estudada.

Ainda outras fontes são apontadas nas memórias paroquiais, apesar de não directamente ligadas ao espaço da Ribeira, o seu significado para a população da vila é inquestionável.

Menciona-se a descrição da fonte tal, como faz parte da descrição dos espaços exteriores da freguesia de Vaiamonte, concretamente na parte relativa a Torre de Palma.

“Freguezia de Santo António de Vaia Amonte”

...“Nesta mesma freg^a esta situada p^a a parte da Villa de Monforte a grande defesa, e quinta a palma, em huma grande planicie com sua grandioza e elevada Torre que se diviza pella sua altura de m^{tas} partes distantes.” ... “D^o de Medonça lhe levantou outro grande pateo, que estava arruinado” ...“dentro de mesmo pateo hum chafariz de pedra branca, com duas bicas que lanção copioza agoa, com a qual se rega, quinta, que suas laranjeiras, limoeiros, e mais arbores de fruto, com huma grandioza vinha mto bem morada. A agoa p^a e d^o Chafaris foi conduzida, de hum g^{de} Tanque = chamado Tanque Velho já arruinado, que fica fora da cerca p^a a banda do norte por canos e arcos, etc.”

... “Nesta mesma defesa” (Torre de Palma) “p^a o meiodia se acha a Fonte da Fornalha, da qual dis o R. António Gonsalves de Novaes já citado, que no tempo de inverno se seca de todo; mas em vindo o Verão lança m^{ta} agoa e com mais copia, crescendo os calores, o que não tive ainda curiosidade de observar.”

Localização da fonte dentro da propriedade de Torre de Palma mantém a fonte distante da zona estudada.

Sobre a fonte da Fornalha e sua capacidade mágica de dar água apenas no verão e ainda mais quanto mais calor há, circula a fama, apesar de não ter sido mencionada durante as entrevistas. ²

Assim trata-se de outra fonte que existe apenas presente na teia morta da memória da paisagem cultural estudada.

² Enquanto a visita a fonte D'Aires, um homem, que se estava ali abastecer de água, contou-nos a história de miraculosidade da fonte de Fornalha sem recordar o nome da fonte.

Fonte de Aramenha

Uma das fontes a sudoeste de Monforte; localizada no cruzamento dos caminhos para a Horta Grande e outras antigas hortas.

O seu nome, tal como dos muitos outros elementos, variou bastante durante o tempo. A presente fonte de Aramenha é conhecida também como a Fonte de Amenha, Armenha³ ou Amanha⁴ nos documentos escritos. A tradição oral conhece todas estas variantes, apesar de Aramenha e Amanha estarem mais frequentes.

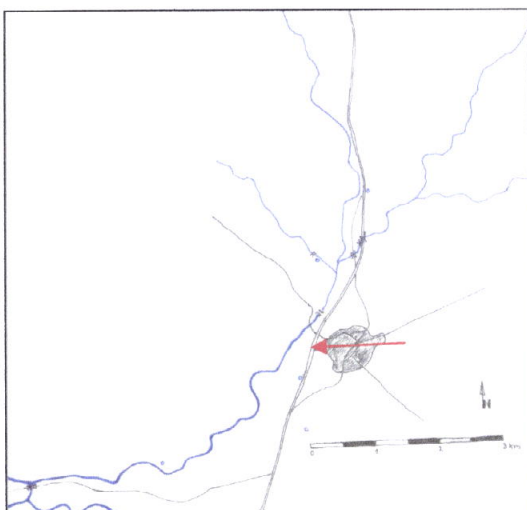


Fig.1 Localização da fonte dentro da paisagem estudada.

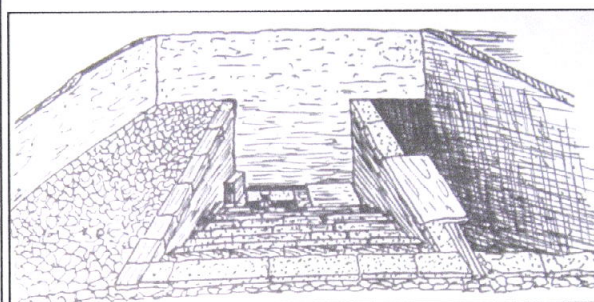


Fig.2 Fonte vista pelo A. Cunha na no seu livro.⁵

Estado actual

Hoje, este caminho de acesso passa por baixo do IP2, a estrada que quebrou também a ligação entre a nascente e o fontanário. Com a fonte hoje acaba o caminho acessível ao público, estando as hortas transformadas em pastagens e suas casas em depósitos agrícolas. Os diferentes proprietários mantêm os portões fechados por causa do gado.

O seu estado actual não permite a sua utilização, estando o tanque seco, cheio de ervas e a água de nascente a correr unicamente pelos canais (a passar por baixo de caminho) para a Horta Grande.

³ Memórias paroquiais (1758)

⁴ Projecto para a obra de caminho para a fonte (1899)

⁵ CUNHA, António Maria (1985), *Monografia geral sobre o concelho de Monforte*, CM Monforte, Lisboa: Veja



Fig.3-5 A nascente no pasto acima do IP2; dois aspectos da fonte – os dois canais e um tanque seco. (Junho 2004)



Fig.6-7 Sombreada por uma tília, localiza-se a esquerda a fonte; ao lado a bifurcação de caminhos para as hortas. O caminho à direita, para a Horta Grande; já com vista sobre a ribeira para o montado das colinas do Monte de São Gens.

História

Nas memórias paroquiais descreve-se esta fonte com pormenor, o que faz pensar que sua obra terá sido concluída pouco tempo antes da escritura das memórias:

...”Alem da fonte da villa de cujas agoas se serve p^a beber, ..., servese tãobem a V^a de outra fonte, chamada da Armenha, que reedificou, e fês de duas bicas com seos chafarizes hu diante, outro detrás p^a bestas, com sua parede elevada de cantaria de pedra de Estremos com sua simalha, e armas da villa dentro de hum escudo, com cujas agoas e outras que nascem naquelle sitio se regão sinco hortas, que dão m^{to} e boa hortaliça, pepinos sebolas, melois, melancias, e ameyxas nozes etc, como tãobem dão as hortas da fonte da villa que todas se regão com agoas da mesma fonte, da mais abundante de agoas, das terras circumvizinhas.”

O caminho, para a fonte muito apreciada pela população pela sua proximidade à vila, foi construído no fim de século 19. Os seus planos ainda se encontram no arquivo histórico da Câmara.



Fig.8 Vista para a fonte; **Fig.9** Capa da obra para a fonte (1899); **Fig.10** Pormenor de caminho nas proximidades do caminho da fonte, com marcação de proprietários dos terrenos.

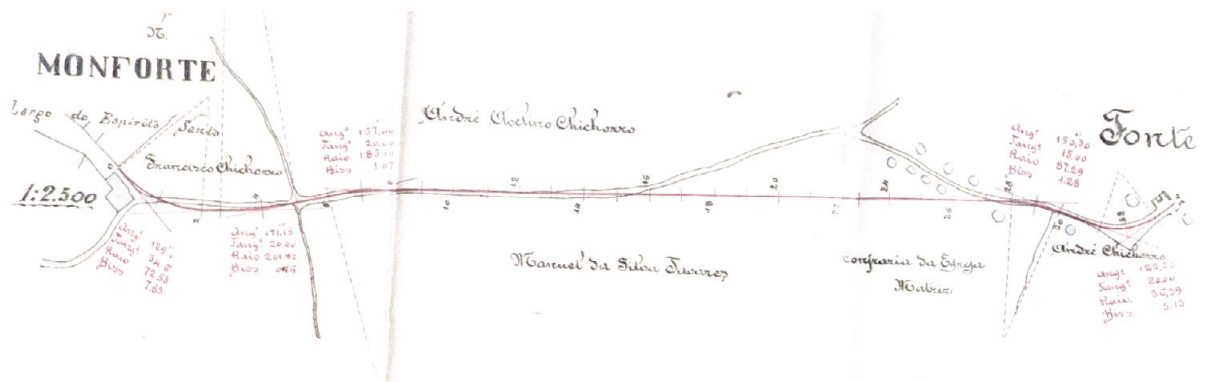


Fig.11 Vista geral do plano de construção do caminho, originalmente à escala 1: 2 500

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Como uma das fontes muito próximas à vila, retêm ainda importante ligação à sua vida mais activa no passado. A memória mantém a fonte ligada à paisagem próxima, pela doação das suas águas.

A este elemento, como a muitas outras fontes, os entrevistados sugeriram a recuperação. Deve consistir em limpeza não só do tanque mas especialmente, reparação dos canos entre a nascente e a fonte e assim a reactivação do seu funcionamento.

Fontana

Estado actual

Neste momento a sua tubagem encontra-se quase totalmente entupida e a água, anteriormente muito apreciada e saborosa, a correr pela valeta. Para a bica de água perto da ponte aonde deveria principalmente ser conduzido todo o caudal da Fontana, não chegam nem algumas gotas; o único resultado é abundância das algas na bica e assim, a não potabilidade da água.

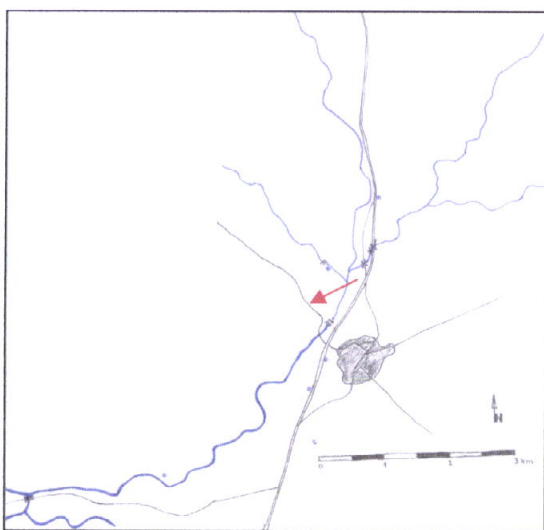


Fig.12 Localização da Fontana na paisagem da Ribeira Grande.



Fig.13 A Fontana foi conduzida para a bica; ao lado a paragem de peregrinação. (Junho 2004)



Fig.14 Aqui, antes de ser "tombada" para a sua base, estava a Fontana, com água de cor e sabor de sabão, muito apreciada... (Junho 2004);

Fig.15 A bica;

Fig.16 Valeta drenante entre a fonte e a sua bica...

História

Quando a meados dos anos oitenta se construiu o itinerário principal N^o2, com o seu infeliz traçado entre o Rossio e a Ponte Romana, desenvolveu-se também a variante da estrada, que até esse momento passava pela ponte romana.

Infelizmente quando da construção desta variante, deu-se a destruição da Fonte chamada à Fontana. O corpo da fonte foi tombado e soterrado, mais tarde envolvido por silvas, enquanto a nascente foi canalizada e levada para as proximidades da ponte.

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Seguinte um dos entrevistados, antigo morador das proximidades da fonte, o seu desenho era barroco (entendido como com as voltas e ondulação da parte de cima) com 14 ou 15 degraus para baixo, ao nível de água. Acima de parede existiam três ameias.

O seu nome, pela versão de uma das senhoras entrevistadas está derivado do Fonte d'Ana.

A Fontana foi considerada de grande beleza entre várias fontes em redor de Monforte, apreciada por maioria dos entrevistados.

Todos os respondentes, que mencionaram a fontana, lamentavam de ter sido desactivada em vão. O facto de sua água não correr pela tubagem indicada, mas pela valeta e desaparecendo no campo, assim como a desnecessidade de sua extinção. Razão para esta foi o traçado estrada, que no final passa ligeiramente ao lado da antiga localização da fonte.

Fonte de Vila

Estado actual

Um fontanário relativamente grande e simples, que se encontra na parte oeste da vila, separado desta pelo IP2. Caiada de branco com três vãos e ligação muito próxima à horta do Doutor Andrade. Assinala-se a existência de um muro que separa a fonte de um tanque, de onde se fazem derivações para as hortas. Os arredores da fonte sofrem de frequente deposição de lixo e de lavagem de carros, apesar de não ser permitido.

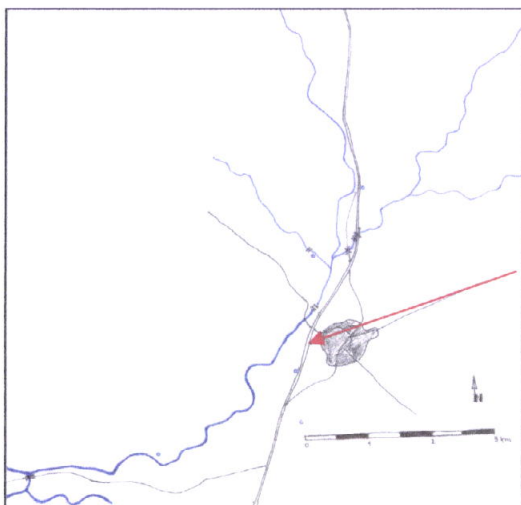


Fig.17 Localização no espaço estudado.

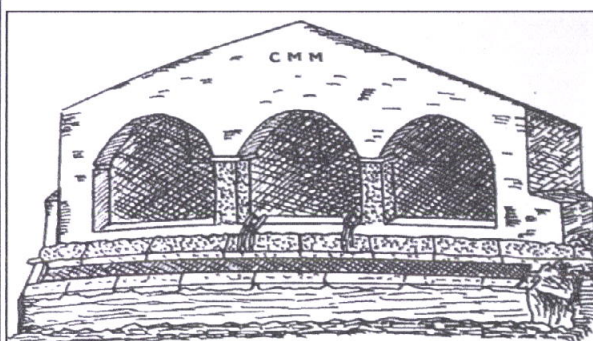


Fig.18 Fonte de Vila desenhada por A. Cunha em 1983; extraído do seu livro.

História

Nas Memórias Paroquiais um elemento importantíssimo da vida da vila, as fontes, encontra-se mencionado nos dois sítios. Apesar de não ser uma pergunta directa dirigida ao facto da existência de fontes, a sua presença era mencionada quando se referia a água da Ribeira Grande.

...“Alem da fonte da villa de cujas agoas se serve p^a beber, e fica em distancia de hum tiro de balla de mosquete p^o poente inclinado a norte, serve-se tãobem a V^a de outra fonte...”

Na outra parte de Memórias, quando se fala de moinhos na Ribeira, menciona-se de novo a Fonte da Vila, e com bastante maior pormenor:

“ Em distancia de hu tiro de posquete por baixo das hortas, que são e ficão arrimadas a ribeyra da parte do meyo dia e se chamão hortas da villa, por regarem de huma perenne e copioza fonte, que nos annos mais estéreis sempre lançou m^{to} agoa de que se serve p^a beber os moradores da villa, obra antiga com hum chafaris de pedra branca p^a beberem as bestas, sendo a fonte de pedra parda e feytio de tanque prolongado, com duas bicas ou canos e huma parede de cantaria para a parte do meyo dia.”



Fig. 19-20 A fonte vista hoje, relativamente limpa e caiada; espaço envolvente – detrás de muro encontra-se a horta de Dr. Andrade (Maio 2004)



Fig.21 A fonte em pleno sol de verão com forte caiação. (foto GTL Monforte 2001)

Fig.22 Entrada para as hortas do Doutor e de Mariana Andrade (Junho 2004);

Fig.23 Água escorre da fonte para as hortas por detrás de muro e abaixo das amoras maduras. (Maio 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

Como o seu nome sugere, trata-se duma fonte mais importante para Monforte, assim as referências à sua história entre os entrevistados são múltiplas, especialmente sobre a sua história no passado meio século.

Dois entrevistados (I-4 e I-5) contaram, que nos anos setenta o Doutor Andrade queria incluir a fonte dentro da cerca da sua horta. Assim a fonte ficaria apenas para o uso dentro da horta, e não para o uso público. O povo levantou-se contra esta vontade apropriar-se do bem público, e cerca passa por detrás da fonte. Os mesmos entrevistados contaram, que o antigo presidente da câmara municipal (Sr. Canoa) deixou tapar a fonte com um telhado demasiado forte e sombrio para a sua construção, diminuindo assim a sua beleza. Outros entrevistados se queixaram, que a etnia cigana toma banho dentro da fonte, e que outros lavam carros e depositam lixo nas proximidades.

Fonte do Pensamento

Estado actual

Localizada a sul da vila, esta fonte conserva ainda muito do seu encanto, pelo qual era, provavelmente chamada a Fonte do Pensamento. Como muitas outras, consta de dois elementos. Mas neste caso não se trata de nascente e fonte, mas de Fonte (com cegonha, escondido na margem de montado, Fig. 24-28) e de Poço no meio da pastagem, designado o Poço do Batista ou Poço do Pensamento (Fig. 28-30).



Fig.24-26 Várias vistas da Fonte do Pensamento com a sua cegonha, 'caldeiro' em latão, silvas que abraçam a fonte, com montado de um lado e olival de outro. (Maio 2004)



Fig.27 Fonte vista de Oeste. (Junho 2004)



Fig.28 Poço de Baptista visto de Oeste. (Junho 2004)

História

O livro de A. Cunha não se lembra do poço do Pensamento mas refere a antiga forca, que estava nas suas proximidades – nenhum dos entrevistados se lembrou deste elemento (pode tratar-se de uma simples substituição de lembranças negativas por positivas?...)

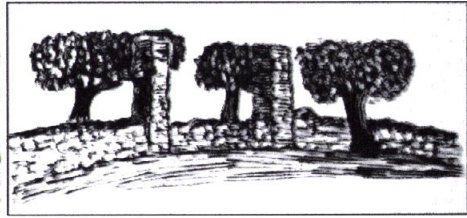
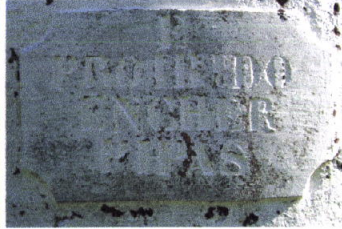


Fig.29 Poço do Baptista (Maio 2004);

Fig.30 pormenor de placa no poço (Maio 2004);

Fig.31 Ruínas da forca ao pé de poço - desenho de livro do A. Cunha (Maio 2004).

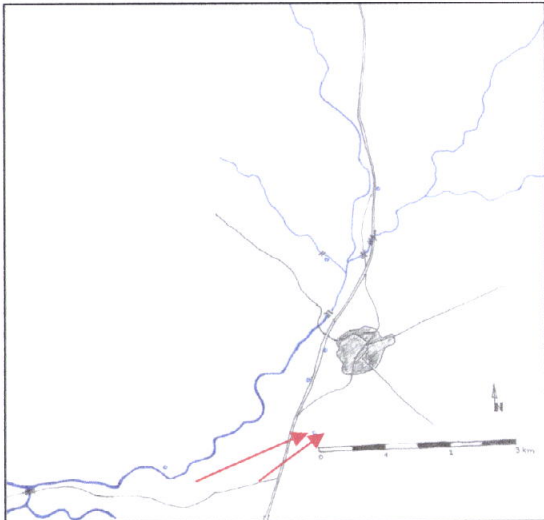


Fig.32 Localização da Fonte e do Poço do Pensamento na paisagem de Ribeira Grande.



Fig.33 Vista para a fonte desde o poço. (Maio 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

A Fonte do Pensamento figura entre os espaços visitados na obtenção da água; foi lembrada a lentidão com que se conseguia encher os caldeiros na cegonha. Hoje o espaço em redor serve de pastagem e como um olival extensivo. Apesar de existir água nas profundezas do poço, o tanque adjacente está seco e não se utiliza nem para o gado, o que provavelmente salvou a sua imagem original.

Fonte dos Frades

Estado actual

Uma das fontes em uso quotidiano, situada para norte da vila; mesmo ao lado do traçado do IP2, o que provavelmente a salvou do esquecimento.

História

Sobre o seu nome não há muitas referências, supõe-se ligado ao próximo Monte das Freiras. A ordem terceira de Franciscanas esteve presente na vila de Monforte até após a sua extinção em 1833, morrendo a última freira na década de 1850. Nos documentos estudados não foram registadas referências a este elemento.

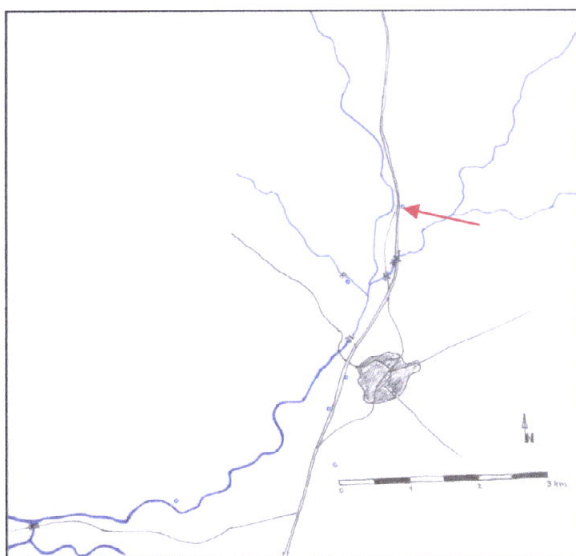


Fig.34 Localização da fonte no espaço estudado.



Fig.35 Fonte com os seus silvados e início da linha de água. (Agosto 2004)



Fig.36 A passagem de linha de água por baixo do IP2, na direcção à Ribeira do Freixo, é marcada por vegetação vivaz.. (Agosto 2004)



Fig.35 Fonte reparada em

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

A fonte não foi referida como muito visitada no passado, e foi pouco referida no presente. A sua mais frequente referência, verificou-se entre as sugestões para o futuro. Quando um entrevistado começou pronunciar-se em favor da recuperação das fontes, começou também a nomeia-las; esta fonte foi uma das mencionadas, mas sem referências ao seu antigo uso ou aparência.

Fonte D' Aires

Fonte – uma bica com nascente caudalosa encontra-se ao sudoeste da vila, uns cinquenta metros acima do leito da Ribeira Grande.

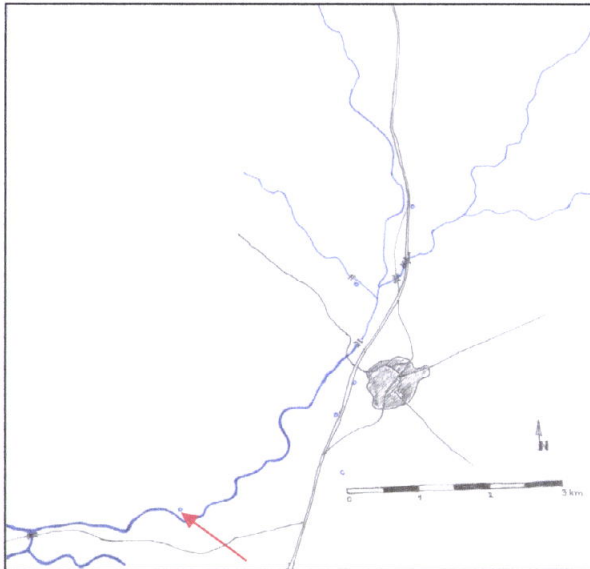


Fig.37 Localização da fonte no troço baixo de ribeira. **Fig.38** Documentação de vivacidade da fonte. (Agosto de 2004)

Estado actual

Apesar de esta fonte já estar algo distanciada da vila, tem bons acessos de automóvel e é visível da estrada para Fronteira. Pela referência dos seus visitantes – apreciadores, costumam vir buscar água a esta fonte pessoas de vilas até bastante distanciadas, como Fronteira ou Estremoz.



Fig.39 A bica e a vista para o poço de nascente. (Agosto 2004)

Fig.40 Vegetação entre o caminho e a linha de água, que corre da fonte em pleno verão. (Agosto 2004)

A nascente brota de terra granítica (a desfazer-se em saibro rosado) no cume suave da colina, entre azinheiras e oliveiras. Daqui era conduzida aproximadamente 20 metros para baixo, em canal tapado e cimentado para a bica. Já livre de intervenções humanas,

a linha de água corre para a ribeira, deixando-se acompanhar por uma serpente verde de vegetação vivaz entre a secura dourada do verão. Do leito da ribeira, sobram nesta altura apenas os poços e pegos; alguns já com ervas vivaz.



Fig.41-43 Leito lamacento de fim de verão; outra parte do mesmo leito com gramíneas; a curvilínea verde desde a fonte até à ribeira. (Agosto 2004)

História

Nos documentos estudados não foram registradas referências a este elemento.

Relação dos utilizadores com a fonte

Das entrevistas realça-se esta fonte como uma das ainda utilizadas, não assim tanto para a mera busca de água como mais um espaço de pic-nic, convívio vário, até após a caça.

Entre os resultados surpreendeu a relativa distância de Monforte, mas após a visita foi facilmente justificada a memória da fonte entre a população. A sua fácil acessibilidade por carro da estrada para Fronteira, atravessando a ribeira sobre blocos de cimento, ajudou a manter a fonte viva. Conferiu para isso também, o seu invulgar caudal de água límpida, bem filtrada pelo granito a desfazer-se em saibro rosa, conferindo à água reacção mais ácida e mole do que apresenta a água do sistema de abastecimento público companhia, curiosamente cheia de calcário.

Fonte do Cubo

Estado actual

Em pequena ribeira de regime sazonal, encontra-se nas proximidades duma ponte bastante deterio-rada e algo pitoresca, uma fonte quadrada e de minúsculo caudal. O próprio corpo da fonte aproveita o desnível do terreno consistindo apenas em minúscula casinha de alvenaria em granito com altura máxima um metro (Fig.47). Na sua posição de dois metros acima de suave curva do leito, na primavera pode passar despercebida entre a vegetação densa (Fig. 45-46).

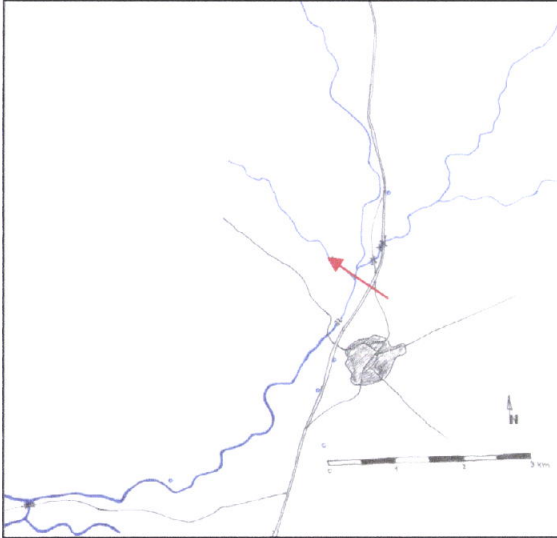


Fig.44 Localização da fonte na paisagem estudada.



Fig.45 A fonte, localizada acima duma ligeira curva da ribeira. (Abril 2004)



Fig.46-47 A densidade de vegetação no início de Maio...
esconde a fonte, ainda com bastante água, apesar de suja.



Fig.48 Caminhando para a fonte contra corrente no Dezembro 2003.

Fig.49 Leito abaixo da fonte em Maio 2004.



Fig.50-51 A Fonte de Cubo e o leito de ribeira em pleno Verão. (Agosto 2004)

Fig.52 ... e em pleno Inverno. (Dezembro 2003)

A pouca água que ainda sai da fonte no fim de verão, mesmo que coberta de *Lemna minor* (Fig.50), é imediatamente atacada por insectos e outros animais, tal como as raízes tenras e alongadas dos freixos, amieiras, silvas e outras plantas. A vegetação em redor é de secura abundante.

História

Não se fala deste elemento em nenhum dos documentos estudados.

Relação dos utilizadores da paisagem com a fonte

Bem conhecida pela história oral, geralmente associada a outros elementos da Ribeira do Cubo. Especialmente ligada à ponte em ruína, que se localiza cinquenta metros a montante da ribeira. A fonte é de fraca nascente, não potável nem no Inverno. Não sendo nunca limpa, torna-se no verão realmente desagradável.

Fonte dos Amores

É componente da memória viva da paisagem, apesar de já não se encontrarem os seus vestígios no terreno. A fonte aproxima-se assim a uma “*memória virtual da paisagem*”. Lembrada, mas na verdade inexistente, é uma das mais enigmáticas componentes da paisagem estudada.

Não foi possível de encontrar a dita fonte no sítio indicado pela população, apesar de repetidas tentativas de procura.

Levanta-se uma possibilidade de reutilização e transformação da nascente para um charco (com *Typha angustifolia*). Este serve para a rega dos campos de couves plantados na encosta abaixo, perto de própria Ribeira Grande.

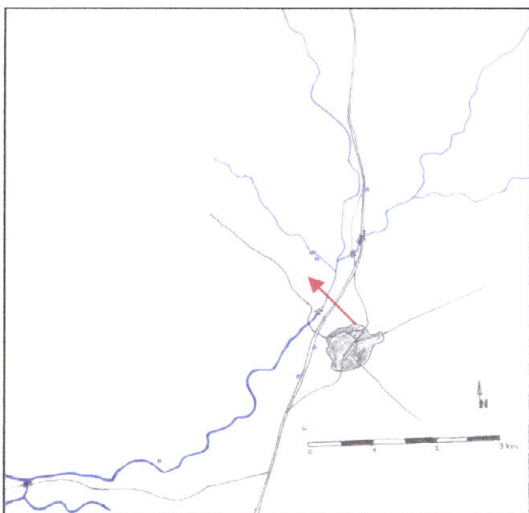


Fig.53 A suposta localização da fonte na paisagem estudada;



Fig.54 vista sobre o charco para o IP2. (Setembro 2004)

Relação dos utilizadores com a fonte

Mencionada como apreciada, supostamente no pequeno pinhal; mas também foi mencionado, que a sua tubagem terá sido destruída a quanto da asfaltação do caminho para Vaimonte. Estes factos poderiam significar, que o silvado existente no lugar indicado é o resto da linha de água, enquanto a nascente se encontra na propriedade de Torre de Figueiras ou de Torre de Palma.



Fig.55-57 Charco no topo de colina; pinheiros a destacarem-se acima de montado; o pinhal e a passagem para olival - espaço seco. (Setembro 2004)

Fonte de Chão

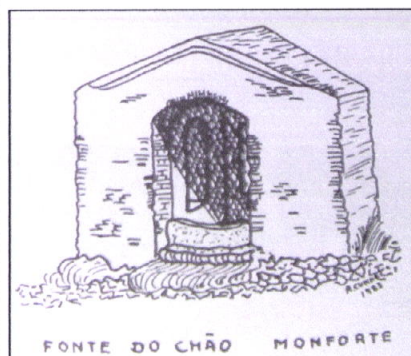
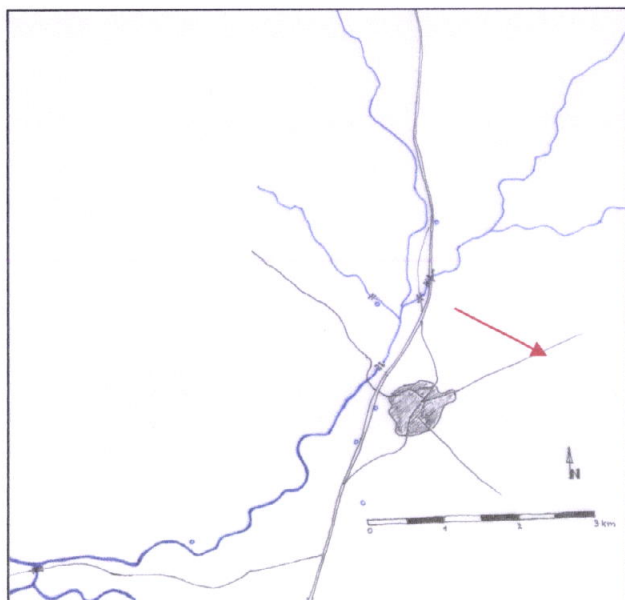


Fig. 58 Localização da fonte fora da paisagem estudada.

Fig. 59 A fonte vista nos anos oitenta pelo A. M. Cunha. Ilustração do livro (Cunha 1985).

Estado actual

A fonte pouco notável no terreno de olivais. Localiza-se a fonte de lado direita da estrada de Monforte para Arronches.

História

Encontra-se uma descrição da construção da fonte na secunda época estudada.

No Livro do Tombo das Arrematações da Câmara da Vila de Monforte (dos anos 1809-1839) encontrou-se menção de adjudicação de obra de construção da parte de fonte a um pedreiro, morador de Monforte em Dezembro de 1816 /Folha 85/:

Auto da Arrematação da obra do poço que deu fazer se no sítio da Fonte Chão.

"...poço para beberem as bestas do povo... de tamanho 8x2 chancadas ... e escadas dentro do poço para se ir buscar água ... aparte de fazer o poço é obrigado de aplanar a lezíria para o gado e povo poder ir ao poço... Esta arrematação se fez por 50.000 reis à Manuel Madeira"

Relação dos utilizadores com a paisagem

Presente fonte foi mencionada raramente como utilizada na actualidade. Apenas um entrevistado mencionou utilizar a fonte enquanto o percurso desde Arronches à Monforte com o gado.

Estado actual

Uma fonte quase no centro da vila, hoje está tapada e não sendo limpa nem utilizada, perdeu sua expressão. Localizada ao lado de Santa Casa de Misericórdia, na encosta inclinada para a ribeira, está composta por dois tanques em cascata. Apesar da fonte estar caiada e limpa, não está utilizada. O depósito maior está tapado com pranchas de madeira, bica e tanque comprido estão secos, apenas com marcas de antigas níveis de água.

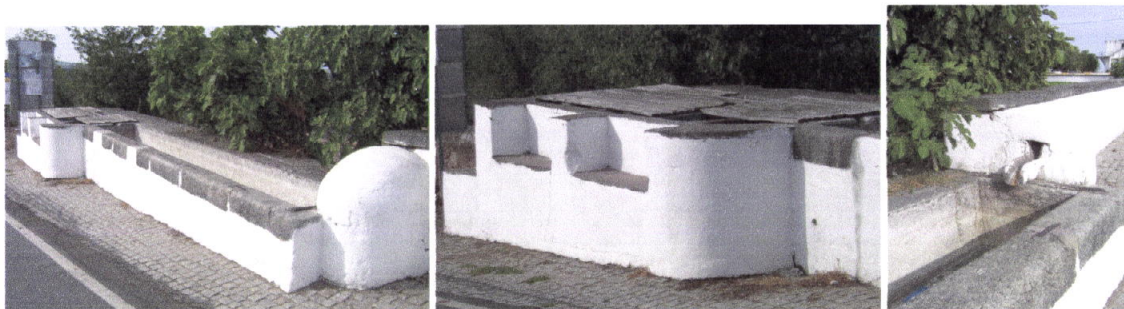


Fig.60-61 Aspecto geral de Chafariz; assentos e tanque tapado; bica e tanque vazio. (Setembro 2004)

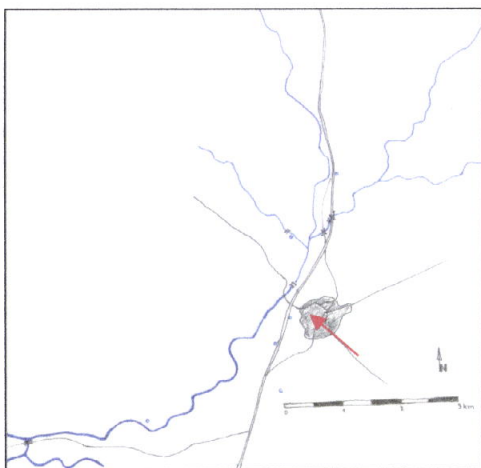


Fig.62 Localização da fonte dentro da vila. **Fig.63** Chafariz visto de baixo. (Setembro 2004)

História

Não se encontram referências a este elemento nas fontes estudadas.

Relação dos utilizadores com o elemento

A fonte foi mencionada várias vezes como uma das mais frequentes para a recolha de água no passado. O seu nome repetiu-se também entre os elementos a recuperar. Trata-se de um dos elementos sugeridos para uso futuro pela população entrevistada, assim como um dos elementos com interesse para o turismo.

X.2..5 Moinhos - um engenho essencial no processo produtivo dos alimentos

O rio, fonte de vida por causa da água, assim como força natural na formação do relevo, foi entendido pelo homem como um bom recurso.

Sendo necessário à tribo humana não só beber, mas também de se alimentar de nutrientes mais substanciais, serviu-se do rio sempre que pudesse capturando peixe, lagostins e outros animais. Mas cedo isso foi insuficiente, e inventou, como se servir do corrente incansável para o seu proveito.

Na idade média com mudanças na sociedade e território, o pão tornou-se um alimento essencial. A sua elaboração de grãos moídos, e assim a maior demanda de farinha apareceu contextualmente. As forças dos animais tornavam-se insuficientes para a quantidade de grão levado às atafonas para ser transformado em farinha e farelos.

Eis a ajuda do célebre cérebro humano. Para aliviar o destino das pobres bestas e seu desejo de pão cozido duma farinha branquinha, tinha que empregar as forças naturais num mecanismo mais eficaz.

Os romanos chegaram a península ibérica com o engenho de rodízio, os árabes adicionaram o sistema de azenhas. Os povos melhoraram e adaptaram as invenções às condições locais, e surgiu ainda o moinho das marés.

Assim aproveitando aos máximos das forças naturais, a população alimentava-se, aumentava e progredia para os nossos dias Mas o início foi muito simples e perdurou nalgumas sociedades até os nossos dias.

História de uso de moinhos

Os primeiros utensílios do homem neolítico para diminuir os duros grãos de cereal bravo numa substância branca de maior facilidade de digestão e cozedura, e que na abundância se encontram nos povoamentos, foram os simples almofarizes.

“...constava primitivamente de uma pedra onde se escavava uma concavidade, dentro da qual se esmagavam os grãos, utilizando para o efeito um pilão do mesmo material ou, mais comumente, de madeira.”¹

Como o sistema de moagem de uma pessoa só continuou-se a usar por milénios o moinho de vai-vem (também chamado de rebolo) ainda largamente usado em muitas comunidades africanas.

“...as mais antigas pedras de moer consistam num bloco fixo inferior, o dormente, chato e côncavo, e numa pedra móvel, convexa, que moía e esmagava os grãos com um movimento oscilatório e semi-rotativo.”²

¹ Arimateia, R., *Tradições da Moagem* (guia de exposição na Festa de São João de Évora) Évora 1995, sem paginação.

² item, ibidem

Outro tipo de moinho, que empregava só uma pessoa, foi o moinho rotativo, trazido a península por soldados romanos. Embora bastante populares e frequentes, sua produtividade, por causa de tamanho, era bastante reduzida.

A especialização dentro dos trabalhos agrícolas, conduziu à maior necessidade de moagem, mas com menos capacidade de tempo ali a empregar.

Como o resultado, criaram-se as casas de moagem especializadas, ligadas as padarias.

Ali também, começou-se com os engenhos de moagem empurrados pelos escravos, mais tarde pelos animais como mulas ou cavalos. Assim chamadas atafonas (etimologia árabe, *at-ta'huuna* deriva do verbo *tábana* que significa moer) mas não tiveram grande rendimento. O desgaste de força viva e dos próprios cilindros de moagem, não permitiam grandes lucros.

Interessante revelação da efectividade de 'atafonas' traz o ditado popular do concelho de Mértola, mencionado por Rui Guita:

“Andar numa atafona ou andar numa fona significa estar em trabalhos de muito fraco rendimento. Dizer de uma moagem, seja de que tipo fôr, que é uma atafona é o mesmo que afirmar que o dito engenho tem rentabilidades muito abaixo daquilo que se espera de um moinho normal.”³

Primeiros moinhos a empregar a força natural foram as azenhas e moinhos de rodízio. Mais tarde veio o sistema de captação de vento nas pás, e assim os moinhos de vento. Ainda um tipo especial para mencionar é o moinho de Maré, como uma versão de moinho de rodízio.

Onde existia suficiente corrente de água, implantavam-se os moinhos ou azenhas. Dado pelo facto de grandes diferenças entre a nível de água de verão e de Inverno nos leitos de ribeiras de Alentejo, foi muito difícil construir um moinho que pudesse trabalhar o ano inteiro. Certa estabilidade poderia dar um açude especial com a levada ao lado, que mantivesse a mesma altura de água até se secar. Mas nos verões mais intensos de calor não deveria chegar a água para encher o tal açude. Especialmente nas ribeiras mais pequenas e curtas, que secam completamente, embora tivesse uma azenha ou moinho implantado no seu leito, deveria esta funcionar em pouco tempo – anualmente assim como historicamente – só na altura de maior necessidade de farinhação.

Rui Guita no seu livro sobre os moinhos no Parque Natural do vale do Guadiana fala sobre a grande mobilidade dos moleiros, como prática comum. O circuito consistia em moer de Outono à Primavera nas ribeiras e depois ou descer para um moinho dentro de rio (na época invernal submerso), ou mudar-se para o moinho de vento.

³ Guita, R., *Tradicionalis Engenhos Hidráulicos*, Mértola 1999, pag.57

Ambos os tipos de moinhos com uso de água para o seu funcionamento tiveram maior implantação em Portugal no século XIII. A idade média assim como o barroco com pouco desenvolvimento no espaço rural, mas notável aumento da população, significaram sua época dourada. O seu declínio começou nos fins do século XIX, quando se começou a generalizar o emprego de moinhos de motor (Arimateia 1995, Guita 1999).

A competição entre a moagem tradicional e de moagem a diesel ou carvão durou no mínimo três quartos de século.

Entre os prós para a moagem tradicional era certeza no produto final – a farinha ser exactamente do trigo trazido. Como outro factor positivo mencionamos a divisão de farelos e farinha (ambos eram depois utilizados na granja – para os homens e para os animais), a localização nos sítios mais remotos – próximos à produção, possibilidade de moer as pequenas quantias - de forma mais especializada (farinha integral etc.), e certa nostalgia de sabor inconfundível de farinha assim obtida.

As moagens industriais foram mais orientadas para a qualidade de farinha para o consumidor, que era muitas vezes outro do que o produtor. Este facto confirmava a sua localização perto de maiores povoações, também já não devolviam o farelo após moagem dos grãos, somente a farinha, embora esta muitas vezes passa-se a ser mais branquinha, barata e rápida.

Menciona-se aqui um aspecto curioso, mas o qual, com maior probabilidade, e por razão de proximidade com a fronteira com Espanha, era aplicável no território estudado:

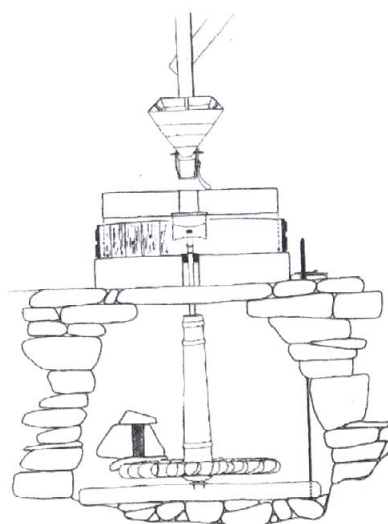
“Durante a 2ª Guerra Mundial o racionamento geral fez reviver moinhos já parados e deu nova vida a alguns que ainda laboravam. A escassez de combustível obrigou as moagens a diesel e a carvão a pararem e os tradicionais engenhos hidráulicos mostraram a sua natural fiabilidade. Por outro lado, o racionamento dos cereais tornou os velhos moinhos escondidos nas ribeiras muito atraentes para escamotear cereal não declarado às instâncias competentes e, inclusive, contrabandear-lo para Espanha ou vendê-lo no mercado negro.”⁴

⁴ Guita, R., *Tradicionalis Engenhos Hidráulicos*, Mértola 1999, pag. 35

Moinhos de rodízio

Assim descreve o sistema de operação de moinho Rui Guita: “A água retida pelo açude é conduzida pela levada até ao moinho, entrando pela *seteira* e incidindo em jacto nas *penas do rodízio*, movimentava a *mó andadeira* através de um eixo vertical. O caudal, depois de chapinar no cabouco do rodízio escorre até ao leito fluvial pelo *enxógadoiro* (= de verbo enxugar, secar; enxógadoiro porque drena o *cabouco* e o deixa a seco, ou seja, enxuga-o), protegido por um muro do mesmo tipo construtivo do açude” Sobre a operação de moer o mesmo autor ainda tem um apontamento: “Claro que cada moleiro podia manipular este caudal e interrompê-lo quando for necessário. Antes de cada entrada de água para a *seteira* era normal a instalação e uma comporta, a *adufa*, e no curso das levadas havia também comportas, denominadas *ladrões*, que permitiam roubar água à levada quando a havia em excesso.”⁵

O aparelho consiste duma ou várias *levadas*, que conduzem água pelo canal estreito “...de maneira a fazer passar a corrente ou um jacto de água pelas pás ou penado do rodízio do moinho.”⁶



O funcionamento em simples rotação horizontal de ambas as rodas – de rodízio e de mó andadeira – significam a dependência da velocidade de moagem na força da corrente a passar pela *seteira*.

“...a característica mais saliente é o eixo vertical e o rodízio horizontal e paralelo às mós. A água, ao bater nas *penas*, fá-las girar e com elas o eixo e a pedra-mó andadeira a que este está ligado. A cada rotação do rodízio corresponde uma rotação da andadeira. A mó fixa é perfurada, a fim de dar passagem ao veio do eixo”⁷

Fig.1 Esquema de moinho de rodízio

Para o funcionamento de rodízios é necessário muito menos água do que para o bom andar de rodas verticais das azenhas. Outra vantagem deste engenho era sua maior simplicidade na construção e assim também na manutenção.

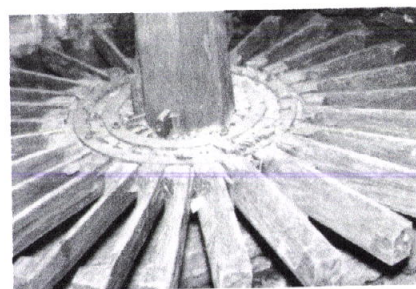


Fig.2 Roda de rodízio, distrito de Évora

⁵ Guita, R., *Tradicionais Engenhos Hidráulicos*, Mértola 1999, pag. 11-12

⁶ idem, *ibidem*

⁷ Arimateia, R., *Tradições da Moagem* (guia da exposição na Festa de São João) Évora 1995, sem paginação

Azenhas

Como já foi mencionado, a maior exigência de água e complexidade construtiva e mecânica, apesar da sua maior efectividade, não resultou no emprego mais corrente deste engenho no território português.

Sobre o nome de novo engenho trazido por árabes, adivinha-se a derivação de árabe *a sanya*, pelo espanhol *la aceña* para o português *a azenha*.

...“Embora à primeira vista todas as azenhas, com as suas imponentes rodas de água verticais, nos pareçam semelhantes, elas poderão ser classificadas em duas principais categorias: azenhas de copos ou cubelos em que a propulsão da roda tem lugar na parte superior, e as azenhas de palhetas ou corrente, em que a propulsão se faz na zona inferior ou média.”⁸

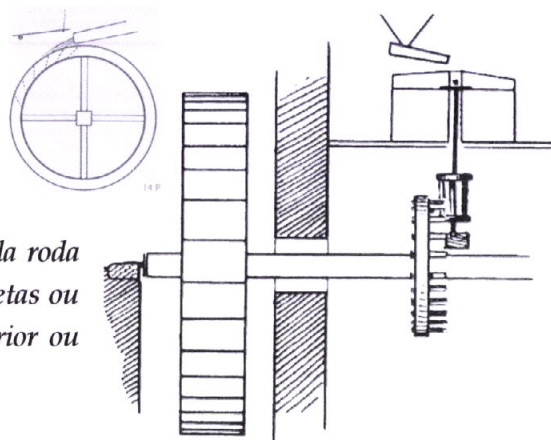


Fig.3 Esquema de transmissão de força dentro da azenha.

Pisões

Trata-se de um engenho que embora não moa, utiliza a força da água. Estes elementos foram utilizados com muito menos frequência e também parou o seu funcionamento em geral muito mais cedo que os moinhos. Estes apisoavam os tecidos em teares manuais, que eram elaborados caseiramente e precisavam de engrossar a textura para ficarem mais firmes e protectoras.

Na antiga Roma os pisões eram já um dos ofícios estabelecidos; apesar de não funcionar mecanicamente, mas com a força humana. A sua invenção adjudica-se ao Hermínio, segundo Plínio o Velho (Oliveira e Galhano 1977).

Em Portugal entram os pisões mecânicos de Europa na avançada idade média, e alargam-se as suas localizações por todas as províncias, pelas ribeiras e rios. Mais frequentes e com mais duração revelaram-se nas províncias de Trás-os-Montes e Alentejo; também por proximidade de produção do material essencial – a lã.

O processo constava em lavagem exaustiva e molhagem prolongada; depois em bater fortemente com os maços de madeira o pano molhado para se apertar a trama de teagem até uma teia feltrosa, homogénea e forte. O acabamento consistia normalmente em cardar a peça, para a tornar mais aprazível. Para os pisões mandava-se apisoar as

⁸ Arimateia, R., Tradições da Moagem (guia da exposição na Festa de São João) Évora 1995, sem paginação

peças novas assim como as já utilizadas, para renovar a sua consistência. Podemos nomeiar as peças como: mantas, cobertores, roupa ou diversos sacos, talegos ou alforges.

“As peças de lã tecidas no tear eram levadas ao pisão para serem mergulhadas nas cubas de apisoamento. Os martelos movidos pela roda (vertical) batiam as peças de tecido dobradas que assim se afeltravam, adquirindo impermeabilidade e resistência. Uma das matérias usadas neste processo era urina, principalmente humana porque era mais fácil de obter...”⁹

Alguns dos pisões por terem a roda vertical foram mais tarde transformados em azenhas, substituindo a roda com martelos pelo complexo de moagem. Mas geralmente não sobreviveram muito tempo a sua conversão (Oliveira e Galhano 1977).

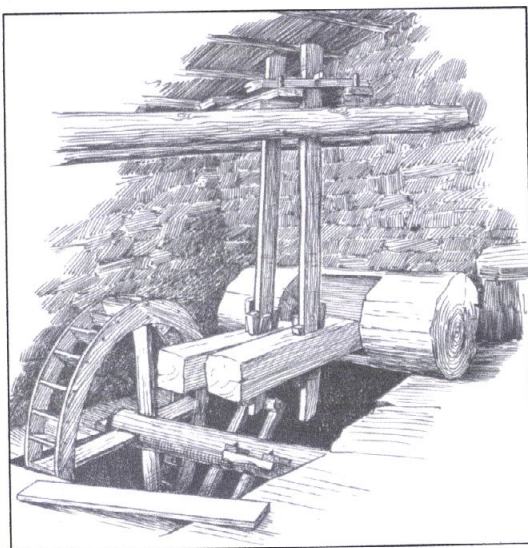


Fig.4 Esquema de maços em madeira e roda vertical ao lado; no pisão de São Julião perto de Bragança.¹⁰



Fig.5 Pisão de Montalegre, Tabuadela em funcionamento: “a ajeitar o pano na masseira”.

⁹ Guita, R., *Tradicionais Engenhos Hidráulicos*, Mértola 1999, pag. 29

¹⁰ Ambas as imagens reproduzidas do livro: *Pisões portugueses*, de E. Viega de Oliveira e F. Galhano, 1977.

Os tipos de moinhos presentes na Ribeira Grande

Entre os moinhos na Ribeira Grande supõe-se que existiam predominantemente os moinhos de rodízio embora muitos designados pelo conhecimento popular como azenhas. Assim entre os quatro elementos aquáticos identificados com rigor, encontram-se três moinhos de rodízio com visíveis vestígios deste engenho, e provavelmente apenas uma azenha, paradoxalmente num dos primeiros afluentes da Ribeira Grande, e assim menos abundante em água.

Existem ainda seis sítios designados como ruínas de moinhos, mas sem possibilidade de confirmação.

Todos os engenhos observados encontram-se em avançado estado de ruína. O melhor preservado é, sem hesitação, o Moinho do Inferno (em parte da Ribeira Grande com mais água), e que figura mencionado como funcional ainda nas cartas militares (edição de 1967 e 1975).

Como uma interessante comparação mencione-se, de que no mesmo mapa, estão indicados vários moinhos ou azenhas na Ribeira Grande nas proximidades de Fronteira, Vila 20 km a jusante de Monforte. Facto, que apontar para uma mais rápida desactivação dos moinhos em redor de Monforte por causa da falta de água.

Ao longo do curso da Ribeira Grande, não existia o perigo que o moinho ficasse submerso, o factor mais limitante era a escassez de água no verão. Será provável, que alguns moleiros utilizassem moinhos na época de Outono - Inverno - Primavera e depois se mudassem para algum lugar mais abaixo da corrente ou mesmo para um moinho de vento, embora destes não haja vestígios nem documentos nos arredores.

Em conjunto com as observações no terreno e reconhecimento da paisagem da Ribeira Grande, procuraram-se fontes documentarias que documentassem a existência das construções ao longo da ribeira encontrados.

A documentação mais complexa sobre os moinhos - na altura activos ou já transformados em ruína, encontram-se nas Memórias Paroquiais de 1758.

Com a base nestes apontamentos enveredou-se pela procura dos vestígios de moinhos mencionados como em ruína, mas com muito pouco sucesso. O único, que se conservou muito bem no seu aspecto de ruína, parece ter sido o moinho da ribeira do Cubo. Outros já foram absorvidos pela vegetação, desaparecendo 'no fosso do tempo'.

Os moinhos activos até há algumas décadas, são geralmente reconhecidos pela população, incluídos na documentação local e facilmente identificáveis no território.

Quanto aos moinhos desactivados mais cedo, a memória do espaço nem sempre dá as indicações certas ou concretas, se porventura algumas...

Descrevem-se os moinhos no sentido do curso do rio, compondo o fio dos moinhos achados e os já desaparecidos (na sequência, como uma vez funcionavam...).

Moinhos referidos, mas não confirmados – primeira ruína

A primeira referência ao moinho no decorrer da Ribeira, que existe nas memórias paroquiais, refere uma ruína. Não se menciona o nome do antigo moinho, o que leva a crer, que já na altura da escritura se encontrava abandonado há bastante tempo e em avançado estado de deterioração.

“A ribeyra do Alemo, antes de entrar na de Assumar tinha hum moyinho, de que se achão vestígios, depois de se ajuntar tinha outro chamado de Gil Bello, de que tão bem só há vestígios.”...

Apesar de percorrer a parte próxima da junção das ribeiras, não foi possível encontrar ‘in situ’ o lugar descrito no texto.

Na memória da população local não existem nenhuns vestígios sobre a existência deste moinho.



Fig.6-7 Espaço nas proximidades de junção das duas ribeiras – afluência e paisagem em redor.

Ruína do suposto moinho de Gil Belo

O segundo moinho mencionado, também apagado da memória local, descreve-se nas Memórias Paroquiais da seguinte forma:

“A ribeyra do Alemo,..., depois de se ajuntar (com a de Assumar) tinha outro chamado de Gil Bello, de que tão bem só há vestígios.” ...

O provável sítio do moinho Gil Bello foi fotografado, encontrando-se aí as partes de um canal e bases de alvenaria em pedra totalmente coberta por silvas.

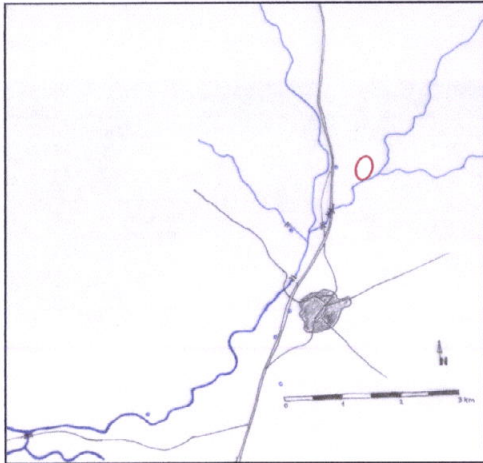


Fig.8 Suposta localização de ruínas de moinho e o sítio, com vestígios de dum canal.



Fig.9 Aspecto do local indicado ao lado – em segundo plano o caminho para as pedreiras. (Maio 2004)



Fig.10-11 O suposto canal; e restos dos seus muros. (Maio 2004)

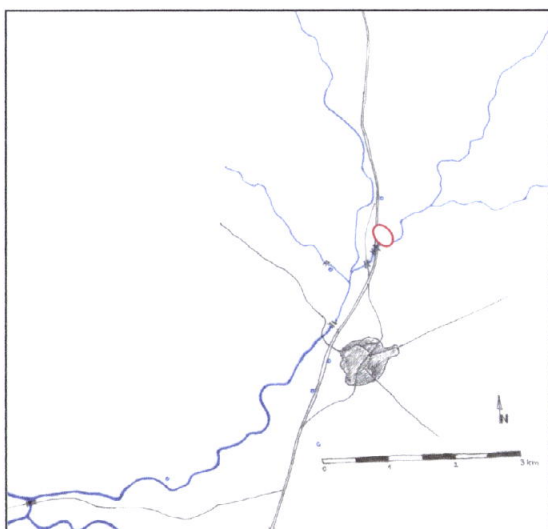


Fig.12-13 Nos silvados maiores encontram-se restos de construção; o canal acaba por aí. Seria o moinho descrito nas memórias?

A memória colectiva da população sobre a paisagem não conhece a existência deste moinho, e vestígios encontrados no sítio descrito, não são comprovativos.



Fig.14 Vista para sul sobre moinho e seu tanque de retenção de água (à esquerda) para a galeria ripícola com choupos.



Localizado na margem direita da Ribeira Grande, pouco antes da junção com a Ribeira do Freixo. O acesso mais rápido dá-se para Norte pela IP2, da qual o moinho é bem visível.

O monte, hoje também abandonado, mas que obteve o nome através do moinho, encontra-se no topo da colina, mais longe da ribeira.

Fig.16 Localização do moinho dentro da paisagem da Ribeira Grande.

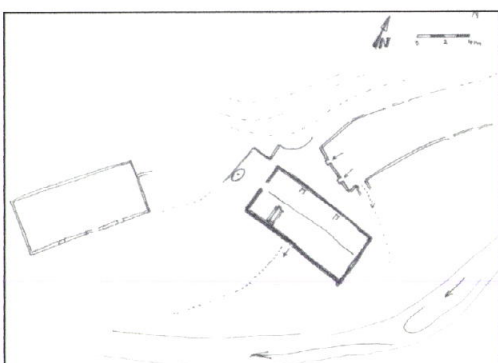


Fig.17 Esquema de localização e suposto funcionamento.

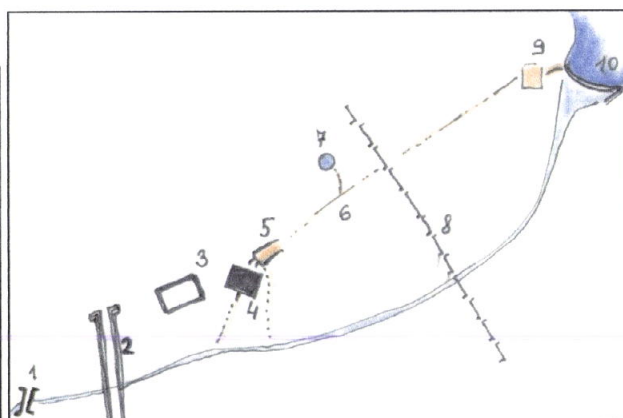


Fig.18 Esquema pormenorizado de moinho com aberturas de seteiras no tanque e canais de evacuação de águas tanto do tanque como do próprio moinho; mó pousada em frente da casa.

- | | |
|------------------------|---------------------------------------|
| 1 - Ponte Velha | 6 - Canal (a cortar a curva de leito) |
| 2 - Ponte de IP2 | 7 - Nascente |
| 3- Casa de apoio | 8 - Gasoduto |
| 4 - Moinho | 9 - Primeiro tanque |
| 5 - Tanque de retenção | 10 - Açude em arco |

A construção do moinho encontra-se bastante alterada, por servir, provavelmente de habitação algum tempo. O telhado em betão e tapamento de entradas de água, assim como o facto de baixar para um único piso, apagaram os traços de moinho na construção, mas os canais, tanque e as modelações de terreno testemunham o antigo uso.



Fig.19-20 Interior da casa, adaptada da construção do moinho; as janelas cegas provavelmente nos sítios de entrada de água para os rodízios, as seteiras na saída do tanque para o moinho, visíveis na segunda imagem.

Os dois edifícios, o moinho e a casa de apoio, foram, até há pouco tempo, tratados e caiados. A implantação do conjunto é algo embebida no terreno, muito perto do leito, que aqui corre muito ondulado e cheio de vegetação.

Ainda hoje em frente do moinho vê-se a pedra de mó. De nascente, outro lado da casa, e lado oposto à ribeira nota-se tanque de retenção de água, como o fim dum canal muito comprido com pouca inclinação, já maioritariamente soterrado. As pedras nas portas do tanque ainda mostram as calhas para encaixe das comportas, que regulavam a corrente da levada, antes de entrar no engenho do moinho.



Fig.21-22 A mó repousada no muro em frente da casa; vista de nascente - desnível do canal, tanque, moinho e ao longe ponte do IP2.

História

Nas memórias paroquiais lê-se a descrição do curso da Ribeira Grande após junção com a Ribeira de Freixo, indicando localização do moinho imediatamente acima de Ponte Velha:

“A mesma ribeyra já com nome ribeyra de Barrozo, cujos nomes tem em distancia pouco mais de meya legoa de curso, tem outro moynho chamado o de Barrozo, que esta preparado, e fica logo por sima da ponte da mesma ribeyra.”



Fig.23 O tanque – por baixo de figueira existem as comportas para a levada do moinho, sua construção à direita da imagem.



Fig.24 Vegetação no leito ao lado de moinho no verão: *Ranunculus fluviatilis* e *Cardamine amara* em flor. (Junho 2004)



Fig.25-27 Calhas de comportas no tanque; aspecto primaveril de ranúnculo em flor; telhado de moinho reforçado em betão.



Fig.28 Moinho visto desde o leito seco. (Agosto 2004)



Fig.29 Da ribeira sobra apenas um grande pego acima do moinho, sombreado por salgueiros e choupos. (Agosto 2004)

Aproximadamente o 1,5 km a montante encontra-se um açude em forma de arco. A saída deste, nota-se um tanque com início de canal.



Fig.30-31 Dois olhares sobre o açude na primavera; na segunda imagem nota-se o resto de parede por baixo de muro em arco. (Maio 2004)

O canal, “levada”, era bastante comprido e cortava um meandro da ribeira, para se aproximar dela de novo no espaço do moinho, ao qual provavelmente fornecia água. Embora o canal esteja numa parte bastante danificado pela construção do gasoduto, a sua continuação é evidente no terreno (em restos de alvenaria ou desnível de terreno) em quase todo o seu comprimento.

No canal entrava em dois terços do seu comprimento a linha de água de nascente (hoje assinalado com poço) no meio da encosta, alguns 20 m acima do suposto trajecto do canal, aqui afectado pela intervenção do gasoduto.



Fig.32-34 A trajectória do canal no verão; na primavera, perto do poço...; e na parte lavrada pela colocação de estacas amarelas do gasoduto.



Fig.35-36 Contraste entre a forma de leito natural e com a ‘reparação’ após a passagem de gasoduto. (Maio 2004)

A relação dos utilizadores da paisagem com o moinho

Entre os locais mencionados pelos entrevistados este lugar encontra-se raramente. Em conjunto com o açude ao montante, é mencionado como actualmente hoje visitado, por pescadores.

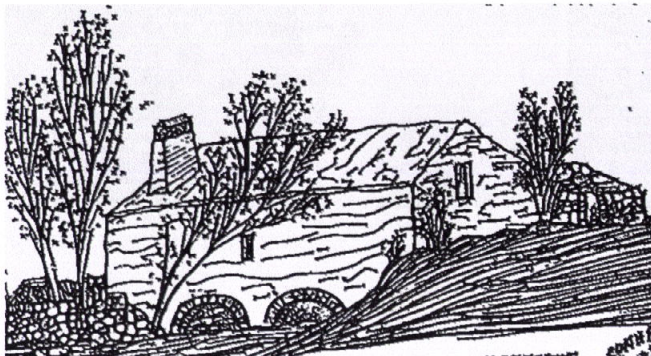


Fig.37-38

No livro, já previamente mencionado, sobre o concelho de Monforte existe a imagem dum moinho, identificado só como um moinho à nascente da Ribeira Grande. O moinho, sendo retratado também com o seu açude, o tal açude em arco aproximadamente 1,5 km a montante da Ribeira.



História

A continuação de descrição nas Memórias paroquiais revela outro moinho em ruína e sem nome, mas já com a descrição concreta do local:

...*“Esta mesma ribeyra antes de se juntar com a de Freyxo e ter o nome de rib^a da villa hu assude p^a outro moyinho de que so há vestígios.”*



Fig.39-40 Aspecto do leito e dos seus arredores no sítio descrito nas memórias paroquiais. (Maio 2004)

Estado actual

Deste quarto moinho mencionado, (a segunda ruína sem nome indicado), não se conseguiram encontrar nenhuns vestígios.

Este desaparecimento deve-se a ruínas já bastante danificadas pelo tempo e pelas frequentes enchentes (assim chamadas invernadas) e aos vestígios provavelmente pouco visíveis, também por causa da densidade de vegetação.

Na memória local não existem referências a este elemento, e no sítio descrito não se encontram quaisquer vestígios comprovativos.

Moinhos referidos, mas não confirmados – terceira ruína

História

As Memórias paroquiais, continuando a descrever o percurso da ribeira, mencionam o moinho a jusante da ponte romana: *“A ribeyra da villa tinha logo por sima da ponte outro assude p^a hum moyngo, que ficava abaixo da ponte, mas no dia hoje só se vêem as ruynas.”*

O Espaço teve durante tempos vários usos, sendo documentadas no local hortas, espaço de lavagem de roupa, olival, zona de secagem de tijolos, e mais recentemente o parque para a praia fluvial. As ruínas do moinho por baixo da ponte romana foram, provavelmente (e no entendimento de historiador local assim como dos antigos proprietários do forno de tijolo), utilizados para a base de construção do forno de tijolo, que funcionou até aos anos sessenta.

Estado actual



Fig.41 A imagem de supostas ruínas de primeiro moinho e mais tarde forno de tijolos. A última parede visível alberga um freixo, e leito está cheio de vegetação. (Maio 2004)

Fig.42 Vista para a passadeira – paredão de praia fluvial, leito com vegetação. (Junho 2004)

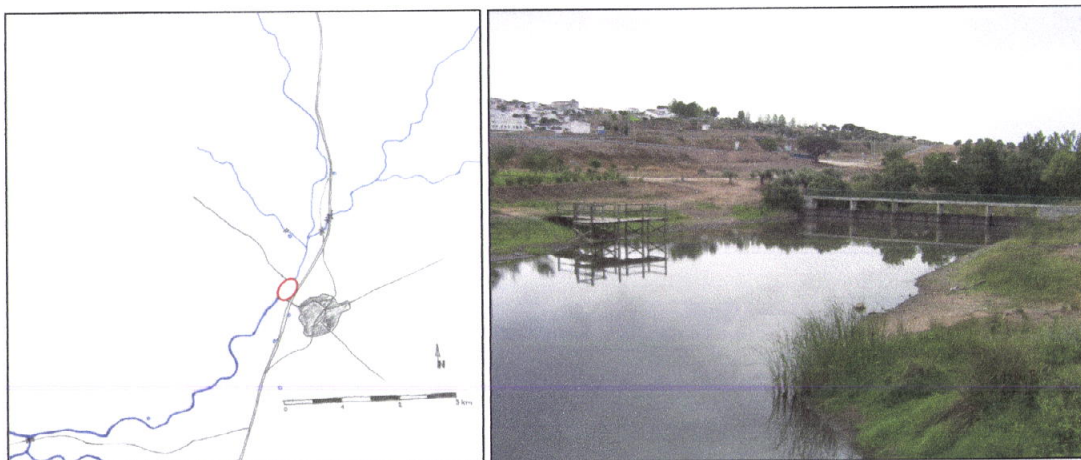


Fig.43 Localização da suposta ruína;

Fig.44 praia fluvial em Agosto 2004, vista para jusante e para Monforte.

A memória da paisagem mantida pela sua população, não reconhece a existência dos vestígios do moinho, sendo substituída pela posterior construção do forno de tijolos. Ao espaço, ligam-se outros usos – mais antigamente a lavagem de roupa e o trabalho na horta, mais recentemente brincadeiras na praia fluvial e pesca na ponte romana.

Moinhos referidos, mas não confirmados – quarta ruína

No espaço da Horta Grande, próximo ao leito da ribeira, encontra-se ruína duma torre. Outro lado de Ribeira Grande ocupa ruína de Lagar Velho, sendo estes ligados pelo pequeno açude em betão (fig.46).

História

A descrição das memórias paroquiais não determina pormenores da localização do elemento: *“Esta hum assude, p^a hum moynho, e hum lagar de azeite, que se achão preparados.”* ... Será que restos deste moinho foram transformados em torre de vigia ou rega do outro lado do lagar velho, por baixo da Horta Grande? O açude descrito foi substituído pelo novo (Represa grande). Durante obra foram provavelmente destruídos inícios de levadas tanto para para ambos os engenhos de água. Restos de vestígios foram provavelmente apagados durante uso intensivo da Horta Grande.

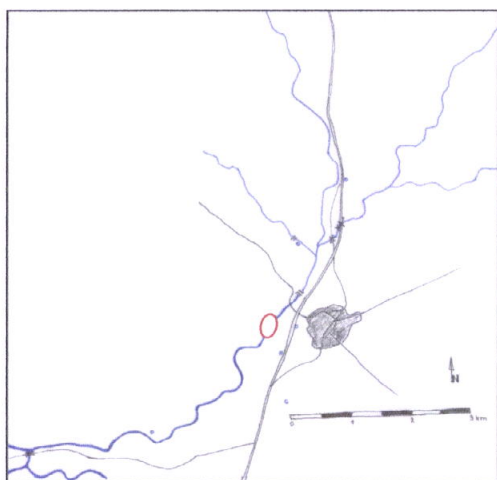


Fig.45 Suposta localização da ruína;



Fig.46 um açude novo sobre a ribeira ao nível do lagar velho. (Agosto 2004)



Fig.47-49 A torre, que provavelmente servia para a rega da ribeira; a pastagem das vacas no que era no seu tempo a Horta Grande, desprova de vegetação o espaço. (Setembro 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

A memória da paisagem, como mantida pela sua população, não liga a existência da torre a possíveis vestígios de antigo moinho. A construção, bastante alterada da sua forma original, está para algumas pessoas ligada às hortas, mas para a maioria da população a existência da 'torre' já perdeu qualquer sentido.

Moinho das Lajes

Também chamado o Moinho do Tunhecas, o moinho encontra-se a cerca de 400m a sudoeste do Monte das Lajes.



Fig.50 Aspecto do moinho de nascente – entre muitas saídas rochosas que não permitem o grande desenvolvimento da vegetação, ergue-se o corpo do moinho com topos de muros inclinados na direcção à ribeira. (Maio 2004)

Estado actual

Trata-se dum moinho de rodízio com três mós e uma pequena casa de apoio. A construção de moinho em três partes – o tubus de um rodízio, cuja parte superior de moagem está ligada a segmento central com duas mós; e ainda parte construída acima de levadas, sem acesso a espaço central de moinho.

O acesso é possível ao lado da Fonte das Lajes por carro, seguindo a cerca com montado até à pequena represa. Desde aqui é preferível dirigir-se a pé uns quatrocentos metros pelas pastagens pertencentes ao Monte das Lajes para sul, ao longo do leito da Ribeira Grande.

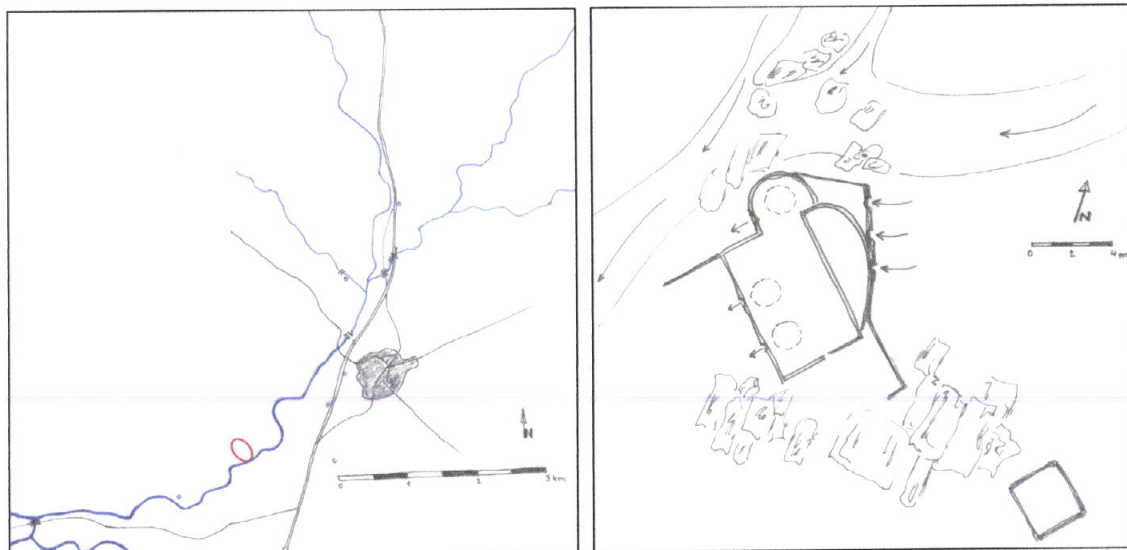


Fig.51 Localização do moinho na paisagem da Ribeira Grande.

Fig.52 Esquema de construção de moinho com indicações sobre o funcionamento (localização das levadas, mós e canais de evacuação de água – enchogadouros).

Imagem histórica do moinho como se descreve nas memórias paroquiais:

“...; *mas fora dos juntos*” (ruína de moinho abaixo de lagar velho) “ *em distancia de uma peça de canhão, há outro assude com seo moyinho das lagens, com sua Alameda, o qual está preparado, e tãobem tem seo género de caxoeyra, em rezão da altura do penedo em que o assude se acha formado...*”

Pela expressão de “*ser preparado*” entendemos, que o moinho estava funcionar. É difícil adivinhar quando é que acabou o seu funcionamento. O seu estado de preservação é bastante melhor do que da azenha da Ribeira de Cubo, mas não se pode comparar com o estado do Moinho do Inferno. Assim chegamos à diferença de cerca de 209 anos, mais de dois séculos entre anos 1758 e 1967 (as documentações oficiais do seu estado).

Vista de oeste, contra a corrente – comparação dos aspectos temporais do moinho



Fig.53 O cume da Primavera com luxuriante vegetação. (Maio 2004)



Fig.54 Pleno verão; a escassez da água é ainda mais marcante em contraste com cacho verde de *Scirpus* numa das poças, nas quais se transformou o leito. (Agosto 2004)



Fig.55-57 Aspecto do interior do moinho, com ditas marcações de contagem de sacos de trigo no reboco. Hoje, espaço mais fértil das redondezas, ocupado pelas urtigas. No verão, a pouca água permanece nas poças, ou em pequena corrente. (Junho 2004)

Os espaços de rotação de rodízios vistos debaixo (parte poente do moinho), de *enchogadouro* – todas as rodas giravam no sentido de relógio.



Fig.58 Primeiro rodízio (com tubus separado), perfeitamente notável a saída de seteira.

Fig.59 Segundo rodízio, o do meio. **Fig.60** Terceiro rodízio, o mais soterrado. (Setembro 2004)



Fig.61 Espaço da terceira mó visto de cima, do interior do moinho.



Fig.62-63 Eixo e interior do primeiro rodízio – vista de baixo. (Setembro 2004)

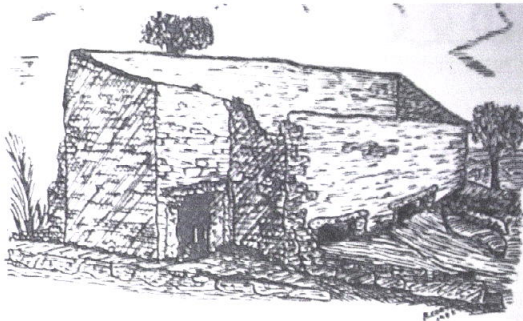


Fig.64

Moinho das Lajes – de Tunhecas; como visto nos anos oitenta pelo autor de livro sobre Monforte e suas freguesias: António Maria Cunha. Perfeitamente visíveis são as três saídas de água dos rodízios e inclinação de muro para o telhado de uma água só.

Relação dos utilizadores da paisagem com o moinho

O espaço em redor do moinho assim como ao lado de barragem, encontra-se entre os espaços privilegiados para os pic-nics. Apesar de ser mencionado bastantes vezes nas actividades do passado, já não figura entre os lugares preferidos para as intervenções futuras.



Fig.65-66 Pequena represa

500 m acima de moinho revela no fim de primavera mais do que caudal, uma vasta gama de plantas hidrófilas. No fim de verão o espaço grita de secura; abundantes são as pegadas de gado a desfazer-se em pó e nas margens a escassa vegetação dourada com forte odor a palha. (Agosto 2004)

Ruína do suposto Moinho de Calaverna



Fig.67 Vista para sul, contra a encosta sobre as ruínas do suposto Moinho de Calaverna em plena primavera – Maio 2004.

Estado actual

Aproximadamente 1,5 km a jusante do Moinho das Lajes, encontram-se ruínas de uma construção que poderia ser, nas memórias paroquiais mencionada ruína da azenha, Moinho da Calaverna. Considerando o facto que nos meados de século 18 já se tratar duma ruína, o estado de preservação dos vestígios encontrados responderia às expectativas. Fortemente tapados pelas silvas encontram-se duas paredes, formando uma base rectangular elevada sobre uma curva côncava do leito.

História

A referência ao moinho, como descrita nas memórias paroquiais:

“...o moynho das lagens, ..., o qual está preparado,...; mais abaixo, a mesma distancia se achão as ruynas de outro assude e outro moynho, que se chamava o da Calaverna¹¹ e dahy a distancia de meya legoa p^a o poente está o moynho chamado do Fidalgo...”

A hipótese de se tratar de azenha descrita por Padres respondentes ao inquérito real, poderá ser confirmada só quando encontrar alguma parte do engenho para moer, o que seria possível só após uma desmatação e limpeza do local.

Sendo este elemento bastante deteriorado e, dado não se encontrar outras ligações fora das memórias paroquiais sobre a sua existência, não se considera a sua recuperação como prioridade.

¹¹ (?Calaveria, Calavema?) a leitura de Memórias Paroquiais é neste ponto bastante difícil de decifrar...



Fig.68 As ruínas de paredes de provável casa de moleiro. (Abril 2004)

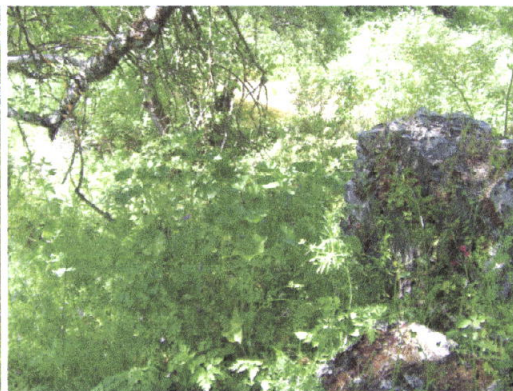


Fig.69 O baseamento quadrangular encontra-se no soalco acima da curva de ribeira.

A casa era provavelmente adocada ao próprio moinho do qual, dentro de densa cobertura de silvas se pode detectar só parte duma parede. Pela localização num meandro de ribeira, supõe-se, que se tratava de moinho de rodízio, que aproveitava a aceleração da corrente entre as margens altas.

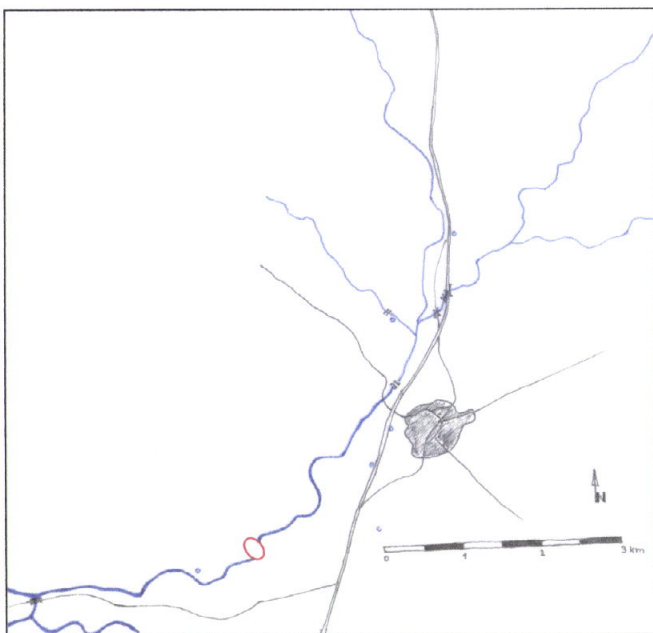


Fig.70 Localização do moinho na paisagem estudada.

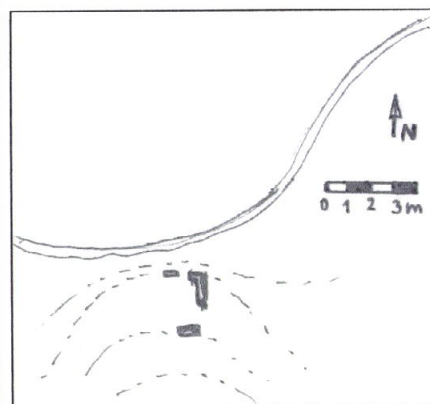


Fig.71 Esquema de localização de ruínas no local do suposto moinho de calaverna em relação ao leito de ribeira.

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

A existência desta azenha foi já há muito tempo apagada da memória viva da paisagem na sociedade monfortense, também por ser bastante distante e de difícil acessibilidade.

Moinho do Inferno

A melhor preservada ruína de moinho do troço da ribeira estudado, encontra-se na parte mais baixa da paisagem estudada.



Fig.72 Moinho inserido na paisagem do início de Outono. (Setembro 2004)

Estado actual

Designado como Moinho do Inferno, mas também conhecido sob o nome de Moinho de Fidalgo, encontra-se na acentuada encosta numa estreita faixa de terreno entre o leito da ribeira e a estrada para Fronteira (aproximadamente 2km do cruzamento do IP2). O vale do outro lado do leito é bastante mais suave, com olivais e um montado muito aberto. A pequena barragem acima do moinho retém água, esta ao cair cria caldeirões muitas vezes coloridos pelo ferro.

O moinho era construído de dois andares em tijolo acima de base de rocha granítica. O conjunto funcional completam: açude em ligeiro arco, duas levadas com entradas para seteiras quadrangulares e saídas em arco para o enchogadouro que leva em curva água de volta para o leito. Dentro da casa está indicada a entrada e chaminé. No andar, já sem teto nem chão, tinha janelas em ambos os lados mais curtos da casa.

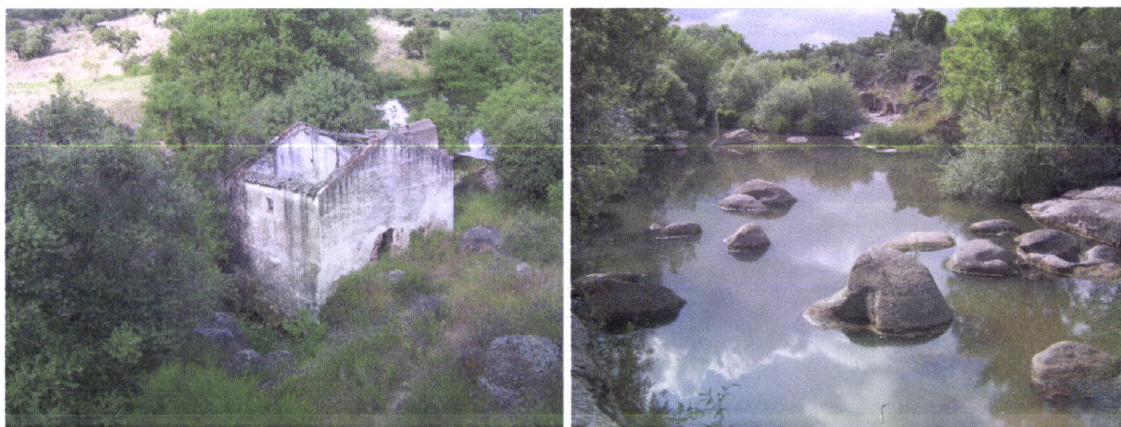


Fig.73-74 O moinho visto da colina perto da estrada, com as pedras nas envolvências (as quais provavelmente deram o nome ao sítio). (Junho 2004)

História

Nas cartas militares (edição 2 S.C.E.P. 1967) figura ainda como moinho activo, o que nos leva a acreditar, que deverá ter deixado de funcionar ou no fim dos anos sessenta ou nos anos setenta.

A descrição das memórias paroquiais não fala sobre os pormenores, mas sim do mero facto do funcionamento do moinho, localizando-o meia légua abaixo duma ruína do Moinho da Calaverna: "...e dahy a distancia de meya legoa p^a o poente está o moyinho chamado do Fidalgo, que esta preparado e são os moyinhos, que ribeyra de Monforte tem, e de que há vestígios e no termo da Villa."



Fig.75-77 O açude do moinho é largo, e apesar de não muito fundo de lado montante, permanece bastante alto do lado jusante. O aspecto de secura do açude no verão, confirma a pouca profundidade observada na primavera.



Fig.78-80 A água no verão é pouca e sua qualidade é duvidosa. As pedras salientes deram provavelmente o nome ao sítio. Encontram-se assim no leito, como nos arredores das encostas; são oblongas, de diferentes tamanhos e cores entre o cinzento e o cor-de-rosa.

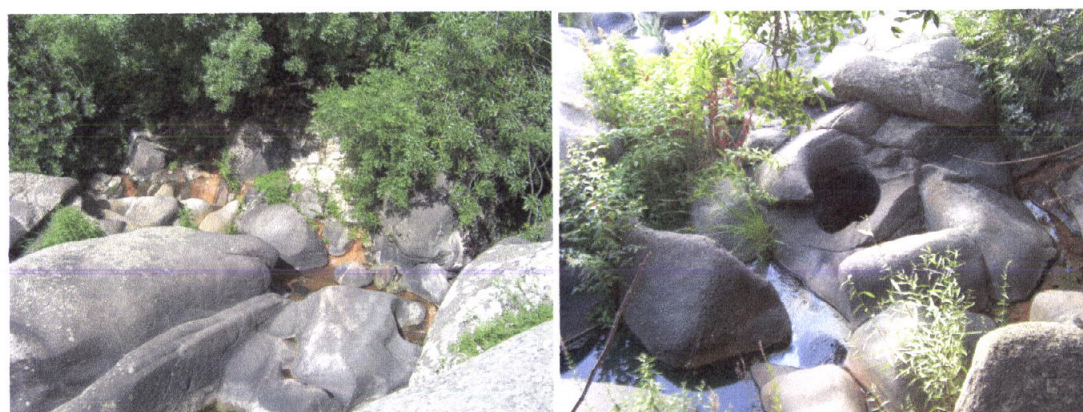


Fig.81-82 Os depósitos de ferrugem entre as pedras por baixo do açude – a quantidade de água no início do verão é fraca, secando-se ainda mais até se cobrir inteiramente por vegetação. Os potes nas pedras são criadas por pequenas pedras rolantes, movidas pela força da corrente dentro das pedras maiores. Estes grandes 'potes' eram verdadeiras banheiras para os visitantes – quando passavam com o gado ao lado ou como crianças brincavam em redor. Hoje estão na maioria secos.



Fig.83-85 Os engenhos do moinho: o canal (levada), a entrada de água para o moinho duas “portas” (seteiras) e saída pelos dois arcos (enxogadouro) hoje sombreado pelos freixos e coberto por vegetação vivaz. (Junho 2004)

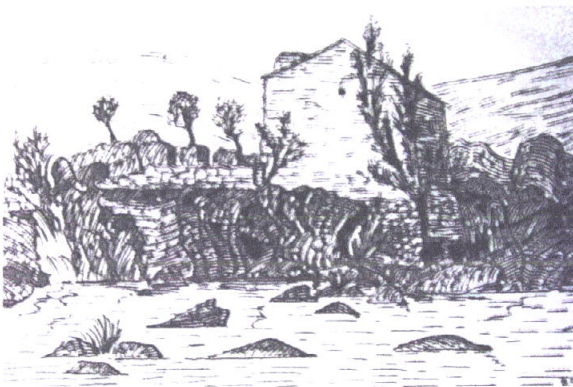


Fig.86

O livro sobre o concelho de Monforte, que descreve todas as freguesias e com pormenor as igrejas e seu interior, não fala sobre o facto de haver abundantes elementos construídos no espaço rural. No caso de moinhos, restringe-se sua nomeação e retratação. Inclui-se portanto, aqui a visão do autor António Maria Cunha, do Moinho do Inferno.

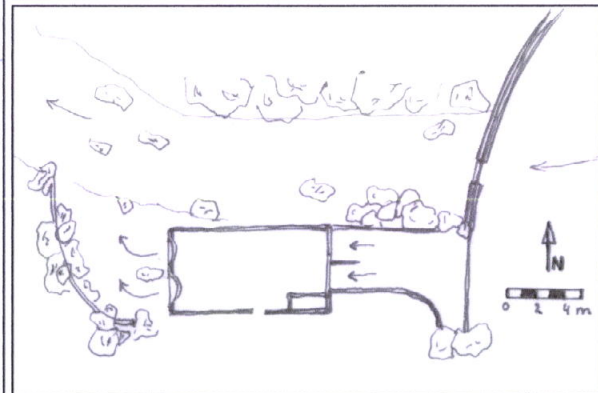
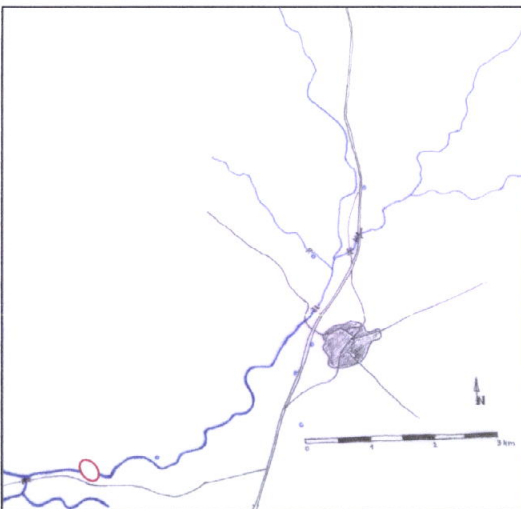


Fig.87-88 Localização no curso da Ribeira Grande; esquema de funcionamento do moinho.

Relação dos utilizadores da paisagem com o moinho.

O Moinho do Inferno é um dos pontos mais referenciados pelos entrevistados, especialmente as pessoas ligadas hoje ou antigamente às actividades como caça e pesca assim como muitos dos proprietários. As pessoas, que levavam gado para as feiras ao longo da ribeira, lembram os banhos nos potes de pedra por baixo do açude.

Não só entre os idosos, mas também na geração média e mais nova encontram-se vozes para a recuperação deste moinho, mesmo sem que funcionasse como antigamente.



Fig.89 Panorama de leito e inserção de ruína no espaço envolvente. (Dezembro 2003)

Moinho em avançado estado de ruína encontra-se na parte central da corrente do ribeiro, do lado direito, aproximadamente o 1,5 km da entrada de Ribeira de Cubo na Ribeira Grande. Inserida num terreno bastante pedregoso, com grandes lajes de granito cor-de-rosa à superfície do leito.

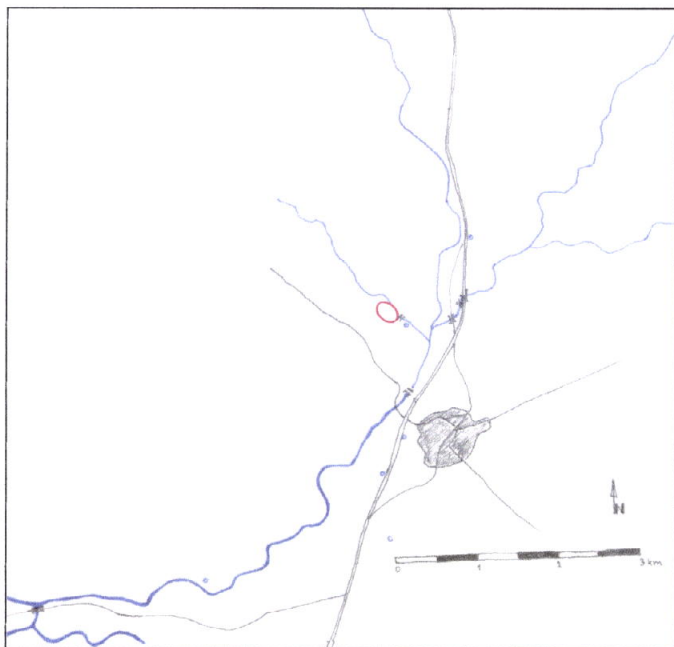


Fig.90 Localização do moinho na paisagem da Ribeira Grande.

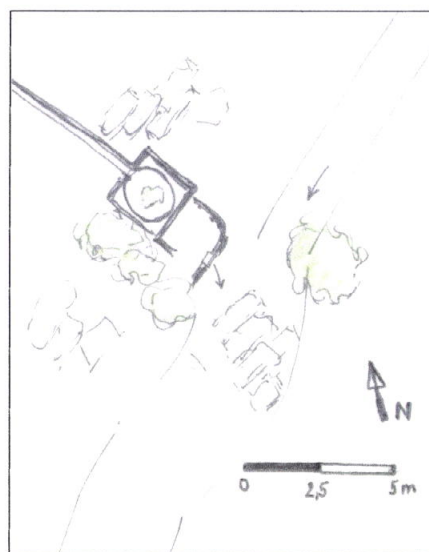


Fig.91 Esquema de construção em alvenaria de pedra dum moinho, assim como se encontra no seu avançado estado de ruína já há séculos, e a sua posição perante o leito com lajes em granito rosado.

História

A descrição das memórias paroquiais é clara, na parte de descrição do engenho deste moinho, deixando um espaço não esclarecido, de provável nome do proprietário ou sítio do moinho:

“No ribeyro do Cubo de que já falamos, e entra na Ribeyra da V^a com curso de huma legoa, se divizão as ruínas de hum assude, p^a hu moyinho de (...)”¹² cujo o cubo, ainda hoje esta perfeyto, e a caza do moyinho, ainda tem paredes, mas da levada se descobrem só alguns vestígios, e p^a o cubo, ainda há huma parede por sima da qual hia o cano de agoa.”



Fig.92-93 Estado do moinho em pleno Inverno – vista de sul (Dezembro 2003); estado de moinho em pleno Verão – vista de leito, de sul (Agosto 2004).



Fig.94 Alargamento do leito sobre lajes de granito cor-de-rosa vista de moinho. (Abril 2004)

Fig.95 O corpo poente de moinho com sua parte superior redonda, vê-se a ligação de canal para o tubus (Janeiro 2004).



Fig.96 Saída de água do moinho;

Fig.97 parede interior de corpo nascente;

Fig.98 corpo poente de moinho – passagem de construção quadrangular de base para a superior redonda. (Agosto 2004)

¹² Provavelmente o nome do moinho, mas ilegível. Será algo parecido com **nabo** ou **nado**...?



Fig.99-101 Pode se observar o canal perpendicular à ribeira, que levava água dentro de tubus central, hoje ocupado por uma figueira. Pela 'janela' no muro de canal passa arame farpado, dividindo pastagens. (Abril 2004)

Aspecto de leito a montante, com intensivas pastagens no Inverno. (Janeiro 2004)



Fig.102 O fim de canal – levada (Abril 2004) **Fig.103** leito a montante (Maio 2004) **Fig.104** aspecto primaveril do alargamento do leito ao lado de moinho. (Maio 2004)

A ruína está embebida no vale e cercada entre encosta e leito da ribeira, com notável muro perpendicular ao leito. Do açude descrito nas memórias paroquiais, já não se descobre nenhuns vestígios. Toda a construção em alvenaria ordinária de granito, não se eleva muito acima de terreno e, hoje ainda coberta de vegetação, incorpora-se naturalmente o vale de suave modelação.

Toda a paisagem respira de secura nos meses de avançado verão...



Fig.105-107 vista de norte; vista de nascente; vista de sul. (Agosto 2004)

Sistema de funcionamento - uma grande pergunta

A água entrava no tubus, levada por um canal estreito. É a tal parede com cano de água mencionada nas memórias paroquiais: *“huma parede por sima da qual hia o cano de agoa”*.

O engenho foi portanto movido pela água a cair dentro do túbus de moinho para a ribeira desde a altura de fim de canal. Como se movia a roda e se foi de rodízio ou vertical não conseguimos decifrar. Notável é a saída de água para o leito da parte nascente de construção, mas este não parece ter ligação com o tubus...

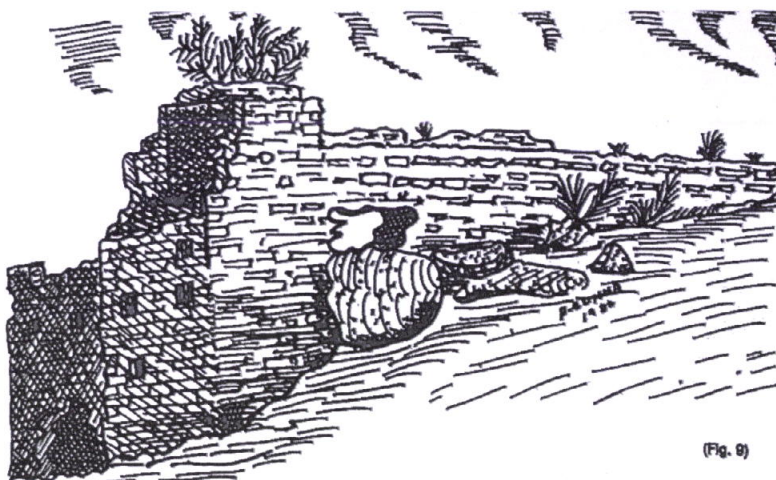


Fig.108

A imagem um pouco idealizada, do moinho da ribeira do cubo, como vista e desenhada pelo autor do livro sobre o concelho de Monforte editado nos meados de anos oitenta.

O autor, A.Cunha não descreve especificidades da ruína, apenas constata sua existência, assim como dos muitos outros elementos, retratando-a.

A paisagem em redor da ruína é bastante diferente da zona à volta da Ribeira Grande. O denso montado misto, assim como as margens do ribeiro estão bastante limpos e acessíveis. Nota-se intensiva, mais ainda não degradante pastagem em redor – de vacas e ovelhas.

Relação dos utilizadores da paisagem com o moinho

Das entrevistas verifica-se a memória desta azenha sempre como de uma ruína, normalmente associada ainda à ruína da ponte do Cubo, também em avançada degradação.

O conhecimento da paisagem da Ribeira do Cubo, fomenta a apreciação dos seus elementos, embora nem todos hoje em estado agradável – ruína da ponte, estado e qualidade de água da Fonte do Cubo etc.

X.2.6 Outros elementos construídos na paisagem da Ribeira Grande

Rossio

O Rossio localizado na encosta oeste da vila, ocupa o sopé da pendente do castelo praticamente desabitada, virada para a Ribeira Grande.

Estado actual

Existe um conjunto, um entrelaçamento do espaço sagrado e profano. A sua reinterpretação para um espaço de vivências renovadas foi realizado há pouco tempo, apesar de não se verificar com sucesso a sua manutenção nem uso – dificultado especialmente pela sua distância de centro da vila e proximidade de residências sociais.



Fig.1 Vista panorâmica sobre o Rossio. O horizonte com elevação de colina de Capela (386m) marca no centro a presença de pedreira com estrada para Vaiamonte e Ponte romana. No canto esquerdo a Igreja de São João Batista; duas igrejas centrais são Nossa Senhora e Conceição e a Igreja de Calvário. O lado direito da foto apresenta a Pedra de Rossio e o campo de pessoas de etnia cigana.



Fig.2 Igreja do Calvário. (Junho 2004)



Fig.3 Imagem da parte inferior do Rossio na altura, quando se ali encontrava o campo de futebol (na foto centro do lado esquerdo). O caminho em terra batida entre igrejas ligava a vila com a estrada para Vaiamonte sobre a Ponte romana. (Foto anos 60; CM de Monforte)

História

No Rossio encontram-se três igrejas, uma pedra dita sagrada pela aparição da Nossa Senhora e, ligeiramente acima do conjunto, uma Ermida do Senhor da Boa Morte.

Apenas uma das igrejas presentes é classificada como o monumento de interesse público pelo Decreto Nº 8/83 de 24-1-83. Seguinte descrição encontra-se na documentação dos monumentos classificados de diferentes distritos, editado pelo IPPAR em 1993.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

“Construída no séc. XVII, é uma persistência do estilo manuelino mudéjar. Apresenta contrafortes rematados por pináculos e toda a cimalha ameada. Na fachada principal, o pórtico, encimado por um óculo, é em arco de volta perfeita, apoiado em pilastras e com frontão triangular. O interior é de uma nave coberta por abóbada de berço decorada com pinturas e têmpera. As paredes, quer da nave, quer da capela-mor, são forradas a azulejos de tipo ‘padrão’, (séc. XVII).”

Outras duas igrejas existentes são: a Igreja de São João Baptista (do século XVIII) na parte sul do recinto, e a Igreja do Calvário (do século XVIII, reconstruída no início do século XX) na parte mais baixa, oeste do recinto, mais próxima da ponte romana.

Existe ainda a Ermida do Senhor da Boa Morte localizada acima de complexo de Rossio na parte sudoeste, mais próxima da vila, edificada em 1839 (Silva 2001).

Na parte norte do recinto, encontra-se a assim chamada Pedra do Rossio. Uma grande e irregular rocha, acima da qual pairou a imagem de Nossa senhora. Segundo uma das entrevistadas, no passado era possível ver as pequenas pegadas dos pés da Nossa Senhora.

Segundo a crença popular, depois desta “aparição sagrada” foi construída a Igreja da Nossa Senhora da Conceição, nos finais do século XVI, em homenagem da Nossa Senhora.

No espaço do Rossio entre as igrejas decorria também a afamada “Feira Franca” ou “Feira do Gado”, que se realizava anualmente no dia de S. Bernardo (20 de Agosto) até ao início dos anos noventa.

Em 1922 foi estabelecido um campo de futebol nas proximidades da Igreja do Calvário (fig.2). Este chegou a funcionar até aos anos 70 (Silva 2001), e depois disso foi alvo do depósito de lixos e entulhos, que foram soterrados pouco antes da intervenção de recuperação em finais de 2003 e início de 2004.

A construção do Itinerário Principal 2 teve o forte impacto no relacionamento de Rossio com o espaço de Ribeira Grande e a ponte romana assim como na vida entre a vila e a ribeira em geral (sendo concluído este troço em 1986).

Relação dos utilizadores da paisagem com o Rossio

São inúmeras as relações da população com este espaço. Durante entrevistas o foco na relação com a paisagem foi no espaço da ribeira. Apenas quando o entrevistado não tinha nenhuma ligação com ribeira, a sua reflexão sobre o Rossio foi apontada. Mas como um elemento indispensavelmente ligado com a vida entre a vila e a ribeira, repetiu-se também nas sugestões para o uso futuro – especialmente na forma de aproveitamento turístico do espaço e na necessidade de recuperação das igrejas em mau estado.

Lagar Velho

Estado actual

O Lagar de azeite está localizado por baixo de Horta Grande, no lado direito da ribeira no fim do troço central da paisagem estudada.

Este engenho rural, apesar de se encontrar em ruína há bastante tempo, impressiona ainda pelo seu volume e relativo bom estado podendo-se perceber o traçado da levada na parte interior da curva, muito semelhante ao que se encontra no Monte dos Moinhos.

História

Na altura de escritura das memórias paroquiais, o lagar ainda estava em pleno funcionamento, assim como um moinho nas suas proximidades, com o qual partilhava o mesmo açude. Os últimos vestígios deste moinho foram provavelmente destruídos aquando da construção da represa grande. Esta encontra-se, pelas referências dos anciãos e outras testemunhas do passado, um pouco mais a montante do antigo açude.

Assim se referem a este espaço as Memórias Paroquiais em 1758:

“Esta hum assude, p^a hum moyinho, e hum lagar de azeite, que se achão preparados.”

Parece impossível encontrar a época na qual o lagar parou de funcionar. Mas as fontes históricas como os livros de tomo mencionam cem anos após as memórias paroquiais a construção já como ruína.



Fig.4 Duas bases de pressu, vista para a porta principal. (Setembro 2004)



Fig.5 Lagar visto de Este. Galeria ripícola relativamente densa contrasta com a pastagem exausta. (Setembro 2004)

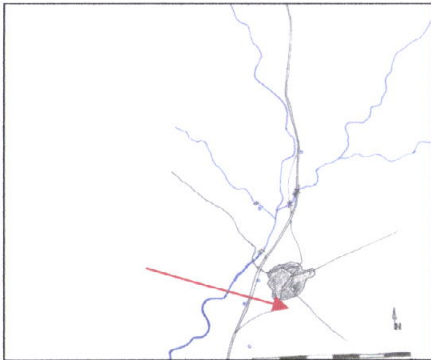


Fig.6 Localização do lagar.



Fig.7-8 Dois aspectos do interior de Lagar. (Setembro 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o Lagar

As referências mais frequentes ligaram-se à antiga passagem pelo seu lado quando de acompanhamento do gado para a feira de Fronteira. Foi mencionado também como o sítio de pic-nic e por uma senhora como o sítio de lavagem de roupa, quando não havia espaço para mais lavadeiras.

No presente, o lagar perdeu a sua relevância, provavelmente também devido ao acesso mais complicado. No uso futuro, o Lagar figura como uma das componentes dos percursos pedestres.

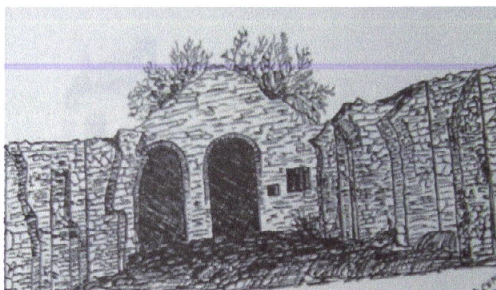


Fig.9-10 Lagar e passadeira sobre a sua levada como desenhados por A. Cunha em 1985 no seu livro.

História e estado actual

A casa do arco terá sido a última casa antiga a ser abandonada, em plena várzea da Ribeira Grande. A construção seria inicialmente a habitação do hortelão da Horta do Margalho, localizada a oeste da casa. É uma habitação modesta mas com aspecto bastante pitoresco que terá servido de apoio às tarefas horticolas desenvolvidas no seu entorno.

Hoje apenas um arco ressalta de cobertura de silvas e freixos, levantando a curiosidade dos transeuntes. A estrada que passa sobre a Ribeira Grande, desenha uma curva em redor desta parte da praia fluvial, utilizada como a pastagem.



Fig.11 Casa de Arco vista da Praia fluvial (Maio 2004)



Fig.12 Vista da estrada para Vaiamonte. (Outubro 2004)

Relação dos utilizadores da paisagem com o elemento

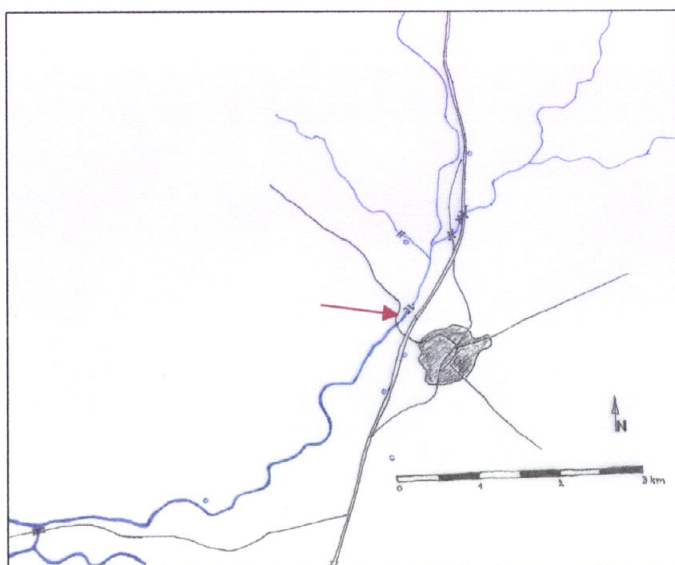


Fig.13 Localização da casa de arco na paisagem estudada.

Uma antiga moradora desta habitação relatou cheias e porque toda a família se mudou para a Vila em busca de maior conforto e proximidade.

Foram referidas várias sugestões para o uso futuro da casa - como apoio de praia fluvial ou como a base turística de percursos temáticos, culturais e para a interpretação da paisagem cultural.

X.3 As actividades desenvolvidas na paisagem da Ribeira Grande

Análise qualitativa

As respostas ao terceiro grupo de perguntas pronunciam várias actividades desenvolvidas no espaço da Ribeira Grande, reflectem a forma de uso da paisagem e ligação a sítios específicos de formas concretas. Trata-se duma revelação da relação com a paisagem no passado e no presente, formas de seu uso e suas modificações no decorrer do tempo.

Desenvolvem-se apenas as actividades verificadas como as mais significativas para a relação dos utilizadores com a paisagem estudada.

A. Actividades que se traduzem na transformação da paisagem

- Actividades extintas

Lavagem de roupa, natação, ir buscar água

- Actividades ainda praticadas

Pesca, caça, pic-nic, recolha de bunho e espargos

- Actividades novas

Observação e contemplação da paisagem, recolha de cogumelos

B. Actividades que conduzem a transformações da paisagem

- Actividades extintas

Lagar (pressão da azeitona), Moinhos (moagem trigo), Azinhagas (passagens com gado)

- Actividades ainda praticadas

Hortas

- Actividades novas

Cercas (delimitação), Praia fluvial (estadia)

Diversificam-se bastante as formas de uso do território não produtivos sob forma de recreio relaxação e interesse estético e de convívio como pic-nic passeio e observação.

A alteração da forma de prática das actividades foi acompanhada pela mudança da própria sociedade e das condições em torno da ribeira; e logo também da paisagem.

As pessoas hoje não vão brincar, nadar nem acampar à Ribeira Grande, facto dado tanto à idade dos inquiridos, como a presença de pessoas da etnia cigana nas

proximidades, poluição, inacessibilidade, abundância de gado e mudança das formas de recreio.

Diminuiu substancialmente a quantidade de trabalhadores neste território, sendo que estes geralmente são os proprietários das terras. A tendência actual é de esvaziamento da paisagem.

Actividades ainda praticadas que não conduzem a transformação da paisagem

X.3.1 A actividade da pesca ao longo dos tempos

Diminuiu drasticamente a quantidade das pessoas que vão pescar – dado tanto à menor quantidade de água, sua poluição e ao facto de antigamente este tipo de recreio significar um bom convívio de todo o grupo de amigos e família até com “acampamento”, enquanto hoje se trata de uma actividade altamente individual.

- O primeiro tipo de pesca foi descrito pelos vários entrevistados e foram cedidas as fotografias que documentam o respectivo tipo de convívio. O nome dado a este tipo de actividade, especialmente veraneantes é de “pescarias”, o que é referido também nas fotografias da época. (Pescarias de senhores do grupo de idosos: Eng. Zuzarte, Sr. Adérito Bordéu)
- O segundo tipo de pesca é mais silencioso, uma actividade de indivíduos que gostam contemplar o espaço em redor da ribeira, mas que não se importariam de ter as competições de pesca associadas ao espaço da Ribeira Grande. (Respostas de senhores do grupo de técnicos administrativos: Paulo Medalhas, Manuel Pedras...).



Fig.1 Pescaria dos anos sessenta; fotografia cedida por Sr. Adérito Bordéu;



Fig.2 Pescaria de Agosto 1958; fotografia cedida por Eng. A.J. Zuzarte



Fig.3-4 A praia fluvial adequada para a natação no fim dos anos cinquenta; a apanha dos lagostins, anos cinquenta. (Ambas as fotos Eng. A.J. Zuzarte)

A pesca, que foi antigamente a mais importante actividade não produtiva na paisagem da Ribeira Grande, apresentou no decorrer de tempo um grande decréscimo. Este facto revela-se ligado tanto às mudanças na sociedade, dentro da paisagem cultural, como especialmente à mudança nas águas da própria ribeira.

Para comparação foram utilizadas 19 respostas de pessoas, que pescam ou pescavam antigamente na Ribeira Grande. Dentro deste grupo incluem-se 18 pessoas que pescavam antigamente, das quais três ainda continuam com esta actividade e apenas um é pescador recentemente.

As pessoas que já não pescam na Ribeira são em grande parte idosos que deixaram de praticar por causa da idade, mas também outras pessoas, que costumavam pescar na ribeira mas mudaram para outro sítio, especialmente para barragens. Aí encontra-se com abundância o peixe mais pescado nesta zona, a carpa. As águas mais quentes das barragens são para este peixe lento e omnívoro um sítio ideal.

Dentro da classificação de sítios utilizados para pesca foram incluídos também os locais de apanha de rãs, lagostins e cágados. Esta actividade realizada na maioria pelos mais novos, foi normalmente associada às brincadeiras na água ou à pescarias (pesca com amigos, que podia prolongar-se até por vários dias).

Da totalidade de quatro pessoas que ainda pescam na Ribeira Grande, três fazem parte do grupo de pescadores (é a sua maior característica de ligação para com a Ribeira Grande) e um encontra-se incluído no grupo de caçadores.

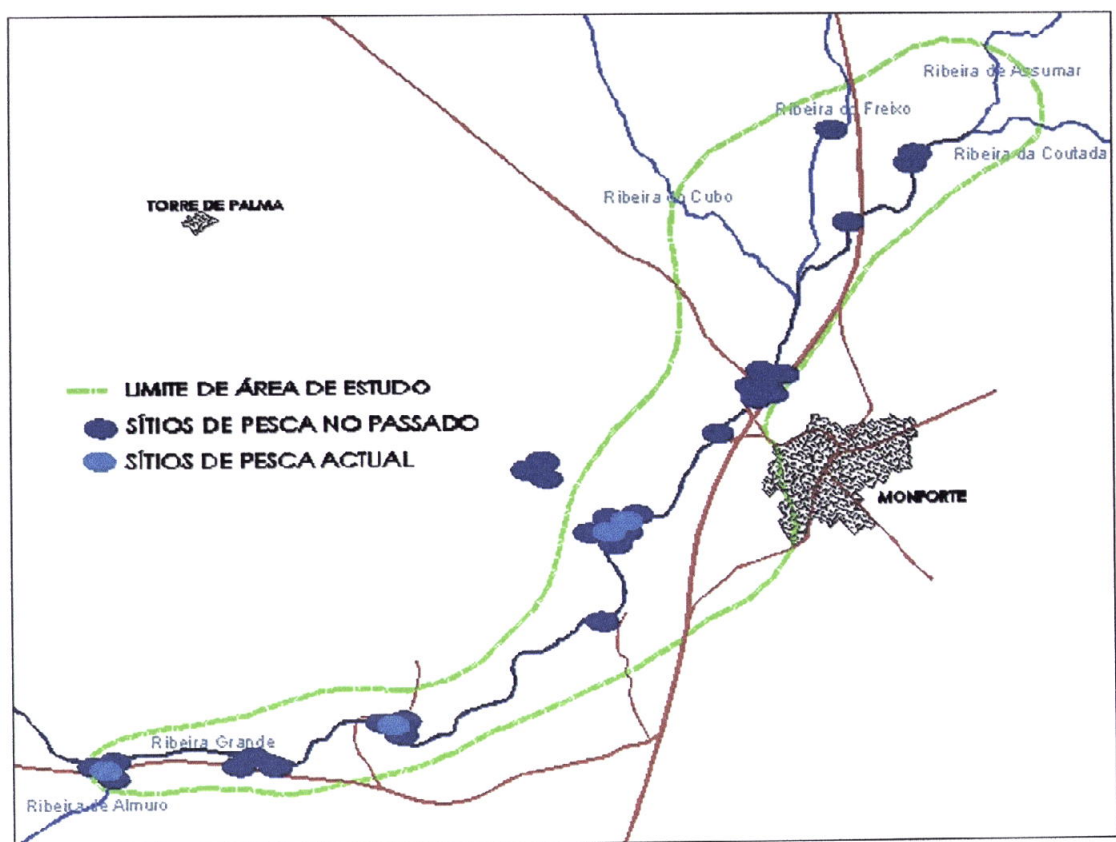


Fig.5 Localização dos sítios de pesca no passado e no presente

| Espaços preferidos para a pesca | antigamente | actualmente |
|--------------------------------------|-------------|-------------|
| Pego do Marmeleiro | 5 | 2 |
| Ponte Romana | 6 | |
| Açude acima | 1 | |
| Ponte na junção da ribeira de Almuro | 3 | 1 |
| Pego das Galinhas | 1 | |
| Pego d' Águia | 2 | 1 |
| Pego dos Fetos | 1 | |
| Serrinha | 1 | 1 |
| barragem do Sr. Falcão | 3 | |
| Moinho do Inferno | 3 | |
| Fonte d' Aires | 3 | |
| Ponte de Almuro | 1 | |
| Ponte Velha | 1 | |
| Pego Redondo | 1 | |
| Pego de Andrade | 1 | |
| apanhar rãs, cágados, lagostins | 3 | |

Fig.6 Freqüência de menção dos sítios de pesca

Os impedimentos da pesca, qualidade da água

Verifica-se entre os pescadores a preferência clara para a parte mais baixa do rio, especialmente na zona de desagamento da ribeira de Almuro e ainda para mais a

jusante. Entre as razões para este fenómeno nomeiam-se a quantidade e limpeza da água. O acesso à ribeira não foi considerado um problema tão grave.

Quanto à quantidade de água na ribeira, antigamente eram possíveis grandes pescarias também acima da ponte romana, facto hoje inimaginável.

Entre outras razões, nomeadas pelos antigos e presentes pescadores, verifica-se o bloqueio de pegos por areia ou outros sedimentos, o que diminui a profundidade destes, um facto especialmente durante verão fatal.

Por fonte oral, confirma-se também uma menor quantidade de água em geral. Os Invernos menos chuvosos e a menor capacidade de retenção de água no território graças à diminuição do número de pegos e açudes.

Quanto à qualidade das águas, o Monforqueijo, pequena fábrica de lacticínios na margem esquerda da ribeira, é o maior poluidor (em conjunto com o esgoto da própria vila), que há vários anos está a elaborar um projecto de ETAR, mas sem a eficácia desejada. Mas a poluição verifica-se até a montante da vila, onde os únicos possíveis poluidores são a agricultura – especialmente dejectos de gado bovino e ovino a pastar (apesar de sua presença ser mais comum mais a jusante).

Assim como o problema mais importante, e de necessária resolução, nomeia-se a poluição da água. Este foi mal construído com uma parte direccionada para Ribeira em vez de para a ETAR, na encosta oposta.

Peixe da ribeira

Transcreve-se aqui o texto das Memórias Paroquiais (1758), onde como resposta para a pergunta Nº 7 sobre a ribeira, se nomeiam os variados tipos de peixe existente:

Se cria peixes, e de que espécie são os que traz em maior abundância?

“A ribeyra de Monforte he muyto abundante de criações de pardelas, saramugos, bordalos e picões, e todas as ribeyras mencionadas, a ribeyra que nelle entrão são abundantes do mesmo modo, e ainda o ribeyro chamado do cubo que nasce na herdade da Alvarenga districto da freg^a da Salvador tr^o da villa, e corre de norte a sul, e em m^{tas} partes conserva agoa todo o anno, especialm^{te} nas herd^{es} de Alfumar, q^m naquelle sitio toma o nome. Os Bordallos, são peyxe muy salutifero e se da aos doentes. Tãobem cria bons peyxes machos chamados picões the quatro, e sinco arráteis, arrimado a villa, e dahy p^a bayxo: e tem perto da villa, seo districto de pegos vedados em todo o anno p^a pedes, de que os juízes tirão devaça e multão os comprehendidos. Cria m^{to} cagado.”

Referências ao peixe que costumava ser pescado na ribeira pelos entrevistados:

“Primeiros pescados eram os Barbos, Bordalos e Pardelhas. Depois o Xixito comeu o Bordalo e depois o Achigã comeu as Percas, bastante mais tarde vieram as Carpas.”

“Costumava pescar Xixitos, Bordalos, Barbos e Berbitos”

“Picão, Bordalo..”

“Barbo, Carpa”

“Achigã, Carpa”

José Medalhas, 60 anos

Luís Pataco, 27 anos

Adérito P. Bordéu, 71 anos

José Catarino, 41 anos

António Bagorro, 24 anos

A mais complexa história de pesca forneceu um homem, que viveu na “casa de arco”, construção hoje em ruína na margem oposta da praia fluvial. A senhora ainda assistiu, como criança, às inundações dentro desta casa.

Das discussões fora da entrevista, toma-se conhecimento, de que haviam também enguias na ribeira, nos tempos há mais de meio século (referiu a esposa de Sr. Adérito P. Bordéu, entrevistado).

Entre os peixes pescados na ribeira capturam-se com mais frequência os *barbos*, *bordalos*, *achigãs* e *carpas* (Fig.26-29). Contudo parece, que as carpas foram propositadamente introduzidas mais tarde.



Fig.7 Exemplar de achigã pescado na barragem de Alqueva (Setembro 2004)

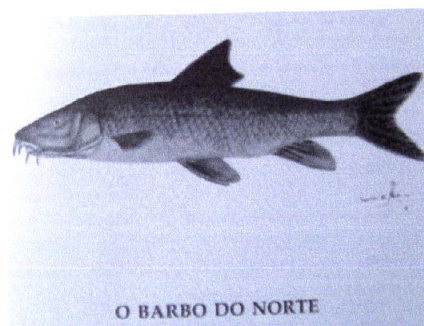


Fig.8 Imagem do livro de C.A.Pereira, *Espécies Aquícolas de Portugal Continental*. (1992)

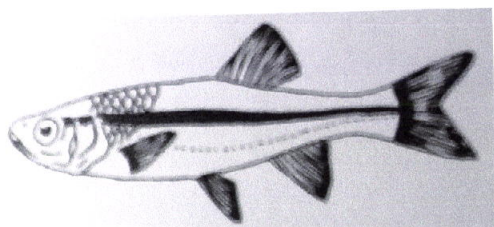


Fig.9 Bordalo, imagem do livro: *Espécies Aquícolas de Portugal Continental*. (C.A. Pereira, 1992)



Fig.10 Exemplar preparado para cozinhar à moda de Monforte. (Novembro 2004)

Não só peixe, mas também outros animais ligados à água da ribeira suscitavam a vontade caçadora de habitantes. Referências dos entrevistados ligam-se especialmente aos cágados, lagostins e rãs. Sobre a abundância dos cágados na ribeira referem-se também as Memórias Paroquiais.

Entre a geração mais nova, nomeadamente os estudantes, era bastante comum ir apanhar rãs ou cágados. Alguns dos mais idosos descreveram a maneira de apanhar rãs “com a bolinha no fio” como faziam na sua infância.

Entre estes entrevistados existem as pessoas que costumavam apanhar lagostins, embora todos se referiram, que não foram de grande qualidade nem sabor. Contudo parecem todas estas actividades mais ligadas à idade de brincadeira. Mas será necessário apontar a abundância de cágados durante os tempos, o que valeu um apontamento nas memórias paroquiais. Ainda hoje se verifica a abundância destes batráquios.



Fig.11 Ribeira do Freixo, troço próximo da Fonte dos Frades (Agosto 2004)



Fig.12 Pego na Ribeira Grande no lugar do Monte de Moinhos (Agosto 2004)

Na Ribeira do Freixo, parte próxima ao troço inicial da Ribeira Grande, foram encontrados restos de lagostins (Fig.30) e numa zona seca de um pego (fig.31) encontraram-se várias conchas de amêijoas pretas de rio, sendo assim confirmada a presença destes moluscos e assim a riqueza da fauna hídrica dentro das águas da ribeira.

X.3.2 A actividade da caça ao longo dos tempos

Na totalidade, dos entrevistados são sete caçadores actualmente, enquanto antigamente caçavam oito pessoas entrevistadas.

No entanto o grupo de caçadores é constituído por apenas 6 caçadores. Um homem que caça é também proprietário, e por esta característica ser a mais importante para a sua relação com a paisagem da Ribeira Grande (a quase diária presença e intervenção directa no território), foi incluído no grupo de proprietários. Um do grupo dos caçadores também é pescador.

Tanto no grupo dos caçadores, como no caso dos pescadores, foram incluídas apenas as pessoas que praticam a actividade hoje, e mais que uma vez por ano.

Entre os vários animais caçados na Ribeira Grande destacam-se as aves, apesar de se mencionarem também os coelhos e lebres tanto no passado como no presente.

“Entre os animais caçados antigamente encontrava-se a Rola (um pássaro migrante tipo pombo, que se caçava especialmente no Setembro), e o Pato...”

Eng.Ant. Zuzarte, 64 anos

“Hoje caçam-se...Patos, Piruns, Galinhas bravas...”

Manuel Bagorro, 17 anos

| | Terrenos do Eng. Falcão | Torre de Figueiras (Eng. Falcão) | Moinho do Inferno | Serra das Pintas | Lagar Velho | Pego d' Águia | parte baixa em geral |
|-------------|-------------------------|----------------------------------|-------------------|------------------|-------------|---------------|----------------------|
| antigamente | 1 | 1 | 1 | 1 | | 1 | 2 |
| actualmente | 1 | | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 |

Fig.13 Gráfico de lugares preferidos para a caça (e frequência da sua repetição nas respostas) - antigamente e na actualidade.

Para a caça revela-se mais popular a parte baixa, entendida como o troço a jusante da Ponte romana.

As zonas de caça eram mais distantes da vila, exigindo sempre maior espaço, em comparação com a actividade de pesca por exemplo. Como espaços que cumprem estas exigências, revelam-se os terrenos do engenheiro Falcão, a meio do caminho para Vaiamonte, ou a Serra das Pintas ao norte do caminho para Fronteira.

Comparação das vivências na paisagem em diferentes tempos

As memórias de grandes pescarias e de caça, *como era antigamente*, surgem na maioria entre as pessoas mais idosas. Todos confirmam, que os tempos de caça e pesca activa foram ligados não só à sua juventude mas também a uma paisagem bastante diferente da que se encontra hoje na ribeira.

A maioria dos inquiridos com grande conhecimento e ligação à vida em redor da ribeira pertence ao grupo dos idosos. Por esta e outras razões já não praticam nenhuma das mencionadas actividades na paisagem da Ribeira Grande.

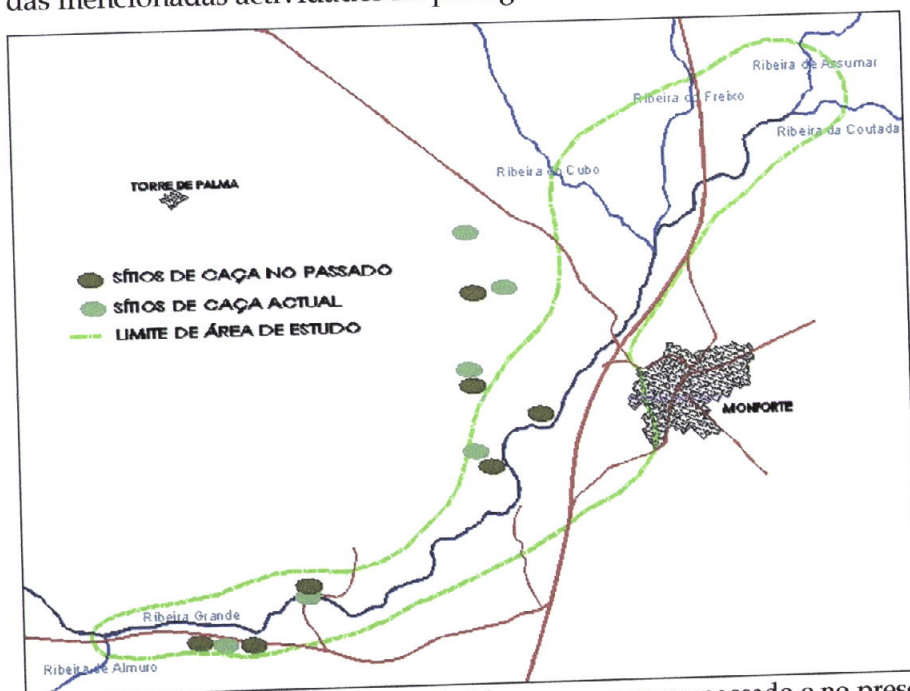


Fig.14 Localização dos sítios preferidos para a caça no passado e no presente.

Existe um entendimento certo, entre todas estas testemunhas das histórias vividas na Ribeira. Este é, que a forma de uso e actividades desenvolvidas na paisagem não pode ser recuperada.



Fig.15 Pescaria com amigos dos anos sessenta.
Fotografia gentilmente cedida por Adérito
Palmeiro Bordéu



Fig.16 Fotografia do seu avô (caça
com os amigos em Setembro de 1948)
cedida por Eng. A.J. Zuzarte.

X.3.3 Conclusões parciais

As referências aos tipos de pesca, lugares de pesca, tipos de peixe frequentemente encontrado, assim como as observações sobre a água, acessibilidade da ribeira e aspecto geral da paisagem em redor desta, são uma importantíssima fonte de conhecimento.

Na verdade a vivência do espaço ribeirinho perdeu muito da sua intensidade. A amigável confraternização em redor de presas capturadas, tanto de água como de ar ou campos, parece hoje quase só uma história contada. Mas não só os espaços foram modificados e toda a paisagem, mas especialmente toda a sociedade mudou. As fotografias documentam os espaços como antigamente vividos, mas também um tipo de "socialising" que hoje já desapareceu.

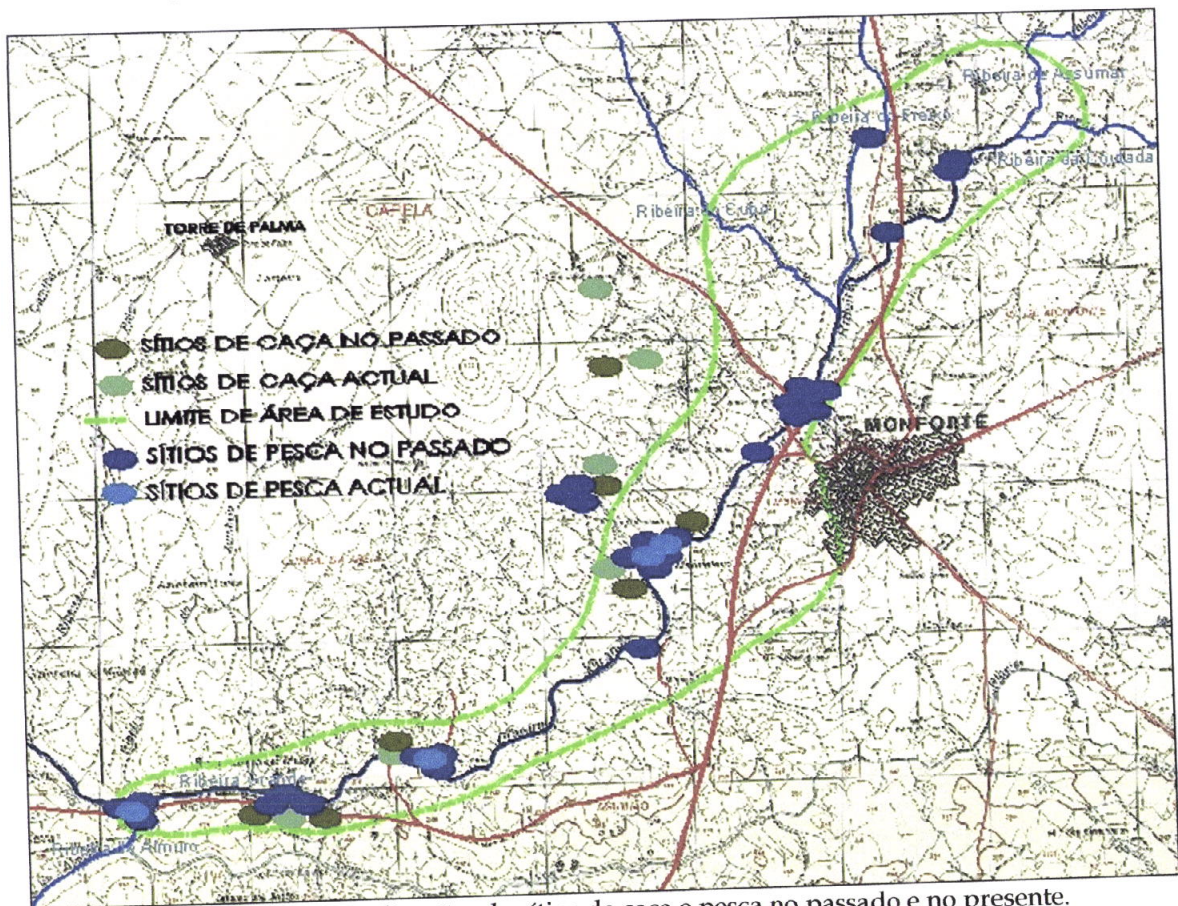


Fig.17 Comparação de localizações de sítios de caça e pesca no passado e no presente.

X.3.4 Outras actividades

Como as actividades que não se traduzem em transformação da paisagem, mencionam-se entre as ainda praticadas:

Pic-nics, recolha de bunho ou de espargos como os frutos selvagens da natureza em redor da ribeira.

A primeira actividade desenvolve-se em sítios localmente definidos, muitas vezes com a proximidade de uma fonte. Normalmente isto significa que o espaço possui encanto especial, por meio da sua frescura ou sua atracção natural ou construída. Como exemplos mencionam-se a Fonte de Aires, Ponte Velha, e o Lagar Velho.

Como as actividades que não se traduzem em transformação da paisagem, mencionam-se entre as hoje já extintas:

Lavagem de roupa e a natação

Ambas as actividades foram desenvolvidas principalmente na praia fluvial e arredores da Ponte Romana.

Ida de buscar água

Uma das actividades abandonadas mas de fortes lembranças, e de ligação especial ao espaço em redor de Monforte e da ribeira, é a ida às fontes para a água - uma actividade estritamente feminina. Assegurava às mulheres um dos raros momentos de calma conversa enquanto a espera que os cântaros se enchessem. Também por estas razões a ligação afectiva às fontes permaneceu muito forte (a rede pública de abastecimento existe em Monforte já há mais que trinta anos). Esta ligação revelou-se como uma das essenciais razões para os apelos pronunciados sobre a revitalização das fontes, e recuperação das suas construções. Um desejo de devolver à vida às fontes, que no quotidiano mantêm-se esquecidas.

Como uma das actividades conducentes às transformações da paisagem, e ainda praticadas, menciona-se:

Cuidado de Hortas

Como única horta ainda trabalhada no espaço estudado da ribeira, encontra-se a Horta do Doutor Andrade perto da Fonte da Vila. Foram entrevistados dois dos utilizadores destes terrenos. Um que se associou ao grupo dos proprietários (já aposentado) e outro que se associou ao grupo dos trabalhadores manuais (jardineiro da praia fluvial).

A enumeração mais pormenorizada das hortas existentes ainda há pouco tempo ao longo da ribeira encontra-se dentro da descrição dos vários elementos existentes na paisagem da ribeira, no capítulo sobre o estado actual da paisagem. A exposição da importância histórica das hortas em redor da ribeira encontra-se no capítulo da imagem histórica da paisagem.

X.4 Guião das entrevistas

Vida e memória da paisagem cultural - RIBEIRA GRANDE – Entrevista Semi-directiva

IDENTIFICAÇÃO

Nome _____
Idade _____
Residência em Monforte SIM - desde quando _____
NÃO - outro sítio _____
Trabalha/estuda em Monforte SIM _____
profissão/escolaridade _____
NÃO _____
Outra ligação a vila de Monforte _____

CONHECIMENTO

- 1) Conhece a Ribeira Grande? NÃO _____
SIM ----> 2
- 2) Desde onde até onde a conhece? ---- foto aérea, mapa, descrição.....

VISITAS – FREQUÊNCIA E RAZÕES

- 3) Visita algumas vezes a Ribeira? NÃO ---- porque?
SIM ---- porque?
---- para fazer o que?
- 4) Quantas vezes vai a Ribeira Grande? várias vezes por semana
1x mes
3-6 x ano (cada estação..)
1x ano
- 5) Antigamente costumava ir à Ribeira? NÃO -- porque? --> 6
SIM -- porque?
Aonde?
Para fazer o que?

5+) PORQUE DEIXOU DE IR?

Acha que reconhecia hoje aquele lugar que visitava, e a Ribeira em si?

FUTURAS VISÕES

- 6) O que acha atractivo para o turismo no espaço de Ribeira Grande?
- 7) Gostava de utilizar a Ribeira Grande e seu espaço? Como?
- 8) Se tivesse poder e/ou influência, que mudava na paisagem de Ribeira Grande e de Monforte em geral?